



et al. 6th.

7/25/1932 2:20 P.M. 511 H. M. R. 82-617

Papa, vindo avançar de 2. Mostrar

M.

O EREMITA

DOS

BOSQUES DE SANTAREM,

ou

OS TRES AMIGOS.



O EREMITA

DOS BOSQUES DE SANTAREM,

OU

OS TRES AMIGOS.

TRADUZIDO POR ***

TOMO PRIMEIRO.



Lisboa.

TYP. CESARIANA. RUA ORIENTAL DO
PASSEIO N.^o 23.

1843.

Shallow
at high
water

1147

ERÉMITA

DOS

BOSQUES DE SANTAREM

ou

OS TRES AMIGOS.

Dom João de Soto era descendente de uma familia nobre de Hespanha; a humanidade com que tratava o povo fazia que todos o amassem; e os grandes serviços que fez ao reino, lhe ganhárao a graça de Felippe IV. D. João tinha excellentes qualidades, mas sua ambição e orgulho, defeito ordinario nos grandes da sua nação, lhas havião quasi obscurecido. Amigo terno, bom pão, cidadão zeloso, jámaiſ faltou ao que devia a seu rei, à sua patria, e à sua família.

A joven Cecilia, sua filha, estava entregue aos cuidados de uma tia anciã, que vivia em Portugal, nas terras da seu irmão.

Dom João esperava apresentá-la brevemente na corte: até então não o tinha feito por ella ser muito nova.

Seu filho D. Christiano reunia em si todas as suas esperanças. Ainda não tinha vinte annos feitos, e já as graças de seu espirito, e de sua figura fazião ressoar a cidade, e a corte de seus louvores. Não havia senhora hespanhola que o não desejasse para esposo de suas filhas; e bem poucas pessoas haveria a quem não agradasse.

Contudo a viveza de Christiano o desviaava de um contrato serio: porém as solicitações do seu pão o forcáraõ a fazer uma escolha; e Numa, filha de D. Ramiro, soube fixar seu coração. Numa ajuntava ás felções mais regulares, as graças mais patheticas; e conhecendo perfeitamente a arte de divertir o

mentimento, persuadiu a seu crédulo amante que elle era ternamente amado. A idade, a riqueza, a classe, o nascimento, tudo concorria para que ambos casassem, e D. João, e D. Ramiro, achando neste casamento com que satisfazer sua mutua ambição, designaram o dia que devia selar este illustre consorcio.

Todavia a inveja, a negra inveja, distillava seu maligno veneno, e havia juntado a ruina da casa de D. João.

Este senhor tinha grandes qualidades para deixar de ter muitos inimigos. Demais, a estima de que gozava na corte, aumentava o ciúme contra elle. Havia muito tempo que certos individuos trabalhavam para que decaisse do agrado do rei; e habelis em aproveitar todas as occasões, conseguiram finalmente que fosse desterrado para as suas terras de Portugal. Felippe, inteiramente seduzido pelas ardilosas insinuações dos inimigos de D. João, não julgou devido instruir de crime de que era accusado;

e, mandando-lhe a ordem de sair de Espanha, lhe prohibiu, debaixo das maiores penas, de já mais aparecer na sua presença.

Dom João viu donde vinha a intriga, e ficou aterrado; porém tratou de occultar debaixo de um semblante tranquillo o desgosto que lhe causava a perda de suas mais caras esperanças; deste modo quis tirar a seus inimigos a satisfação do gozo de sua tristeza, e fez por moderar a indignação de seu filho, que rebentava em exprobrações contra a injustiça do rei.

Meu filho, lhe disse elle, nós devemos respeitar a auctoridade suprema que a providencia confiou aos reis. Ah! constantemente rodeados de cortezões que os enganão, poderemos crimina-los por estarem sujeitos ao erro; assim como os outros homens? Felippe escuta meus inimigos, não quer ouvir-me, e até me deixa ignorar qual seja a culpa de que me arguem; eu lhe perdoo; talvez que ainda venha um dia em que lhe da

conhecer sua injustiça: então, Christiano, será mais infeliz do que eu, que não obstante ter perdido o seu favor, terei sempre conservado a minha innocencia; mas, continuou elle com um profundo suspiro, eu me afflijo menos por mim do que por ti. Este exilio, meu querido filho, é um obstaculo cruel para o teu adiantamento. Ah! tu vais ter saudades da corte! Comtudo, pederei eu censurar-te? Joven, sem experiençia ainda não conhecestes senão os prazeres; mas quanto não são amargos os desgostos que elles causão! A lisonja é a linguagem ordinaria dos cortezãos; a maledicencia é a sua occupação favorita; a inveja lhes rôe continuamente os corações, e os fructos detestaveis da calunia fazem todas as suas delicias. Tu estás aterrado deste espantoso quadro: teu coração virtuoso se nega a crer taes horrores. Na tua idade também eu julgava que todos os homens erão virtuosos; poremp vivi com elles, e assás os conheço. Tu verás um dia que esta pintu-

ra da corte é exactamente verdadeira. Ai ! para que hão de a nossa fortuna, graduação, e nobreza depender della ? D. João pronunciando estas últimas palavras, suspirou amargamente. — Mas, disse Christiano, os corações não são todos similhantes ; ainda que todos os nossos amigos nos abandonem , D. Ramito e a minha querida Numa... Ah ! interrompeu D. João , não contes mais com elles , meu filho. — Oh éeo ! meu páe, que injúria fareis á sensibilidade de Numa ! Ainda há pouco que ella me jurou um amor eterno. — Christiano, sabia ella já da nossa desventura ? — Não , señor , mas quando a souber , a sua ternura augmentará ; a nossa desgraça a fará padecer só em quanto ella nos seguirá ; Numa a compartirá , e seu amor , meu páe , nos fará esquecer todas as nossas penas. — Muito desejo que eu me engane. Vai , Christiano , eu te espero com impaciencia ; mas volta imediatamente a depositar tuas penas , ou tua alegria no seio paternal. Christiano ou-

via apenas estas ultimas palavras: indagado porque sua amante fosse posta no numero dos corações baixos e interessados, correu a casa de D. Ramiro, e pediu Numa. Mas ah! sua illusão foi logo desfeita: o modo com que o pâe, e a filha o receberão, o certificou da mudança de seus sentimentos. Immediatamente seu coração detestou a hypocrisia de Numa, que até então havia empregado todos os meios para o persuadir da sua ternura. Christiano voltou a casa de seu pâe, e exclamou com uma voz alterada pela dôr: Ah! meu pâe, fujamos destes jogares; pois me envergonho da minha fraqueza, e muito fêz-me acho por deixar corações tão corrompidos. D. João sem se demorar a fazer-lhe perguntas que poderião augmentar ainda mais a sua dôr, aprovou suas novas idéas, e, fazendo-o entrar para a sua carruagem, deu ordem ao postilhão para o conduzir á província de Alcaria, onde tinha ricas quintas. Depois de haver dado as ordens necessarias

aos quinzeiros; tomou o caminho de Toledo. D. João pôz todo o cuidado em distrair seu filho, e lhe fazer observar as coisas mais curiosas. Em Toledo lhe fez ver o Alcazar, ou o antigo e magnífico palacio dos reis mouros, que existe ainda em parte, e a cathedral, uma das mais belas, e talvez a mais rica de toda a Espanha; em Almanades, aquela mina de azougue donde se tira o vermelhão, que é a mais antiga que no mundo se tem conhecido. Passando por Medellin, elle lhe recordou que ali em a patria do conquistador de Mexico, de Fernando Cortez. Quando chegáram a Alcantara (isto é á ponte arabe), lhe fez admirar a beleza daquella ponte construída por ordem de Trajano; porém a vista daquelas grandes obras, que recordavão a existencia possuia dos illustres mortos, não podia afastar do pensamento de Christiano a injustiça, a ingratidão dos vivos. Assim, todo ocupado de suas penas, chegar à Extremadura, atravessou Santarem, que então.

era a capital, e viu com uma especie de se-
tressalio de que se não pode livrar, o
grande, triste e antigo castello de seus
páes, situado sobre as bordas do Tejo.
Examinando-o de corrida, seu coração
estava despedaçado: com tudo confessou
que a sua posição era agradavel, pois
dominava inteiramente, sobre o Tejo:
a tapada tambem lhe pareceu aprazi-
vel; sombrias áleas de castanheiros,
cuja altura era admiravel, lhe agradá-
rão extremamente. Será aqui, nestas
voltas tortuosas, se dizia elle, que virei
entregar-me a meus dolorosos pensamen-
tos; estes logares tristes e solitarios, nos
quaes os raios do sol nunca penetrão;
sympathisarão perfeitamente com os ne-
gros desprazeres que cobrem minha al-
ma depois que ella não é inflammada de
amor de Numa. Numa ! cruel Numa !
ah ! porque causa teus olhos tinhão toda
a expressão da ternura ? porque esse olhar
encantador ? porque essa boca se abria
só para me enganar ? Ai ! tu conhecias
a arte de fingir, e eu só conhecia e da-

te adorar! Vai-te, foge longe de mim; imagem tão cara; quero esquecer-te para sempre; e quando ornada de todos os teus encantos, vieres de novo offerecer-te á minha imaginação, a penosa lembrança da tua indigna falsidate me dará animo de te repellir, e de vencer a minha funesta paixão. Taes erão os pensamentos de Christiano percorrendo a tapada, e o castello que pela primeira vez via. Se elle tomasse conta de seus verdadeiros sentimentos, teria sentido que a sua pena vinha antes de se ter deixando enganar por Numa, que das saudades de não ser amado por ella; mas Christiano nunca havia conhecido o amor, e deste nome appellidava a preferencia que tinha dado a Numa sobre todas as mulheres. D. João encerrava em si mesmo o enojo que lhe prometia uma residencia tão tranquilla, e tratava de a apresentar a seu filho debaixo dos pontos de vista mais agradáveis.

O terno pác e seu filho entrárono a'q-

na galeria de um gosto muito antigo, ornada de quadros feitos pelos melhores pintores. Christiano, no meio das quelles chefes d'obra, só víu o retrato de uma mulher moça de uma formosura acaba, e cujo esplendor não estava escurécido pela viva dor impressa sobre seu rosto. Ella se encostava a uma árvore sobre a qual gravára estas palavras: Estou para sempre esquecida. O pintor havia dado tanta expressão, graça, ternura, e sensibilidade a esta beleza afliita, que Christiano tocado do verdadeiro d'esta pintura, exclamou: E tu também és infeliz? E só a estes gritos resustados: Onde está meu pão? onde está meu irmão? coaduzão-me aonde estiverem que os quero abraçar, é que elle saiu da sua profunda distriacção. E' vossa irmã, meu filho, lhe disse D. João; vamos saír-lhe ao encontro. Neste momento a porta se abre, e Cecília, com os signaes da mais viva ternura, solanga ao pescoço de seu pão, aperta seu irmão contra seu peito, chora de

alegria offerece bem fim o spectaculo pathetico do amor filial, e da amizade fraternal.

Meu pão, porque nos não prevenistes? Ah! quem pôde dar-me a satisfação de abraçar um pão, um irmão tão queridos de meu coração? — Minha cara Cecilia, nós t'ão diremos: porém dize-me, onde deixaste tua tia? Senhor, voltando do nosso passeio, soubemos que vós estaveis aqui; e não podendo eu pacificar a impaciencia que tinha de vos ver, com o andar vigoroso e compassado da minha tia, pedi-lhe que me deixasse correr para primeiro chegar á vossa presença. — Vamos pois, minha filha, ao encontro de minha boa e respeitável irmã. Estou penetrado de reconhecimento dos cuidados que ella tem tido ha tanto tempo pela tua educação. Vamos, minha querida Cecilia, conduze-nos aonde ella está. Então saírão todos tres da galeria, e Christiano parecia ter perdido por um instante a lembrança de suas penas, com as canticas de sua sensivel irmã.

Dona Maria, que estava ainda fóra do castello, quando seus parentes a encontrão, ficou cheia d'alegria no momento de os ver. Havia muito tempo que ella pedia a D. João para lhe trazer seu filho, que apenas conhecia; ao ver um sobrinho tão formoso e tão amavel, não se cansava de o olhar e applaudir. Sua satisfação era completa; pois ainda ignorava a desgraça de D. João, que elle mesmo lha queria contar para gradualmente poupar sua sensibilidade. D. Maria, de idade de cincuenta annos, havia envolvado de trinta; e como tinha sido muito infeliz com seu marido, tomou tal horror aos laços do matrimonio que, vendo-se livre, se retirou a uma das suas herdades, para alli gozar de uma vida sozegada, que muito se lhe tornava necessaria depois de tantos annos de padecimentos. Naquelle tempo, pouco mais ou menos, D. João perdeu sua esposa, e D. Maria não pode resistir ás supplicas que seu irmão lhe fez de vir estabe-

lecer-se no seu castello; e foi então que tomou cuidado de sua filha, que tinha naquelle tempo cinco annos. D. Maria era boa, virtuosa, sensivel, mas sem character. Habituada desde logo a ceder toda a sua vontade á dos outros, havia-se acostumado insensivelmente a não ter nenhuma opinião sua; todavia conservava uma só na qual era invariavel; estava persuadida que deixando o celibato se preparava para desgraças terríveis. Cecilia que não conhecera sua mãe, e que outra havia achado na ternura de D. Maria, a amava como tal. Não tendo grandes distracções na sua pacifica residencia do castello, aproveitara admiravelmente das lições de seus mestres e dos conselhos de sua excellente tia. A uma figura esvelta ajuntava talentos cultivados com cuidado; e, na idade de desesete annos; sua razão excedendo sua idade, inspirava confiança aos velhos mais sabios. Cecilia ignorava o imperio que as paixões tem sobre os corações daquelles que as não pôdem repris-

■■■, e estava sobressaltada da tristeza de Christiano cuja causa elle lhe havia dito: **F**oabecendo pouco o mundo, não desejando seus prazeres, temendo seus desgostos ; receava que seu pão a tirasse de seu ca-ro retiro para a Iodusir a casar-se. Os infortunios de sua tia continuamente pre-sentes a seu espírito , affastavão de seu coração o desejo de mudar d'estado ; pois temia experimentar outros similhantes , e sua alma alimentada dos preceitos de D. Maria , se assustava com a idéa do casamento. Até àquelle tempo , para sua felicidade ser completa , só lhe faltava ver seu pão e seu irmão ; porém depois possuindo-os a ambos , nada mais dese-jou ; e seus votos fôrão satisfeitos.

Christiano havia reconhecido as raras qualidades de sua irmã ; por isso lhe confiava todas as suas penas , e esta-va sozegado depois que Cecilia as com-partia. Esta terna menina punha todo o cuidado em distrahir-o , piava com elle , ambos compunhamo musica , e mui-tas vezes fão passear aos lindos caminhos

de que o castello estava cercado. Um dia ella lhe disse : Meu querido Christiano, ajada te não falei de um bom Eremita que mora muito perto daqui. Hoje quero que me acompanhes para lhe írmos fazer uma visita. Tu has de gostar muito deste novo conhecimento. Christiano aceitou com prazer aquella divertimento ; e logo que a hora do passeio chegou , ambos tomárão o caminho do eremiterio. Christiano achou a sua posição deliciosa ; poia estava sobre uma pequena altura , tendo á direita a linda vista das planicies fertilisadas pelas aguas beneficas do Téjo. Este rio , por suas diferentes voltas , formava naquelle sitio pequenas ilhas muito admiraveis. A esquerda , ficava a villa de Santarem , collocada como em amphitheatro sobre o declive de uma collina , ao pé da qual corre o Téjo. Finalmente aquella encantadora solidão estava coberta para o sul de um laranjal , que offerecia o passeio mais agradavel. Os dous irmãos , entrando no eremiterio achárão o respei-

um Eremita lendo em voz alta o Espectáculo da Naturaça. Perto delle estava uma menina a fiar linho, que parecia comprazer-se com a leitura do venerável Eremita. Logo que este viu Cecília, levantou-se para a receber e a hospedar. Celiza correu aos braços da sua amiga, fazendo-lhe ternas queixas da sua longa ausencia. Não me ralheis, minha cara, disse Cecília mostrando Christiano: eis aqui a causa do longo intervallo que fiz entre as minhas visitas. Foi a chegada de meu páe, e de meu irmão que aqui vedes, que me fez differir até agora o prazer de abraçar a miúba querida Celiza; elle mesmo veia fazer vos ~~seu~~ ^{os} mui nobres escusas. Celiza admirou o agradavel modo de D. Christiano, e este também não pôde ver Celiza sem experimentar a mais viva commoção. Depois dos comprimentos do costume, Pedro (assim se chamava o Eremita) propôz a seus amaveis hóspedes de virem refrescar-se á mata, e os conduziu para um bosque perfumado do cheiro das la-

rangerias, no meio do qual estava uma mesa de pedra cercada de bancos de relva, Celiza trouxe tigelas de leite, morangos, figos e laranjas, e convidou da maneira mais graciosa, Cecilia e Christiano a merendarem suas fructas.

Christiano não se satisfazia de olhar Celiza; seus grandes olhos azuis, guarnecidos de longas sobrancelhas, seus cabellos castanhos claros caíndo em aneis sobre seu branco pescoco, seu talhe elegante, suas nobres maneiras, fazião que ninguem a visse sem a admirar, e da admiração ao amor só vai um passo; isto é o que Christiano experimentava, sem tal cousa anlevar.

O respeitavel Eremita parecia ter quarenta e cinco a cincuenta annos. Um ar de dignidade estava diffundido sobre todo elle, ainda que o signal da desgraça havia fortemente marcado suas feições. Pedro inspirava amizade, respeito e confiança; a resignação estava pintada sobre seu rosto e em todas as suas maneiras: a ternura que tinha por

querida Celiza ; patecia sómente prendel-o à vida. Notava-se nelle muita sabedoria sem ostentação , dogura sem inconstância , e dignidade sem orgulho : todos o escutavão com prazer e interesse.

Christiano estava encantado , e não podia apartar-se de pessoas tão perfeitas ; e só depois que se prometteu de acompanhar sua irmã em suas visitas ao eremiterio , é que se despediu do respeitável Eremita e de sua amavel filha.

Voltando para o castello , Christiano queixou a Cecilia por se ter demorado tanto tempo sem o levar ao eremiterio , e lhe pediu gracejando que reparasse as suas faltas , vindo allí mais vezes.

Cecilia , gostosa do prazer que seu frão achava em ver seus amigos , e da alegria que animava suas feições depois d'aquella visita , lhe prometteu de contentar seu desejo , tanto mais , ajuntou ella , quanto seu coração nisso se interessava , pela satisfação que elle experimentava em ver a sua amiga , e pelo grande contentamento que ella sentia

de ter achado o meio de distrahir seu querido Christiano.

Comtudo D. João não podia acostumar-se á vida tranquilla e retirada que passava no seu castello; pois aquella vida era o fructo da sua desgraça; e elle era muito ambicioso para não ter saudades da corte, do credito que allí tinha, edas honras que lhe davão. Havendo tido desde a sua mocidade uma grande influencia nos negocios politicos, o habito de dirigir os negocios do estado, se lhe tornaria uma necessidade. Elle se occupava sempre de tudo quanto se passava em Madrid; e seus amigos lhe mandavão continuamente as noticias daquella grande cidade; mas ainda que nada ignorava, isso não podia adoçar suas penas. Se lia o detalhe de um negocio essencial ao estado, e que a ignorancia dos chefes havia impedido de sair bem, elle se levantava com impaciencia, e dizia batendo na testa: Onde estava eu então? Teria sido util a meu rei, á minha patria, e nessa occasião talvez fallassem em

—; porem estou desterrado, os meus
conselhos não podem ser seguidos; é ne-
cessário renunciar à satisfação de mere-
cer os louvores da Europa. Se sabia da
chegada de alguns senhores estrangeiros,
lamentava não poder brilhar diante del-
les: se lhe annunciavão algumas festas,
sentia o desgosto de estar na impossibi-
lidade de fazer admirar seu luxo: se era
instruído da desgraça de quaesquer hes-
panhoes, o coração se lhe despedaçava;
e então sentia mais que nunca a dor da
sua infelicidade: pois, dizia elle, se eu
estivesse ainda em graça, teria protegi-
do aquelles infelizes, e adocaria suas
penas. Assim D. João, no seu retiro,
não desmentia nem sua sensibilidade,
nem sua ambição. Entretanto o māo
humor de Christiano mudava visivel-
mente; seu pāe cheio de prazer procu-
rava os meios de lhe affastar do pensa-
mento lembranças desagradáveis, e esta-
va encantado de vêr o cuidado com que
Cecilia o ajudava. D. João via sair seus
filhos; porem não indo "ava para que la-

da elles dirigião seu passeio; e ficava satisfeito de os ver entrar sempre com um semblante alegre: não gostando do campo, nunca se lembrava de Ihes perguntar como erão os sítios campestres que elles vinham de percorrer. D. Maria ainda lhe não tinha fallado do Eremita Pedro, cujo merecimento ella havia reconhecido, e para casa de quem ia muitas vezes com prazer, antes da chegada de seu irmão; por isso este ignorava intetramente que existisse ao pé de Santarem uma casa digna de fazer esquecer a Christiano os magníficos palacios de Madrid. Todavia elle o soube, e eis-aquí como: Conhecendo que seu filho amava muito a caça, procurou dar-lhe esse prazer. Mandou pois convidar as senhoras e cavalheiros dos arredores, e no dia marcado para esta função, uma brilhante cavalgada de caçadores e caçadoras chegou ao castello: as damas haviam tirado toda a vantagem de seus vestidos, para aumentar suas graças naturaes; e os cavalheiros nada pouparão.

parecer bem e dar ao senhor D. João, e a seus filhos uma alta opinião de sua elegância. Os provincianos são os mesmos em todos os paizes; elles se prezão por toda a parte de imitar a corte, e quasi sempre, em lugar de terem seu bom gosto, lancão mão de seus ridiculos e ató os excedem; mas se entre estes se achão alguns cujos vestidos e maneiras não são inteiramente conformes com o bom gosto, também se encontrão muitos que são sinceros e muito amaveis. D. João, Cecilia, e Christiano se ajuntávão com elles, e todos forão para uma mata pouco distante do castello, que estava cheia de javalís, cabras montezes, e veados. Os cães, incitados pelos picadores, perseguitão com fogo um grande javali; então os caçadores se dispersávão, e cada um se ocupou somente de matar este terrível animal; porem Christiano, com o espirito e o coração cheios de outro objecto, aproveitou esta occasião para se affastar, desappareceu como um raio, e saiu da floresta.

Com tudo a noite começava a vir ; os caçadores fatigados se reuniram debaixo de uma barraca, que D. João mandara levantar, e na qual havia muitos refrescos. Naquelle logar tudo respirava prazer ; cada um falava com calor do feliz succeso da caça. Um contava os trabalhos que lhe déra a cabra , outro gabava a destreza que precisara para se livrar da ferocidade do javali. As damas fallavão com ternura das lagrimas que o vendo derramara, quando, perseguido pelos cães, implorava a piedade daquelles dos quaes ia tornar-se a presa. Assim todos se recordavão com prazer e sensibilidade dos acontecimentos do dia.

Tadavia a inquietação substituiu logo o regozijo ; pois notáram que Christiano estava ausente, mas procurando-o todos com os olhos, ninguém ousou perguntar por elle. O primeiro javali que havia incitado os cães , se escapou a suas perseguições por uma fugida completa. A simulação de Christiano tivera bom exito ; porém seus companheiros te-

milão que tendo elle só seguido aquelle animal além dá mata, tivesse sucumbido á sua fereza, longe do theatro da caça.

Dom João não foi dos últimos que deu pela falta de seu filho, e não dissimulou seu susto. Bem vejo, disse elle aos caçadores, a causa do vosso silêncio. Vós temeis de me affligir perguntando por Christiano. Grande Deos! porque não está elle aqui? Talvez que se perdesse; pode ser.... — Ah! gritou Cecilia, levantando-se a tremer, é preciso correr a seu soccorro, é necessário procural-o em toda a mata. Todos os convidados approvarão o discurso de Cecilia, e os caçadores cercarão D. João, offerecendo-se para o acompanhar em suas pesquisas. Cecilia queria seguir seu páe; mas elle não consentiu, e ella se dirigiu á primeira das damas que, com as outras, pediu licença de a acompanhar até que os caçadores voltassem.

Depois de terem corrido em vão toda a floresta, voltarão tristes para a barraça; porem ordenarão aos picadores que

continhassem a visitar com arábotes todos os arredores do castello. As damas, e os egualboiros obrigárao D. João e sua filha a voltarem para sua casa a fim de descansarem. Cecilia procurava dar a seu pão esperanças de que ella mesma precisava, q. nas quaes não podia acreditar; e assim passárao ambas em agonias crucis. Cecilia, bem como todos os corações sensíveis, havia-se entregado a idéas tristes. A terna amizade é sempre temerosa; e, demais, nessa triste vida, qual é o ente razoavel e discreto, cuja alma se não inclina mais a crer na desgraça do que na ventura! Quando o tempo permittiu que a reflexão se ajuntasse com a dor de Cecilia, então ella se lembrou do cemiterio, e recordando-se da impressão que a primeira vista de Celina fizera sobre Christiano, ousou suspeitar o amor de ter causado a ausência de seu irmão, e aproveitando a esperança que se offerecia a seu coração, correu onde estava seu pão, para lhe comunicar suas ideas sobre a retirada de Christiano;

~~que~~ o custo lhe fazer conhecer o motivo a que ella a atribuía. D. João recebeu com alegria este raio de esperança; ambos subírão para o seu coche, e Cecília indicou ao cocheiro a residencia de Pedro. Deixem os por um instante apressar o postilhão, animar os cavallos, queixarem-se de seu vagar, dizer tudo quanto o terror, a impaciencia, a esperança podem inspirar a um bom páe, a uma terna irmã, e vejamos o que aconteceu a esse irmão, a esse filho tão ternamente amado.

Depois de haver atravessado toda a
maia, e uma parte do prado que a certa
hora, voltou para o lado do laranjal,
~~no fim~~ do qual estava a casa de Pedro.
Ali prendeu seu cavallo a uma arvore,
e apresentando-se ao Eremita, lhe disse
que elle se deixara levar do ardor de se-
guir um javali; que o não podera alcan-
çar; mas que estava bem indemnisado
da sua perda, pois que suas pegadas o
haviam conduzido perto da sua residen-
cia, e que se elle era gostoso daquella

visita, não teimaria mais em o perseguir.

O Eremita o certificou do prazer que sentia pelo acaso o ter tão bem servido trazendo-lhe um amavel vizinho, e o convidou a cear com elle.

Christiano, satisfeitos seus desejos, mostrou que nada o podia lisongear mais, e, assentando-se ao pé do Eremita, pergunhou onde estava a amavel Celiza, e qual era o motivo que os privava da sua presença; a sua ama está doente, respondeu o Eremita, e ella mesma se ocupa em preparar-nos a cêa. Ella a estima com tanta ternura, que, por menor que seja a doença, a obriga a estar na cama, e a allivia quanto lhe é possível em suas occupações.

Christiano louvava a sensibilidade de Celiza, quando ella o interrompeu pela sua chegada. Neste momento lhe pareceu mais bella que o mesmo amor; sua cabeca estava cingida de uma coroa de rosas que parecia, não obstante sua frescura, perder seu esplendor ao pé do

vivo encarnado que corava suns faces ;
um simples vestido branco , atado com
uma fita còr de rosa ; eta é seu enfeite :
Christiano admirou que com esta simpli-
cijade ella lhe patecia mais assenda que
as brillantes ençadoras que acabava de
deixar. Celiza pareceu perturbar-se com
a vista de Christiano ; porém escongou lo-
go , e um at de alegria e de satisfação
veiu embellecer ainda mais suas feligreses .
Depois poz sobre a meza fructas, leite e
bolos . — Eis aqui , disse Pedro, uma cesta
bem pequena para tratar um hospede tão
amavel ; porém é tudo quanto temos , e
se esta frugalidade oferecida por cora-
ções sensiveis , e que reconhecem o pre-
go de um amigo tal como vós , pôde agrada-
rertos , meus desejos estão compridos ;
— Ah ! meu pão , a que chamais fruga-
lidade ? Em toda a minha vida , ainda
não comi cousa melhor , e nunca me a-
chei tão feliz : Acabando estas ultimas
palavras , seus olhos encontrarião os de
Celiza ; que córou extremamente , e se
esforçou por occultar seu embaraço , ofe-

recendo a seu pão bolos que ella mesma tinha feito : esta era uma razão porque Christiano os achava excellentes.— Meu filho , dizia Pedro , como podeis acostumar-vos a esta vida simples e enfadonha do campo ? digo enfadonha , e todavia não a posso achar assim ; porque estou persuadido que ninguém será realmente feliz senão apartando-se do tumulto da corte , e das cidades , e que o repouso de que gozarmos longe deste mundo enganador , que comtudo deslumbra por seu falso brilhantíssimo ; é verdadeiramente o da felicidade . Comtemplando as belleza da natureza , nós admiramos os benefícios daquelle que creou todas as coisas , e parecemos tomar um novo set nessa vida suave , que jámais nos aparta do caminho da virtude . Eu não quero dizer que estando no mundo , se não pôde ser virtuoso ; na verdade , no mundo achão-se corações sensíveis , mas são poucos ; aíl já fiz essa triste experiencia ; mas vós , meu filho , sois ainda muito novo para ter experimentado esta grande verdade .

As saudades devem ser as vossas ; por estar apartado de uma corte tão brillante ; e da qual até agora só deveis ter conhecido os prazeres ! quão tristes vos devem parecer nossos campos !

Celiza esperava com impaciencia pela resposta de Christiano ; e temia que seu pão o tivesse julgado mal ; seu coração soffria por causa desta incerteza ; porém Christiano respondeu de um modo conforme aos seus desejos : contando-lhes a ingratidão de seus amigos , persuadiu facilmente seus hóspedes que sua saída de Madrid lhe não custaria muito : — Mas , interrompeu Celiza , essa partida atrazou o vosso casamento , e isso só pode fazer com que tenhais saudades de Madrid ! Não , amavel Celiza , a nossa desgraça me fez um grande serviço , impedindo que esse hymeneo se cumprisse ; — Mas tinham-nos assentado que elle estava próximo a concluir-se , que vós amavais Numa , e que toda a vossa ventura estava no cumprimento desta união ? — Sim , é verdade , durante algum tempo julguei

que não existia outro ente tão amado como Numa ; mas agora vejo que muito me tinha enganado ; dou graças ao céo por ter saído do meu erro. Todavia não posso dizer que sou feliz ; ai ! talvez aquella que riscou de meu coração a imagem de Numa me olhará sempre com indifferença. Oh ! se vós sorbesseis quanto é cruel o amar e não ter a certeza de ser correspondido ! Dizendo estas ultimas palavras , seus olhos certificavão Celiza de seu amor e de sua inquietação : houve um momento de silencio : Christiano temia de ter dito muito. Celiza repetia-se o que acabava de ouvir, e começa a crer que era de seu amor que Christiano duvidava. Pedro, abismado em suas tristes reflexões , apenas ouvira as ultimas palavras de Christiano ; porém o silencio que reinava em seu torno o tirou da sua profunda distracção ; e levantando-se da mesa , convidou Christiano a passear no bosque ; mas ainda bem não tinhão dado vinte passos, quando uma chuva abundante os obrigou a entrar em casa.

Christiano queria despedir-se de seu respeitável amigo, porém este o demorou, e não o quis deixar partir sem que a tempestade se dissipasse. Christiano não se fez muito rogado. As horas que passava no eremiterio lhe pareciam minutos.

Entretanto o céo se escurecia cada vez mais; o vento se levantava, o trovão estrondeava espantosamente; o tempo estava tão medonho, que ninguem podia sair, sem perigo. Christiano em fim se viu obrigado a passar a noite no eremiterio. Pedro o conduziu para um quarto simples, mas muito asseado. Christiano não pôde cerrar o olho em toda noite, lembrou-se de tudo quanto Celiza disse, e não soube como havia de interpetar a inquietação que notara em seus olhos, quando fallou de Numa; atribuiu antes á curiosidade do que ao temor, as perguntas que ella lhe fez a respeito de seu casamento. Elle amava com paixão, e seu amor se estimulava pelo receio de que

seus sentimentos não fossem compartidos. Celiza, da sua parte, não tornou a ter socego: pois havia notado bem que era amada, mas a imensa riqueza de Christiano parecia ser um obstáculo invencível á sua união, e por isso se prometteu de fazer quanto lhe fosse possível para occultar a impressão que elle fizera sobre seu coração, e se resolveu de empregar todos os meios para vencer um amor que a tornaria desgragada para sempre. Quando era meia noite, Christiano julgou ouvir junto de si gemidos surdos; escutou mas não pôde distinguir causa alguma; ficou persuadido que aquelle estrondo só podia vir dos habitantes do eremiterio, e no dia seguinte não quiz mostrar a menor curiosidade sobre um acontecimento tão singular. Levantou-se cedo, e se admirou muito de ser anticipado por Celiza, que achou ocupada a pintar em um gabinete perto da porta onde seu páe se entreteinha a cultivar os legumes que precisavão. Christiano chegou-se para Celiza, e ficou sobresaltado,

da belleza de sua pintura : depois perguntaou-lhe quem era o mestre que podia lisongear-se de ter uma tão boa discípula. — Nunca tive outro senão meu pâe, respondeo Celiza. — Certamente, disse Pedro, gosto muito desta arte : porque me ajuda a passar uma parte do tempo, e a distrahir minhas penas. O Eremita pronunciou estas ultimas palavras com tanta dôr, que Christiano ficou commovido, e pediu que lhe mostrasse as suas obras. Pedro annuiu á sua suplica, e o conduziu á um gabinete onde estavão os mais lindos quadros ; todos erão feitos por elle e sua filha. Christiano julgou reconhecer as feições de Celiza, nas de uma criança chorando nos braços de uma mulher formosa, que parecia moribunda. No meio do painel, via-se um rapazinho que rasgava uma carta com a postião do maior desespero. Christiano participou a Pedro a sua idêa, e este lhe disse : Sim, senhor ; é Celiza, é seu irmão, é.... Oh céos ! é tambem tua virtuosa mãe. Perdão, querido Christiano.

no, das lagrimas que me vedes derramar; ah! é o tributo que pago á virtude, á ternura, á desgraça. Christiano não sabia que pensar de tudo quanto via e acabava de ouvir; não ousava fazer uma só pergunta, admirava o Eremita e Celiza, parecia-lhe que estava n'outro mundo; em fini todos saíram commovidos do gabinete, e foi neste momento de ternura que D. João o surpreendeu. Cecilia e elle tinham corrido todo o eremiterio, e como ninguem achasse, vierão ao gabinete de pintura. É impossivel exprimir o sobresalto de Christiano: achava-se nos braços de seu páe e de sua irmã, e nem ao menos os avistara. Até aquelle instante ainda não havia reflectido na enquietação que a sua ausencia causaria, cousa nenhuma podera distrahir seu coração do encanto que experimentava junto de Celiza. Sabia que seu páe ignorava que elle conhecesse o Eremita, e por isso sua aparição o sobressaltou extremamente. Contudo, depois dos primeiros transpor-

tes de alegria, D. João reprehendeo seu filho por lhe não ter dado aviso de que estava em seguranga, e lhe contou as afflições que a sua ausencia causara. Christiano lhe asseverou que se não fosse o javali, não teria abandonado a caça, mas visto que inutilmente o perseguia, se achando-se muito perto do cremiterio pedira ao veneravel Eremita para descansar em sua casa, e que no momento de voltar para o ponto da reunião, a trovoada o impedira; que estando a noite muito adiantada, o bom Pedro não quizera deixal-o expor-se só ao perigo do caminho constando que o campo se achava cheio de saltadeiros; que finalmente acceptaria uma cama; que estava desesperado da pena que lhe causara, e a sua cara Secilia; que elle era muito feliz per ser ternamente amado de um tão bom pão e voltando-se para o Eremita lhe disse: Eis-aqui, respeitável Pedro, este pai tão terno para seus filhos. Dizei-me se poderei, vivendo na sua companhia, ter saudades da corte?

Dom João o interrompeu para agradecer ao Eremita; e avistando-se com Celiza cuja formosura o sobressaltou, lhe disse com jovialidade, que elle achava seu filho muito feliz por ter passado algumas horas na companhia de pessoas tão amaveis. Celiza córou: Christiano agradeceu a seu páe aquelle pequeno obsequio, e lhe certificou que nunca a tempestade melhor o havia servido. Celiza ficou bem persuadida disso pelo tom doce com que elle pronunciou estas palavras, e pela expressão que seus olhos tiverão naquelle momento olhando para ella.

Dom João estava sobresaltado de achar em um homem tão simples como Pedro, as maneiras mais nobres e ilhanas de um homem de corte, e parecia-lhe não desconhecer suas feições. Todavia, fazendo reflexão que não podia ter-se encontrado em parte alguma com aquelle bom Eremita, perdeu insensivelmente a idéa de o ter visto, e se persuadiu facilmente que só podia ser effeito do acaso, o ter-

elle achado na pessoa de Pedro alguma
similaridade com um mançebó que n'ou-
tro tempo conhecera intimamente. De-
pois de tornar a agradecer ao bom Ere-
mita os cuidados que tivera de seu filho,
e de o rogar a vir ver as pinturas da ga-
leria de seu castello para lhe dizer o seu
parecer, despediu-se delle e da bella Cer-
liza: seguido de Cecilia e de Christiano,
subiu para a sua berlinda, e tornou ale-
gremente o mesmo caminho que, poucos
instantes antes, sóra testemunha de sua
desesperação. Os gritos de alegria com
que o castello ressoou á chegada de Chr-
istiano, provárão quanto elle era amado
e querido. Não faltou um so criado não
viesse certifica-se se na verdade era seu jo-
ven amo que acabava de chegar.

Dom João e seu filho ficarão tocados
sensivelmente das provas de ternura de
todos os seus criados e vassallos; e pa-
ra lhes mostrar sua satisfação, lhes de-
rão uma linda festa.

Com tudo Cecilia parecia inquieta;
pois havia notado durante as poucas

horas que passara de manhã no eremiterio; a paixão de Christiano por Celia. Sua tristeza mal disfarçada, logo que seu pão lhe fez ver que era tempo de se retirarem, não lhe deixou dúvida alguma sobre seu amor? Então ella se lembrou que o suposto javali fora só um pretexto de que se serviria para ir ao eremiterio. A pouca confiança de seu irião a affligiu; quis informar-se da verdade, para lhe censurar a falta de amizade que naquella occasião lhe tivera; porém em sim, dizia ella, a sincera amizade é sempre acompanhada da terna confiança. Sem amizade não ha confiança, sem confiança não ha amizade, e nestas tristes reflexões passou o resto do dia. No seguinte dia resolveu de falar a Christiano, e o convidou para ir à um lindo valle que havia entre o castelo e o eremiterio. Christiano aceitou com alegria a proposta de sua irmã, e pensou que aproximando-se tão perto do eremiterio, ella não poderia deixar de ir até lá. Logo que o grande calor passou,

— douz irmãos partindo. Christiano traba de distrahir sua irmão, a fim de lhe fazer esquecer insensivelmente o valle, e de a conduzir, sem que ella o desconfiasse, até ao cemiterio, porém Cecilia penetrou seu pensamento, e não se deixou illudir.

Meu irmão, lhe dizia ella, tu hásde gostar muito do nosso passeio; este valle é aprazível, e o mais curioso que se pôde ver, na verdade, nas visitas que tenho feito aos nossos amaveis vizinhos; ainda nunca me esqueci de te levar tambem, e como nós estámos muito perto do caminho que vai ter a casa delle!.. Olha, vez aquelle carroiro á direita! vejo sim! é por elle que devemos ir. Mas tu não ollas, nem me dás attenção! em que pensas? — Sim, Cecilia, bem vejo o atalho, mas parece-me muito escabroso, temo que aquellas pedras te pizem os pés, e como tu ainda deves estar cansada da caça, se tu queres, outro dia veremos o valle. — Então, Christiano, para onde havemos de ir? Cecilia esperava a sua resposta

Christiano tinha sobre a borda dos labios estas palavras favoritas: Ao eremiterio; porém não ousava pronuncia-las, e queria que esta idéa viesse de sua irmãa. Cecilia viu seu embaraço, e se folgou dellê um instante; era esta a unica vingança que quiz tirar da sua falta de amizade; e demais, desejando inferírel-o sem mais compreensão, permaneceu na sua resolução.

Comtudo elles caminhavão, e estavão muito perío do atalho. Christiano estava a ponto de faltar, porém Cecilia o anticipou. — Ah! não, meu Christiano este carroiro não é tão mau; a longe, os objectos não parecem o que realmente são, eu te affirmo que me não fatigaria e além disso elle é muito curlo. Vamos, é preciso decidir-vos, e dizendo estas palavras, ella se encostava sobre seu braço, e o conduzia para o valle. Era certamente o mais lindo sitio que se podia ver, e Christiano, apesar do seu desgosto, confessou que excedia tudo quanto sua irmãa delle lhe havia dito. Os montes que o cercavão, esta-

~~tos~~ todos cobertos de acacias, de limoeiros, de laranjeiras, que espalhavão no ar um cheiro mais suave; diferentes flores quezinhos de ilazes, de madresilva, de roseiras ofereciam os mais agradáveis retiros: muitos regatos riphão regar bosques sempre verdes. O doce murmúrio das águas, o terno canto das aves, o profundo sossego que reinava naquella delicioso retiro, levavão à alma n'quelle doce voluptuosidade que os corações virginais conhecem.

Onde que tendes o hábito do vício, fegi destes logates pacíficos, que só temos para os dantes sensíveis. Espanhol, se é que pôde ser, no turbilhão do mundo a cruel lembrança de todos os nossos crimes; fugi, fugi do feliz sossego de nossos caros retiros: elle não foi feito para nós, e vos despedaçaria o coração. Deixa! quanto lamento que não conheçais tares gozos!

Assim fallava Cécilia: Christiano aplaudia ás ultimas palavras de sua ir-

mãa; porem algumas vezes era só por monosyllabos, tornava a cair mais profunda melancolia. Tu tens algum desgosto, e não me queres dizer! ah! tu duvidas da minha ternura! — O' querida Cecilia! poupa-me essa censura! — Então para que estás triste? Não, não, eu não me engano, tu tens segredos que não confias de tua irmãa! Por ventura não serei eu ainda para ti aquella Cecilia que compartia as tuas penas, e na qual tinhas uma tão perfeita confiança? — Se minha querida, tu és sempre minha amiga! então bem! saberás tudo: amo, sim, amo; mas com uma paixão, um ardor que não tem igual; não ousei confessar t'lo, porque tu foste testemunha de minhas saudades por Numa, de minha desesperação por não ser amado, e meu firme proposito de fugir todas as mulheres, e então estava bem decidido a isto; porem todos estes juramentos estão bem longe de mim. Vi Cecilia, e conheci o amor, senti, pela primeira vez, a força desta paixão que nuns alrâbe a despeito

messo para um objecto amavel; presentemente que estou sujeito ás suas leis, não me engano a respeito dos sentimentos que tinha por Numa. Era um simples gosto, sustentado pelo orgulho de ser preferido a outros seus amantes; juntamente della vivia contente; mas sua ausencia não levava á minha alma esta tristeza, esta melancolia que experimento longe de Celiza. Sua presença não tocava meu coração daquelle alvoroto desfioso que sinto quando vejo Celiza. Ah! querida Cecilia! eu julgava amar Numa; porem todas as faculdades da minha alma se reuniram para adorar Celiza.

E tu crês que ella te ama? — Não ouço lisonjear-me disso, e esta dúvida é que me torna desditoso. — Mas, Christiano, que pensará meu pão desta nova aflição? tu não duvidas quanto elle se oppôr à aque cases com a filha de um pobre Eremita! Tu bem sabes que elle põe todas as suas esperanças em um grande casamento, e até me parece que já fez

* sua escolha? — Não, não, Cecília, desengana-te, meu páe não quererá a minha infelicidade; já viu Celiza; sua formosura, suas graças, seus talentos o sobressaltárão; elle a admira e logo que eu lhe diga os meus sentimentos (o que farei imediatamente que tiver a certezâ de que elles são compartidos), acredita que a amará como sua filha.— Ah! querido Christiano, quanto desejo que assim aconteça. Mas... — Mas, que queres tu dizer? Quem poderá duvidar que Celiza não ha-de ser preferida a outra qualquer mulher! — Na verdade, meu irmão, tu fallas como amante, mas não como páe cioso de sua nobreza: bem conheço todas as qualidades da tua Celiza; porém essas mesmas qualidades são nada aos olhos do orgulho, e a validude do mundo não as saberia apreciar.— E' verdade, convenho nisso; minha querida Cecília, as pessoas da nossa classe nunca se casão por inclinação, é sempre por conveniencias. Oh! quantas donzelas se veem arrastadas aos pés dos altares,

para ali dar o juramento de amar um homem que detestão, juramento que suas corações desaprovaõ, no mesmo instante que suas bocas o pronuncião. Ai de mim! elas sacrificão seus mais caros sentimentos por um nome illustre, por uma brillante fortuna, por vãs honras. Ah! elas são para sempre infelizes. O falso esplendor que as cerca não pôde encher o tão horroroso de seus corações. Na grande dissipação, buscam os meios de se distrahir de suas penas secretas, e é ali mesmo onde elas se perdem.

E' nessas sociedades perigosas que elas se esquecem de seus deveres; porque elas são seus esposos como um senhor absoluto, cujo jugo lhes é insupportavel. Finalmente não podem comprehender que, quando seus maridos se entregão a suas paixões, lhes possão fazer um crime de seguir as suas; e é uma verdade que, quanto mais o homem se esquece dos seus deveres, menos perdão a sua mulher sua infidelidade. Todavia, julgas tu, Cecília, que estes homens não serião vir.

tuosos, se estivessem unidos ás mulheres que possuem seus corações, e das quaes são amados! Oh! certamente, elles seguirião a virtude, vivirião alegres com suas amigas, e amarião seus filhos como sendo os peñhores de um amor reciproco. Em fim gostarião mutuamente a felicidade de amar, sem que este precioso sentimento fosse perturbado pelos temors, e não haveria continuadamente esses terríveis escandalos que dão a maior parte dos esposos que o coração não uniu. Comtudo, todas estas desordens, a quem se atribuirão? se não for aos páes ambiciosos que fazem taes casamentos? — E tu crês, querida Cecilia, que meu pâe seja desse numero? Desengaña-te, minha irmã; elle ama muito seus filhos, e por isso não os teme.— Ah, Christiano! é esta mesma amizade que o ha de cegar; pois julgará trabalhar para a tua futura felicidade, contrariando-te n'uma paixão que tratará de quimera. Ai de mim! que já vejo grandes males que tu mesmo te preparas: per-

~~meus~~ o Céo que meus fúnebres presen-
~~mentos~~ se não cumprão! — Minha querida Cecilia, disse ternamente Christiano, sê meu apoio, minha consolação; promette-me de levar-me algumas vezes à casa de Pedro.— Que me pedes, Christiano? Como! serviria eu para entreter uma paixão que só te poderia fazer infeliz? Ah, Cecilia! serás tu tão cruel que me desprezes? Não, eu não deixarei teus jorlhos em quanto me não concederes esta graça. Ai! tu também, minha irmã, não me quererás amar! tu não me respondes! Pois bem! a minha desesperança me governará. Adeos, Cecilia... — Ah! socega, socega, Christiano; amanhã iremos ao cemiterio. Que queres fazer? Céo tu me assustas! — Minha querida Cecilia, interrompeu Christiano, voltando-se para ella, perdão estes transportes ao fogo violento que me consume... Preciso de ti... bem o tanto... Meu coração se acha feliz de poder derramar-se no teu... Mas, por favor, tem piedade do estado horroroso

em que estou... Não me falles de receios. Faz com que tudo espere. Lembra-te da tua promessa. — Vamos, é necessário que nos retiremos; uma tão longa ausência poderia inquietar nosso pãoe. A triste Cecilia lhe deu o braço sem abrir a boca, e ambos ocupados de suas reflexões, chegárono ao castello sem se distrahirem com a menor palavra.

Todavia Cecilia estava desesperada pela promessa que o susto lhe havia arrancado; pois conhecia muito bem seu pãoe para deixar de persuadir-se que elle se opporia aos desejos de Christiano, e temia os effritos de sua colera sabendo de tal amor. Cecilia amava Christiano e Celiza, e daria tudo quanto tinha para que sua amiga fosse de uma classe igual à de seu irmão; porém Celiza não era mais do que filha de um pobre Ermita! Que desproporção! Cecilia notava o ar alegre e satisfeito de Christiano, e, sabendo bem a quem atribuir a sua causa, muito se affligiu.

Com tudo a hora de cumprir a promessa chegava, e Cecilia não se dava pressa. Christiano que esperava este momento com impaciencia, vendo que sua irmã se não dispunha a sair, chegou-se para elle, apertando-lhe a mão, lhe disse: Então a minha Cecilia não quer hoje passear? — Mas ainda não são horas, me parece? — Oh! pois não, minha querida! Olha para o relogio que já passa de seis horas. — Como? já! replicou Cecilia arranjando seu bastidor, e pondo seu chapéu na cabeça. Ah, meu Deus! que passeantes, exclamou D. João que estava lendo a gazeta. Gragas a Deus meus filhos, lhes disse elle, vós deveis conhecer todos os arredores do castello. — Ai, meu irmão, replicou D. Maria, se o passeio os recreia, tanto melhor; estes pobres meninos quasi que não tem distração. — Essa é boa, minha irmã! muito estimo que elles passem de manhã até à noite, se for da sua vontade. Todavia, meus filhos, continuou elle, pois que não levais nenhum criado com vós, de-

sejo que não venhais muito tarde; porque isso me causaria inquietação.— Não vos afflijais, meu páe, respondeu Cecilia, nós nos conformaremos com a vossa vontade. Christiano guardou silêncio. Vamos, adeos, adeos, minha tia: dai-me um abrâgo, para eu ir contente.— Querida menina, como é amavel! disse D. Maria abraçando-a.— Adeos, minha filha, replicou D. João: talvez que nós vamos esperar-vos. Mas olha, ajuntou elle rindo-se, recommende-te meu irmão, que é ainda um estouvado. Toma sentido nas suas acções.— Lindo aio! exclamou Christiano. Vamos, vinde, meu querido mestre; e no maior contentamento, saírão ambos.

Ainda bem não estavão fóra do castello, quando Christiano, abraçando sua irmã com víveza, lhe agradeceu sua complacencia. Ah, meu irmão! muito estimaria que ella te fosse útil; mas, ai de mim! que funesta te será!— Vamos, Cecilia, não nos ocupemos de cousas tristes no momento da felicidade. Ceci-

~~Bento~~ respondeu. Algumas vezes ~~Christiano~~ exclamava como após de muitas reflexões: Celiza e Cecilia, eis aqui tudo quanto amo; só elas terão sempre meu coração. Cecilia estava commovida, e quasi a chorar; porém não fazia senão apertar a mão de Christiano: em fim os dous irmãos chegáram ao eremiterio, onde não acháram nem Celiza nem o Bremito; mas *felizmente* a boa ama lhes asseverou que depressa virião.

Christiano perguntou para que lado elles tinham ido; porém a boa mulher não lho pode dizer; assim resolveu-se a esperar, ainda que com grande impaciencia, pois achava o tempo muito longo; finalmente para o passar com mais prazer, propôz a Cecilia de ir ver a carteira de desenho de Celiza, que estava meia aberta perto delle. Cecilia que o conhecia, preferiu ir passear ao laranjal e o deixou só.

Mas como pintar o sobressalto, o prazer, a alegria de Christiano por achar, no meio de diversos desenhos, seu pro-

prio retrato desenhado pela mesma mão de Celiza! No fundo deste retrato estavão algumas palavras escritas em francez, e como Christiano sabia perfeitamente esta língua, leu facilmente este dito: « Eis aqui o retrato do irmão da minha amiga! Oh! mas elle está mais bem gravado no coração da triste Celiza! Papel que tão facilmente recebes os meus pensamentos mais carros, só tu só instruído da minha fraqueza. »

O' a mais amável das mulheres! exclamou Christiano: e servindo-se imediatamente de um lapis, escreveu também em francez, e sobre o mesmo papel, o que se segue: « Será verdade, minha cara Celiza, que vós concedereis algum reconhecimento ao mais terno amante? e ser-me-ha permitido esperar que não recusareis o título de esposo áquelle a quem sois mais cara do que a vida?

Neste tempo ouviu estrondo, tornou a meter a toda a pressa na carteira os

“ ~~gostaria~~, tendo contudo o cuidado de ~~esconder~~ a escrita de Celiza, que pôz junto do seu coração. Todavia este movimento não foi tão prompto que deixasse de ser notado por Celiza, que entraça com Cicilia e Pedro. Este lhe mostrou a pena que tinha de o ter feito esperar tanto tempo.

“ Meu páe, respondeu Christiano, as obras da amavel Celiza me fizerão suportar mui pacientemente a vossa ausencia. — As suas obras! são bonitas. — Frução! replicou Cecilia, não vos tinha eu dito, minha querida Celiza, que o acharamos ainda com a carteira do desenho? Na verdade teve todo o tempo de a examinar á sua vontade; porque ha bem duas horas que elle está aqui. — Como! replicou vivamente Celiza, que estava desesperada pelo que acabava de ouvir e que corava a cada momento, não duvidando que Christiano tivesse visto o seu retrato, o senhor está aqui ha muito tempo! e porque, minha querida, o não convidastes a ver o jardim? E depois

sem saber o que dizia, ajuntou: o senhor Christiano sabe frances? — Sim, sabe, respondeu Cecilia, perfeitamente; mas vós que o fallais tão bem, podeis julgal-o. Então, que tendes, Celiza? Estais tão pallida! Meu Deus! ella desmaia! Depressa, meu irmão, da-me o teu frasco. O pobre Christiano não sabia o que fazia. Em vez de dar o frasco a Cecilia, elle o fez respirar a Celiza; mas elle mesmo o precisava bem, porque a cabeça lhe andava a toda pela ver naquelle estado. Em fin Celiza abriu os olhos, e se dirigiu para Christiano, que, com um joelho em terra, lhe segurava a cabeça com um braço, ao mesmo tempo que com o outro se esforçava pela restituir á vida pelo cheiro de uma agua espirituosa. Celiza pareceu comovida de seus cuidados; porém livrando-se docemente de seus braços, se encostou a Cecilia, e disse que estava melhor.

— Minha querida filha, lhe disse Pedro abraçando-a, tu nos causaste gran-

~~da~~ quietação.—Quanto sois bom, meu
~~pai~~!... E vós, minha Cecilia, tivestes
muita pena! A Christiano nada ousou
dizer.—Não falemos mais nisso, mi-
nya Celiza; se vós estais boa, nós esta-
mos contentes.—Vamos, agora só sinto
que a hora nos obrigue a separar-nos;
amanhã virei visitar-vos; adeos. Chris-
tiano pediu para acompanhar sua irmãa
no dia seguinte: Celiza não lhe respon-
deu: porém o bom Pedro lhe disse que
teríam muito gosto nisso. Ainda bem os
dous irmãos não tinhão saído, quando
Pedro, no qual esta scena acabava de
abrir os olhos, e que via o embaraço de
sua filha, saiu, e a deixou só. Celiza,
logo que seu pão voltou as costas, se di-
rigiu á fatal carteira; alli acha o papel
sobre o qual Christiano escrevera, e o
lê com enterneecimento. Ai de mim! diz
ella dando um profundo suspiro, Celiza,
esposa de Christiano!... Oh! não, isso
nunca, teu pão, e a tua riqueza são obs-
taculos invencíveis. Serei infeliz longe
de ti, mas é preciso fugir da tua presen-

ga; e dos conselhos de meu pão queria tirar a sua coragem e suas virtudes. Acabando estas palavras, alimpou suas lagrimas, e foi lançar-se nos braços de seu pão, apresentando-lhe o papel aberto. Pedro pegou delle, leu-a, e entregando-o a Celiza, lhe disse: Leimbra-te, minha querida filha do que Cecilia tantas vezes nos tem dito, que seu pão sacrificaria tudo para aumentar o esplendor da sua casa por uma alliance illustre, e bem sabes que é em Christiano que elle põe sua esperança. — E' verdade, meu pão, e, para reparar minha imprudencia, é que eu venho tomar vossos conselhos. Então ella lhe contou a historia da carteira. Pedro admirava sua sinceridade, sua candura, e como ella com tanto amor tinha tão grande coragem. Logo que acabou de fallar, Pedro a apertou contra seu coração, e lhe disse. Minha Celiza, a tua virtude seja teu guia, e já que o queres fugir, creio que será necessario fingir uma indisposição quando elle vier. Ai de mim!

~~As~~ desgraças fazem a tua. —
~~Meu~~ pão, affastaí essas tristes lembranças. Poderrei eu ser infeliz com um amigo como vós? O' minha querida filha! — É toda a minha consolação. Depois continuáráo ainda muito tempo pela noite adiante a falar dos meios de affastar Christiano do cemiterio, e acabada a quella penosa conversação, se separáráo. Celiza oppritida por seus desgostos, aggravada pela dor, falta de humor, se entregou a um sonno agitado, que não pôde roubar-lhe a lembrança de todas as suas penas.

Christiano começava a conhecer a verdadeira felicidade; era amado de Celiza, já não podia duvidar-o. Aquelle letríto que continuadamente relia, era um precioso garante de seu amor; e só esperava um instante favorável para instruir seu pão de tudo quanto se passava. Um dia estando a pénas nos meios de lhe comunicar seus sentimentos, viu vir Cecilia, cujo ar triste espalhado sobre seu rosto foi para elle como um raio de

Jur ; e , levantando-se e correndo precipitadamente para ella , lhe disse : Que tens tu , querida amiga ? Tu me pareces bem triste ! Meu páe sabe já !.... — Ah ? Christiano ! venho dar-te uma noticia terrivel . Aiода bem não tinha entrado no gabinet de meu páe , para onde sabes que me mandou chamar , quando elle me fez este discurso : Cecilia , mandei chamar-tê para te participar a grande felicidade que nos está para vir . O duque de Valhadolid , meu intimo amigo , cuja nobreza e riquezas bem conheces , dá a sua filha unica a Christiano . Depois que estou aqui , tenho-me ocupado deste casamento : o mesmo duque tinha feito tentativas para alcançar o consentimento do rei ; porem foi em vão ; pois nunca poderia ver na sua corte o filho de um homem que elle perseguiu tão injustamente . Finalmente a sua morte me restituê a liberdade ; e a rainha , que foi nomeada regente até à maioridade do seu filho , restituindo-me todos os meus direitos , disse ao duque de Valhadolid ,

~~ella~~ teria grande prazer em que se ~~asse~~ este illustre casamento. Eis-aquí, minha Cecilia, o que queria dizer-te; e, lembrando-me que terias grande satisfação de ser a primeira que levasses esta notícia a teu irmão, encarrego-te que lhe vas dar. Também lhe dirás que o duque de Valbadolid e Isabel, tua filha, devem aqui chegar esta noite. Confessa-te, que as primeiras palavras me perturbaram o mais que é possível, e se meu pão não estivesse tão ocupado do que dizia; teria conhecido meu sobressalto; porém tive tempo de tornar em mim, e, logo que acabou de falar, mostrei-lhe a minha satisfação de que o novo rei lhe fizesse justiça; mas, voltando ao artigo do teu casamento, fiz-lhe algumas observações a respeito de que elle ainda não havia consultado a tua vontade, e que por isso talvez tu não quererias decidir-te,

— Como! replicou vivamente meu pão, não ha de querer decidir-se por uma mulher bonita, o melhor casamento de Espanha! Vamos, minha filha, tu és lou-

ca ! Christiano terá alguma inclinação ? — Mas não ; elle vê (com indifferença) todas as mulheres da nossa sociedade ; á fiz essa reflexão. — Vai , vai , Cecília , procurar teu irmão , e fica persuadida que elle receberá com prazer esta noticia . Acabando estas palavras , levantou-se , e eu , sem nada replicar , vim á tapada , onde sabia que estavas , para cumprir a minha missão . Ah ! eu já tinha previsto tudo . Christiano abraçou ternamente sua irmã , e lhe respondeu com sangue frio : Cecília , nada haverá no mundo que me faça faltar ao que prometti a Celiza ; ella tem meu coração , sem ella não posso ser feliz : se meu pôe persiste , o meu Partido já está tomado . Vem para o teu quarto , e lá estaremos mais á nossa vontade do que neste bosque . Todavia , como nós não podemos ir hoje ao cemiterio , mandarei lá o meu criado grave da tua parte para saber como está Celiza . Ditas estas palavras , entráram no castello , e fechando-se no quarto discutiram muito tempo sobre os meios de desviar a tempestade proximo-

se afir sobre a cabeça de Christiano. Finalmente, decidirão que o melhor era metter Isabel em seus interesses, fazendo-a confidente de tudo; e o mesmo Christiano se encarregou da execução deste plano. Quando os dous irmãos se separavão, ouvirão o estrondo de uma carruagem, e, chegando á junella, virão sair della um homem de quarenta e tantos annos, que deu a mão a uma senhorita muito bem feita, mas cujo semblante estava coberto com um grande véo.

Christiano logo se lembrou que era Isabel; e, não podendo dispensar-se de aí receber, foi ao seu encontro. Ao descer a escada encontrou seu páe que o havia antecipado, e que fazia os cumprimentos mais ternos ao duque de Valbadolid; pois era elle mesmo que acompanhava Isabel. Logo que o viu, elle lhe disse: Meu filho aqui está o duque de Valbadolid, e sua amavel filha. Christiano inclinou-se profundamente, e ofereceu o braço a Isabel para ajudal-a a subir a escada. Ella o acceptou sem

pronunciar uma só palavra e sem se descobrir. No vestíbulo encontrárao Cecilia que os esperava. Então Isabel levantou seu véo, e abraçou Cecilia, pedindo-lhe que fosse sua amiga. Cecilia tocada de suas amáveis maneiras, lhe disse que não era preciso vel-a senão um instante para sempre a amar; e ficou admirada de sua formosura. Seus grandes olhos pretos erão de uma docura encantadora; seus cabellos da mesma cor, fazendo resaltar a brancura brillante de sua pelle, e sua extrema palidez augmentava tambem o vivo interesse, que não podia deixar de tomar qualquer que visse tão amavel pessoa. Christiano dizia comigo mesmo: Se eu não conhecesse Celiza, Isabel seria a meus olhos a mulher mais interessante; mas, com tudo Isabel não é Celiza; e Celiza é tudo para o coração de Christiano.

Isabel, que parecia muito cansada, pediu licença para se retirar; e, sem querer tomar cousa alguma, seguiu Cecilia, que a conduziu para o seu quarto. Depois de se haverem felicitado mu-

sentente de seu novo conhecimento, separáro-se com saudade, achando já muitos encantos por estarem juntas; efeito natural do encontro de dois corações sensíveis. Cecilia tornou a vir para a sala, e alli achou seu páe, Christiano e o duque de Valbadolid conversando a respeito da grande mudança que a moça e seu conselho havião feito no governo. Ella tomou parte na conversação, e triou aquelle assumpto com o espirito tão justo como illustrado. O duque estava surpreso de achar tanta acuidade, conhecimentos e razão numa pessoa tão nova.

Meu amigo, quanto sois feliz por ter ~~meus~~ filhos! — Mas, respondeu D. João mostrando Christiano, eis aqui um que bem depressa será o vosso; e, se a morte vos não tivesse privado de um filho, Cecilia tambem seria vossa filha.—Oh! certamente, disse D. Fernando, apertando a mão de Christiano, o meu querido Christiano ocupará o lugar desse filho ternamente amado.

Christiano se inclinou; Cecilia abrou do embrago de seu irmão, e D. João fingiu de o não ter notado. A hora de se retirarem estava chegada; cada um fôi para o seu quarto; porem Christiano acompanhou Cecilia para o seu gabinete. Bem vejo, disse Cecilia, o motivo porque o meu querido irmão lhe custa tanto a deixar-me. Queres saber as notícias que me trouxerão de Celiza? — Oh! pois não, querida Cecilia; tenho estado todo o serão n'um constrangimento terrível por te não poder fallar a respeito della. — Pois bem! socega, replicou Cecilia. Celiza está melhor, mas, o que te ha de affligir, é que ella me pede que eu vá só amanhã ve-la, poistem cousas interessantes a contar-me. Vê, cis aqui á carta que ella me escreveu. Christiano pegou della, leu-a, e não a quis entregar a Cecilia. — Então estás doudo, Christiano, queres guardar quatro palavras que nada significão? — O' minha Cecilia! eu as guardarei, porque são de Celiza — Pois sim, como quize-

— replicou Cecilia; mas falla-me agora de Izabel: não a achas bem formada? — Certamente, disse Christiano, depois de Celiza não conheço outra mais perfeita; mas parece-me que ella tem desgostos, e suas penas serão para mim um garante seguro do interesse que hão de tocar nas minhas; por que as pessoas cujas almas estão tocadas de afecção, são mais compassivas do que aquelas que nunca conhecêrão a desgraga. Por isso, queria irmã, espero tudo do nosso projecto; e eu muito desejo que sejamos bem sucedidos, replicou Cecilia. Boa noite, meu querido Christiano, até amanhã.

No dia seguinte conhecêrão facilmente, pelos olhos languídos de Izabel, que ella não tinha dormido em toda a noite. Cecilia lhe mostrou a sua inquietação; porém Izabel lhe agradeceu ternamente, e lhe disse que era effeito da fadiga do dia antecedente, mas que com tudo já quasi a não sentia. Cecilia comprehendeu bem, pelo tom com que ella

pronunciou aquellas palavras, que lhe não confessava a verdadeira razão; porém fingiu ficar mais contente. Depois do almoço, Cecilia lhe propôz de ir tocar: Izabel aceitou, e pondo-se ao piano, cantou com toda a energia e todas as graças possíveis, os tormentos da ausência. Christiano elogiou muito o seu modo de cantar, e a letra lhe agradou tanto, que elle lhe pediu por favor que tornasse a começar; Izabel o fez logo, parecendo ter nisso grande prazer. Aquela canção não agradou ao duque, que lhe disse: Não gosto destas árias languidas; ellas nada querem dizer. Que vos parece, disse elle dirigindo-se a D. João? — Sim, sou do vosso parecer; todavia é preciso confessar que não ha gênero de musica que a menina não torne agradável. — Ah! vós sois civil, respondeu o duque. Vamos, deixemo-nos de comprimentos, fde mostrar-me a vossa galeria de pinturas. Com todo o gosto replicou D. João. A Izabelinha quer vir também? — Mas, disse Cecilia, a

que Christiano fez um sinal, que ella muito bem entendeu, eu creio que Izabel gostará mais de ir á tapada, que ainda não viu.—E' verdade, é verdade, diz D. Maria, eu vos vou acompanhar; e, rindo-se, ajuntou: Eu amo muito a gente nova; e levantando-se, desceu para a tapada com Izabel, Christiano e Cecilia, em quanto D. João e o duque fão para a galeria; porém apenas havião dado alguns passos no parque, quando a aia de Izabel veiu ajuntar-se-lhe, avisando a D. Maria que a procuravão no castello. Então, pedindo desculpa a Izabel, os deixou a todos quatro. Christiano que sentia quanto aquelle instante era favoravel, e que temeu que não aparecesse outro, não o quiz deixar escapar. Pediu a sua irmã para entreter e divertir a aia, a fim de lhe facilitar os meios de fallar a Izabel. Então chegando-se para ella, lhe disse em voz baixa: Senhora, poderei esperar que terás a bondade de attender ao que ouso confessar-vos? — Ah! senhor, respondeu

Izabel corando, quasi com as lágrimas nos olhos, que podereis ter tão interessante a dizer-me? Eu estou instruída de todos os vossos sentimentos.

Christiano, extremamente surpreso da resposta de Izabel, do tom afflictivo com que acabava de pronunciar aquellas palavras, e não comprehendendo o verdadeiro sentido, persuadiu-se que ella estava offendida por ter uma rival, e lhe supplicou, com um ar embarulado, de lhe dizer quem o havia traido. A minha esperança, senhora, continuou elle, era de alcançar o meu perdão, da vossa bondade. Ah! se vós conhecesseis o imperio do amor, desculparieis aquillo que vos parece injusto na minha conduta.—Ai de mim! senhor, replicou Izabel, eu não pretendo fazer-vos censura alguma; porém, uma vez que vos accusais de injustiça, certamente conhecereis as minhas disposições, e sabeis que só posso conceder-vos a minha estima.—Ah! interrompeu vivamente Christiano, isso é tudo o que eu desejo; e tratarei-

de a merecer em todo o tempo. Senhora
vós me tornais o mais feliz dos homens
— Julgava , respondeu dolorosamente
Izabel, sim, imaginava que um homem
devia deseja de possuir o coração da
mulher que lhe estava destinada para es-
posa ; porém vós me fazéis ver, senhor ,
que eu me enganara, pois que a minha
estima só basta para a vossa felicidade !
— Como ! replicou Christiano, não vos
entendo, senhora : a esposa que o amor
me escolheu me dará seu coração ; por
modo nenhum o duvido. — Muitas ve-
zes enganamo-nos , disse Izabel ; porém
vós assim o quereis , senhor ; ao menos
nunca esqueçais que Izabel sendo obe-
diente a seu pão , que lhe ordenou de
ser vossa esposa, não procurou enganar-
vos , fomentando-vos a esperança de ser-
des o senhor de seu coração.

Que me dizeris ! exclamou Christiano.
Ah , senhora ! por ventura vedes vós um
sacrifício em nosso casamento ? e terá o
duque de Valbadolid forçado a vossa in-
clinação ? Izabel não pôde suportar as lá-

grimas , nem responder , e Christiano continuou : O vosso pranto me desobre a verdade ; e apertando-lhe a mão : Socageai , senhora ; que Christiano não terá de se arrepender de haver causado mais desgostos á estimável Izabel . Se eu tivesse entendido , talvez que em logar d'augmentar vossa dor a teria adoçado . Eu vinha , senhora , implorar a vossa piedade a favor de um infeliz , que não é digno de vós . Sair , indigno ; porque Izabel deve ser amada com todo o amor ; e , se eu a tivesse conhecido á seis meses , estou certo de que agora seria o mais lastimoso dos homens , pois que o meu amor não seria partilhado ; mas em fim , ninguém é senhor de seu coração ; e ha muito que o meu pertence a Celiza . — Celiza ! ouviria eu bem ! disse emphaticamente Izabel . Não tem ella um irmão chamado Guimão ? — Eu sei , respondeu Christiano , que ella tem um irmão , e que ha algum tempo está separada d'elle ; mas ignoro-lhe o nome ; porque a ella mesma eu não lhe co-

~~que~~ senão o de Celiza. — Oh ! que é ella, replicou com alegria Izabel, eu já o não duvido ; mas como se chama seu páe ? — Eu só o conheço pelo nome de Pedro, diz Christiano. — E onde está elle ? onde mora ? — A sua habitação ? ... continua Christiano, ella é bem simples ; é um pequeno eremiterio a pouca distância do castello. — Oh ! diz penosamente Izabel, não é ella, essa não é a irmã de D. Guzmão. Agora vejo o que esperais de mim, continuou depois de um momento de silencio ; e ficai certo de que farei tudo o que em mim couber para contribuir para a vossa felicidade ; depois (revestindo um rosto sereno, e apresentando a mão a Christiano) lhe diz : Sejamos amigos, senhor, pois que não podemos ser amantes. Sim, a vossa delicadeza e a vossa confiança serão para vós um garante seguro da minha amizade. Christiano beijou com ardor a mão de Izabel. Oh ! que encantadora amiga ! exclamou elle. — Sim, diz Izabel correndo-se, porque não quer ser vossa

mujer. Então ambos se aproximaram de Cecilia, e Isabel lhe disse ao ouvido: Cecilia, Christiano contou-me tudo; elle me julgou digna da sua confiança: eu lha mereceria, e espero de obter a vossa. Cecilia ia responder-lhe quando D. Maria chegou com um ar commovido, e lhe pediu que a acompanhasse. Isabel ficou só com Christiano e sua alia. D. João e o duque, que pouco depois chegaram ficaram encantados do agradável ar de Christiano para Isabel. Já havia deixado todo o constrangimento que de manhã e na véspera se lhe tinha notado. A alegria também brilhava nos olhos de Isabel. Os dois pais se enganaram acerca do verdadeiro motivo do ar de satisfação de seus filhos, e a sua admiração era tanto maior, quanto ambos tinham fortes razões para recuar o contrario.

Em quanto elles assim se passeavam no parque, passava-se no castello uma cena das mais patheticas. O venerável Eremita esperava Cecilia no quarto de

tia. O ar triste e severo que ella lhe trouxe a surprehendeu : porque D. Maria a rogos de Pedro não lhe havia dito as razões que alli o trouxerão. Pedro passeava a largos passos no quarto ; parecia muito preocupado , e estava tão distraido que não sentiu entrar Cecilia e D. Maria. Cecilia se approximou delle e lhe perguntou que motivos o obrigaram a dar-lhe o gosto de o ver. Ah , Cecos ! exclamou Pedro ; sois vós , senhora , que me fazéis essa pergunta ? Vós , que eu tinha pela propria virtude , sois capaz de levar a dissimulação tanto além ! Cecilia estava como pretrificada , e custava-lhe a crér que a ella se dirigissem aquellas palavras. Porque , senhora , continuou o Eremita , porque vos singis tão admirada ? Vós sabeis o que é feito de Celiza , e é preciso que imediatamente m'o digais. — Eu , exclamou doloridamente Cecilia , eu , meu pão , occultar-vos Celiza. Agora mesmo me preparava para a ir ver , segundo o bilhete que ella hontem me escreveu : —

Como, replicou Pedro, e é com esse bilhete mesmo que m'a roubão. — E me julgarieis vós capaz de uma tal infamia? diz Cecilia com uma dignidade que só a verdade dá. — Mas dizei, tornou Pedro, a quem confiastes esse fatal bilhete? — Ah, Ceos! diz Cecilia, chotando dolorosamente, só meu irmão o leu; e foi a rogos seus que eu lh'o deixei. — Que horror! diz Pedro; vosso irmão é um monstro: onde está elle? e correndo para a porta disse. Não, não, tanta deshumanidade não ficará sem castigo. — Ah! que ídes fazer? exclamou Cecilia pondo-se entre elle e a porta. Dignai-vos instruir-me, meu páe, eu vo-lo peço: moderai vossa justa colera, dizei-me como podêrão tirar a nossa cara Celiza a seu virtuoso páe? — Pois bem, senhora, conheci vosso irmão, e perdoai-me o ter podido julgar-vos o auctor de um tão negro crime. Esta manhã, ás seis horas pouco mais ou menos, ouvimos bater á porta; a ama de Celiza foi ver quem era, e voltando com um papel na mão

Entregou à Celiza, e nos disse que um homem vestido com a vossa fibra expostava a resposta. Ella abriu o bilhete e me disse depois de o ter lido: E' o senhor que havia feito a Cécilia, no fundo do qual ella me escreve duas palavras, pedindo-me que acompanhe o individuo que m'a entregou; pois que isto é impossível sair, por estar dorente. Mas, elle disse eu, é ainda bem cedo. Ella me advertiu que é este o único momento em que livremente nos podemos ver, pois que chegada muita gente ao castello. Então não tive mais observações a fazer, deixei partir Celiza com sua amiga e o tal homem, que dizia ser mandado por vós. Serião onze horas quando; começando a lembrar-me que Celiza se demorava muito, vi chegar a amea toda banhada em lagrimas, e me contou, por entre soluços, que tendo andado quasi um quarto d' hora, descobrira uma sego da posta, junto da qual estava um homem a cavalo, que tendo-se apercerido que assistiu Celiza, se chegou pa-

ra ella, e lhe ofereceu a sego. Pero se
não cangar; que depois voltando-se pa-
ra o seu condutor o repreendera por
ter descomprenhido que a sua comissão
pôs que tinha ordem de o esperar des-
pois de haver previndo Celia. Polavia
ela procurou esconder-se do a cavalar, di-
zendo que estava muito perdo do castel-
lo para ser de si; e, mais como não des-
confiava de cona alguma rixa, insistiu
mais e voltou para ella. Pensava em
contingutu a pena chorando amargamente,
e, em tramar o segundo leger naquella
terrivel sego, e já para issa, me dispa-
nhos, quan loo nosso comanditor, que n'ho
pôd'io nado havia dito, mi segurou helpo-
brago ao mesmoutempo que o cavalo é o
feranhos com rapidez a portinhola, e su-
lha na traseira da sego, encamado no
bastilhão que se apressasse. Faltou, não
obstante os gritos da infeliz Celiza e che-
gou armada, a sego se insentiu com a muni-
ção destruída. Mais, disse eu áquelle pere-
muller, por que não vistes fermidinosa-
mente avistar-me. Ab! senhor, me res-

Pendem ella, o homem que nos havia
conduzido até alli não me largou senão
quando, cinco horas depois que os rappo-
tores de Celiza fitchão partidos, morreu
no cavalo, que o outro lhe deixara e
desapareceu. Em quanto elle me re-
tinha, e z-lhe muitas preguentas para sa-
ber se era por ordem da amiga de minha
infeliz amia que se abrava tão grossas-
mente; mas elle se obstinou a guardar
o segredo, e eu não pude obter o menor
esclarecimento. Então, sem querer um
momento, e ajuntou a Recertia, vim ter
aqui, e, preguntando por esia senhora,
diz elle instintuado D. Martin, lhe pedi-
ma persuadido de que ella nada sabia do
atacado, que me pidisse aliaz dos rappo-
tores, e lhe fiz conhecer o caminho quo
ches levarão; e que-lhe que trespunha-
tisse fallares-vos, porca que me desse, nor-
tivas de minha filha, na certza em quo
eu estava de que a sua desgraga era obra
vossa. Verdadeiramente, senhora, está injus-
tigo; mas, vós compreendes quanto
se torna necessário que eu falle com vos-

se irmão; juro-vos de me pôr com a maior moderação, se vós me conduzirdes immediatamente ao pé d'elle. Creia, não sabendo como possesse justificar o irmão, que era ella julgava culpado, levou Pedro no parque. D. João fez-se muito commovido á vista do Ermita, e o saudou com um ar frio. Pedro, com um modo preocupado, ofereceu a Christiano o bilhete de Celiza, que, reconhecendo-o, diz a seu páe com um ar de admiração: Como vos veiu este bilhete parar á mão! e para que escrevestes a Celiza, com a vossa própria mão, que minha irmã estavá doente? — Para que! diz ultimamente D. João, que não posia negar que o escripto fosse d'elle. Poderia deixar de responder á vossa pergunta, mas queria que conheçais que foi para vos poupar a discussão de um amor indigno. Christiano podia apenas coincidir-se; e, sem responder a seu páe, perguntou pel-dipitadamente onde estava Celiza. Pedro increpando a conducta de D. João, he disse que Celiza só queria ver Cecília;

mo para lhe pedir que não tornasse a levar lá Christiano, de quem queria fugir porque o amava: que elle não sofreria uma tal offensa, e que desde já o emprazava para que immediatamente lhe dissesse onde estava. Christiano, vendo que seu páe não satisfazia ás suas perguntas repetidas sobre o caminho que fizera seguir a Celiza, correu ao castelo, montou a cavallo e tomou pela estrada que sua fia lhe indicou. D. João, que não estava prevenido para aquella scena, começara a se arrepender da sua grosseria, vendo o sentimento do Eremita e a firme resolução que elle tomara de se quer zar no rei. Não obstante estar certo das boas intenções de sua magestade, não podia comodo confiar em que elle as voltasse contra uma família francesa; e tanto menos quanto Pedro estava firmemente persuadido que, não havendo elle nunca violado lei alguma de Portugal, a sua protecção não lhe seria recusada, quando a reclamasse.

No meio de tudo isto uma nova eve-

na se preparava. O daque de Valbados lid, mero spectador de tudo aquello, havia tido tempo de examinar o Eremita, que julgara á primeira vista conhecê-lo. Todavia hesitava, porque estava persuadido que Pedro era português; mas logo que lhe ouviu dizer que a França o veria nacer, todas as duvidas se lhe desvanecerão, e gritou, lançando-se em seus braços: Seveis vós, meu caro conde, que em aperto contra o meu coração, os meus olhos não me enganarão! ellos? Pedro, que d'ora avante chamaríamos o conde de Chablis, recuou de alguns passos, e exclamou para o duque, a quem em sua d'r não prestara atenção alguma, e disse: Ah! Ces! é D. Fernando; e com um movimento impetuoso exclama: Estou cercado de perfídos! ellos não cangão de me perseguir! restituí-me a filha querida; e não penseis em me enganar com falsas caricias! — Que ouço eu! diz o duque penetrado da d'r, fazê-me mais justiça. Eu vos juro pelo nome de D. João; vossa filha vai ser-vos entregue;

mas deixaí-vos ouvir minha justificação! — Contarão a narração das crônicas de vossa si. Inimiga. — Por que! Ali ouvem le... Ahi que escrevedes aquelle fatal bilhete, não sós o autor de todos os meus males! — Exclamou, interrompendo vivamente o duque, julgai melhor o coração de vossa amiga. D. João preferiu interrogar os da diligência que tentou ferir, há mais de quinze annos, para descobrir o vosso refúgio; mas ali agora, as minhas buscas fôrão infrutuosas, e eu julgaria ter-vos perdidlo para sempre. — Vá verdade, em passar ser testemunha, diz D. João, anunciamdo ao conde que elle acabava de dar as ordens necessarias para que sua si. Ida lhe fosse entregue. Mas, continuâa elle, sendão dais crédito ás palavras de D. João, talvez vos persuadão maliciado cavalleiro de Moberquy. — Ah! diz vivamente o conde, vós e subordens o cavalleiro de Moberquy! Eu vos peço escusadamente que, se elle ainda vive, me digais onde está, e querer antes de morrer apertar junto ao meu coração.

baleo amigo que me resta. — Como podes vós desconhecer-lá! exclamou D. João, abraçando-o ternamente. — Ah! responderá pezurosamente o conde, e pude ver no amigo, a quem devo a vida, o perseguidor de minha filha! Mas, continuou elle com um ar duvidoso q. como não podendo confirmar-se com aquella fúea, porque não conservais o nome de Moherquy? e como chegastes ao alto posto que, depois do rei, vos dá o primeiro lugar no país.

Isso é um segredo, eu não pude fazer-vos-lo conhecer porque não me pertencia; só eu e os reis de Espanha e da França o conhecíamos, foi debaixo desse nome, suposto que estive seis meses na corte de França, e foi então quando travamos uma amizade tão verdadeira, que nem o tempo, nem a distância, nem mesmo a forte perspectiva em que eu estava da rosa, não existência poderão diminuir. Quando voltei, escrevi vos muitas cartas, convidando-vos a fugir com vossa esposa ao resen-

Mento de rosa implacável sogra. Rogava-vos de esquecerdes que eu vos havia occultado o meu verdadeiro nome, dizia-vos o motivo, e estava certo que vós não conseguíeis por isso o menor ressentimento; mas todas as minhas cartas ficáram sem resposta; e logo depois, correu o bando de que fugirão para a Itália borbón, e lá assaltado, e morto nos Alpes por uma quadrilha de bárbaros.

Algumas annos mais tarde fui admis-
tada de ouvir dizer a D. Fernando,
quando voltou de suas viagens, que elle
não vos havia morto, e que continua-
va sempre a fazer-vos menear na Itália,
por estar necessitado que estaves lá. Eu
lhe fizeste que, se fosse verdade essas
tides, ainda, teríeis voltado para a Fran-
ça, depois da morte de vosso pá: mas
forão necessários muitos annos de infre-
tuosas indagações para elle estar pelos
meus raciocínios; e a não ser o acontecimen-
to que hoje aqui nos reuniu ainda
ignorafiamos que o meu querido Chablis
morava tão perto de nós. Agora vejo a

grande mar-lança que o tempo tem produzido em nossas felicidades nem um nem o outro nos conhecemos no esquecimento. Verdade é que o meu nome e o vosso disfarce devia concretar muito para isso. Estais sacerdado áespera de vossa filha, queria devorá-la em um dos meus berlindes até ao casamento do meu filho, mas agora vai ser resguardada aos vosos cuidados. Minha irmã acaba de me dizer que Christiano também conterá subversões preciosas. Depois dirigindo a palavra a Izabel lhe diz: A menina perdoará a menor filho o haver sido tão pouco justa a tantos encantos? O ar satisfactorio de Izabel sobrejuntamente prenhava que sim. O duque da Valfadil fiz renascer a tranquilidade em todos os corações, assessorando que só o amor de Christiano, por Coliza podia reparar as penas que elles haviam causado ao condé, na pessoa de sua filha. Tolda se assentariam, e as senhoras pedirão ao condé que contussse a historia da sua vida, or que elle, sem hesitaçõe, fiz como se segue.

Sendo, por morte do meu irmão mais velho o Dr. Ligeiro, é a grande nomes de uma brilhante fortuna, meu paure-solven lhevaria partida da sua superrubridade para me obrigar a fazer um casamento, que servisse para osseus projectos de amílio. Ligrio com o ministro, pediu-lhe para minha amiga, sua filha, a senhora Duarane, que havia passado tempo linka, envolvendo. O ministro amanhou com alergia à sua proposta, e o Dr. Ligeiro esperava qnq eijs arribasse o tempo, atingiu nara conselheira a mesma união. E uirento, en estas vidas de qndo era essa da ministério, não havia muito Vermanha de Blasone, mas offereu o seu tão exposituoso que eram impossevel, e que em caso da ministério, não se daria em anno adiante iminentes al-terribles na sua compatria.

Poi neste tempo, tivero mais em mente, que tive a gyzer de ser soprado de um dos meus melhores amigos, Clín-

Martim, em meados, que, por suas raras qualidades, era digno do alto valimento a esse havia chego-lhe junte de Luiz XIII.

Elle deixava os seus amigos para acom-

Prazer o rei, que, convencido pelo cardeal de Richelieu, fa pessoalmente à conquista do Rossilhon. Infeliz Cinq-Mars! a lembrança dos seus infortúnios me faz ainda correr as lagrimas. Desgraçado! fui vítima da tua ambição. Quando eu me despedi delle era ainda Cinq-Mars o valido do rei, e, segundo o que parecia, o homem mais feliz do mundo. Comtudo, facilmente percebi que seu coração vivia cruelmente tormentado; falleceu-me do cardeal de um modo que me fez persuadir que elle era para sempre seu inimigo irreconciliável; elle me abraçou, e me disse estas palavras: Quantos me é penoso, meu querido Chablis, não poder abrindo o meu coração! para que casais com a filha do M? essa família é toda da intimidade do cardeal. Estas poucas palavras, foram, então, para mim um enigma; mas vós podeis pensar que, dizendo-me isto, o estribiho mór tinha a cabeça cheia com seu funesto projecto, a ponto de que a pena de me verem brevemente ligado á familia dos M... or

Impediu de me falar abertamente. Infeliz! porque me não faria elle confidente de tu lo o que o rancor o levava a emprehender contra o cardeal! Mil vezes me tenho lisonjeado que eu teria chegado a lhe infundir sentimentos mais moderados. Armande conhecia minha ternura para Cinq-Mars; sabia que só o meu casamento me retinha em Paris, e me impedia de acompanhar o rei, e todos os cuidados empregava ella para me fazer esquecer a ausência do meu amigo: muitas vezes havia eu notado isto, e o meu reconhecimento era igual á estima que ella me havia inspirado; então ainda eu não conhecia o seu detestavel carácter. Armande de Blessac era uma das mais bellas pessoas da corte, mas destas bellezas que inspirão ante admiração do que amor: este era o effeito que ella produzia em todos os corações. Todos diziam: Armande é bella, mas ninguem dizia: Amo Armande. ella me fallava muitas vezes de uma amiga que deixara,

no conservador, e que alli devia presistir
até os momentos de se casar com sua
irmã mais nova, que era só filha de um
luteiro e portanto não podia ter herança.
Aqui, no entanto, o que se passou foi
que o seu pai, que era um homem de
muito dinheiro, quando soube que
o seu filho havia comprado a casa
de sua irmã, resolveu mandá-lo para
uma prisão, e que ali ficaria por
seis meses, e que só poderia sair
quando o seu pai lhe dava a liberdade
de voltar para casa, e que só podia
fazer isso quando o seu pai morresse.
Mas, quando o seu pai morreu,
o seu filho não quis voltar para casa
e preferiu ficar na prisão, e que só
poderia sair quando o seu pai morresse.
E assim ficou, e que só podia sair
quando o seu pai morresse.
Mas, quando o seu pai morreu,
o seu filho não quis voltar para casa
e preferiu ficar na prisão, e que só
poderia sair quando o seu pai morresse.
E assim ficou, e que só podia sair
quando o seu pai morresse.

ter suas ações! Bem se vê que não aguenta do consentimento. O seu desejo seria que ella não fosse tão bonita, para criticar a sua figura; mas a sua graciosa boca, ornada dos mais lindos dentes, sua tez de rosa e negrissima, seus brilhantes olhos pretos, os mais espirituais do mundo, seus cabellos amarelados da mesma cor, podia deixá-lo a desejar; e todas comis-
sariam que ella era bela. Fim quando a mim, sem me importar com o que se dizia, sempre com os olhos em Félicia, estava encantado de achar em seus ges-
tos, em suas palavras, e até nos seus menores movimentos, a encantadora ideia que dessa fizera. O marquez de Floriano parecia ter vinte seis a vinte eito annos; era de uma elegante figura, e tinha belos dentes, que elle muito se esforçava de mostrar, tinhos-se a cada instante, por causas de bem pouca importa. Tinha um ar soberano, e era de uma intuidade ex-
trema. Havia assentado no pé de sua sobrinha, e parecia muito contente do que elle lhe dizia; contudo, julgou per-

lo ar de Felicia que ella só o ouvia por compimento, e que elle a molestava excessivamente. Ainda bem para ella, que tendo o marquez visto ao pé de mim um de seus amigos a deixou. Então! meu caro cavalheiro, lhe diz elle, em que pensais, que não me quizestes falar? E sem esperar a sua resposta: Gabai-me a minha pupilla; na Verdade, meu caro, ella me faz andar à cabeça á roda, e se isto continua, eu..., tornando-me doido. Mas, acrescenta elle com um ar delicado apertando-lhe a mão e fallando mais baixo, ao menos é só meio mal quando se está seguro de ser recompensado. Que te parece? não estás pela minha?

Mas sem dar ao cavalheiro tempo de lhe responder, o deixou com a mesma ligereza com que se chegara para elle, julgando have-lo persuadido de todo o seu merecimento; e querendo, sem dúvida, fazer-se admirar de algumas senhoras que estavão no outro lado da sala, correu a contar-lhes algumas bagat.

telas insípidas. Chegou a hora de se retirarem; e Floriant, aproximando-se da senhora de M., lhe agradeceu vivamente o obsequio que lhe fasia em conservar Felicia na sua casa até ao seu casamento: o que não poderá ser demorado, continua elle, porque estou certo que ella m'adorará. A senhora de M. sorriu-se, e lhe respondeu que ella não o duvidava, mas que o prazer de ter em sua casa a menina Floriant, lhe fazia desejar a tardança d'essa época. Elle apenas a ouviu, porque estava entretido a compor a gravata, diante de um espelho.

Finalmente, depois de dizer a Felicia que a queria ver no outro dia, saiu mui satisfeito de si mesmo. Depois que se havia declarado o meu casamento com a filha do ministro, eu cavava muitas vezes em sua casa; e aquella noite foi uma dessas. Tambem foi nessa mesma noite que elle vos apresentou á sua mulher, continuou o conde dirigindo-se ao duque de Valhadolid. Sendo da mesma

— ; tendo os mesmos gôstos e o mesmo desejo de nos ver, vós sabeis que desde esse momento nós ficamós ligados pela mais estreita amizade. Pouco tempo depois, tornamo-nos inseparáveis. Mas voltemos áquelle feliz noite, que me fez conhecer duas pessoas, que deviam ter tanta influencia sobre mim. Quão curta ella me pareceu! e quanto deliciosa foi para mim o resto da noite, pelas recordações que me ocupářio! Não me enganei com os sentimentos que Felicia me inspirava, e em breve conheci que Armanda jamais m'ahavia feito experimentar eguaes. Tudo em Felicia respirava franqueza, alegria, vivacidade; tudo n'ella era amavel. Eu não podia suppôr que Armanda fosse menos bela; mas também tinha notado que Felicia era mais bonita. Em fin desde aquelle momento eu não pude mais arrancar do meu coração a sua imagem querida; e se continuava a ir a casa da senhora de M. não era já por Armando; só Felicia ocupava a minha imagina-

ção. Todavia, reflectindo sobre o meu dever, fiquei aterrado com a ideia de que o meu amor poderia ser contrário à virtude. Havia feito promessas a Armanda, e os meus princípios me faziam uma lei de as cumprir. Desde então julguei não poder sustentar a minha paixão sem uma criminosa indulgência, e quis tomar a resolução de combater as minhas mais caras affeições. Mas ah! como eu rnecia eu pouco a natureza do vicio humano! Um olhar de Felicia destruía todo o edifício que minha coragem havia fabricado em sua ausência; quando a via só pensava na felicidade de estar unido della. Mas ao menos condenava a minha boca a um eterno silêncio; se sem um acontecimento que me seria impossível prever, Felicia ignoraria sempre que ella possuia só todo o meu coração.

Ao cabo de algum tempo percebi que Armada andava triste, penosa, e extremamente fria para comigo. Mas, eu confesso, dava-me tão pouco cuidado

mudança; que não me dei ao trabalho de me queixar; contudo, brevemente soube a razão; e eis aqui como: Um dia que eu, Felicia e Armanda fômos passear ao jardim, insensivelmente caiu a conversação sobre o amor. Ah! dizia Felicia, rindo-se, havia de-me custar muito se soubesse essa molestia; e o meu caro tio irá trabalhará de balde, porque nunca m'a pegará. Vós não tendes razão em o não amar, disse Armanda, o marquez é quem mais vos convém.

— O marquez! gritei eu repentinamente. Ah! senhora, não penseis nello. — E porque? senhor, diz asperamente Armanda. Conheci a minha doidice, e fiquei-mudo.

— Respondei, me repetia Felicia divertido-se com o meu embaraço, do qual ella não podia desconfiar a causa. Porque é isso? estais arrependido de tomar o meu partido contra a minha cara Armanda, e quereis fazer-lhe crer que não tendes nenhuma razão capaz para sustentar o que acabais d'avançar!

Vamos, continuou ella alegremente, visto termo-nos encontrado no ponto essencial, eu exijo de vós, senhor, que nos digais se os nossos motivos são os mesmos. Ella acompanhou de tanta graça estas palavras, que me foi impossível conter-me. Ah! querida Felicia, lhe disse eu com transporte, apertando-lhe a mão contra meus labios, quanto seria eu feliz se as vossas razões fossem as minhas! Apenas tinha eu cometido esta imprudencia, que Armandá, retirando com força seu braço do de Felicia, ao qual ella se encostava, exclamou: Que perfidia! quanto me sois odiosa! e lançando sobre mim vistas cheias de furor, se ausentou apressadamente, deixando-nos a ambos na mais penosa situação. Ser-me-hia impossivel pintar-vos qual foi a nossa perturbação. Eu, com a cabeça baixa, não ousando olhar para Felicia, devia parecer um criminoso que espera que se lhe pronuncie a sentença; Felicia, oppressa pela dor, encostada a uma arvore, tinha a pallides da morte

linda em seu rosto. Em fim, rompendo o silencio, ella exclamou com um profundo suspiro: Oh meu Deus! depois levando a mão sobre seu coração continuou, que fiz eu para Armando me tratar tão cruelmente? ella despedaçou a minha alma na parte mais sensivel. Como! eu, trahir a amizade! — Senhora, lhe disse eu interrompendo-a e lançando-me a seus pés, eu só sou o culpado, foi a minha desventurada paixão que não pude occultar por mais tempo, que causou a colera de Armando, mas, senhora, perdoai esta culpa involuntaria do amante mais terno, mais sincero, mais infeliz; e não opprímai com vossa aversão aquelle que é já sobejamente lastimavel, por amar sem a menor esperança de ser correspondido. — Levantai-vos, senhor, me diz Felicia com docura e dando-me a mão, essa posição me humilha, eu não posso odiarvos! esse sentimento é desconhecido pelo meu coração. Ah! que vós não sois o unico a lastimar, Armando acaba de me es-

clarecer. Mas, senhor, escutai-me! não temis: nem um partido de desto confissão que a minha franqueza não vos pode recusar. Sou amiga de Armande, e devo tudo sacrificar, ainda mesmo à minha tranquillidade, à sua felicidade; e espero da vossa generosidade um igual esforço. Vinde, senhor, ajudai-me a abrandar Armande, e esqueça-se para sempre este desdito dia. — Ah! senhora! que me pedis vós! julgais que seja impossível arrancar do meu coração a imagem de Felicia! — Sim, é do vosso dever, me respondeu ella com ternura. É necessário casar com Armande; é necessário tudo empenhar para a persuadir do vosso amor. Meu Deus! continuou ella levantando as mãos e os olhos para o céo, como era feliz no meu convénio! Porque não retardarião a minha saída alguns meses mais! — Ah! senhora, lhe disse eu, não vos peze pelo curto espaço em que a primeira vez conheci a verdadeira felicidade. Bem basta a minha desgraça! Aí hei parado um mo-

mento; e como para retomar o ânimo de
continuar, eu prosegui: Pois bem, far-
-vou-hei a vontade; vou ter com Ar-
minda; mas que lhe hei de eu dizer?
Não é com Felicia que eu vou fallar,
e sinto que isto é impossível dizer a ou-
-tros que a amo. Vós pareceis offendida
da minha repugnança: ah! quanto de-
-sejaria ter a vossa indifferença! — Dizei
antes a minha coragem, me respondeu,
Felicia com vivacidade. — Essa pala-
-vra, lhe disse eu com transporte, me
restitue a minha felicidade toda. — Vós
sabeis, diz ella fugindo com a mão que
eu lhe queria apertar, vós sabeis o que
eu espero de vós, — Ah! querida Feli-
cia, que sacrifício! mas quanto maior,
tanto mais digno se torna de vós. E'
preciso, eu renuncio a minha propria
vontade, vós sereis obedecida. Acaban-
do estas palavras, que septei-me lenta-
mente da minha Felicia, e mandei di-
-zer a Arminda que lhe queria fallar.
Que-me quer elle, disse a filha do mi-
nistro & sua criada grave? Eu não lhe

dei tempo para me despedir; porque, animado pela imagem de Felicia, que me dava aquella cruel ordem, entrei de repente, e lhe disse: Senhora, poderei longear-me de que vos dignareis ouvir-me um instante. Armanda mudou de cor quando me viu. Que tereis vós para me dizer que eu não saiba já? me respondeu ella com altivez, e continuou: Não amais vós Felicia? e não tenhies singrido comigo, até agora, um acor que nunca sentiste? Não, senhor, não vos canceis em me querer enganar por mais tempo. Não é só desde hoje que eu conheço a vossa perfídia. Amei-vos com paixão; mas, confessso-vos a verdade, já me não resta o menor sentimento desse amor, que, ha poucos meses, fazia o encanto da minha vida. Repugno-vos para sempre. Só me pesa da pena que a minha conducta havia de causar a Felicia: vou-a procurar, para lhe pedir desculpa do meu proceder, do qual estou arrependida; e, para reparar a minha falta, eu vos restituo a

uma palavra; e desejo que cascis com Felicia. Oh céus! que bondade exclamou eu surprehendido pelo que acabava de ouvir, quem será digno do coração de Armande? Ah! minha cara Felicia! é a Armande que devemos a nossa felicidade. Apenas havia eu acabado estas palavras, logo percebi que Armande me faltaria assim para me experimentar: no mesmo instante mudou cem vezes de cor; a expressão de seus olhos era a mesma que eu lhe havia notado no jardim; toda ella estava em uma convulsão. Mas a admiração que ella notou em mim, a fez tornar á sua calma anterior; e, affectando um ar sereno; me disse offerecendo-me a mão: Chablis, acompanhai-me donde está Felicia; quero que sejais testemunha da nossa reconciliação. Eu estava de tal sorte attonito, de tudo o que acabava de ouvir, que me foi impossivel proferir uma só palavra; e sem saber o que fazia segui Armande até ao jardim, onde encontramos ainda Felicia. Ella estava assen-

tada em um banco, não entranhada em suas reflexões que chegamos ao pé della sem nos sentir.

Quando nos ouvio, voltou a cabeça, e, vendo Armande, se levantou, dizendo timidamente: Sois vós minha cara amiga? — Sou sim, minha Felicia, diz Armande correndo para ella com os braços abertos; venho-vos pedir que esqueçais o meu excesso, — Que dizeis? replicou Felicia afagando-a ternamente, se Armande ainda é minha amiga, não está tudo esquecido? — Se assim é, diz Armande, dai-me uma prova, ansiando nos meus desejos. Ao mesmo tempo, pegou na mão de Felicia, e pondo-a sobre a minha; me disse com apparencias da maior tranquillidade: meu caro conde, recebei o amor das mãos da amizade; pois vós bem sabeis que entre nós ambos já só existe este ultimo sentimento; e vós, Felicia, não vos afflijais por causa de vosso tio; hei de fazer tudo o que puder para vos livrar delle, e estou certa de o conseguit

Felicia queria falar, mas Amanda não
deu tempo; levou-nos para a sala,
onde estava a reunião, e nos disse:
Não é só de hoje, minha querida, que
eu conheço as disposições do vosso co-
nhecimento; acostumada desde pequena a
seguir todos os vossos movimentos, não
era possível que os novos sentimentos,
que o agitavam, escapassem à minha
penetração; mas eu confesso, continuou
ella com um tom afectuoso, que a mi-
nha amizade se offendeu pela vossa fal-
ta de confiança na melhor amiga que
vós tendes. Vós devieis contar na minha
internura, e não me fizestes um mistério
do vosso amor. Foi por isso, minha ca-
ra Felicia, que o pequeno pezar que
vós causei era o justo castigo que a mi-
nha Felicia teve o pensamento de me
ocultar as suas mais caras afseções.

Nós não podemos responder por cau-
sa das pessoas que alli estavão. Ar-

mandou se apartou de nós, e Felicia não deixou para se ir sentar ao pé della. Vós ficastes admirado, continuou o conde dirigindo-se a D. Fernando, do ar sombrio que cobria a minha cara; approximastes-vos de mim, e me pedistes que vos participasse todas as minhas magoas. Não pude resistir ás instâncias de um amigo, e promelli-vos de contar tudo; aquella mesma noite em minha casa, onde vos roguei que aparecesseis o mais cedo possível, pois que eu não podia demorar-me muito em casa da Senhora de M.... Dahí a uma hora vós saístes, e eu logo percebi que me leveis esperar. Poucos instantes depois segui os vossos passos; e foi então que vos abri o meu coração e recebi de vós alguns allívios das minhas penas. Vendo que tomavais parte no quadizim, senti, pela primeira vez, a estima de um amigo, a felicidade que se goza fallando com um outro-nós. Restituíste a tranquillidade ao meu triste coração, esforçando-vos para me fazer acre-

ditar estas palavras de Armanda; mas,
dizia-vos eu, se tivesseis sido testemunha
da sua colera no jardim, do seu
furor mal disfarçado pelo resposta que
eu lhe dei no seu quarto, das vistas,
que lhe vi lançar sobre mim e Felicia
naquella mesma noite depois da nossa
reconciliação; vistas onde parecia bri-
llar a colera, o ciúme, a esperança,
e a vingança, ah! meu caro D. Fer-
nando! vós compartiríeis os meus temo-
res! E que tendes a temer me respon-
deis vós? Felicia depende de Arma-
nda! Que receais de tão demasiadamente
festejo para ella? ou temeis que o
ministro partilhe o ressentimento de sua
filha, e faça cair sobre vós o peso da
sua vingança? — Não, não; não é por
amor de mim que eu temo a colera de
Armada, é Felicia quem me assusta.
Temo que a sua rival a obrigue a casar
com o marquez de Floriant: se tives-
seis reparado verieis como ella lhe fa-
cilita todos os instantes favoraveis para
estreter Felicia. Enganais-vos, me di-

veis vós; Armando tem demasiado orgulho para querer abertamente faltar à sua palavra. Não digo que vos sirva de boa fé, e que a sua falsidade e a sua astúcia lhe não facilitem meios para vos inquietar muito; mas vós podeis prever-ni-los, aproveitando sem demora a boa vontade que manifestar de vos ser útil. Obrigai Felicia a não differir por mais tempo a vossa felicidade; em quanto ao infeliz, deixai-o por minha conta. Estou mui a bem com elle, e prometerei-vos que se Armando e Floriant tramarem alguma cousa prejudicial a vossos interesses, em breve vós subvereis tudo; mas é de necessidade que nós não pareçamos amigos, aliás não confiaria em mim. Eu vos abracei com transporte, e prometi-vos de me guiar com os vossos conselhos. Ficamos de nos ver no dia seguinte à mesma hora, e separamo-nos. Eu tomei animo, approvei vossas razões, e gozei da esperança de ser brevemente o esposo de Felicia. Estava eu perfeitamente sozegado de

parte do marquez, pois que esperava ser sabedor de todos os seus projectos. Só me embaraçava o consentimento de meu pão, que não havia de ver com indiferença o meu rompimento com a filha de um ministro poderoso. Não abstante liz songeava-me de que a muita riqueza de Felicia, que tinha mais bens do que Armanda, talvez o abrandarião, ou lhe tornarião menos sensivel a perda do favor do ministro. Em fin esperei com a maior impaciencia a hora a que elle costumava levantar-se; entrei no seu quarto, e fiquei admirado de o ver já promprio para sair. Que é isso, tão cedo, meu pão? vós tendes negocios de bastante pressa? nunca pois saíss a esta hora. — É verdade, e custa-me bastante, me respondeu elle, mas que queres tu, aqui está um bilhete da senhora de M..., e bem ves que não posso deixar de fazer o que ella me pede. Ao ouvir o nome de M... eu mudei de cor; e, pegando no bilhete, li estas palavras: „Por favor vos peço, senhor, que vendais a I.

„ minha casa sem a menor demora, por-
„ que tenho que vos fallar de negócios
„ que vos interessão muito de perto.

M....

Depois que li este bilhete, não duvi-
dei mais que Armande havia contado a sua
mãe o que se passara na vespere, e que
só chamarão meu páe para o fazerem
também sabedor. Fiquei em dúvida se
devia, ou não antecipar Armande e sua
mãe, prevenindo meu páe; seria este o
meio de o pôr da minha parte, e de frus-
trar o golpe funesto que o odio de Ar-
mande me preparava, mas já não era
tempo; meu páe desapareceu em quan-
to eu li o bilhete; e a necessidade de me
salvar fez com que buscasse outro meio
de desviar para longe a tempestade que
eu via formar sobre a minha cabeça.
Corri a casa de D. Fernando, e lhe mos-
trei o bilhete; elle ficou admirado do
empenho que a senhora de M.... mos-
trava em falar com meu páe; aconse-
lhhou-me de fingir que acreditava tudo o
que Armande dissesse, e quiz que fosse

Immediatamente à casa della. Recompen-
dou-me que estivesse em casa á meia noite
e me disse que fizera prometter ao mar-
quez, que no mesmo instanté saia de sua
casa, de si vêr uma nova peça á comedia
franceza. Vós concébeis, ajuntou elle, por
que ajustei este divertimento, e podeis es-
tar certo de saber notícias, ainda esta noi-
te. Agradeci ternamente a D. Fernando,
e lhe prometti de não faltar ao prometti-
mento. Dalli fui para casa da senhora de
M..., e fiquei sobresaltado de ver ainda á
porta a sege de meu pão; mas muito mais
foi o meu assombramento quando o vi a
passear com Armada e sua mãe. Elle pa-
recia commovido, e beijava muitas vezes
a mão de Armada, sem que ella pareces-
se oppôr-lhe a menor resistencia. Logo què
me viu ella se inclinou, e disse algumas
palavras ao ouvido a meu pão, que, voltan-
do-se para mim, me disse sem a menor
apparencia de enfado: Oh! já cá estás,
Ghablis? Nada mais disse, despediu-se
das senhoras, e ordenou ao boleiro que
tomasse o caminho de uma pequena terceira.

ra, & pouco distante de Paris, onde o ministro estava havia dois dias. Depois da sua partida a senhora de M... me saudou friamente, e me deixou só com Armand. — Então, me diz ella, logo que estivemos sós, com um ar de grande interesse, estais contente? eu acabo de vos fazer um grande serviço, vosso pão já sabe da vossa nova inclinação. — Que? fostes falar-lhe a respeito de Felicia? — Não vos dê cuidado o que eu lhe disse, me respondeu ella mudando de tom; brevemente vereis quanto pôde uma mulher que vos..., e, parando um instante, continuou com uma voz mais suave, que vós tendes, com muita razão, por vossa amiga. — Quiz agradecer-lhe tanta bondade, ainda que no meu interior nenhum credito desse ás suas palavras, que erão pronunciadas com um accento tão pouco de amiga. — Não vos cancelis com isso me disse ella, reservai os vossos agradecimentos para quando fordes inteiramente feliz. Communiquei os meus projectos a Felicia, primeiramente; e não

que assinuir ao que eu lhe propunha; mas como ella vos ama ardente mente, não me foi difícil vencer os obstaculos que me oppunha. Por tanto deveis saber que eu vos casarei ámanhã á meia noite. Vós admirais-vos da minha promptidão; mas, quando souberdes da desgraça que vos está ameaçando, deixareis de ser surpreso. Pensei, Chablis, que só poderia reparar a minha violencia de hontem fazendo-vos promptos serviços, e juro-vos que ao amor tereo que me inspiraveis succedeu a mais pura amizade. Esta repentina mudança deve surprehender todos os que não conhecem o meu caractier, para o qual um sentimento, ainda o mais violento, perde todo o seu encanto, as suas illusões, e nenhum attractivo tem para o meu coração, se não é compartido. Ein quanto me tive por amada, só o amor fazia toda a minha felicidade; dizia eu muitas vezes: Que felicidade é a minha! o homem mais amavel, o mais virtuoso, o mais terno, o único êmpcio que posse a terra

coração, com parte os meus sentimentos; estou certa de ser a pessoa que elle mais ama no mundo; finalmente sou tão necessaria á sua felicidade como elle mesmo é á minha. Mas ah! conheci o meu erro, e esta illusão tão cara se desvaneceu. Mas a amizade não tem ella os mesmos encantos? e a sua duração não é mais segura que a do amor! Estou certa da vossa, Chablis: o serviço que vos faço é para mim o melhor garante. O sentimento mais caro de Armando está repartido com vosco; porque, não vos enganeis comigo o amor jamais entrará no meu coração, e o amigo reparará as faltas do amante. Quando eu sentir alguma pena, o meu amigo participará della, me consolará pela sua ternura, me ajudará com os seus conselhos, me animará com as suas doces consolações; as minhas lagrimas não terão tanto amargor, sendo derramadas no seio de um amigo. Ah! Chablis! quanta docura tem a amizade! e quanto ella é preferível aos tormentos inseparáveis do amor!

No finir destas palavras as lagrimas rola-
vão sobre os olhos de Armanda; eu es-
tava fora de mim, segurava a mão de
Armanda, rogava-a com lagrimas de ter-
nura e arrependimento de a haver tão
mal julgado; porque, naquelle momen-
to estava eu persuadido da sua sincerida-
de, e não podia mais do que exclamar:
Que coração! que virtude! que amiga!
Toda a minha vida não bastaria para
mostrar o meu reconhecimento. Arman-
da tomou de novo a palavra: Ainda vos
não expliquei a razão porque é necessa-
rio que o vosso casamento seja prômpto.
Sabei que já só tendes dois dias para ver
Felicia. O marquez de Floriant, offen-
dido pela indifferença de sua sobrinha,
e não podendo supportar pacientemente
a preferencia que parece conceder-vos,
sobre tudo o ar satisfactorio que facil-
mente se lhe descobre no rosto quando
vós chegais, e que succede a uma tris-
teza, que raras vezes a deixa, na vossa
ausência; os elogios que vos dá, são
tudo considerações que tem causado tan-

jo-clume ao vosso rival, que está decidido a mettel-a outra vez no convento até que consinta em lhe dar a mão. Ello espera tudo desta separação, pois não duvida que Felicia vos esquecerá facilmente, e virá a reconhecer todo o seu merecimento. Foi por elle mesmo que hójém á noite eu soube estas cousas. Logo que vós saístes, elle imediatamente me pediu para me fallar um momento em particular, e me confidou todos os seus projectos, não duvidando que se pelo eu offendida como elle, compartilharia o seu ressentimento: por quanto, me disse elle, é impossível que não tenha observado que o conde ama Felicia, e lhe dá grande preferencia sobre vos. Assim, ajuntou Floriano com fogo respondendo nossos interesses os mesmos, devemos estar dispostos mutuamente a servir-nos. Eu finge de compartir o seu ressentimento, continuou Armande; e depois de uma madura deliberação, conviemos que afastando Felicia do conde, era necessário occultar-lhe a verdadei-

ras razões deste affastamento. O ponto mais essencial da nossa conducta devia ser remover as suspeitas do espírito de Felicia; e Floriant persuadiu-se poder o conseguir, fazendo-me suppor uma viagem indispensável com a senhora de M... Eu devia persuadir a Felicia que as razões de familia, que nos obrigavam a fazer esta viagem, devendo tornar a pouco agradável, nos não permitirão de a convocar para que nos acompanhasse, e que então durante a nossa ausência, elle voltaria para o seu convento. Já disse tudo isto a Felicia, e tendo-a convencido de que estando no seu convento, lhe seria impossível ver-vos; que talvez, tertia obrigada a ceder ás vivas sollicitações de seu Ilo., que lhe não deixaria um momento de repouso; que o unico partido que lhe restava a tomar, em um perigo tão urgente, era unir-se por laços indissoluíveis, áquelle que já possuía seu coração; em fim, fiz-lhe valer tanto estas razões, que consegui vencê-lo. dos os obstáculos que lhe inspiravam a

sua modestia, a sua timidez, e o temor de que seu segredo fosse descoberto.

Agora só me resta instruir-vos do modo que deveis conduzir-vos. Parece-me indispensável que não appareçais hoje aqui, nem tão pouco amanhã, afim de aparafar toda a suspeita do espírito de Floriant. Amanhã, quando for meia noite, estareis á porta principal da igreja de São Luiz^o, um homem que vos esperará vos ha de introduzir na capelha, onde eu, Felicia, é uma mulher de confiança vos receberemos. Vós levareis dous amigos vossos para serem testemunhas. Depois da cerimónia, deveis deixar-nos imediatamente; e no dia seguinte, depois de ter declarado o vosso casamento a Floriant, eu vos entregarei vossa esposa, que apresentareis a vosso pão, do qual me encarregue de alcançar o consentimento. Vimde, continuou ella Jetântando-se e dando-me a mão, tiade ver Felicia, e não omitais coisa alguma para animar aquele este passo, que seu amor approva, mas que sua virtude muito

—
— Ihe faz chamar inconsiderada, e
que me faz recuar a cada instante algum
novo impedimento. Ha momentos na
vida onde o espirito, absorto pelas dife-
rentes impressões que o agitão, pede
por um instante o uso de todas as suas
faculdades. Uma felicidade não espera-
da produz o mesmo efecto que uma ter-
rible desgraça: então todas as faculda-
des do coração estão como reunidas so-
bre o mesmo objecto, e tanto delle se
ocupa, que nada o pode distrair; sen-
te que as palavras só exprimem fraca-
mente tudo quanto experimenta, e que
em vão as buscaria: então seu silêncio
é mil vezes mais expressivo que tudo
quanto a alegria, a colera ou o des-
prazer podião sugerir-lhe. Neste mo-
mento experimentava eu, bem loda a
força desta verdade, e não possia senão
apertar com ardor a mão de Aymônd;
pux-lh'a sobre meu coração, certo para
lhe fazer conhecer todas as suas doces
agitações e a cada instante me lan-
çava a: seus joelhos. Elia se impunha-

peu mais de vinte vezes para me fazer assentir. Em sim, todos os meus movimentos erão os de um homem apoiado, certo de sua ventura, tocando o feliz termo de todos os seus desejos. Felicia sorriu quando nos viu entrar; e certa de que Armando me havia contado tudo, me disse com uma timidez e franqueza encantadora: Vós vedes aqui a pessoa mais digna de compaixão que ha, pelas irresoluções que a incomodam! — Ah!, querida Felicia, lhe disse eu lançando-me a seus pés, não me tireis a vida pela terrível duvida de não poder dar-vos o nome de minha esposa: ai de mim! se nós me amasseis... — Se vos amo! interrompen Felicia com vivacidade; podereis duvida-lo? e as minhas irresoluções não vo-lo provão também! Sem vós, a idéa de dar similiante passo entraria nunca em meu coração! Não, não, só um amor muito forte e mui vivamente sentido ha que possa fazerm-me hesitar sobre o meu próprio destino. Mas não sabeis, — São d'isso eu?

— dentro de dois dias seréis clausura
da até ao momento em que vos obriga-
rá a tomar o título de marquesa de Flor-
iant? — Que tyranno! exclamou dolo-
rosamente Felicia. — Pois bem, mi-
nha cara, disse Armande, é para vos
subtrair a tanto horror que nós vos pedi-
mos que não differais o vosso casamento.
— Ah, minha querida Armande, repli-
cou Felicia lançando-se em seus braços,
que grande ternura é a vossa! Vós me
sacrificastes todos os vossos sentimentos,
para vos ocupar unicamente da minha
ventura. — Não faltáis de sacrifícios,
disse Armande com alguma altivez; vós
sabeis tudo quanto já vos disse; o amor
foi para sempre banido da meu coração;
a amizade sómiente.... Um grande es-
tronado que ouvimos à porta do quarto a
impedia de continuar. — Is' Floriant, —
disse Felicia muito assustada; eu tinha
dito a Julia que o não deixasse entrar,
para me evadir a todo o horror que elle
me inspira. Cara Armande, — disse ella
juntando as mãos, — ouça-me o desgosto!

de vêr o meu perseguidor. — Como, disse eu levantando-me com impaciencia, oussa elle apresentar-se no vosso quarto em despeito de vossas ordens! isto é levar muito longe a insolencia.

Acabando estas palavras, corri para a porta! — Céo! que ídes fazer, disse Felicia segurando me! Por gruça, senhor, deixai a Armanda o cuidado de faltar a Floriant! — Sim, disse Armando, e lembrai-vos que da paciencia em sofrer os impetos de vosso rival, depende o effeito de nossos projectos. Saí por esta escada secreta, e fizeti por que elle vos não veja. — Ao menos, querida Felicia, lhe disse eu apertando-lhe a mão contra meus labios, não me deixeis sair com a inquietação de vos não vêr ámanhã na igreja de São Luiz? — Eu vo-lo prometto, me disse Felicia tremendo; sim ámanhã. Saí, Chablis; por favor, saí. — E para cumprir as ordens da minha amante da minha esposa, de tudo quanto amo, disse eu com ardor, pegando novamente na mão de Felicia e cobrindo-

a de beijos; sim, é só por vos obedecer que eu não faço sentir ao senhor de Flóriant a indignidade de seu procedimento.

— Então, me disse Armunda com impaciencia, e separando-me de Felicia, porque não saís? Que loucura! E conduzindo-me ella mesma para a porta, fechou-a sobre si, dando-me palavra para lhe fallar no dia seguinte. Assustei-me com repugnancia daquelle quarto que me havia parecido o mesmo templo da felicidade, e me fechei em minha casa o resto do dia, dando ordem a meus criados para não deixarem entrar fosse quem fosse, excepto D. Fernando. Per-
ta da meia noite, senti algum estrondo; a porta se abriu, e euachei-me nos braços do meu amigo. Ah, querido Fernando! Ihe disse eu, vindes compartilhar minha viva satisfação? O' meu ami-
go! a minha ventura é chegada, meu espirito apenas pôde congebe-lo; meu co-
ração tinha necessidade de vos participar os sentimentos felizes que hoje experim enta. Ajudai-me, meu amigo, para não mor-

ter de alegria á chegada de tanta ventura, e concebei toda a sua extensão, sabendo que ámanhã desposo a minha Felicia. — Que segurança ! disse D. Fernando com ternura ; e como é bem verdade que a alma se inclina sempre a crer o que a consola !

Que me dizeis, replicai eu com admiração ? Podereis duvidar da minha felicidade ? Meu amigo, replicou D. Fernando, conheço a vossa coragem nas desgraças ; por isso não procuro rodeios para vos dizer que vos enganão. — Quiz interrompel-o. Escutai-me até ao fim, continuou elle, e conhecerei toda a perfídia de vossos inimigos. Ámanhã deveis desposar Felicia ; a vossa hora é meia noite : bem vedes que eu sei tudo. Então pois ! já não será a tempo : Felicia a esta mesma hora não será senhora da sua sorte, e Floriant, por nós indissoluvels, estará unido á sua infeliz vítima. — Ah Céo ! exclamei eu, trespassado de raiva ; e, pegando com força na minha espada disse : eu te castigarei-

perdido, de teus negros projectos. D. Fernando continuou eu com impetuositade, dizendo-me onde deixaiste Floriant? — Como! me disse o meu amigo pondo-se entre mim e a porta, por ventura se fôs tão pouco senhor de tssas paixões, que não possais ouvir até ao fim o que tenho a dizer-vos! — Estas poucas palavras me fizerão entrar em mim; e, lançando-me nos braços do meu amigo, lhe disse: perdãoi, caro Fernando, perdonei ao meu amor. Ai de mim! continuei eu derramando uma torrente de lagrimas, sou reprehensível: e querem roubar-me tudo quanto amo? — Sim, querem, respondeu D. Fernando; mas nós o prevencionamos: agora só se trata de moderação e de occultar a toda a gente que esqueceu o amor-todo. Esta noite hei-me, contudo, vos havia prevenido, com o vosso próprio! O assumpto da nova pega é uma justa causa que é perseguida por seus parentes, que querem obrigar a abandonar a sua filha a um homem muito rico, que a pessoa conhece, tendo o coração preven-

I.

II.

nido em favor de outrem. Ella não o pode soffrer, seu pão já lho apresentou como devendo ser seu esposo. Todavia a sua timidez não lhe permite desobedecer á ordem cruel de seus parentes, e se deixa conduzir ao altar; mas no momento de pronunciar o juramento fatal, perde os sentidos. Administrão-lhe todos os socorros, volta á vida; e tendo apenas retomado os sentidos exclama como desesperada: Nunca pertençei senão a Dorsan. Estas palavras são um raio de luz para o futuro esposo, que, não duvidando já da causa da repugnância, que Emilia mostrava para o seu casamento, restitue a palavra ao pão, e lhe pede que una a filha com o seu amante. O pão não quer ceder: Dorsan, que a desesperação conduzira ao templo para ser testemunha da sua desdita, se lança a seus pés; todos lhe rogam pela felicidade dos dois amantes; finalmente, commove-se, e Dorsan e Emilia casão.

Fiquei maravilhado da attenção, do

interesse, do prazer mesmo que Floriant parecia tomar daquella peça, quando o seu costume era não dar atenção ao que se representava; porque, persuadido que isso não era de grande tom, não fazia senão conversar, deitar o ocorrido e tirar ás gargalhadas, embora as cenas fossem ás mais interessantes. No momento em que o rival de Dorsap implorava o pão de Emilia em favor do seu amante, Floriant exclamou: Que baixezas! Queereis dizer, lhe perguntou eu, que, no seu lugar, vós obrarieis de outro modo? — Oh! bem differentemente me respondeu Floriant: Pois haverá maior tolice do que ser o primeiro a pedir quando vos privão de uma coisa, que vos é cara, e isso só para enriquecer a pessoa, que mais se deve odiar? Oh! para tal fim! continuou elle esfregando as mãos com um ar de satisfação; para tal fim, meu caro D. Fernando, vós deveis confessar que o sacrifício é um tanto duro; em quanto a mim, juro-vos que nunca accarecerái uma simillante reprehenção.

Fu fngi pensar do mesmo modo, e, para melhor o persuadir, disse-lhe que me satisfaria mais a vingança tirada de um rival amado, do que a posse da mesma pessoa que eu amasse. Floriant olhou fixamente para mim, como para ler no fundo do meu espirito se eu dizia a verdade; perguntei-lhe o que queria aquillo dizer, e elle me respondeu: D. Fernando, sois meu amigo? — Essa pergunta é uma falta de amizade da vossa parte, vós não deviés duvidar disso? — Então, continuou Floriant, quero pedir-vos um pequeno serviço, em troca da maior demonstração de confiança que vos posso dar: mas é melhor sair; vamos para minha casa, e lá vos direi o que espero de vós. Não foi preciso que me rogasse outra vez, presentindo que sem dúvida vós teríeis parte no negocio, e segui Floriant até sua casa, onde apenas entramos quando que elle me falha deste modo: — Estais lembrado que eu vos fallava muitas vezes de Felicia, sabeis que a amo, e que espero com impaciencia

• momento em que o seu capricho me
deu o nome de esposo. Meu irmão, que
estava na America, e que não via sua
filha havia muito tempo, não a conhe-
cia senão pelos retratos que eu lhe fa-
zia della nas cartas. Muitas vezes elle
me dizia, que sentiu grande prazer à
vista do interesse que eu tomava por
sua querida filha, e me pedia de tomar
sempre o maior cuidado nella, esperan-
do mostrar-me brevemente o seu vivo re-
conhecimento. Eu desempenhava com
gosto esta comissão; não por que eu
amasse Felicia, que, naquelle tempo,
era uma criança, mas para obsequiar
meu irmão, que sendo muito mais velho
do que eu, se havia incumbido da mi-
nha educação, e me tinha sempre tra-
tado com a ternura de um páe. Conta-
va eu em o ver em breve tempo na Fran-
ça, e elle mesmo era só ao que aspira-
va, mas ambos fomos enganados na nos-
sa esperança; e em vez da notícia da sua
chegada, que eu esperava a teda a ho-
ra, recebi a da sua morte. Ao mesmo

tempo me foi entregue o seu testamento, no qual elle me nomeava tutor de sua filha, pedindo-me que a deixasse estar no convento até que eu lhe escolhesse um esposo. Esta nova mostra de amizade me commoveu, e prometti de pontualmente satisfazer as intenções de meu irmão. Pouco tempo depois deste acontecimento fui obrigado a viajar, e estive muitos annos sem voltar a Paris. O primeiro cuidado que tive foi de ir ver a minha pupilla: tinha ella então desseis annos; e todas as graças, que eu lho notára na infancia, estavão de tal sorte desenvolvidas que fiquei admirado. Procurei occasião de lhe dizer que, para reparar o tempo que havia perdido ausente de uma sobrinha tão amável, viria vel-a muitas vezes; e como os meus titulos de tio e de tutor me davão toda a facilidade de o fazer, cumpri fielmente a minha promessa.

Passados alguns meses, notei que as minhas frequentes visitas pareciam incomodar Felicia; já não era a mesma,

■■■■■ no principio vinha apressadamente á grande, quando eu a mandava chamar; ■■■■■ sempre me fazia esperar, allegando novos pretextos para desculpar-se. Todavia não attribui esta mudança senão á extrema modestia de Filicia, que até aquelle momento não podia ter-me visto sem conhecer o meu amor; porque todas as vezes que vinha fallar-me á grande, não parecia receber a visita de um tio, de um tutor, mas sim a de um verdadeiro amante. Comtudo, para facilitar mais os meios de a ver, pedi á senhora de M..., mãe de uma sua amiga, para lhe pedir que viesse passar algumas noites a sua casa. Filicia aceitou com grande alegria, porque não tendo nunca saído do seu convento, se prometeu muitos prazeres com o seu novo gênero de vida.

Foi no primeiro transporte do encanto da novidade, que a senhora de M... saiu da minha ternura, e a excitação a corresponder-lhe, dando-me a sua mão, fazendo-lhe ver os prazeres que

ncharia no mundo, em logar da vida tri-
te e aborrecida do convento.

Felicia pedia tempo para se decidir ;
e eu , continuando a fazer-lhe a corte ,
imaginava ainda que a modestia sotnen-
te era a causa da sua indecisão ; mas ,
o que vós não podeis conceber , é por-
que eu tinha um rival amado . Quanto
me arrependi eu , depois daquelle mo-
mento , por ter conduzido Felicia para
o mundo ; antes de não ter nada a re-
ccar de seus caprichos ! Mas , podia eu
persuadir-me que outro teria a preferen-
cia , e não devia eu julgar melhor do
gosto de Felicia ? Ah ! já não é tempo ,
e só segurando melhor a minha ventura
para o futuro , é que posso reparar o pas-
sado ; e brevemente se poderá julgar qual
tere mais astucia , se o conde de Chablis ,
ou o marquez de Floriant . — Co-
mo ! Ihe disse eu singrindo admiração ,
será possível que o conde de Chablis se-
ja vosso rival ? Mas isso não pôde ser ;
ella casa daqui a quinze dias com a se-
phora de Blésac . — Todos julgão que

— é, respondeu Floriant, excepto
a companhia da senhora de M...., que
não pode ver Chablis e Felicia sem des-
cobrir-lhes o segredo; e confesso-vos que
me admira que vós também não tchais
feito a mesma observação. Mas, lhe
disse eu, Armande deve estar furiosa;
pois o ama com paixão.— E' verdade,
felizmente, porque vingando-se ella me
serve; e eis aqui o modo porque conse-
guiu persuadir a Chablis, que o seu
amor se mudara na amizade mais ter-
na; e, para lhe dar a maior prova, el-
la lhe fez crer que lhe facilitará os meios
de desposar Felicia; potem era difícil
induzil-a a dar este passo. Armande ti-
mava todas as dificuldades assustando-a,
e fazendo-lhe temer que eu a fôrçasse a
dar-me a mão, e persuadindo-a de que
a minha intenção era mettel-a no con-
tento até a esse instante, e que ella ti-
nha tudo a temer de minhas violências,
de minha colera e de meus caprichos;
em sum, ella a decidiu, e todos tre-
ajustáram de se achar ámanhã na igreja

de São Loiz. Agora julgai para que fizeste Armande tanto trabalho, e facilmente adevinhareis que em Jógar de Chablis se substituirá o feliz Floriant. Então! que vos parece? continuou elle esfregando as mãos. Esta peça já não é nova, e o pobre Chablis não será bem digno de compaixão, por vir com o focinho enfarinhado, e não achar ninguém! Quanto á minha bella, disse elle levantando-se, passeando e olhando-se nos espelhos, eu lhe farei ouvir a razão, e isso será o menos difícil do negocio. Eis aqui pois o serviço que eu espero de vós: preciso duas testemunhas, já tenho uma, e vós sereis a segunda. Conto com vosco, meu caro D. Fernando, disse elle; e eu o certifiquei que estava encantado deste signal de amizade, e lhe prometti de estar ámanhã ás dez horas na igreja cujas portas me serão abertas pronunciando o seu nome. Até áquelle momento não tive animo de interromper D. Fernando; a narração de tanta perfídia me havia aniquilado: com

os olhos fitos sobre a boca do meu amigo, o ouvido attento, agarrando com ansia cada palavra daquelle cruel discurso, que se imprimia como setas de fogo em meu coração opprimido, estando todas as faculdades da minha alma como oppresses pelo peso de uma desgraça tão grande e tão inesperada, eu guardava o silencio, e parecia esperar ainda alguns detalhes sobre uma tão negra cabala. Finalmente, saí deste estado terrivel de estupidez e de horrer, e, recobrando o uso da falla, exclamei com o jaccento da desesperação: Felicia! vós serveis vingada; o cruel Floriant e a execravel Armande serão punidos de seu projecto execrando; eu vos arrancarei de suas cruéis mãos! — E que pertendeis fazer, me disse D. Fernando? — O que pertendo fazer, respondi eu com furor! Amanhã, D. Fernando, ámanhã vai decidir-se a minha sorte; ámanhã Floriant ou eu deixarei de existir. — Sempre imprios, replicou com doçura D. Fernando, e é assim que em logar de

adiantar seus negocios os atração, e que, bem longe de tomar uma determinação favoravel a seus interesses, servem utilmente seus inimigos. Acredita-me, meu caro Chablis, não vos decidais no fogo de vossas paixões; porque elhas vos sentião sempre prejudiciaes. Mas vós não me entendéis (em quanto elle me falaria assim, passava eu a passos largos, com os maiores signaes da mais viva agitação); vós não escutais D. Fernando, sois surdo á voz da amizade: por favor, meu amigo, promettei-me de ter moderação, e eu vos darei um meio seguro e inevitável de confundir vossos inimigos e de ser perfeitamente feliz. — Não há mais do que um, repliquei eu, é desposar Felicia. — Na verdade, é esse mesmo, e o seu bom exito depende de vós; porém é necessario ter muita paciencia, astucia e moderacao: sereis vós capaz de tudo isto, e querreis seguir os conselhos de vosso amigo? — Sim, quero, respondi eu enternecido de tanta amizade; e pegando-lhe nas mãos que

temente apertei nas minhas, lhe disse: Sim, meu caro D. Fernando, eu vol-o juro; dizei-me o que é preciso que eu faça? — Se isso assim é, me disse o meu amigo fazendo-me assentiar, se sustentais a vossa palavra, amanhã vereis o esposo de Felicia. Armando vos deu a hora da meia noite, e ella ajustou com Floriant de se achar ás dez horas na igreja de São Luiz. O logar da reunião é o mesmo; a diferença está só na hora. A capella deve estar pouco allumiada, a fim de que Felicia não perceba o engano; e, para melhor enganar, Floriant deve estar coberto com um grande capote, e não deve tirar o seu chapéu senão no meio da cerimonia, tendo cuidado nesse instante, de desviar a cabeça de modo que Felicia o não possa ver intemperante. Deste modo, aquillo que elles fizerão para fazer cair Felicia em sua laço, servirá para enganar Armando. Para impedir, durante este tempo, que Floriant venha perturbar-nos, eu postarei homens perto da sua hospeda-

ria, que o demoraria. Quanto á segunda testemunha, não vos de cuidado; Floriant encarregou-se de a arranjar, e seu amigo que entrará na igreja do mesmo modo que eu, vos ha de servir. Vós deveis ter cuidado de lhe não fallar, a fim de não ser reconhecido. A porta da igreja estará uma sege para vos receber, e, no tempo que eu hei de entreter Armande e o amigo de Floriant, vós fareis subir para ella Felicia, e ireis ambos para uma herdade que tenho no Maine, para deixar passar a vossos inimigos o primeiro fogo da sua colera, e para fazer entrar vossa pão em vossos sentimentos. Tende cuidado de lhe não dizer nada disso, no caso que elle volte amanhã; pois temo que elle entre também em tudo isto. Acabando estas palavras, D. Fernando se levantou, e, sem querer escutar os transportes do meu reconhecimento, saiu lembrando-me as misericórdias promessas de moderação, e certificando-me que me viria buscar antes das dez horas da noite.

As diferentes sensações, que eu tinha experimentado havia dous dias, me fatigáro de tal sorte, que meus sentidos carregados concederão ao somuo algumas horas de repouso, que meu espírito atormentado lhe recusava. Logo que acordei, perguntei se meu páe voltára. Disserão-me que o não tinhão visto desde a vespresa do dia em que elle partiu muito cedo para casa da senhora de M.... A sua ausencia não me deu cuidado; pois ser-me-hia impossivel occultar-lhe a desordem que o projecto de D. Fernando esplanava em meu espírito. Aquelle dia me pareceu de uma longura espantosa; cada hora era um século de tormento; passeava a passos largos no meu quarto, tendo sempre o relogio na mão, e os olhos continuamente em cima; vinte vezes abri a porta com intenção de ir contar tudo a Felicia: porem fui sempre impedido pelo receio de encontrar a senhora de Blesac, que, vendo que eu já estava instruido, não deixaria de achar meios para me roubar a minha Fícia.

As representações de D. Fernando, a palavra que me déra de me unir a quella mesma noite a tudo o que eu amava; me impedirão tambem de escutar meu ressentimento de vingança contra Floriant. Em fin, no meio destas cruéis agitações, a hora maleda chegou, e o meu amigo com ella. Ele me disse entrando: Não perdemos tempo; apressemo-nos; tudo está pronto. Então abracei-o com transports, e o segui. No caminho, recommendou-me que me lembrasse de tudo o que me dissera na vespere, e eu lho prometi. Estando perto da igreja, ele quis entrar só, dizendo-me que o seguisse depois dum quarto de hora; cumui ao que me propôz, e parando a certa distância, vi abrir e fechar as portas sobre elle. Julgando ter deixado passar bastante intervallo, batí brandamente, numecando Floriant, e um homem me abriu a porta: eu fiquei penetrado de respeito ao entrar naquelle logar santo onde reinava o maior silencio. A fraca luz de al-

umas alampadas, muito distantes umas das outras, apenas permittia distinguir os objectos. O socego mais profundo inflamava os espíritos daquella divina chama que transporta nossa alma para o seio do seu criador. Penetrado de mil sentimentos religiosos, lancei-me de joelhos; e o adorei profundamente, supplicando-o de abençoar minha união com Felicia, de receber todos os meus jura-mentos, de apartar de nós todas as des-graças que um casamento contractado debaixo de tristes preságios parecia de-ver-nos prometter. Fui distraído desta piedosa ocupação por D. Fernando, que se chegou para mim com o amigo de Floriant, e me disse: As mil maravilhas, Floriant, ás mil maravilhas; vós estais perfeitamente bem com o vosso capote; juro-vos que a tal menina será enganada: que vos parece, meu caro collega, disse elle rindo-se ao desconhecido? não estais pelo meu voto? Elle ia responder, quando o estrondo que se fez ouvir ao pé da porta onde estávamos, nos fez calar: eu

Lembrei-me que não podia ser outra pessoa
senão Felicia, e ia abrir-lhe a porta; porém
D. Fernando me antecipou, recomen-
dando-me uovamente a prudencia. Era
Felicia na verdade, que se encostava sobre
o braço de Arminda, e parecia custar-
lhe a andar. D. Fernando e Arminda,
guiados pelo mesmo motivo, nos sepa-
raram dirigindo-se para o altar: Felicia
tremia toda. Arminda procurava ani-
mal-a, fazendo-lhe encarar aquelle mo-
mento como o mais feliz da sua vida,
pois que em um esposo, em um aman-
te, era tudo o que ella amava, achava
um protector contra seu perseguidor. A
hypocrita não julgava que tão bem di-
zia a verdade. Ella zombava, cruel! ha-
víasse persuadido que a sua infeliz victi-
ma estava no meio de seus inimigos.
Logo que chegamos á capella, eu mesmo
conduzi Felicia para junto do altar, onde
recebemos a benção nupcial. D. Fernan-
do havia posto Arminda, e o amigo de
Florian assentados de maneira que fizes-
era impossivel verem-me.

Logo que tudo se acabou, e que por nós indissoluveis, me vi ligado a tudo o que eu adorava, ainda aos pés daquelas mesmas altates, testemunhas da minha felicidade, abaixei-me ao ouvido da minha amiga, e a conjurei, em nome de nossos juramentos; de me seguir, de se apaistar da cruel Armanda, e de fugir o precipício medonho em que a querião abismar. — Que me disse; disse Felicia, que pela fraca luz de uma vela que ardia sobre o altar, vi tão paleida como à morte! — Eu vos contarei tudo, lhe respondi ea; e tentando-me, tornei a rogar-a de me elle deixar: então ella me abandonou um trêmula, e se deixou conduzir. Quando chegamos ao pé de Armanda, inclinei-me para lhe agradecer um cumprimento ilusório que ella nos dirigia; e contentando-me de lhe apertar a mão misteriosamente, arrastei Felicia. A sua timidez a tornava medrosa o trêmula; porém o amor venceu seus receios. Nós ~~conseguimos~~ o castilho de porto principal,

em quanto Armande, o amigo de Floriant e D. Fernando nos seguião a certa distância. Logo que, pela grande escuridade que reinava na igreja, nos vimos sózinhos da vista de Armande, eu andei com muita pressa, sostendo Felicia em meus braços. — Que fazes? me dizia ella, «que me queres contar? — O minha Felicia! lhe disse eu, fujamos, fujamos; não nos demoremos um só momento; talvez que n'um instante tenhamos perdido o tempo favorável de nos escapar á raiva da implacável Armande: a perfida te julga nos braços de Floriant. Apenas tinha eu pronunciado estas fúnebres palavras, que imediatamente me arrependi; a minha Felicia deu um grito doloroso, e perdeu os sentidos. Não me puz a deliberar sobre o que devia fazer em um caso tão urgente; tomei-a nos meus braços, e carregado daquelle precioso fardo, saí, e me ausentei rapidamente da igreja.

A certa distância, em uma rua solitária, assim como eu e D. Fernando

apressamos, achei uma sege prompta para nos receber; entrei para ella com a minha Felicia e dei ordem ao boleiro para apressar os cavallos. Ella não tornava em si, e eu estava na maior desesperação; patecia-me que nunca chegava á primeira posta; pedia, ameaçava, conjurava o cocheiro de se apressar, e lhe promettia uma boa recompensa; valia-me de tudo para o fazer andar mais depressa; finalmente chegámos a uma estalagem, onde fomos um objecto de grande curiosidade para toda a gente que alli estava, e démos logar a mil estranhas conjecturas. Eu conservei-me sempre coberto com o meu capote, e o chapéo mettido nos olhos, tendo em meus braços a minha Felicia, cujo trajo annunciava que ella não era uma mulher ordinaria: seus cabellos se havião desatado, e caíão em grossos aneis quasi até no chão; sua extrema pallidez augmentava tambem o interesse que niquem podia deixar de tomar por uma tão linda pessoa. Quis livrar-

que promptamente de todos aquelles importunos que nos cercavão, e pedi ao estalajadeiro um quarto separado: sua mulher nos acompanhou e se me ofereceu para prestar seus serviços á jovem dama desmaiada. Eu lhos aceitei, e seus cuidados juntos aos meus restituíram a vida ao meu caro amor. Suas primeiras palavras, quando abriu os olhos, foram : E's tu na verdade, meu querido Chablis ? Sou , sou , minha Felicia, lhe disse eu , não teias nada. — Mas onde estou ? continuou ella olhando para um e outro lado. Deos ! ainda não ha mais do que um instante que eu estava com Chablis nas medonhas trevas ; sim , eu estava em uma igreja, e foi lá mesmo que Deos recebeu todos os nossos juramentos. Meu caro Chablis, onde estás ? quais são os cruéis que me trouxerão para estes logares ? — Sou eu, exclamei então lançando-me aos seus joelhos, é o seu esposo ; é . . . — Retirai-vos, replicou Felicia com pavor, retirai-vos, perdido Flóriast ; monstro ! eu sou esposo

de Chablis; não vos chegueis para mim. Ela quis fazer alguns esforços para tirar suas mãos das minhas; porém um segundo desmaio a não deixou; então chamei a mulher do estalajadeiro que tinha despedido quando Felicia havia recobrado os sentidos, e conseguimos outra vez restituir-lhe seus espíritos; logo que a vi fora de perigo, retirei-me com a estalajadeira, querendo deixá-la tomar inteiramente o uso de seus sentidos antes de me apresentar á sua vista; mas pude vê-a com o favor de algumas fendas da porta de um quarto vizinho; donde segui todos os seus movimentos. Ela examinou novamente o quarto onde estava, foi á janela, abriu-a, fechou-a, tornou a assentar-se, e, encostando a cabeça sobre as mãos, ficou muito tempo naquela postura. Eu ~~desde~~ horrivelmente de ver assim; profundos suspiros pareciam balançar algumas ~~vezes~~ do espantoso desvario em que estava abençoada; cui fizera levantar a cabeça, e seus olhos estavam cobertos de

lágrimas. Ai de mim! disse ella dolorosamente, o meu caro Chablis me havia advertido ao pé do Altar, e me tinha apressado tambem para fugir: Nós só temos um momento, me dizia elle puxando-me para si; fujamos, fujamos, minha Felicia. Que é o que se passou depois daquelle instante? e como é que me trouxerão para aqui? Então ella se levantou, e tocou a campainha; eu antecipei a estalajadeira que correrá imediatamente, e, tirando o meu capote e chapéo, appareci diante de seus olhos. Felicia me reconheceu então, e contando-lhe o perigo que havíamos corrido de estarmos separados para sempre um do outro, fiz-lhe ver a necessidade de nós ausentarmos promplamente de Paris. Recompensamos a estalajadeira, e tornamos a marchar, apressando sempre o bolecoito. Como estava com a minha Felicia, já nada temia; gozava com anticipação da ventura que me promettia o plano de vida que nos propunhamos seguir, e a cada instante me

repetia a mim mesmo que eu era amado; apenas podia eu conceber toda a extensão da minha felicidade; esquecia-me do mundo inteiro. Foi no meio destes sentimentos deliciosos que nós chegámos ao castello de D. Fernando, que achámos de um gosto extremamente moderno, movegado com a maior elegância, e provido de tudo quanto pôde tornar agradável a residencia do campo. Entre outras muitas coisas havia uma excelente liyraria. O criado grave de D. Fernando, que, encarregado de suas ordens, havia prevenido a nossa chegada, nos conduziu para o mais lindo quarto do castello, aquelle mesmo que se destinava para Felicia. Logo que ali entrámos, entregou-me uma carta de seu amo, e sem esperar a resposta, retirou-se e tomou o caminho de Paris. Abri a carta imediatamente, e nella achei estas palavras escritas pela mão do meu mais íntimo amigo.

CARTA DE D. FERNANDO AO CONDE
DE CHABLIS.

« Todos os meus criados tem ordem
» de vos olhar como dono dessa casa,
» e da vossa amizade espero que obra-
» reis como tal: Já mandei levar mu-
» sica, uma harpa e um piano, para
» distrahir a Condessa, que, sei, gos-
» ta muito destes instrumentos: e vós
» achareis tambem, ao lado da biblio-
» theca, uma officina de pintura cheia
» de tudo o que é necessario a esta arte
» que vós tanto cultivais. A Condessa
» achará no seu quarto tudo quanto lhe
» for necessario; lembrando-me que es-
» tarieis muito ocupado com vossos crue-
» lis cuidados, para cuidardes destas pe-
» quenas cousas, encarreguei-me de tu-
» do isto com muito prazer. Adeos, fa-
» zei meus respeitosos comprimentos a
» vossa amavel esposa: estai ambos so-
» segados; o vosso asylo não pôde ser
» descoberto. Os meus criados julgão

que sois meus parentes, e vos conheço debaixo do nome hespanhol que nós convencionámos. Ainda vos torno a dizer, adeos; contai que logo que possa sair de Paris, correrá ao castello de . . . , aos braços de meus amigos. »

D. FERNANDO.

Nós ficámos intimamente tocados de tanta amizade, que lhe fazia prevenir até os nossos menores desejos. Logo depois vimos entrar successivamente todos os criados de D. Fernando, que vierão pedir-nos que os empregassem no nosso serviço. Nós os recebemos com muito amor, e por isso elles nos servitão com um zelo extraordinario. Eis aqui, disse o Eremita, demorando-se alguns minutos (como não podendo deixar sem pena esta passagem da sua narração), eis aqui a época mais feliz da minha vida. Estavamo no principio da primavera, e eu e a minha Felicia gozavamo esta delicia inexplicavel de ver tudo renas-

cer em a natureza : os jardins se aformosavão, uma nova verdura vinha tapiçar bosques sempre frescos, cercados de fontes de uma agua extremamente clara e limpida. Os canteiros cobertos de flores espalhavão nos ares o mais suave cheiro; o rouxinhol, por seu caníco-melodioso, anunciaava a estação dos amores. A natureza parecia e palhar uma nova existencia; tudo fizja esquecer a triste estação que se deixava para traz; tudo em sim persuadia que só eramos creados para ser felizes. Eu sim o era naquelle tempo; eis aqui porque certamente esta doce illusão tinha feito tanto progresso sobre a minha alma, que chegou a deixar nella a marca da verdade. Ai de mim! que já não possegostar o encanto de um tal erro! Algumas lagrimas que não pode reter, o impediu de continuar, e parecia tão opprimido pelo peso de seus desgostos, que renovavão também sua pénosa narração, a presença de seus antigos amigos, e a ausencia de sua filha, que Di-

Fernando, e D. João lhe pedirão que lhes satisfizesse no dia seguinte a viva impaciencia que tinham de saber a continuaçao da sua historia, e as causas que o obrigarião a um silencio de tantos annos com seus mais intimos amigos. Depois rogarão no para ficar aquella noite no castello; mas o Conde de Chablis lhes disse que nada haveria que o fizesse dormir fora do seu eremiterio. Vós sabereis, ajuntou elle, qual é a razão porque me é tão caro. Seus amigos não quizerão augmentar suas penas com novas instancias, e se renderão a seus desejos; mas, querendo cada um acompanhal-o, todos o seguirão ao eremiterio, onde a conversação versou inteiramente sobre Celiza, que tinha sido roubada de manhã, e que todos esperavão tornar a ver brevemente. Os amigos de Chablis voltarão muito tarde para o castello, dormirão pouco, pensarão muito no infeliz Eremita, e cada um esperou com impaciencia o dia seguinte, que devia trazer a hora da reu-

não, na qual o Conde acabaria a sua história.

Cecilia foi a primeira que se levantou; tendo desejo de conversar com Isabel, a quem se afieçoava cada vez mais, entrou no seu quarto muito devagar, pois não sabia se ella estava acordada, e temia de lhe interromper o sono.

Isabel não a tendo sentido, não se moveu, e Cecilia julgando-a adormecida, foi assentar-se perto de seu leito. Ainda não havia um quarto de hora que ella alli estava, quando ouviu distintamente estas palavras que Isabel pronunciou com uma voz quasi suffocada pelos suspiros: “ Onde estás, meu querido Gusmão? que fazes longe da triste Isabel? ” Nesse momento, Cecilia que comprehendeu a causa da melancolia de Isabel, ficou muito perplexa; pois muito desejaria ir-se sem ser vista, e não-sabia que partido havia de tomar. Pellar presentemente a Isabel, era fazer-lhe ver que estava instruída do seu se-

gredo, que de tal maneira não desejava saber, querendo obtê-lo só da sua amizade; e da sua confiança. Finalmente decidiu-se a sair tão de vagar como havia entrado; levantou-se, e tomou o caminho da porta sem fazer o menor estrondo: Cecília estava já no meio do quarto, quando encontrando uma cadeira que a escuridade lhe não deixou distinguir, a deitou no chão. Izabel, admirada de sentir gente no seu quarto, levantou a cortina, e perguntou: Quem está lá? Cecília viu que não podia esconder-se, e lhe respondeu docemente: Sou eu, querida Izabel. — Como! tão cedo, minha cara Cecília! e não vos feriste? — Não., respondeu Cecília abraçando-a ternamente; não, minha amiga. Izabel socegada sobre este ponto, fez reflexão que Cecília tinha seguramente ouvido-o que lhe escapara a repulsa de Gusmão; e não sabendo como basse de esclarecer a sua dúvida, guardou o silêncio. Cecília tratava de a apagar desta idéa, falando-lhe da Es-

remita, é do prazer que teria em ver Celiza. Que ventura para Cecilia, continuou ella abragando-a! que felicidades lhe estão reservadas! bem depressa estará no meio de suas duas amigas que tão ternamente ama. — Vós tambem amareis Celiza, minha cara Izabel, e o laço da amizade unirá nossos tres corações. — Assim o espero, disse Izabel apertando-a em seus braços, e isso é o que ardentemente desejo. Eu olho a minha entrada neste castello como o primeiro passo que dei para a felicidade. Ah! eu precisava uma amiga; continuou ella suspirando, e parando um instante; certamente, de uma amiga que lesse no meu coração, e que conhecesse todos os seus segredos; ella só poderia aliviar as penas da infeliz Izabel. Talvez que a minha Cecilia, continuou ella com uma voz malsegura, talvez que a minha amiga me censurará por ter dado o meu coração a um desconhecido, que a meus olhos não tem outro titulo senão o amor, outras riquezas senão suas

Virtudes, outra esperança de um futuro
só feliz senão incertezas, cujas causas
me têm occultado continuamente; e cu-
jo nascimento em mim tem sido para mim
o segredo mais impenetrável. Segura-
mente, minha Cecilia, vós estareis aqui,
quando o meu imprudente amor me fez
nomear. Izabel parou: Cecilia nada res-
pondeu. — Se isso assim foi, replicou
Izabel, dou graças ao céo, e não será
uma imprudencia, pois que foi diante
de vós que esse nome tão caro me es-
capou; isso me dará força para vos abrigar
o meu coração: já, minha cara amiga,
tive desejo de vos fazer esta confidencia;
porém o receio de que me censurarieis,
pela confissão de um amor tão extraor-
dinario, me reprimiu sempre. — Que
dizeis? replicou Cecilia assentando-se
sobre a sua cama, e pegando-lhe nas
mãos afectuosamente. A minha Izabel
poderá desconhecer a este ponto o cora-
ção de Cecilia? Ah! minha querida,
confiai-me as vossas penas, e acreditaí
que o interesse mais terno será sempre

o sentimento que vós me inspirareis Izabel, animada por estas poucas palavras, fallou assim á sua amiga :

Minha mãe, que perdi ha poucos annos , me amava tão ternamente que nunca quiz consentir em que me separasse della, nem ao menos que entrasse para o convento somente por alguns meses. Ella teve para com meu irmão a mesma ternura , e ambos nunca deixámos uma tão boa mãe. A morte de meu irmão , que morreu das bexigas , a mortificou tanto , que não pode sobreviver-lhe:

Na manhã desse dia funesto que me roubou as caricias de uma mãe , ella me fez chegar para o seu leito , e me dirigiu este discurso , que eu ouvi no meio das lagrimas que o seu estado me fazia derramar.

« Desejai fallar-te , minha querida filha , para te contar o que até ao presente tens ignorado , e que continuamente tem sido para mim um veneno lento , que , junto ao ultimo desgo-

» to que acabo de experimentar, me
» leva á sepultura.

Eu não pude sustentar a idéa terrível que estas últimas palavras me apresentavão; as minhas forças me abandonáram, e caí desmaiada sobre a cama de minha mãe. Quizerão-me tirar do seu quarto, mas ella pediu que lhe não roubassem os unicos instantes que tinha a passar com sua filha. Quando tornei em mim, achei me nos seus braços, e ouvi estas poucas palavras que ella pronunciou com afflição : « A tua ternura, minha querida Izabel, adianta a hora fatal da minha separação. » O medico que a assistia nos impôz silencio, temendo que ella não pudesse supportar uma scena similhante. Uma hora depois, o doutor se mostrou tão sensivel, que lhe deu licença de me fallar, de baixo da condição que não nos demorarmos mais de um quarto de hora. Logo que estávamos sós, ella me pediu que a escutasse attentamente, e continuou assim : « Deixo-te grandes rique-

zas, minha querida Izabel, e sem falhar das de teu pão, sendo tu a minha unica herdeira, és uma morgada das famílias mais ricas de Hespanha: porém todas estas riquezas, não as olho como devendo-te pertencer inteiramente, os filhos de meu irmão devem gozal-as tambem; mas eu não sei o que he feito delles? obrigados a fagir com seu infeliz pão e sua virtuosa mãe, á ira de uma cruel madrasta, pôde ser que elles fossem envolvidos na desgraça de seus pais, que dizem forão assassinados nos Alpes; com tudo este facto não he certo, e eu exijo de ti, minha querida filha, que lhes restituas todos os seus bens, se conseguires descobril-os. Tammém quero que me prometas de ajuntar os teus cuidados aos de teu pão para conseguires o que te peço; e se acontecer que tu cases antes desse tempo, exijo que obrigues, antes do teu casamento, a palavra de teu marido á mesma restituição. As precauções de sua inimiga são tâes, que, sem a tua restitui-

ção, elles nunca possuirão causa alguma. Minha querida Izabel, se algum dia abraçares este irmão tão ternamente amado, dize-lhe que os meus dias foram envenenados pela lembrança de seus males; que empreguei até á minha ultima hora todos os meios de lhe fazer justiça; que a minha Izabel se encarregou de executar aquillo que as mais virtuosas instâncias, as supplicas mais terrenas, as lagrimas mais amargas não poderão nunca obter de nossa implacavel madrasta. » Ella ia continuar, mas o medico que entrou neste momento a impediu, e me rogou para eu mesma lhe pedir que não fallasse mais. Então peguei ar do doutor, pareceu-me que minha mãe estava peot; pois elle se assentou ao pé do seu leito, e não lhe deixou o pulso um só instante: eu estava de joelhos do outro lado, com a boca posta sobre o braço que ella tinha livre, esperando que logo que saísse da grande somnolencia em que cairá, se acharia mais alliviada: eu apenas respirava;

com os olhos fitos continuamente sobre os do medico, seguia todos os seus movimentos. Finalmente ella deu um profundo suspiro, e disse com uma voz fraca : « Meu querido D. Fernando! muito feliz seria eu se ainda uma vez te visse antes de expirar. » Ainda não tinha bem pronunciado estas ultimas palavras, quando o medico me fez signal para me retirar daquelle leito de morte. Eu o entendi, e gritei que nada haveria que podesse arrancar-me dali : ao mesmo tempo lancei-me sobre o corpo inanimado de minha mãe, que reguei com as minhas lagrimas, e pedi encarecidamente que me deixassem ao pé de seus preciosos restos; porem não me escutárão, e separárão-me por força daquillo que eu tinha mais caro.

Levarão-me para o meu quarto, onde tiverão muito trabalho para me restituir os sentidos de um segundo desmaio muito maior do que o primeiro. A presença de uma senhora Franceza, amiga de minha mãe, que estava, as-

sim como eu, inconsolável desta perda terrível, deu algum allivio a meu coração despedaçado. Ella misturou suas lagrimas ás minhas, e eu senti naquelles momentos de horror todo o prego de uma alma que sente nossas penas, que as sabe compartir, e cuja sensibilidade parece fazer-se um dever de consolar os desgraçados, arrogando-se, se é possível fazer-se, todos os seus males. Esta mulher que possue qualidades tão raras, chama-se a senhora de St.-Albant; terá quasi triata annos: a um espirito amavel ajunta uma affabilidade encantadora; a um coração muito terno, todas as graças da figura; e a uma razão a mais perfeita, uma indulgencia extrema, que faz o encanto da sociedade. Ella se faz amar de todos aquelles que a conhecem; a sua companhia é procurada com cuidado; recebe muita gente, e a sua casa é olhada com razão como a mais agradavel de Madrid. No meio de todos os prazeres que se achão reunidos em casa desta amavel Senho-

ra, ella só é infeliz; e suas penas segundo todas as apparencias, só deverão acabar passados longos tempos. A senhora de St.-Albant é a esposa de um homem indigno d'ella, mas que possue toda a sua ternura. Um escritor faceto disse : Que muitas vêzes as melhores mulheres amavão os mais maus sujeitos. A minha infeliz amiga, cedendo ao poder do amor, que então favorecia a vontade de seus pais, deu sua mão a um homem cuja leviandade, vaidade, insensibilidade, e imoralidade fazem o tormento da sua vida. O Senhor de St.-Albant corresponde com uma dura indifferença á ternura de sua mulher; em todo o anno apenas a vê quatro vêzes, e isto é sómente para lhe dar as ordens mais despoticas; tem um gosto particular em lhe contrariar todos os seus gostos, e a sacrifica sempre ás suas paixões. Com tudo seu orgulho se lisonjear com os elogios que todos fazem a sua mulher : elle quer que a sua casa em Madrid seja gabada pelo seu luxo

é por um grande concurso de visitas; exige também de sua mulher que dê bailes, symphonias, e que tenha todos os dias grandes assembléas. A minha amiga, sempre affavel, terna e condescendente, a pezar de ter necessidade e gostar do retiro, fez-se uma lei de seguir os desejos de seu marido; e só a sostém a esperança de o ver um dia voltar para ella, de o illustrar sobre os seus deveres, e de o curar de seus erros; mas, ai de mim! uma tal mudança me sobressaltaria muito; porque o Senhor de St.-Albant está tão habituado ao vicio, que todas as virtudes são sómente idéas a seus olhos. O criminoso cujo coração é ainda sensível, pode ter esperança de voltar á virtude; porém aquelle coração cuja alma parece morta, que nunca experimenta sensações doces, que só se commove pelos attractivos do prazer, infeliz, infeliz de um homem semelhante! Todavia o Senhor de St.-Albant sabe ajuntar aos maiores defeitos do coração, as grãezas mais

sedutoras do espirito : elle falla com agrado ; exprime-se com clareza , sua eloquencia lhe atrahé a attenção geral , e o tom persuasivo que anima as suas menores palavras , lhe concilia todas as opiniões . Seu exterior é tão agradavel como seu espirito é brilhante , e com verdade se pode dizer , que o Senhor de St.-Albant é o homem mais amavel ; assim como é o mais máo sujeito . A minha amiga quereria poder occultar a todo o mundo as desordens de seu marido ; ella finge mostrar -se sempre contente , mostra em publico um semblante risopho , chama a serenidade sobre seu rosto , e só nos instantes que nós passamos juntamente (momentos preciosos para ambas) , é que desafoga a sua dor . Não consente que na sua presença se falle das accções publicas de seu marido , quando as não pode desculpar , ou trata de as palliar , dando -lhes a cor mais favoravel ; uma conducta tal faz que a Senhora de St.-Albant seja amada , estimada e respeitada.

tada de toda a gente. Agora podeis julgar, minha cara amiga, continuou Isabel, quanto a ternura da Senhora de St.-Albant se me tornou necessaria, e quanto todas as suas virtudes me affeiçoárão a ella. Esta boa amiga não me deixou um só instante em quanto meu pâe não chegou : ella mesma me deu os meios de o consolar da sua duplicada perda ; em fim tornou-se para mim uma segunda mãe.

Meu pâe, que conheceu quanto a companhia de uma tal mulher era necessaria a uma joven creatura que se achava no mundo, privada dos conselhos de uma mãe, auxiliou a minha inclinação, e entrou em todos os meus sentimentos. Eu estava quasi sempre com a senhora de St.-Albant : raras vezes me vião sem ella ; e se eu não podia assistir a qualquer divertimento, que ella quizesse dar, já estava transtornado ; se queria fazer uma festa, eu era sempre consultada, e o meu gosto decidia de tudo. Finalmente não obstan-

te a diferença de idades, nós eramos íntimas amigas. Foi em casa della que eu vi Gusmão, continuou Izabel corando, e o conheci de um modo bem singular. Gusmão era agradecido á minha amiga, ainda mesmo antes de a conhecer, e suas maneiras amáveis lhe conciliáraõ depois toda a sua amizade. No mesmo dia que pela primeira vez o vi, acostecem, fóra do meu costume, que só muito tarde é que pude ir à casa da senhora de St.-Albant; eu estava na minha carruagem com aquella senhora que hontem vistes, e que sempre me tem acompanhado desde a minha infância. Quando entrei no patéo do palacio, vi uma sege rodeada de arches, na qual estava um homem que parecia ter perdido os sentidos; informei-me do que aquillo era, e me disserão que era o senhor de St.-Albant que estava ferido gravemente. Então desci sem demora da minha carruagem, prohibindo inteiramente que informassesem a senhora de St.-Albant desta desgraça, e mandei

buscar um cirurgião. Chegando-me pata o senhor de St.-Albant, vi ao pé delle um mancebo o mais formoso possível. Vendo que não era do conhecimento da minha amiga, lembrei-me que seria algum amigo de seu marido, e não sei porque motivo esta idéa me causou pena; pois porque razão me ocuparia eu das relações de um incognito? Elle me saudou e me abraçou com uma especie de admiração; eu mostrei dar-lhe pouca attenção, e mandei que levassesem o senhor de St.-Albant para o seu quarto, que felizmente era muito distante do de sua mulher. Em quanto não veiu o cirurgião, fizerão lhe ressuscitar alguns espíritos, que lhe restituírão os sentidos. Fitando os olhos sobre este mancebo que nos havia seguido, e que lhe havia prodigalizado todos os seus cuidados, elle lhe deu a mão, e lhe disse com uma voz fraca: Por favor, senhor, dizei-me a quem sou devedor da vida.... O reconhecimento mais ternoo....

Senhor, interrompeu vivamente o desconhecido, não faleis de reconhecimento; eu sou muito feliz por mim servir tão bem o acaso, pondo-me no estado de vos salvar das mãos dos vós assassinos. Neste momento, o cirurgião chegou; então fiz alguns movimentos para me retirar, que fizerão que o senhor de St.-Albant me visse, e perguntou logo quem eu era. Seus criados lhe responderão que era eu que tinha mandado buscar o cirurgião, e que era a mais íntima amiga da senhora de St.-Albant. Depois pediu-me mil perdões de todos os meus incomodos, informando-se se a sua mulher sabia tudo o que se passava, e mostrou ter desejo de a ver. Eu lhe disse que ella ignorava ainda a sua desgraça; que a sua extrema sensibilidade me fizera temer de lha contar. As minhas ultimas palavras o fizerão corar; com tudo socegou, e me agradeceu novamente. Saudei-o, assim como tambem o estrangeiro que pareceu ter pena de me ver partir; e, depois de ter recom-

mendado á um criado meu dê me vir contar o que o cirurgião dissesse das feridas do senhor de St.-Albant, fui para a sala. Muito me custou a occultar a minha commoção: felizmente a minha amiga, entretida com uma partida de jogo, não deu por isso. Pouco tempo depois vierão chamar-me; era para me contar o resultado da visita do cirurgião, que assegurava que as feridas não erão mortaes, e que brevemente estaria curado. Isto socogeu-me, e me decidiu a contar á minha amiga o que se passara. Logo que toda a gente saiu, e que nós estivemos sós, disse-lhe que o senhor de St.-Albant estava em sua casa. — Ai de mim! me disse ella tristemente, de que me serve estar tão perto delle, para sentir mais a sua indifferença? Então, minha querida Izabel, perguntou elle ao menos por mim? — Perguntou, sim, lhe disse eu. — Céos! que dizeis, exclamou ella apertando as mãos?... Será possivel que elle fallasse em mim?... Mas por-

que, se assim é, porque não vem elle? Ah! se eu não temesse de lhe desagradar, correria ao seu quarto; há tanto tempo que o não vi! mas isto lá... sem ser chamada;... é impossível.

— Escutai, lhe disse eu, e dai graças a Deus de uma desgraça que talvez produzirá um grande bem. Então lhe contei tudo o que sabia da aventura de seu marido. Ela esteve vinte vezes a ponto de desmaiar. Finalmente, não podendo conter-se mais tempo, levantou-se precipitadamente, e correu ao quarto de seu marido, pedindo-me que a acompanhasse. Quando ela o viu pallido, abatido, com um braço ligado, e no abatimento de um homem que extremamente padece, não pode occultar suas lagrimas. Elle a recebeu muito friamente, e pareceu pouco comovido dos sinaes da sua ternura. A minha amiga lhe disse que desejava acompanhá-lo toda a noite; elle lhe respondeu que podia fazer o que fosse do seu agrado; e sem lhe agradecer a-

quella 'nova' attenção, felicitou-a de ter uma amiga tal como eu. Como já era muito tarde, retirei-me, irritada contra o senhor de St.-Albant, lamentando a sorte da minha sensível amiga, e lembrado-me muito do joven incognito. No dia seguinte muito cedo, a senhora de St.-Albant mandou buscar-me. O estado em que a achei me despediu o coração; estava só no seu quarto, toda desalinhada, e com os olhos banhados em lagrimas. Assim que me viu estranha me os braços, e me contou no envio de mal soluços, que depois de ter passado a noite ao pé da cama, do seu marido sem que elle se dignasse dizer-lhe uma só palavra, e sem querer aceitar os seus serviços (dirigindo-se sempre ao seu criado grave), lhe dissera de manhã que tendo negócios que lhe ocuparião todo aquelle dia, lhe era impossivel recebê-la; que esperava que ella tratasse como devia o joven Gusmão, seu libertador, e que esperava que o fizesse lembrado á amayor Izgo.

bel, a quem era tão obrigado. A minha infeliz amiga, depois de ter recebido as suas ordens, se havia retirado, deixando seu esposo com seus criados. Ainda bem ella não tinha fechado a porta, quando ouviu grandes gorgalinhos, e não duvidando ser ella o objecto, foi para o seu quarto tremendo; e, sentindo-se subijngada pela dôr, mandou pedir a seu marido que a dispensasse de receber visitas, excepto a do senhor Gasmão; que estava doente, e que elle lhe faria nisto um grande favor. O senhor de St.-Albant lhe mandaria responder que ella devia conhecer a sua vontade, e que nada mais tinha a dizer-lhe. Neste momento, interrompi a minha amiga, e a lamentei, sem respeito, por estar unida a um tal monstro. Foi então que eu conheci todo o imperio do amor. As lagrimas da senhora de St.-Albant cessarão imediatamente; um ar de dignidade se espalhou sobre seu rosto; sua postura pareceu mais firme; pegou-me nas mãos, que apertou nas suas

ternamente, e ponderas sobre seu coração, me disse com o som da voz mais triste. Ah, minha Isabell! a imagem querida de meu esposo está sempre gravada neste triste coração; é lá, minha cara amiga que elle deve reinar eternamente. Não, eu não posso vê-lo tal como vós-mo apresentais. E' meu marido, Isabell; e como tal, tem direitos incontestáveis sobre a minha ternura; o tumulto das prazeres o tem assustado de mim; porém, elle é muito umível; para não ser amado da toda a gente; e não posso censurar aquelles que achão encantos na sua sociedade. Ai de mim! a minha vergüera está em especar que seus olhos se abrirão um dia, e que então conhecerá quanto vale o amor de uma mulher virtuosa, e terna. Quanto me é cara esta idéa! Ah! isto não é uma ilusão; repeti-me (isto mesmo, minha cara Isabell) e continuando com mais vehemencia disse: Não, elle não é um monstro, e ainda nunca me arrependi de lhe ter dado o nome de meu esposo.

Izabel, um doces olhos de St.-Albant faria esquecer um século de supplicios. Eu não pude suportar as lagrimas, ouvindo falar assim a minha virtuosa amiga; ella me via chorar, e, abraçando-me ternamente, me disse: « Jamais sei eu infeliz, pois que Izabel é minha amiga — fulgor! continua Izabel, que devia apartar-me alguma causa da minha historia, para vos fazer conhecer as raras qualidades desta mulher estimavel, que é tão infeliz, quanto é extremamente sensivel.

Cecilia mostrou a Izabel quanto estava satisfeita de a ouvir, e lhe pediu que continuasse; o que Izabel fez nestes termos: A Senhora de St.-Albant e eu, tinhamo nos esquecido que a hora de irmos para a sala era chegada; e só quando ouvimos o estrondo de algumas carroagens que entravão no patéo, é que nos lembrámos da ordem de seu marido. A minha amiga, que ainda não tinha pensado em se arranjar, chamou logo as suas criadas, diante das quaes

notei que ella tomou um ar socegado, quando lhes encobrir o penoso estado que a conduta de seu marido reduzia sua alma. Por este modo, esperava elha diminuir os agravos do senhor de St-Albant nos olhos daquelles mesmos que etão tremunhas de suas crueldades. Poucos instantes depois, eu a acompanhiei para a sala, onde appareceu com aquelle ar nobre e affável que nunca a deixava. Uma alegria amável estava espalhada sobre seu semblante, e ajudava a fazer durdar de suas penas. Eu é que só descobria, debaixo destes véus de tranquilidade apparente, uma coraçâo penetrado de mil golpes, que uma coragem mais que humana podia sólamente sustentar. Quando fão já por se a jogar, anunciárão D: Gustão: a minha amiga correu a recebel-o, e o apresentou de baixo do nome de salvador de seu marido. Immediatamente o cercáro todos, pedindo-lhe que lhes contasse como fôr o funesto acoclejamento do Senhor de St-Albant.

D. Gusmão abriu no desejo geral com muita modéstia, e passando ligeiramente sobre aquilo que lhe podia ser vantajoso, disse simplesmente, que tendo ouvido um tímido de espadas, e estas palavras: Assassina-me, a esperança de ser útil à pessoa que nocomunhão o fizera correr a seu socorro; que a sua presença desconcertaria os assassinos, que tinha o filho; que o senhor de St.-Albant poderia ainda dizer-lhe o seu nome, e o sítio onde deixara a sua sege, que felizmente era muito perto; que então, ajudado de seus amigos, o trouxera para sua casa, onde a sua fortuna lhe fizera encontrar uma dama que ia para casa da senhora de St.-Albant. D. Gusmão falou com muito elogio desta jovem senhora, exagerando excessivamente o trabalho que elativera, para dar por sua ordem, um prompto socorro às feridas do senhor de St.-Albant. A minha amiga, que viu imediatamente que D. Gusmão me não podera conhecer no meio de u-

má tão numerosa sociedade, o tomou
pela mão e o conduziu para onde eu es-
tava, perguntando-lhe : D. Gusmão,
não é desta senhora que vós queréis fal-
lar ? — E , sim , minha senhora , res-
pondeu elle vivamente (parecendo en-
cantado de me ver) ; sim , é aos cuida-
dos desta amável menina que nós deve-
mos orações de graças . Eu corei extre-
mamente do tom animado com que D.
Gusmão pronunciou estas palavras . Fi-
nalmente , pozetâo-se no jogo ; por mi-
eu não quiz jogar , e notei que a minha
excusa fez com que D. Gusmão se escu-
sasse também ; fiquei no pé do fogão ; e
elle se chegou para álli ; e logo que lhe
parceu que ninguém o ouvia , me dis-
se com um ar timido : Perdão , senho-
ra ; por tanto tempo estar nesta sala
sem vos ter conhecido . — D. Gusmão ,
lhe respondi eu sem cusar olhar-o , pa-
recendo muito entretida em arranjar o
jume , na verdade , vós me elogiastes
muito ; aquillo que fiz era tudo natu-
ral , e não merecia o menor elogio . Ela :

gostos; e enhouai replicou elle com a
séculidade: Ah! o maior elogio será sem-
pre inferior a tudo quanto merecereis. Foi
lamentável, neste momento, tive o desasos,
com uma tenaz em que peguei, de des-
arranjar de tal sorte o lume, que um ti-
ção foi parar muito longe da chaminé;
D. Gusmão correu a reparar este peque-
nho desastre, e chegando muitas pes-
soas depois de nós, interromperão uma
conversação que começava a embragar-
me muito. Meu pão naquelle mesmo
dia devia vir buscar-me para fomos fazer
umas visitas indispensaveis: finalmente
elle veiu, e eu fui obrigada a deixar a
quella sala que para mim estava cheia
de um encanto até então desconhecido
a meu coração. Foi desto modo, conti-
nuou Izabel, que conheci D. Gusmão.
Eu o via continuadamente em casa da
senhora de St.-Albant; e quanto eu
mais o via, mais qualidades descobria
nelle, que devião assegurar-lhe para-
sempre os meus mais ternos sentimen-
tos. Não se passou muito tempo sem que

Não percebeste o seu amor, e elle mesmo falhou nisso à minha amiga ; bem depressa conheceu ella que elle estava pago com a mís terna compensação : Ai de mim ! ella conheceu o meu segredo ainda antes que eu mesma o conjecturasse ; falhou-me à este respeito, fez-me conhecer os meus próprios sentimentos, e me aconselhou que combatesse um amor que provavelmente não seria aprovado de meu pão, pois que tinha por objecto um desconhecido : Porquanto, se fiz isto ella, tenho feito quanto podia para saber quem é a sua família ; tenho até mesmo chegado a prometter-lhe de sair daqui amanhã ao pé de vós, e de vosso pão, se elle quisesse satisfazer-me sobre este ponto ; e nunca pude tirar delle senão estas palavras : Vós conheceis, senhora, quanto adoro Izabel ; sabem que nada ha que me seja mais caro, que daría a minha vida por ser amado de Izabel ; mas ah ! se só descobrindo o segredo do meu nascimento é que devo consegui-lo, é preciso que eu

renúncie á este precioso bem, pelo qual soinhente poderia julgar-me feliz.

Este segredo, senhora, não me pertence : jurei de nunca o descobrir ; a hora me faz uma lei de ser fiel ao meu juramento, e por tanto devo tudo sacrificar, até á mesma esperança de agradar a Izabel, antes do que trahir o meu dever. Todavia estais persuadidas, senhora, que Izabel não deve envergonhar-se da minha ignorância, um dia hei de virá, eu o espero, em que me conhecerei, e então vereis que não sou indigno da vossa amiga a que aspiro. — Então, minha cara amiga, lhe disse eu interrompendo-a, não acreditais o que elle vos disse? e não o julgais de um nascimento igual ao meu? — Izabel, me disse ella, nós sempre amamos aquillo de que gostamos, e facilmente nos persuadimos quando a coisa é conforme ao nosso desejo : toda-a ideia de felicidade abre uma passagem livre ao nosso espírito, porque o nosso coração está interessado : muitas vezes a nossa

Imaginação nos forja quimeras agradáveis, que, não obstante, tornarem-nos felizes um momento, aumentam noz pensas por sua pouca realidade. — Ah! vós duvidais das palavras de Gusmão? lhe disse eu, detramando lagrimas que não pude reter. Oh! minha cara amiga, vós me despedegeis o coração. — Pesso enganar-me, replicou a senhora de St.-Albant abraçando-me ternamente; sim enganar-me hei, minha querida Izabel; e se nós devemos julgar do nascimento de Gusmão por seu ar, suas manecitas nobres, e seus grandes talentos, não podemos davídar que elle seja de uma família igual á vossa em a breza e dignidade; porém muitas vezes as appartencias são enganadoras. Ah! minha querida Izabel, que tormentos serião então os vossos, por ter entregado o vosso coração a um homem ao qual nunca poderíeis estar unida, e que seria tanto mais indigno de vos possuir, quanto elle tivesse abusado da vossa inclinação para vos enganar! — Pels

hoube deixa-la, esta amiga, repliquei eu com coragem, pisarei a sua imoção de meu coração; Liatarei de esquecer até o seu mesmo nome; mas, ai de mim! quanto será isso custoso á triste Izabel! Mas porque razão, continuei eu com uma especie de enfado, se Gusmão fosse realmente o que quer parecer, e que elle me amasse verdadeiramente, quereria aprescar-se a perder o objecto que elle diz uma, mais no mundo, e guardar um silencio tão peccinaz? Não, não, elle fallaria, e me desabriria seu nome; seu amor se prostraria na sua confiança, e então eu não teria vergonha de lhe confessar quanto me é caro.

A senhora de St.-Albant fez quanto pode para me fortificar nas minhas novas idéas. Ella amava D. Gusmão, mas a mim amava-me muito mais; e o mysterio do seu nascimento lhe era suspeito para me hincgear em minhas esperanças. Em fin, eu a eachei depois desta conversação em estado de ver Gus-

mas debalde das apparencias da indiferença; mas, afi de falso partisa-
to era necessario que o meu coração ap-
roximasse os esforços da razão. Gusmão
pôs-se em ferido da minha indúndia, e
se abandonou sem reserva à mais severa
melancolia: algumas vezes era o surpre-
Jendi com os olhos fitos nos meus, co-
mo para ler nello a causa da minha
indiferença; outras vezes procurava
com grande empenho as ocasiões de es-
tar só comigo; mas eu soube evitá-las
sempre com despeito. A minha condic-
ta em sua parceria pol-o em desespera-
ção; observei os seus menores movimen-
tos, e o meu estado não era diferente
do seu. Naquelle tempo, com pouca
diferença, o senhor de St.-Albant res-
tabeleceu-se de suas feridas: durante a
sua doença, a sua conducta tinha sido
sempre a mesma, isto é, que estando na
mesma casa em que estava a sua
mulher, elle nunca a via, prohibindo-
lhe sempre debaixo de qualquer prece-
to a entrada no seu quarto. Logo que

se achou em estado de poder sair, dessa despareceu de casa como antes do seu acidente, e constituiu a estar apartado da minha sensível amiga, que elle pôneça o mais infeliz das mulheres. Quantas vezes, chorando no meu seio, ella me disse : Minha querida Izabel, o que mais me custa é estar no mundo ! Ah ! porque não estarei eu no fundo de um retiro, ocupada inteiramente de St.-Albant e de minhas drágaças ! Lá perderia derramar lagrimas, que adoravam a amargura de meu coração ; mas este alívio me foi roubado : é preciso que eu devore meus choro no meio dos prazeres que me são importunes. Ali, St.-Albant ! volta para mim, ou deixame a liberdade de gemer sobre a tua indifferença. Os desgostos da minha amiga me assigliam sensivelmente, e muitas vezes me tiravão a faculdade de dormir o pensamento sobre minhas penas secretas.

Comtudo Gusmão havia sido apresentado a meu pão pela senhora de St-

Albant, que lhe contará que ella devia
não ter valor a vida de seu marido. A-
quelle suíto de Gusmão lhe ganhou a
amizade de meu pão : porém pouco a
pouco conheci que a sua alleiação di-
minuía para elle ; e parecia tão profunda-
mente ocupado, que nunca faltava em
Gusmão diabolique de mim.

Um dia que nós estávamos sós na sa-
la, elle me disse com um ar serio : Mi-
nha querida filha, tens a fallar-te de
um negocio que me interessa muito,
porque tu és o seu objecto. Aqui meu
pão parou : o tom meio ternu, meio
severo com que elle pronunciou estes
palavras, me assustou excessivamente.
Eu ia pedir-lhe que continuasse, quan-
do a chegada de Gusmão m'o impe-
diu. Assim que o ví corei de vergonha, e
meu pão sem dúvida notou o meu em-
barago ; mas felizmente Gusmão não
mostrou tal-o conhecido. Elle me sa-
dou com o interesse mais ternu ; e de-
pois de ter fallado em coisas muito fa-
-diferentes, caiu a conversaçāo insensi-

velmente sobre a necessidade que a gente moça tem de viajar. Meu pão supestava que um moço cuja educação fôr bem velada, possa tirar grande vantagem de suas viagens. Vi-via em diferentes países, dizia elle, instruim-nos mais seguramente de seus costumes, de seus usos, e de suas leis; deste modo podemos estar mais no alcance de julgar da bondade ou dos erros do nosso governo; e não é segundo os arrependidos de escritores algumas vezes muito parcias que se censura o que se deve louvar, ou que se louva o que se deve censurar. Gusmão era do mesmo parecer de meu pão, e fallava a este respeito com muito espirito e exactidão. O Duque parecia ter prazer em o ouvir; e, fazendo-lhe um comprimento longeiro a respeito de seus conhecimentos, lhe disse que elle havia adquirido a maior parte delles viajando. Gusmão lhe respondeu que passara a sua infancia em Portugal, que depois percorreu a Escócia, a Irlanda, a In-

glaterá, e que a sua intenção era, deixando a Espanha, ir à França. — E contais demorar-vos ali muito tempo, perguntou meu pão? — Não, Senhor, respondeu Gusmão; tornarei a ir para Portugal. — Certamente vós tendes lá os vossos parentes? — Sim, meu pão, é uma irmã, que amo ternamente. Vós fareis atenção, minha Cecília, que era a primeira vez que ouvia dizer a Gusmão que elle tinha pão, e uma irmã.

Vós sabeis quanto desejava ouvir-lhe fallar de seus parentes; e por isso facilmente podeis imaginar com que interesse eu escutava esta conversação: — Vós so pão! Sois Portuguez, D. Gusmão? Gusmão nada respondeu, e o Duque continuou: Terei muito gôsto de o conhecer. Brevemente conto ir a Portugal com a minha filha... — Comigo, meu pão? Sim, replicou elle muito friamente, sem mostrar que conhecera a minha surpresa. E' para terminar um negocio, que espero terá bom éxito; e continuando a fallar de Gusmão: Eu desejaria muito

conhecer vosso páe, e creio que Izabel tambem estimaria de ter amizade com vossa querida irmã. — Terei muito gosto nisso, repliquei eu vivamente. — Ah, senhora! disse Gusmão com o accento mais terno, conhecer-vos seria para mim a maior ventura. Sim, o cumulo da felicidade, mas... — Mas repetiu meu páe; e porque esse mas, D. Gusmão? Gusmão, a esta pergunta, pareceu turbado. Elle me olhava com inquietação, e pareria temer que a sua resposta me desagradasse: parecendo ocupado de pensamentos muito tristes, e não sabendo, certamente, como havia de satisfazer á pergunta de meu páe, continuava a guardar o silencio. Então meu páe lhe disse com um tom inteiramente indiferente: Perdoai-me, D. Gusmão, se o desejo de conhecer vosso páe me fez commetter uma indiscrição. Estas poucas palavras, e o desgosto de que estava penetrada, e que era facil de notar sobre o meu semblante, fizerão, segundo creio, que Gusmão fallasse. Se-

nhor, lhe disse elle, não chateis indiscrição a um sinal de bondade com que tanto me honrais; eu espero que ainda um dia os meus parentes poderão mostrar-vos também a sua gratidão. Esta resposta era pouco satisfactoria, e consolou meu pão na opinião desfavorável que tinha da família de Gusmão.

O Duque mudou de conversação, que se tornou depois ruiu indiferente; e deixando pedindo-se Gusmão de nós, eu pedia meu pão para que me contasse qual era o negócio de que me principiara a fatalidade da chegada de D. Gusmão, qual era também o motivo da nossa viagem a Portugal, e finalmente, por que não tinha elle differido até então de me instruir de tudo isto. Meu pão assentando-se ao pé de mim, me disse: Se há mais tempo o não fiz, Izabel, é porque estava impedido pela incerteza de ser bem sucedido em um projecto ao qual ligava a felicidade da minha vida; achava inutil fallar-te de uma cousa que talvez não devia ter lugar. Mas agora que na-

ja mais espero senão o teu consentimento para ver effectuadas as minhas esperanças, não duvido, minha querida filha, que o darás com satisfação; porque, certamente, tu não queresias fazer a infelicidade de teu pão?

Sim, minha querida filha, continuou elle, foi por conhecer o amor que me tens, que eu me persuadí que tu cumpririas com alegria os ajustes que por ti fiz com o filho da D. João, meu intimo amigo.— Ah, céos! exclamei eu dolorosamente, meu pão, tenho entendido tudo! Perdoai, minha Cecilia, continuou Izabel, perdoai o horror que me causou o receio de uma união que eu teria visto com grande contentamento, se estivesse senhora de meu coração; mas, ai de mim! naquelle momento, vós o sabeis, elle era todo de Gusmão, e a idéa de estar separada delle para sempre me era espantosa; por isso não me foi possível occultar ao Duque o desgosto de que fui penetrada com aquella novidade.

Meu pão me olhou fixamente duran-

te alguns instantes, mas sem nenhuma apparencia de sobresalto; e com o tom mais terno, me disse: Sim, minha querida Isabell, é de Christiano de quem te fallo, o moço mais amavel, o mais formoso, e o mais completo que já malha tenho visto. *Há muito tempo que eu* desejava a tua união com ell; mas Felippe IV parecia decidido a não me dar o seu consentimento. Em sum, a regente não só leva a bem este casamento, mas chama D. João do seu exilio, e lhe restitue todos os empregos que Felippe IV o havia tirado. A rainha queria que o teu casamento se celebrasse em Madrid, para ella assistir tambem; mas agradecendo-lhe esta honra, pedi-lhe que levasse a bem o fazer-se em Portugal, na terra de D. João, dando-lhe por desculpa a tua grande timidez, quo te fazia preferir uma cerimonia simples a uma muito brillante.

A rainha consentiu em tudo, e mudei a conhecer que terá muita satisfação em que este casamento se faça com

brevidade, para tornar a ver D. João, que muito estúna, e a fim também que eu não esteja muito tempo ausente da corte; pois tu sabes que a minha presença é absolutamente necessária.

Eu escutava todos estes detalhes, com o coração magoado, e custando-me muito a reter as lagrimas que sentia prestes a suffocar-me. Meu pão se demoraria um instante; mas vendo que eu não tinha ânimo de preferir uma syllaba, continuou assim:

Tu me affiges, minha filha; e o estado em que te vejo me mostra bem que me não tenho enganado. — Ah, meu pão! exclamei eu derramando uma torrente de lagrimas, e ajuntando as mãos que estendi para elle, meu pão!... que tendes vós a exprobrar á vossa infeliz filha? — Izabel, poderás ainda perguntar-me? Lê no teu coração, e envergonhate da paixão que tens por um desconhecido que só falla de seus parentes tremendo. — Ceo! exclamei eu cobrindo o semblante com as mãos. — Minha quer-

rida Izabel, continuou meu páe com ternura, eu não te affligirei com crueis reprovações; mas pensa um instante em meu impaciente amor: tu não me concedeste a tua confiança, e sómente depois de alguns dias é que tenho lido nos teus olhos os teus sentimentos. Gusmão já não te ignora, e tem a certeza de ser amado. Ah, minha querida Izabel! que vergonha! A filha do Duque de Valhadolid entregar seu coração a um desconhecido cuja origem se não conhece, nem seu verdadeiro nome! Minha querida filha! faz reflexão por um instante sobre a tua desgraça; se ainda amas Gusmão, faz por esquecer-o, e promette-me de cumprir a palavra que dei para a tua felicidade. — Ah, meu páe! lhe disse eu não procurando de lhe ocultar minhas lágrimas, concedei-me uma só graya; concedei-me oito dias para me preparar para esse casamento. Ai, de mim!... depois, eu vos acompanharei para Portugal, e então cumpriréi os contratos que vós fizestes por vossa filha. Apegas, tí-

nha eu acabado de dizer estas palavras, que meu páe me abraçou ternamente, promettendo-me de não fallar na viagem senão depois de oito dias; e vendo que eu desejava estar só, elle me deixou com um ar muito satisfeito. Ah, minha querida Cecilia! continuou Isabel, foi então que senti toda a força da minha paixão por Gusmão, a pena que teria em me separar delle para sempre, e a importancia da promessa que acabava de fazer a meu páe, promessa que, na minha desesperação, me parecia impossivel de cumprir. Não vos descreverei tudo o que sofri durante aquelles oito dias. Ai de mim! eu não sei como lhe pude resistir. Na vespresa da minha partida, a senhora de St.-Albant trouxe-me uma carta que Gusmão lhe havia escrito: o estado em que ella me via lhe fez tanto dó, que não pode recusar-me a leitura da carta.

Gusmão lhe fazia as mais ternas despedidas; pedia-lhe por favor que me faltasse delle: dizia-lhe que eu nunes sabe-

ria até que ponto era adorada do infeliz Cusnão. Ai de mim ! senhora, continuava elle , cophego bem que outro qualquer lugar que habite a senhora de Valhadolid me será insupportavel ; com tudo, é preciso que daqui me ausente. Ah ! quanto essa ausencia me será horrerosa ! Receio que na minha volta Isabel tenha contratado algum casamento : grande Deos ! se assim acontecesse eu morreria. Um boato surdo me diz que o Duque a quer casar : é verdade , senhora ? e ser-me ha preciso levar a cruel certeza de uma desgraça eterna ? O duque já me não quer receber em sua casa : certamente elle sabe que adoro Isabel. Não lhe agrado , está persuadido que sou indigno da sua alliança ; se elle soubesse mas devo calar-me. Quanto me custa , grande Deos ! Ah , senhora ! eu espero que a filha de Valhadolid ainda estará livre quando eu voltar ; então , se ella me conceder seu coração , estou certo do consentimento de seu pâe. Elle lhe fallava de-

pois da suá viagem á França, onde dava, dizia elle, demorar-se um mez, no fim do qual tornaria a passar á Hespanha. Ai, de mim! minha Cecilia, este mez já passou, e eu ainda não tive noticias de Gusmão, enganar-me-hia elle? Ah, céo! quanto esta idéa é penosa! Mas não, eu não posso crelo-o, Gusmão é incapaz de similhante baixeza. Toda via, para que me havia de elle occultar um segredo que tanto convém á minha ventura? Ah, Gusmão! muito receio que esta reserva nos seja funesta a ambos. Izabel não pode acabar estas palavras sem chorar. A amavel Cecilia lhe alimpou as lagrimas, tomando-a em seus braços. Ah, minha Cecilia! lhe disse Izabel, que allivio experimento por vos ter aberto meu coração! Na verdade, a vossa ternura me fará achar minhas penas menos dolorosas; esquecerei no vosso seio os desgostos terríveis que me devorão. Vós me direis algumas vezes que Gusmão me ama sempre; minha alma abraçará com

alegria: esta idéa encantadora, e então eu serei menos desgraçada. As duas amigas tornarão-se a abraçar, e Izabel terminou assim a sua história.

Eu vos dixia pois, minha querida amiga, que a senhora de St.-Albant me mostrou a carta de Gusmão, para aliviar meus cuidados, pois meu coração o accusava de se ter esquecido de mim.

Meu pão tinha pedido á senhora de St.-Albant para nunca me fallar deste estrangeiro, e até áquelle instante, ella havia cumprido exactamente a sua promessa; porém não pode resistir mais tempo á minha supplica e me disse que todos os dias o via, e que elle todos os dias lhe fallava em mim; também me disse que Gusmão tinha ido muitas vezes a casa de meu pão, mas que nunca o deixáram entrar allegando-lhe sempre diferentes pretextos. Finalmente disse-me, que elle se decidira a partir para a França, onde seu dever o chamava; mas para onde o tecelão de sé aparlar de mim lhe havia até então impedido de

fr. Gusmão instou muito comigo, disse a minha amiga, para saber se era verdade que o Duque vos queria casar: eu lhe diria, se soubesse que isso era um meio de descobrir seu nome; porém eu o conheço muito bem, e estou persuadida que o receio desta desgraça, que para elle é a maior, lhe não faria faltar á honra, que parece fazer-lhe um dever de se calar. Assim, Izabel, ocultei-lhe o vosso casamento, e o deixei partir com a lisongeira esperança de vos achar livre quando voltar.

Minha querida amiga, que fizestes? lhe disse eu. Ah! parece-me que nós sabriamos o nome de Gusmão. — Não, nunca, Izabel, replicou a senhora de St.-Albant, Gusmão nunca prefiriria a sua felicidade á honra. Eu me renlli com as suas razões, e ella fez quanto pode para me fazer olhar o meu casamento com menos terror. Nos dias antecedentes, e sem eu o saber, tinha a minha amiga trabalhado muito para dissuadir meu pão destá união; mas não

obtendo cousa alguma, tomou o unico partido que a amizade lhe podia offerecer; ficou toda a noite comigo, e não me deixou até que entrei para a carruagem; então quiz-lhe dizer ainda uma vez adeos; mas vi-a ir para uma sala que nós deixavarmos, com uma mão sobre seus olhos e outra sobre o coração. Eu quis descer para lhe dar um abraço, e meu pão me não deixou, e me disse que devia poupar a sensibilidade da minha amiga; e ordenando ao cocheiro que fizesse andar os cavallos, partimos imediatamente.

Ah, minha querida amiga! que partida, e que posição era a minha! Ausentar-me para sempre do unico homem que eu podia amar! pôr entre elle e mim uma barreira insuperavel, com um casamento que eu detestava! e para cumulo de desgraça, estar separado de uma amiga tão ternamente amada, que era a minha unica consolação, o meu unico apoio, e na qual achava aquella coragem de que tanto necessitava, e de

Qual perdi toda a idéa, logo que a não tive ao pé de mim! Vós julgais, minha querida, qual devia ser o meu desgosto, e quanto a nossa viagem foi triste! Depois de tres dias de jornada, achei-me tão doente, que foi preciso parar-mos na primeira estalagem. Meu pão mandou buscar os medicos da cidade mais vizinha, e eu não pude continuar a jornada senão depois de tres semanas de demora naquella estalagem. Meu pão não pôde occultar-me a sua inquietação, e pareceu-me decidido a não concluir o meu casamento, se eu continuasse a ter-lhe a mesma repugnancia. Comtudo todas as suas resoluções desapparecerão logo que me viu convalecida, e não pude resistir ás supplicas que me fez de lhe não causar a morte por uma recusação.

Eis-aqui, minha querida Cecilia, em que disposições de espirito e de coração chegámos a este castello. Confesso-vos que, apesar do meu desgosto, não pude deixar de fazer justica a vosso amável irmão, e de o lamentar sinceramente.

por ter em mim uma mulher da qual possuiria só a estima, e não o coração. Vós sabeis o resto, minha cara amiga, e vistes com que alegria eu soube que elle mesmo tinha o coração captivo. Mas, ai de mim! esta alegria, esta satisfação, esta felicidade que experimento de ser ainda livre de minhas aféições, será de pouca duração; e meu páe, que quer absolutamente casar-me, tem já talvez achado em seu espirito aquelle que deve substituir D. Christiano.

Cecilia a interrompeu, e lhe fez esperar que antes de casar receberia notícias de Gusmão. Izabel fez um signal com a cabeça, como para dizer que ella não ousava lisongear-se com o que ouvia. Neste momento vierão chamá-las para almoçar; e elles se admirarão que foste tão tarde. As horas passão tão depressa quando estamos com aquelles que estimamos, e quando fallamos daquillo que amamos!

Todavia era preciso irem para o al-

moço; mas, para estar ainda um instante sós, Cecilia quiz vestir Izabel, a fim de não serem incomodados pela presença de uma criada grave; e, renovando-se mil vezes a certeza de uma amizade inviolável, fôrão ambas para a sala, onde achárão D. Maria e os tres amigos; que vem a ser: D. João, o Duque de Valhadolid, e o Conde de Chablis, que elles tinham ido buscar de manhã muito cedo ao cemiterio.

Cecilia, e Izabel ficáram encantadas de vér o Conde, e o comprimentáram com os signáes da mais temer amizade. Durante o almoço, conversáram a respeito de Celiza, que esperavão vér chegar antes do fim do dia, e de D. Christiano, que tinha saído tão precipitadamente do castello. Todos se lisonjeavaõ de os vér logo voltar, e se persuadião que Christiano teria sido muito feliz por seguir o caminho que havião feito tomar a Celiza. No fin do almoço, Cecilia pediu a D. Maria para que convidasse a convidaria a ir para o te-

ramanchão do bosqué; onde na vespere
o Conde de Chablis começará a narra-
ção da sua historia. A proposição agna-
dou a toda ja companhia; porque todos
se persuadirão não serem distraídos por
cousa alguma naquelle sitio : retirado;
que era no fundo da tapada. Elles se
dirigirão para alli; e, depois de se as-
sentarem todos ao redor do Conde, pe-
dirão-lhe que tornasse a começar a sua
historia, que elle continuou nestes ter-
mos :

Estais lembrados, meus amigos, que
eu fiquei naquelle instante da minha vi-
da, onde, só com a minha Felicía no
castello de D. Fernando, gozava aqueci-
la felicidade pura de ver, de ouvir á
quella cujo coração possuía inteira-
mente; e amava. Como iésses dias, afori-
tunados passávão tão rapidamente! Ai
de mim! a felicidade se aproxima de
nós lentamente; mas, para fugir, pa-
rece qqe toma gaza.

Tinha eu imaginado, para estes con-
tinuadamente com Felicía, de tornar

as nossas occupações as mesmas. Ela gostava da musica, e eu tambem quis empregar neste divertimento uma parte do meu tempo; Felicia, pela mesma razão, desejou que eu a aperfeiçoasse na arte da pintura; pois sabia que eu amava esta arte com paixão. Assim, ora discípulos, ora mestres, estávamos encantados pela esperança de aproveitar mutuamente de nossos conselhos.

Havia oito dias que habitávamos aquelle agradável sitio; e ainda não tínhamos recebido notícias de D. Fernando! Felicia estava inquieta; temia que os nossos inimigos tivessem sabido o serviço que elle nos fizéra, e receava que se vingassem sobre o nosso melhor amigo. Tínhamos já decidido que eu iria disfarçado a París, a fim de me informar da causa do seu silencio. Felicia me dizia: Meu querido Chablis, não te demores lá muito. Ah! se não fosse D. Fernando o objecto desta tentativa, jamais me resolveria a deixar-te apartar

de inim. O' meus amigos! exclamou um homem que entrou precipitadamente no bosque onde nós estávamos então; e que em um instante se achou nos nossos braços : meus amigos, quanto sou sensível a este signal da vossa ternura ! Comíudo, caro Chablis, continuou elle, deveis tomar mais precaução por vossa segurança. Oh ! a vossa Felicia não terá todo o interesse nisso ? Ah , D. Fernando ! disse Felicia apertando-lhe as mãos nas suas; caro amigo ! como Iedes bem no meu coração ! A esta primeira commoção de sensibilidade, sucedeu logo uma violenta inquietação : Felicia o rogou, tremendo, para lhe dizer seti rebuço o que tinha a temer de meus inimigos. Eu fiquei penetrado do som de vez com que ella pronunciou estas palavras, e lhe disse : Para que te affliges, minha querida ? Ah ! não sou eu o homem mais afortunado ? A quelle que é o objecto de teus caros sentimentos . poderá temer desgraça alguma ? Felicia respondeu-me sómente

por um olhar cuja expressão parou sobre meu espírito; e, tendo-lhe D. Fernando asseverado que, ignorando-se o nosso retiro, não estávamos expostos a perigo algum, pareceu mais sosegada, dando, assim como eu, a maior atenção à narração que elle nos fez de tudo o que se passára depois da nossa separação na igreja de S. Luiz. Logo que, depois de apertardes a mão de Armanda, me disse elle, vos ausentastes com Felicia, a escuridade era tão grande, e a igreja tão vasta, que nós vos perdemos de vista. Armanda então se levantou, e o amigo de Floriant e eu a seguimos. Um grito espantoso se ouviu no fundo da igreja; eu estremeci, reconhecendo a voz de Felicia; e, não reflectindo que lhe não corria risco algum, estando comvosco, larguei o braço de Armanda, para correr no sitio donde saíra o grito; porém ella me segurou, e, com a maior presença de espírito, me disse: — Que é isso! D. Fernando, assustais-vos? Ah! estai soce-

gado, meu caro : Não vedes, conti-
nuou ella, que este é o momento da
surpresa, e que esta querida menina
não pôde conceber que realmente é a
marqueza de Floriant, quando se jul-
gava a Condessa de Chablis?

Vamos, vamos, deixemos-lhe passar
o primeiro fogo da sua colerasinha; as-
sentemo-nos um instante. — Senhora,
porque me não haveris prevenido! lhe
respondi eu affectando o ar da maior
indifferença. Na verdade, continuei
depois pegando em uma cadeira, que
puz ao pé da della, é mais prudente
deixar a Floriant o cuidado de dissipar
a tempestade que elle mesmo arran-
jou. — Qual seria o demo, disse o ami-
go do marquez, que adeyinharia esta
estranya idéa, de se querer fazer co-
nhecido immediatamente na igreja?
— Parece-me, replicou Armapda, que
ella é que foi a causa. Floriant cohe-
ce a fraqueza d'alma de Felicia, que
não pôde supportar a lembrança de of-
fender a virtude. Elle sabe quanto ella

é aferrada a seus deveres, e com que attenção trata de os cumprir. Comtudo Floriant não pôde dissimular quanto lhe serão penosos aquelles que ella acaba de impor-se sem conhecer o seu objecto ; e certamente é para a penetrar ainda mais das obrigações que ella vem de contrair, que elle quer revelar-lhe a verdade no mesmo templo do Deos que acaba de receber seus juramentos. Armando não fallou mais, houve um momento de silencio em redor de nós, e tudo nos pareceu no maior socego. Então Armando levantando-sa, nos disse : Não é preciso mais, e parece-me que podemos ir para a minha carruagem. Nós a seguimos ; e logo que ao sair da igreja pude ver-lhe o semblante & claridade de ura lampião, fiquei admirado de lhe ver impressa aquella alegria que uma boa accão faz sempre experimentar aos corações virtuosos. Ah céo ! me dizia eu, sua alma não deveria estar atormentada de mil remorsos ? e a lembrança da vítima do seu ciúme não deveria en-

chega de horror? Ai de mim! onde está pois o castigo do culpado, se o seu maior inimigo não é a sua própria consciencia? e como poderemos distinguir o homem virtuoso do homem injusto, se os crimes o ultimo não espalham sobre seu rosto uma parte do opprobrio com que cobre sua alma? Fazendo estas tristes reflexões, andámos sempre, e vimos a berlinda que Armanda deixára a certa distancia da igreja, a fim de occultar a seus criados o motivo daquelle passeio nocturno; e logo que chegámos ao pé, Armanda nos pediu que a acompanhassemos. Agora talvez penseis que, durante todo o caminho, se fallasse a vossa respeito. Armanda deixou-se levar do prazer de escarnecer de vós sobre a boa fé, da qual julgava ter triunfado. Estava persuadida da vossa desgraça; sua alegria brilhava a cada palavra. Eu fazia o meu papel o melhor possível, e applaudia a despeito meu ao seu detestável artificio, dando graças a Deos interiormente por ter enganado seus per-

dos designios. Logo que chegámos ao palacio, quiz despedir-me de Armanda ; mas, dando-me a mão, pediu-me que subisse a casa de sua mãe : não obstante todo o enojo que isto me causava, não pude deixar de lho fazer. Ella nos conduziu para o gabinete da senhora de M...., e a mandou avisar da nossa chegada.

A senhora de M.... velu imediatamente; Armanda contou-lhe tudo o que acabava de se passar na igreja, e ajuntou : As acções do Marquez de Floriant e de sua mulher não nos commovem ; o nosso projecto teve o melhor exito possível ; elles estão unidos em quanto viverem ; assim, agora, pouco nos importa.... Sim, minha filha, tudo está bem, interrompeu a senhora de M.... beijando-a ternamente na testa ; tudo se fez segundo os teus desejos. — Tudo ? ainda não, disse Armanda ; e minha mãe deve lembrar-se que a minha palavra e a sua estão dadas. — O' minha filha ! ainda me não esqueci, mas

pensa, eu te supplico, em quanto tens tempo, na dura escravidão em que te vaias precipitar. Ai de mim! será preciso que a minha filha, a minha unica alegria, sacrifique assim a sua ventura a uma paixão desgraçada? — Minha mãe, que dizeis? replicou Armanda com um tom frio, socegado e firme; julgais que eu obr ei incnsideradamente? Ah! não vos enganeis, e estai persuadida que só depois de maduras reflexões é que me decidi a tomar este partido. — Então bem! já que assim o queres, minha filha, disse a senhora de M...; vais achar juntas todas as pessoas que tu convidaste. Armanda pediu-nos que a acompanhassemos, e nós a seguimos para a sala. Julgai agora da minha surpresa, quando no meio de uma numerosa assembléa, vi o velho Duque de Chablis com o ministro! Eu me persuadia que ambos estavão no campo, e ignorava que tivessem vindo aquella mesma noite. Todavia eu não estava ainda inteirado de tudo, e cada instan-

té devia augmentar a minha admiração.

O velho Duque ainda bem não avisara Armando, quando, apressando-se a vir ao seu encontro, se inclinou profundamente, beijou-lhe com todo o respeito a mão, fazendo-lhe um cumprimento muito terno. Ela pareceu lisonjear-se, e se mostrou tão obrigada, que o pobre Duque estava todo fóra de si. O ministro lhe disse ao ouvido : Armando, tu temaste o melhor partido; a tua conducta me encanta; admiro a tua resolução; estou pasmado da tua coragem, e espero que o amor do páe nos vingará do desprezo do filho. A estas ultímas palavras, o furor se impri-miu sobre todas as feições de Armando, que respondeu a seu páe assim : Esta-va bem persuadida, senhor, que vós me darieis a vossa approvação. Tudo isto se disse muito baixo; mas como eu estava perto de Armando, não perdi u-ma só palavra.

Depois socogou logo da sua commo-ção, e a sua alegria aumentou. Quan-

to a mim , confessò que nunca a vi tão
emavel. Fallárao da Marqueza de Flo-
riant , e todos perguntárao por que ra-
zão ella não apparecia. A senhora de M.... instruida por sua filha , disse
que seu marido a levára logo para uma
quinta sua. — Grande Deus ! exclamou
Felicia lançando-se nos meus braços ;
os crueis podião persuadir-se que eu po-
desse sobreviver um só instante a tanta
perfidia ? Querido Chablis ! teria pois
sido separada para sempre de ti ! — Meu
caro amor , lhe disse eu apertando-a
contra meu coração , apartemos de nós
essa triste lembrança , ou quando não
demoremo-nos nella sómente para amar-
mos mais o nosso melhor amigo , que
nos salvou de uma tão grande desgraça.
— Oh ! na verdade , disse Felicia diri-
gindo-se a D. Fernando , é unicamente
a vós que nós devemos a nossa felicida-
de. Sim , por vós foi a nossa vida con-
sagrada para sempre ao amor , á ami-
zade , ao mais ternoo reconhecimento. D.
Fernando tomou parte na nossa com-

moção, e nós derramámos lagrimas de enterneциamento. D. Fernando, continuou o Conde de Chablis, nos disse, que tendo-se retirado uma grande parte da assembléa, ficára sómente um pequeno numero de pessoas das mais amigas da familia de M.... Então, nos disse o nosso amigo, tudo o que vi me pareceu um sonho : eu me apalpava, para me certificar que realmente estava acordado; porém não me podia persuadir ainda da verdade de tudo o que se passava diante de meus olhos. Era já muito tarde, e eu estava cansado, afliito, cheio de inquietações a respeito da posição de Felicia, cujo grito espantoso havia retinido até ao fundo do meu coração; os desgostos que vós experimentaríeis na vossa fugida precipitada, as consequências desastrosas que o vosso casamento podia ter, o desejo que tinha de saber se as minhas ordens havião sido bem executadas; tudo em fin contribuia a tornar-me o espírito inquieto, e a augmentar a necessidade que tinha

de sair de casa da senhora de M. . . . Finalmente quiz retirar-me; mas Armande me não deixou, e mè pediu de lhe fazer o mesmo serviço que a Flóriant; que isto seria a ultima cousa que de mim exigia, e que depois me podria retirar. Eu não tive tempo de lhe perguntar qual era o serviço que de mim esperava; porque o Duque de Chablis estava já perto della. O senhor, e a senhora de M. . . . e seus amigos a seguirão tambem: eu fui obrigado a fazer como elles. Depois de ter atravessado muitos quartos, achamo-nos na capella, onde vos juro que fiquei como aterrorizado, vendo Armande e o velho Duque receberem a benção nupcial. Vejo bem a vossa admiraçao, continuou o nosso amigo; e certamente vós não esperaveis que eu viria dizer-vos que tinhei uma madrasta, e que esta madrasta era a vossa maior inimiga. Mas escutai-me sem me interromper, pois não posso estar muito tempo comvosoço: todavia, torno a dizer-vol-o, estai so-

cegados, a Duqueza de Chablis ignora o lugar que habitais. Então vi, continuou D. Fernando, porque razão me havião demorado até áquellea hora; e a pezar de toda a minha re pugnancia, foi-me preciso servir de testemunha a este casamento que detestava; porém não podia deixar de crer, que sómente a vingança, que Armande esperava tirar por esta união, a podéra decidir a formal-a. Assim, o mesmo serão me tornava o instrumento tanto da vossa felicidade, como da vossa desgraça! que extravagancia na vida! Logo que a ceremonia se acabou, e que agradeci á nova Duqueza a honra que me fizéra de me escolher entre tantas pessoas distintas, retirei-me com grande satisfação. O meu primeiro cuidado, assim que entrei em casa, foi conversar com um homem que encarreguei dos meus projectos a respeito de Floriant. Elle me disse que tudo se fizera segundo os meus desejos; que quando erão dez horas, vira o Marquez de Floriant saír só

de sua casa, tomado o caminho da igreja de S. Luis, e que tendo-o mostrado a seus tres camaradas, elles o havião seguido a pequena distancia até uma ruasinha muito solitaria, que cattão se lançarão todos quatro sobre elle, que um lhe deitára mão á espada, outro lhe vendára os olhos, e o terceiro lhe puzéra um lenço na boca; que assim, não podendo deffender-se, chamar, nem vêr o sitio para onde o conduzião, o levarão para uma casa onde devia estar até ás duas horas da manhã. Esta narração me socegou; pois estava certo que vós tinhais toda a noite de adiantamento sobre aquelles que não deixarião de mandar sobre vossas pégadas logo que soubessem da vossa fugida. Recommandei tambem ao meu homem que não deixasse de pôr em liberdade o nosso prisioneiro á hora ajustada, mormente de o tratar com todo o respeito, e de ter com elle todas as atenções e respeitos que a sua dignidade exige. Depois ordenei-lhe que me vies-

se fallar logo que estivesse livre do marquez ; e finalmente despedi-o , esperando com impaciencia a volta do carcereiro do pobre Floriant , que não tardou muito : era uma hora quando elle me deixou , e antes das tres já estava outra vez comigo. Enião ! lhe disse eu , que novidades temes ? — Senhor , tudo está feito , me disse elle. Durante a minha ausencia , os meus camaradas se portaram bem. Todavia o senhor marquez não fallava em menos do que de nos mandar enforcar a todos. Quando cheguei , achei todas as cousas neste estado ; e logo que deu duas horas , suppliquei o senhor marquez de se deixar conduzir novamente , asseverando-lhe de não ser maltratado ; pedi-lhe que nos desculpasse por obrarmos contra a sua vontade , mas que ordens superiores nos obrigavão a fazel-o assim. Cala-te , maroto , me disse elle ; põe-me já em liberdade , quando não teme a minha vingança. — Se o senhor marquez quizes seguir-me , lhe disse eu tambem , em

um instante será livre. Elle quiz questionar-me, e me disse que faria a minha fortuna se eu lhe confessasse se era o joven Conde de Chablis que tão indignamente o mandára tratar; porém, por cabal resposta, mandei-lhe tornar a pôr o lenço na boca, e, fazendo-o sair de casa, conduzi-o, depois de muitas voltas para a mesma rua onde o havíamos prendido; em seguida mandei pôr a sua espada perto delle, e, antes de o deixar, disse-lhe : Senhor Marquez, ídes ser solto, mas isto é com uma condição : desculpai-me por ser obrigado a volta impor : vemi a ter que, se antes de um quarto de hora vos mexedes deste lugar, seréis morto; muitas pistolas que estão apontadas para vós serão disparadas imediatamente. Assim a vossa vida depende do bom cumprimento desta condição, que é a ultima que vós será imposta! Perdão, senhor Marquez, de tudo o que se tem passado esta noite. Lembrai-vos bem do que acabo de dizer-vos, e crède que

nós somos homens decididos, que ainda nunca faltámos á nossa palavra. O senhor Marquez, continuou este homem, ficou intimidado do ar com que pronunciiei estas palavras, e não se boliu do seu logar: elle nos deixou todo o tempo necessário para fugirmos e nos livrás de suas perseguições, e, o que mais é, nenhum de nós teme de o encontrar; porque todos temos a certeza que nunca poderia reconhecer-nos, depois de todas as precauções que tomámos.

Comprovei em fin ao meu homem que eu estava satisfeita do modo com que elle cumprira as minhas ordens; depois de tudo isto, fiquei mais tranquillo, e tomei algum repouso. Quando eu estava indeciso a respeito do que devia fazer, tanto ácerca da duqueza de Chablis, como do Marquez de Floriant, recebi um recado da primeira, que me pedia com instancia de ir imediatamente a sua casa; e bem julguei qual era o motivo porque ella me queria ver com tanta pressa. Preparei-me nova-

mente para fazer bem o meu papel, e fui a sua casa com muita afobosa. Apenas a minha carruagem havia parado, que o mesmo Floriant veio abrir-me a portinhola. Que é isso! já de volta, meu caro Marquez! Muito estimo de vos encontrar aqui; espero que logo que a minha visita à senhora de Chablis esteja feita, tereis a bondade de me apresentar a vossa amável esposa.

— A minha esposa! respondeu Floriant com o accento do furor reconcentrado, a minha esposa! Vinde, acompanhai-me, D. Fernando: quando vos deixei hontem, não julgava que teria de vos encontrar com cousas tão inconcebíveis; mas a Duqueza espera por nós; vinde, vamos depressa. — Que vos aconteceu? Ihe perguntei eu seguindo-o; que devo crer? quem pode por-vos neste estado?

— Em um instante fdes sabel-o. Dizendo estas palavras, abriu uma porta, e nos actuámos no quarto da senhora de Chablis. Ela parecia extremamente inquieta, passeava a passos largos de um

ponta do quarto a outra, e todo o sétimo marcava o imperio de alguma paixão violenta sobre todos os seus espíritos. Logo que nos viu entrar, parou imediatamente, e sem nos dar tempo de a saudar, me disse; D. Fernando, poderieis nunca tal pensar? poderieis imaginar que assim sombrassem de nós? — Senhora, lhe disse eu, tudo o que vejo me surprehende, é a vossa agitação e desespero em que o Marquez está, me dizem que alguma causa desastrosa vos aconteceu. — Como, replicou ella com impaciencia, não sabeis o que nos aconteceu? Floriant não vos conteu que o joven Conde e Felicia fugirão; e que tiverão a insolencia, com o favor de uma velhaçada infame, de se casarem diante de mim? Sim, continuou ella, com maior furor, á meus próprios olhos se casarão! . . . Neste momento, a colera pareceu suffocá-la, e viu-se obrigada a passar para poder tomar respiração. Eu nunca deixei de me mostrar muito sobressaltado de que acá-

bava de ouvir; porém queria ainda parecer que duvidava, e dirigindo-me a Floriant, lhe disse: *Como pôde isso ser assim, quando hontem, antes de dez horas e meia, creis o esposo de Félicia?* — Não me admiro, me respondeu Floriant, que Chablis conseguisse enganar-vos tão bem, quando elle conseguiu, por uma astúcia incompreensível, fascinar até mesmo os olhos penetrantes de Armanda. — Certamente replicou a Duqueza chorando de raiva, é mais que verdade, elles me apanharão na minha própria rede: os laços que eu lhes armára para sua ruina, servirão para triunfarem mais seguramente da minha vingança. Monstros! agora estão-se rindo do cruel engano que faz todo o meu suppício. Esterelados de sua felicidade, ouço suspeitar que Armando já mais os poderá incomodar, e contemplão com alegria, do fundo de seu retiro, a terrível desesperação a que me reduziu a minha fatal credulidade. Grande Deus! quem me dêra saber o lugar

que os esconde a minha justa colera ; certamente, não gastaria muito tempo de sua perfeita segurança ; mas esse momento, assim o espero, não está longe, e é para vos pedir que nos ajudeis com vossos conselhos, D. Fernando, que vos pedi de virdes a minha casa. Então testemunhei á Duquesa que muito sensível era a este signal de confiança, e asseverei-lhe que me considerava feliz de a merecer por meus serviços. Confesso-vos que me custava muito a cobrir-me com a máscara da falsidade ; eu precisava de todos os receios que me inspirava a vossa posição, para occultar dentro em mim a raiva que a minha franqueza natural me punha a cada instante em perigo de rebentar ; mas o menor signal de intelligencia entre nós podia ser-vos prejudicial, e estava muito persuadido que a dissimulação era necessária, para deixas de a empregar. Assim, fiz ainda mais perguntas ao Marquez, para me instruir daquelle que eu sabia melhor do que elle. Florimut

me disse que o havião tratado indignamente ; que estava bem certo que não tinha seguido as ordens do Conde ; e depois de me ter contado tudo o que sofreu , tendo sempre cuidado de exagerar muito todas as supostas indignidades de que fôra vítima , jorou-me , batendo com a mão na testa , que havia de tirar uma vingança ruidosa , e era necessário achar o Conde vivo ou morto . Nós fallámos muito tempo a respeito do caminho que poderíeis tomar ; eu fiz quanto pude para lhes fazer persuadir que tinheis deixado a França . O marquez estava pelo meu dito ; porém a duqueza nos disse , que ella ouvira dizer muitas vezes ao Conde , que um criminoso em parte nenhuma estava mais bem escondido como na sua , propria cidade ; porque infallivelmente os magistrados não se persuadirião que elle poderia determinar-se a ficar em um sitio onde tanto teria a temer ; que então esta cidade não sendo aquella onde elles fizessem suas pesquisas , o cri-

inôsso estaria tranquillo. Segundo o meu modo de pensar, continuou a Duqueza, julga que fazemos bem de crençalhar que elle esteja ainda no reino; e formurmos os nossos planos sobre este ponto. Agora vou a casa de meu pae, prosseguiu ella tocando a campainha: vós sabeis quanto elle e minha mãe me estimão! se então não duvido que elle tomará este negocio muito a peito, e espero dar-vos, dentro de poucos dias, boas notícias. A presença de suas criadas nos impediua de continuar; e por isso fui ás moas de cousas indiferentes. O Marquez e a Duqueza, animados pela esperança de vos descobrir, parecerão mais sozegados; o Marquez lhe disse, muitas gracas, opinando que ella pareceu recuar-se; porém eu conheci bem que o seu espirito estava ocupado de pensamentos serios. logo que acabáram de a vestir, fomos acompanhá-la até a sua carroagem; depois disto, prezastei alguns negocios para, me ver livre do Marquez, que me fez prometer de nos

tornámos a vermaquelle mesmo dia; e depois deste instante esteve sempre comigo. O que lhe torna a minha companhia tão necessaria, é a ausencia do cavalheiro de Monfort, vostra segunda testemunha, que partiu para a sua viagem de muitos dias na mesma noite do vosso casamento.

Como a sua validade lhe não permitte de confessar publicamente que está muito escandalizado da preferencia que Felicia deu ao Conde, elle dissimula, e diz, de acordo com a Diqueza, que o joven Conde enganou Felicia, que julgava, desposando-o, desposá-lo a elle Marquez. Algumas pessoas dão credito a estas supostas verdades; mas aquelles que virão Felicia com o Marquez de Flotiant e o Conde de Chablis não comem a pele, e muitas vezes os vejo tirar debaixo da capa da futilidade do Marquez, que lhe não deixa conhecer que seus cuidados farão desprezados. Segundo estas circumstancias ficando eu só depositario de seu segredo, sou também o

único a quem elle dá parte de seus verdadeiros sentimentos ; e posso asseverar que elles são tais que devem pôr-vos em cautela. Talvez que a sua grande volubilidade lhe faça esquecer pouco a pouco sua amável sobrinha ; porém não creio que esta mudança seobre tão de pressa como eu desejo ; porque elle ama apaixonadamente Felicia , e seu amor parece ter tomado novas forças pelas dificuldades que lhe contrapõe rão ; e seu furor, por Felicia e o Conde o terem enganado, cada vez é maior. Floriant está continuadamente em casa da Duqueza, que é senhora absoluta em casa de vossa páe. O velho Duque julga ser amado de sua joren esposa ; por isso ella faz delle tudo quanto quer. Logo que a senhora de M.... lhe ofereceu sua filha , asseverando-lhe que depois de a ter consultado já em seu coração que ella preferia o páe no filho, sua vaidade se lisongeou muito para penetrar os verdadeiros motivos da senhora de Blesiac ; e sua cegueira foi

tal, que sabendo do casamento e da fugida do Conde, deixou-se persuadir que fôra para se fingar da indiferença de Armando, que seu filho procuraria não só os meios de ser amado por Felicita, mas também de impedir por toda a qualidade de intrigas o casamento projectado entre o Marquez e sua sobrinha, que Armando approntava abertamente. Como esta ultima tem tanto espirito e astúcia, como maldade, fingindo tomar o partido do conde, excita cada vez mais o duque contra elle. O ministro, que vos detesta, deu ordens as mais severas para vos prendessem em qualquer parte que vos desejarem; e, para que não tenhais meios alguma de passar aos paizes estrangeiros, mandou já a toras as postas os rossos signaes e os de Fálioja. Assim não tendes outro partido que tomar senão o de ficardes neste castello, onde chegastes sem perigo nenhum, e cuja posição vos põe ao abrigo de todo o risco. Eu tenho toda a confiança no meu criado

grave, que é o unico que sabe o segredo; e em quanto ás pessoas que vos servem, nada ha que recaer de sua indiscreção; porque, como o castello está longe da cidade, nunca veem ninguem, e de mais, ellez vos julgão estrangeiros e meus parentos chegados, o que faz que no caso mesmo que ouvissem falar do Conde e da Condessa de Chablis, nunca os poderião reconhecer de baixo do nome de D. Ramiro e D. Leonor; estal pois socogados, meus caros amigos, continuou D. Fernando apertando-os em seus braços; gozai só a felicidade de estardes unidos; e se amais o vesso amigo, apartai para longe de vós toda a idéa triste que possa alterar a vossa felicidade. Alpda vólo torno a dizer, pensai sómente na satisfação da estardes juntos, e crède que vos dirijo como um depósito muito precioso que Deus mesmo me confia, e me manda preservar de todos os perigos, de todos os trabalhos, e de todas as desgraças. Acabando estas palavras, D.

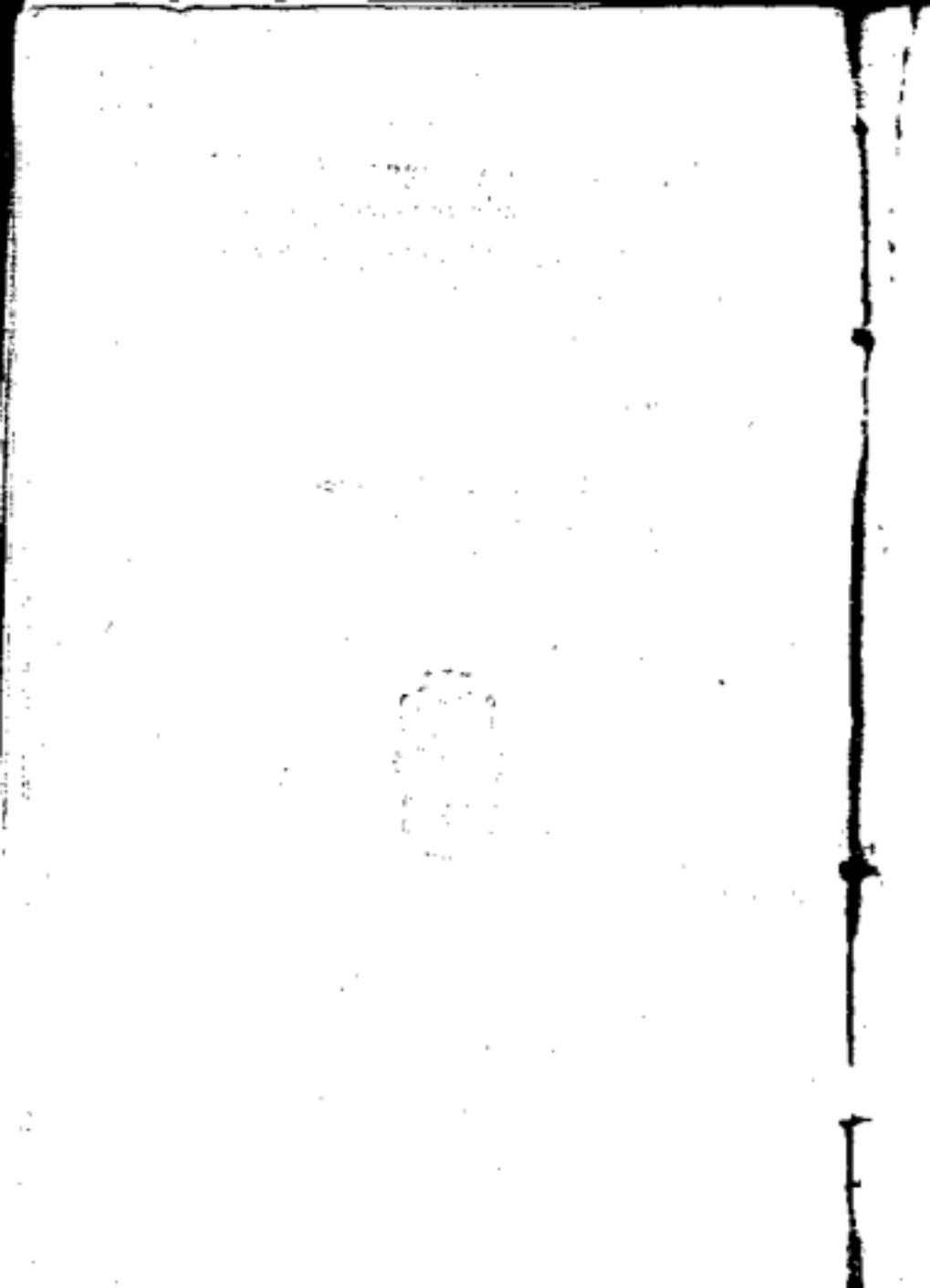
Fernando se levantou, e nós dissemos que não podia demorar-se mais um instante comosco; que uma ausência maior poderia ser notada por Floriant, e poderia dar-lhe suspeitas. Muito nos custou a rendemo-nos às suas razões, e voltando para o castello, fomos o mais de eager possível, de baixo do pretexto de que Felicia estava cansada; mas a dizer a verdade, era para estarmos mais algum tempo com o nosso amigo. Antes de o deixarmos, perguntei-lhe como estava minha irmã: elle me disse que meu pão havia mostrado desejo de a tirar do convóto, mas sempre com a sua conclusão solidária, se isso fosse da vontade da Duquesa; pois, dit elle, tudo o que ella quer é justo, e tudo quanto faz é bem feito. Armando que quer subjugar inteiramente seu velho esposo, pareceu encantada de achar esta occasião de lhe agraciar, e está decidida a ir buscar amanhã vossa irmã Palmira. Ela esboçou ao Duque que tudo quanto desejava, era ser a mais

infima amiga de sua adorável filha. O Duque está muito contente por achar tanta complacência em sua joven esposa; e sempre lhe está a dizer que Palmitira ha de ter grande satisfação, por elle lhe dar por madrasta uma senhora tão amavel.

Fu não tive tempo de mostrar ao meu amigo o desgosto que sentí com aquella noticia; pois estávamos no pátio, rodeados da gente do castello. Elle montou a cavallo, abraçou-me, e despediu-se de Felicia, chamando-lhe sua querida irmã (não ajustáramos de nos chamarmos mutuamente irmãos na presença dos criados), e depois de nos ter prometido de vir visitar-nos o mais breve possível, partiu acompanhado do seu criado grave. Muitos dias se passáram sem termos o nosso amigo, e durante este tempo, eu e Felicia nunca deixávamo de falar delle, e de minha irmã Palmitira. As minhas penas por esta erão grandes; porque, depois do que D. Fernanda nos dissera, imaginava-

Vela em casa do Duque, e a minha
terna amizade m'a representava a filha
diariamente pelo gênero impetuoso da
Duquesa.

Há no Tomo Parma.



O EREMITA
DOS
BOSQUES DE SANTAREM,
ou
OS TRES AMIGOS.

A minha Felicia, continuou o Conde, punha todo o cuidado para me disfarçar do temor que me causava a posição de minha irmã, e me fazia esperar que, não tendo ella nunca feito causa alguma com que Armande se pudesse offendêr, seria tratada, se não com ternura, ao menos com aquelle respeito que lhe era devido como filha do Duque de Chablis. Uma segunda visita de D. Fernando acabou de me socegar sobre a sorte desta terra ímpia. Elle nos disse que Palmira

sairá do seu convento, acompanhada pela Duqueza; que se comportava muito bem com ella; mas que era facil de notar que a amavel deçurã, que Palmira oppunha continuamente ao caracter violento de sua madriasta, era a verdadeira causa da uoião que reinava entre ambas. Ella está muito triste, me disse D. Fernando, pela ausencia de seu querido irmão; a Duqueza lhe pintou a vossa conducta com as cores mais negras; porém a ternura de Palmira nega-se a crer tudo quanto pôde representar-lhe seu irmão culpavel, e muito bem conheceu que havia mais aversão de que verdade em tudo o que lhe disse a vossa inimiga. Palmira é uma pessoa muito amavel; e continou o nosso amigo, e julgo que o Conde é muito feliz por ter viva tal irmã. — Confessai, lhe disse eu sorrindo, que mais feliz julgareis aquelle que for seu marido? — Ah! na verdade, meu querido Conde, me respondeu elle vivamente; mas quem poderá lison-

gear-se de commover o coração de vossa amavel irmã? — Minha irmã é sensivel ao merecimento, lhe disse eu, e persuado-me que ella saberá distinguilo na multidão daquelles que a pretendem. Felicia, que percebeu o que eu queria dizer, e que acabava de ler no coração de D. Fernando, disse com muita graça : Eu sou alguma cousa propheta, e li no futuro que a noesa querida Palmira consagrará bem depressa pelo mais santo contrato, os nomes de irmão e de irmã que D. Fernando nos deu pela amizade. D. Fernando não pôde conter a alegria que lhe causava esta predição; e pegando na mão de Felicia lha beijou, chamando-lhe sua querida irmã. Eu folgava com a impressão que a minha Palmira fizéra sobre seu coração. Um olhar inquieto que elle lançou sobre mim, me desco-briu o que pensava, e eu apressei-me a certificar-lhe que o seu casamento com Palmira remataria a minha felicidade. Enfim, D. Fernando, fallou, sem cons-

— 8 —

transgimento, de seu amor, de seus re-
cados, e de suas esperanças. Felicia, que
ajuntava a muito espírito uma doce a-
legria, e uma imaginação viva e bri-
llante, nos fez fazer mil projectos. Ali
de inígn! a esperança fazia que os não
tratassesemos de quimbras. A loucura
maior dos homens será pois acreditar
sempre na felicidade!

Nós fizemos o que podíamos para de-
mover mais tempo o nosso amigo; po-
rém o receio de nos incomodar por es-
ta amável condescendência o arrancou
de nossos braços. Poucos dias depois tot-
nou à ver-nos, e foi então que elle me
contou que o Marquez me acusaria de
rapto, e que, depois desta falsa acusa-
ção, me havião condenado à morte;
que com tudo o rigor de la sentença com-
movera Floriant, que se juntaria com o
Duque de Chablis para pedir ao rei de
commutar a pena, devida ao meu crime,
em uma prisão perpetua, o que o rei
concedeu a rogos de ambos. D. Fernan-
do me disse que estava persuadido que

punha o Marquez cometeria similiar
te excesso, senão fossem os detestaveis
conselhos da Duqueza, que punha todo
o cuidado em o exasperar cada vez mais
contra nós. Todavia elle apartou o tem-
mor do meu coração, asssegurando-me
que estávamos em segurança, e repe-
tindo-me que só uma imprudencia da
nossa parte é que poderia perdet-nos.
Não se passara nema semana que elle
não viesse ver-nos : a sua visita era
sempre por poucas horas, e isso era o
que nos custava mais. Durante o tem-
po de suas curtas visitas, contou-me co-
mo fôra o encarceramento, a prisão e
a m' de funesta da Cinq-Mars, e de
Thou. Não vos lembrai, disse o Con-
de de Chablis, os detalhes daquelle
triste acontecimento. Na verdade vós
admiraistes como toda a Europa a presen-
ça de espírito, os sentimentos religiosos
e a coragem que illustrárão o fim des-
plorável daquelles infelizes amigos !
Ah ! sua desgraça me penetrou de dor ;
eu não podia apartar do meu espírito

a cruel lembrança daquelle gadafalso tinto do sangue do amavel Cinq-Mars, e do inestimavel Thou. Ah! de mim! havia já muito tempo que o meu amigo não existia, e a ternura previdente de Fernando me havia occultado esta terrivel verdade. Elle se encarregaria até então das cartas que eu escrevia a Cinq-Mars; porém em lugar de respostas, o meu amigo tinha a astucia de me trazer sempre algumas novas desculpas, cuja verisimilidade bastava para me tranquillizar a respeito dos sentimentos de Cinq-Mars.

Finalmente, D. Fernando soube que eu soubesse esta noticia por alguma via estranha, e por isso elle mesmo se encarregou desta triste comissão. O meu amigo tinha poucos conhecimento de Cinq-Mars; não obstante pateceu-me extremamente commovido, fazendo-me a narracão da sua desgraça; e, contando-me que o cardenal de Richelieu alcançara do rei o enfilo de quatro officiales, seu sómente por sus-

peitá que erão amigos do estribelio
mór; pediu-me com instânciâ que vi-
giasse mais que nunca sobre a minha
conducta. Então, lhe disse eu, será
uma razão sufficiente para ser culpado,
o ter sido amigo de Cinq-Mars? Esta
pergunta o enterneceu singularmente;
esteve um instante calado, e fitando
os olhos sobre os meus, começou a
chorar. Contudo, vencendo esta dolorosa
impressão, seu semblante appare-
ceu mais tranquillo, e sem responder
directamente à minha pergunta, dis-
me com um tom soergado, que elle
julgava que todos os amigos do estribelio
mór serião sempre desagradaveis ao
cardeal, e que estando este ministro
mais poderoso que nunca, a prudencia
devia apartar da corte aquelles que
fossem conhecidos por amigos de Cinq-
Mars. Por conseguinte, continuou elle
sem affectação, felicito-me que as cir-
cunstâncias do vosso casamento vos
obriguem a viver algum tempo no reti-
to. A doença do cardeal occupa todos

os espíritos; e certamente a sua morte, que se olha como previsível, fará esquecer esse desgraçado tratado feito com a Espanha. A serie dos acontecimentos, continuou o Conde, me recordou os detalhes dessa conversação porque en tão ocupado inteiramente da desgraça de Cinq-Mars, não me demorei nas tristes memórias que poderia inspirar-me a compreção exacerdatória de Fernando. Felicitação não terá o miúdo, porque atribuindo tudo a filha sua, pensava sempre que nos meios de me consolar desse terrível acontecimento. Assim, a situação de nossos espíritos ajudou D. Fernando a nos apartar de suspeitas, que a sua sensibilidade poderia fazer nascer; e dergás tornando-me mais senhor de mim, esqueci-me da maioria das calomnias; fiquei sozinho, e a espada da vingança e do terrível ciúme estava suspensa sobre a minha cabeça!

Entretanto, para me distrair dos dolorosos pensamentos que me deixava

a lembrança de Cinq-Mars; D. Fernando me fallava constantemente de minha querida irmã; pois sabia que tudo quanto lhe dizia respeito me interessava muito.

Eu via com satisfação os progressos que o amor fazia no coração do meu amigo, e desejava ardenteamente a sua união com Palmita. Finalmente, ao fim de alguns meses, Bernardo nos disse que o Duque e a Duquesa ansiavam a sua felicidade; também nos disse que, não podendo supportar a tristeza que causava a Palmita o silencio da sua irmão, elle lhe havia revelado tudo; que nós não devíamos querer-lhe realçar que, por esta confissão, conseguira acalmar os temores da moça irmã; e a determinara a satisfazer seus gafos; por quanto, ajuntou D. Fernando, ella me asseverou que, não obstante a terousa que por mim sentia, nunca consentiria entregar a sua mão a um homem que julgava o inidigo de seu irmão. Approvei tudo o que meu amigo fizera, e fui

cânticos peneltrados de alegria; pela agitável idéia de o termos brevemente por irmão. Ah! como sentimos bem naquele momento a doçura de achar, no acréscimo da nossa família um amigo verdadeiro! Nós lhe fizemos prometer que, logo que as festas necessárias para o seu casamento se terminasssem, nos traria Palmira. Ele nos disse que essa era a sua intenção e a de Palmira, e que essa era uma razão forte para ella apressar esta união tão desejada. Esta vez nós o deixámos com menos pena; porque a idéia de o termos unido áquella que o faria feliz, e a esperança liscajeira de apertar em nossos braços, uma irmã tão querida, excluíram de nossas despedidas aquelle aperto de coração tão penoso, que o mortal sensível experimenta arrancando-se dos braços de seu amigo.

Em fim, esse dia afortunado que nos reuniu a todos quatro, nós o vimos chegar. Passarei em silêncio a doce alegria que experimentámos durante este curto

espaço. Palmira e Felicia vião-se pela primeira vez; porém, á primeira vista sympathisárao tanto uma com a outra, que desde aquelle instante, se amárao ternamente, Felicia ia bem depressa augmentar a minha felicidade fazendo-me pão. Palmira a D. Fernando quise-
rão pôr o nome ao meu filão, e foi de-
cidido que, logo que Felicia tivesse da-
do á luz, eu os mandaria avizar pelo
seu eriado grave, que, por este motivo,
ficaria no castello; precauções que jul-
gámos necessarias para não se descobrisse
a nossa residencia. Poucos dias depois
da visita de D. Fernando, tive a im-
comparável felicidade de abraçar meu
filho. Ah! na verdade o instante que
nos tornas pão deve ser o melhor da
nossa vida; pois aumenta nossos gozos
fazendo-nos experimentar um sentimen-
to delicioso, até então desconhecido. Oh,
meus amigos, eu sou bem infeliz! mas
sinto ainda um momento de satisfação
pensando naquelle em que puserão em
meus braços o filho da minha Felicia.

Então festrui a D. Fernando e a Palmita por via de uma carta, e elles vieram logo ao castello. Meu filho foi chamado Julio; e sua mãe, não querendo entregar o n.º cuidados estranhos, o criou ella mesma. Unicamente occupaçâa de seu marido e de seu filho, a minha querida Felicia parecia esquecer que existião outros entes; felicitava-se de estar affastada do mundo: por quanto, me dizia ella muitas vezes, se estivesse no meio desse turbilhão, poderia gozar da minha felicidade? Não, certamente a sociedade me roubaria todos os instantes afortunados que passo na solidão. Seria preciso conformarmo-nos com todos os seus usos; e então, meu querido Chablis, estarias pouco tempo com a tua Felicia; a nossa classe nos faria uma lei de receber mil importunos que nos separarião continuamente. Meu coração applaudia a tudo o que dizia Felicia; gostava uma satisfaçâo tremendo, pensando que eu só bastava para fazer a felicidade de uma mulher tão interes-

cante; e em sete braços desafiava o cioso furor da Duquesa e do Marquez.

Todavia, D. Fernando me advertia que me acautelasse de não sair da tapada, de ter todo o cuidado com os seus criados, e de não os mandar a parte alguma, fosse qual fosse o motivo. Ele temia que os interrogassem, e assentava-me que Armande e Floriant nada pouparão para nos descobrirem. Fernando, e minha irmã moravão em casa de meu pão. Armande o tinha exigido assim; pois achava em minha irmã uma companhia boa e amável; e julgava que D. Fernando era o seu maior íntimo amigo; supondo-o meu maior inimigo; assim, por estas duas razões, temia ella de se separar de dois entes que lhe erão necessários. Este arranjo convinha pouco a D. Fernando, e a Palmira; mas o receio de estarem separados para sempre, os fizera assentir a esta clausula de seu casamento. Considerando elles estavão extremamente incomodados, não podião dar um passo só.

ra do palacio sem que Armando o soubesse , e nós estávamos afflictos , porque isso os impedia de nos virem visitar mais vezes. Quando vinham vê-nos, era preciso dizer que fôr para uma quinta que tinhão distante de Paris dez legoas : felizmente aquella quinta era na mesma estrada do Maine , e isto fazia que D. Fernando , vindo para o castello , podia demorar-se alli com seus criados ; e durante o tempo que o julgavão só com Palmira , ambos se escapavão por uma porta secreta , e montavão em uma caleça que o seu criado grave tinha prompta. Era deste modo que nós gozavamos algumas vezes do prazer de estarmos reunidos.

Havia perto de quatro annos que passavamos dias felizes na noasa amavel solidão. A minha Felicia havia aumentado a minha ventura dando á luz a minha querida Celiza. Algum tempo antes , tinhâmos compartido a alegria de D. Fernando , que era pão de um filho mais novo que Julio , alguns me-

zes. O conhecimento que fizemos com um mancebo que depois adquiriu direitos eternos ao meu reconhecimento, veiu também trazer ao nosso caro retiro um novo encanto. Eis-aqui de que maneira vi pela primeira vez D. João, que até agora só conhecia debaixo do nome de cavalheiro de Moberquy, e que tantos annos de ausencia não podéram riscar da minha lembrança. — Ah! interrompeu vivamente D. João, meu caro Chablis, tende piedade do vosso amigo. Vós me cortais na alma enchendo-me de affecções que não mereço. Grande Deos! é mais que verdade, fui eu que aumentei vossos desgostos fazendo correr as lagrimas da amavel Celiza, da filha da infeliz Condessa! O meu amigo! espero que me perdoeis; mas eu, jámai, jámai... — D. João, seplicou o Conde, se sois meu amigo, é preciso que m'o proyeis, não pensando, nem fallando mais desse instante de erro a que vos arrastou a ambição. Vós julgastes Celiza filha de um pobre

Eremita, e por isso queríeis oppor-vos á felicidade de vossa filha! Possa este exemplo ensinar-vos a nunca mais fazer injustiças ainda mesmo ao menor dos homens; e em qualquer classe que encontrares a virtude, sabei tributar-lhe homenagem. Escutai os sentimentos que vos dicta o vosso coração sensível, e fareis menos sacrifícios ás vaidades do mundo. Ciêde, meu caro D. João, que as maximas do mundo são muito opostas á verdadeira felicidade. Mas perdão, meu amigo: eu temo, querendo fazer-vos conhecer as verdades que a desgraça gravou na minha alma, ter tomado o tom importante que convém antes ao pedantismo do que á amizade. — Não, não, disse D. João todo enternecido; não, meu caro Conde, vós sois sempre o mesmo: vossos conselhos são cheios de bondade, de virtude, de docura: felizes aquelles que vivem juntó de vós! elles aprendem a ser homens applicando-se a tornar-se melhores. O Conde pôz a mão sobre a boca de D.

João, para o impedir de continuar lou-
veres que lhe erão muito bem devidos,
mas dos quais sua modestia se offendia; e tornando a tomar a sua história
na parte onde fôra interrompido, lhes
disse: Certamente, meus amigos, a
amizade veiu ainda encher-nos de seus
favores, e esta felicidade devo-a ao acas-
so, que me fez encontrar o cavalheiro
de Moberquy em um bosque que havia
no fundo do parque. Um dia, fiquei ad-
mirado de ver um mancebo caçar nas
terrás de D. Fernando. Ele conhecceu
o seu engano no mesmo instante em
que me viu; caminhou para mim com
um ar nobre e de satisfação, e saudan-
do-me com graça, me disse: Perdão,
senhor, o ardor da caça me levou mais
longe do que devia ir: parece-me que
já não estou nas herdades do senhor de
Malbranche. — Não, *senhor*, lhe dis-
se eu; este bosque pertence a um se-
nhor estrangeiro; mas eu sou muito seu
amigo, e por isso vol-o offerço para ca-
çadas como pertencendo-vos. O cava-

Iheiro pareceu encantado da minha fraca
gazeza; e depois de me ter mostrado
quanto era sensível ao meu offerecimen-
to, pediu-me que lhe desse licença de
vir vêr-me mais vezes para cultivar o meu
conhecimento, e merecer a minha ami-
zade. Um encanto irresistivel me afsei-
goava a elle de tal sorte, que me esque-
ci das precauções que me forão recom-
mendadas, para seguir sómente a mi-
nha inclinação. Assim, sem pensar na
imprudencia do meu procedimento, con-
videi-o a vir descansar no castello. Mo-
berquy aceitou com alegria a minha
propositão; e vós deveis julgar da sur-
preza de Felicia, vendo-me accompa-
nhado de um estranho! Elle pareceu
encantado da sua formosura; e a mim
tornou-me por Hespanhol, e me disse
que havia pouco tempo que habitava em
França, mas que brevemente julgava
deixal-a. Esteve quasi todo aquelle dia
comnosco, e nos contou que era casa-
do, que tinha um filho de idade de tres
annos; depois pareceu entetecer-se

fallando-nos de sua mulher e de seu filho, dos quaes era muitas vezes obrigado a estar ausente. Durante o pouco tempo que estivemos juntos, conheci que o cavalheiro de Moberquy (foi assim que elle me disse se chamava) aggiuntava a um espirito illustrado, vivo e brilhante, um coração bom, sensivel e virtuoso. Quando se despediu de Felicia, pediu-lhe licença de a vir visitar em quanto tivesse a felicidade de ser seu vizinho. Então elle nos contou que estava em casa de um seu amigo, chamado Malbranche, que naquelle occasião estava ausente. A minha esposa conhecendo o prazer que me causaria este encontro, lhe asseverou que sempre que viesse seria bem recebido; mas que não gostando de companhia, e não se importando com o mundo, lhe pedia que viesse só ao castello. O cavalheiro fez-lhe uma centura lisonjeira pela amizade que tinha ao retiro; porém prometeu de se conformar com a sua vontade, e despediu-se de nós. Aquella noite se

passou a falarmos do nosso novo conhecimento; no outro dia, e nos que se seguirão, o cavalheiro nunca deixou de vir: todas as vezes que o viamos, descobriamoſ nelle mil qualidades que lhe asseguravão a nossa amizade, e a nossa estima. Moberquy tambem se afiçoava cada vez mais a nós; e por isso demorava mais a sua estada na quinta de Malbranche, só para estar mais tempo connosco. Comtudo elle devia deixar-nos brevemente, e com grande pena pensavamoſ no instante que nos separaria de um homem, cuja amizade se nos tornaria tão necessaria. Muitas vezes íamoſ sair-lhe ao encontro; e ajuntando-nos no bosque onde primeiramente o vi, voltavamoſ todos para o castello. A nossa conversação versava sempre sobre objectos interessantes, tais como a vida dos homens grandes, as leis que erião mais convenientes aos diferentes povos, a sabedoria e os vícios dos melhores governos. Outras vezes ou fallavamoſ da botanica, outras, fazia-

mos entre todos tres um lindo conser-
to, Felicia, que era muito espirituosa,
e tinha muitos conhecimentos e talento,
tornava parte nos nossos prazeres e os tor-
nava maiores.

Um dia que, segundo o nosso costu-
me, estávamos no bosque à espera do
cavalheiro, ouvi chamar por mim com
furor, e reconheci a voz do Marquez
de Floriant que se lançava sobre mim
com a espada desembainhada. Felicia
deu um grito espantoso; e, puxando-me
para ella com força, deu tempo ao ca-
valheiro, que naquelle momento se a-
juntava commosco, de segurar o braço
do Marquez, que, com a raiva no co-
ração, se voltou precipitadamente, e,
lançando-se sobre o cavalheiro, lhe met-
teu a espada no corpo. No mesmo ins-
tante Moberquy caiu; e a sua espingarda,
embaraçando-se com a queda, des-
parou-se, e fetiu o Marquez, que per-
deu os sentidos.

Tudo isto se fez antes de um minuto.
Eu corri para defender o meu amigo,

mas elle é o meu inimigo parcerião já sem vida. Então disse a Felicia que chamasse promptamente alguém para nos soccorrer, e durante este tempo, tratei de estancar o sangue daquelles dous infelizes, que, sem se conhecer acabavão de se dar o golpe da morte. Ah! como naquelle momento, me exprobrava amargamente, por ser a causa de tal desgraça, ainda que inocente! Felicia veiu com quatro homens do castello, e nós lhes ajudámos a transportar o cavalheiro, e o Marquez. Quando entrámos no parque, encontrámos D. Fernando : julgai qual seria o seu espanto, vendo Felicia e a mim, pallidos, desfigurados, ocupudos a dar soccorros a dous homens que levavão em macas, banhados em sangue, e que pareciam mortos! Ah, céos! exclamou elle, o Marquez de Floriant? Eu tinha o coração tão trespassado, que não pude dizer uma palavra : apertei-lhe a mão, e olhando para o cavalheiro, novas lagrimas inundáram minhas faces. Oh meu

Deos! quem é este mancebo? continuou elle, — Vós o sabereis, disse Felicia, e ordenando aos moços que apresassem o passo, continuámos a marcha em silêncio. D. Fernando parecia impaciente por saber deste desastroso acontecimento; mas julgando bem que nós não podíamos fallar diante de tantas testemunhas, não nos fez pergunta alguma. Assim que chegámos ao castello, achámos, o cirurgião da cidade vizinha, que Felicia mandara chamar. Elle sondou as feridas, e depois de as ter examinado bem, disse-nos que não havia remedio para aquele que recebéra o tiro de espingarda, que estava carregada com baia; e que brevemente expiraria; quanto ao outro, que a ferida não lhe parecia mortal. O Marquez foi o primeiro que recobrou os sentidos: elle olhou muito tempo em redor de si, e pareceu chamar suas idéas. Eu ouvi-o gemer no quarto vizinho, onde estaya junto da cama do cavalheiro. Grande Deos, quanto padego! dizia elle com

um accento doloroso; e a cada instante se interrompia: Mas onde estou? Neste momento, seus olhos se fitaram sobre D. Fernando, e sua voz se animou: Na verdade serás tu, homem velhaco, detestável enganador! O cirurgião neste ante instipassou ao pé da Moberquy que parecia sempre sem vida. Eu temendo que o Marques fosse ouvido, fechei a porta sobre nós, e foi então que D. Fernando me contou a serié de seu entretenimento com Floriant. D. Fernando, continuou elle com uma voz cortada de suspiros, que lhe tiravão as dôres, vós obrastes bem cobardemente com um homem que vos concedera toda a sua confiança. — Floriant, respondeu D. Fernando, pertencer-vos ha fazer-me uma tal exprobração? Permitta o Cão, que a venda fatal das paixões cáia do vosso olhos, e vos ensine em-fim a conhecer toda a extensão do serviço que vos fiz, servindo o amor do Conde e do Felicia! Neste momento, fez um esforço para se assentár na cama. Seus olhos

estavão inflamados de colera e queria fallar; mas D. Fernando se chegou para elle, e lhe disse: Por favor, Floriant, não me interrompais; secegai, o vosso estado assim o exige. Sim, continuou elle, tomo o Céo por testemunha, foi unindo Felicia ao vosso rival que eu vos fiz um grande serviço. Felicia amava o Conde; e por isso ella nunca veria em vós senão um tyrano; teria sempre presente o indigno meio do qual vos terieis servido para ser seu esposo, e, não o duvido, em pouco tempo a morte vos coubaria a vossa victima. Vós estremecíeis com esta idéa! Ah! bem o conheço; Floriant nunca devia ser amigo de Armando; mas como é que com um coração sensivel, podestes ter parte nos crimes desta furia? A vossa vaidade fascinou-vos os olhos. Persuadido sempre que nada podia resistir-vos, o vosso orgulho vos fez atropellar todas as leis da honra; e vossa grande leveza vos impeliu de reflectir no crime real que commetdistis. Este funesto aconte-

cimento de que vós mesmo fostes a causa, talvez vos illustrará e fará sentir as injustiças affrontosas das quais vos tocastes culpado para com uma menina confiada a vossos cuidados, e que tinha direito de esperar do vosso reconhecimento uma amizade igual áquella que em outro tempo seu páe tivera com vosco. A estas palavras, Floriant pareceu enternecer-se; porém, continuou D. Fernando, em *logar de escutar aquella amizade que devia vigiar pela felicidade da filha do vosso irmão, entregastes-vos a uma paixão fúnesta que causou todas as suas infelicidades.* Vede quanto sois culpavel para com ella. Apenas Felicia saiu da infancia, já vós a quizestes obrigar a corresponder a sentimentos que seu coração não podia compartir. Levestes a crueldade a ponto de querer extinguir suas inclinações. Ah! certamente a esperança lisonjeira em que vosso irmão estava, de que sua filha seria feliz tendo-vos por spcio, adogou o horror daquelle momento terrivel em que

A morte exerceu sobre ellé o seu império. Ai de mim! este homem respeitável não se lembrava que o seu melhor amigo, seu irmão muito amado, seu filho adoptivo, o atormentaria tão cruelmente na pessoa de sua filha querida! Ah! se é verdade que as almas daquelles que nos eram afficcionados tem, ainda mesmo depois da separação de seus corpos, conhecimento daquelle que nos interessa, quanto não deve estar despedaçada a de vosso irmão, por ver sua filha perseguida por aquelle mesmo a quem elle julgava ter transmittido com seus direitos paternos toda a sua ternura! Floriant, creis vós que devíeis obrigar a infeliz Felicia a esconder-se, a viver longe do mundo, a passar uma vida errante e fugitiva, para fugir ao vosso furor, e conservar a vida de seu esposo, e de seus filhos? E não devíeis vós antes, desviar todos os golpes que o ciúme de Armando lhe desse? Vede, vede em que abismo de males sepultastes sua desgraçada família! Se

a Duquesa ainda não sabe o seu retrô bem depressa, talvez, o saberá ; e quem pôde conhecer então até onde irá a sua implacável raiva ? — Não, interrompeu Floriant; ella não conhece este retiro ! — Oh, que grande allivio me dais ! disse D. Fernando : os meus infelizes amigos estão ainda escondidos aos olhos da mais atroz perversidade ! O' meu Deos ! ouvi meus votos , e já-mais esse monstro poderá descobrir o retiro da virtude perseguida. Ah ! sem-duvida , se a paixão e a vaidade vos não tivessem cegado , teríeis , assim como eu , julgado o coração dessa Amélia , que sacrifica tudo ás suas paixões ; tel-a-feis desprezado tanto quanto ella é desprezível ; em vez de a servir em seus projectos , fugicieis della , como se foge de um monstro cruel que não tem freio que o segure ; o este exemplo de perversidade vos faria estremecer de horror. Não acrediteis , Floriant , que a vossa felicidade lhe interessa ; ella pareceu interessar-se por vós para

chegar mais seguramente aos seus fins; Enião D. Fernando lhe contou o que Armada dissera ao senhor e à senhora de M*** quando voltáraõ da Igreja. Floriant parecia escuta-la com atenção; neste momento, entrou o chirurgião para lhe fazer tomar um remédio; tomou-lhe o pulso e parecendo assustado do estado em que o achou, voltou-se rapidamente para D. Fernando, e lhe disse, que os seus cuidados não seriam necessários, que presentemente era preciso mandar chamar um padre.

D. Fernando ia mostrar ao chirurgião toda a sua impoténcia; por ter tão pouca castela zânia. Floriant aterrado com a idéa da morte, o interrompeu pegando-lhe no braço, e olhando-o com uma vista espantada: A morte disse ele com a voz de um homem ferido profundamente; a morte! — Céus! exclamou D. Fernando, que efeito produzido as tuas palavras! O chirurgião queria justificar-se; porém Floriant o interrompeu vivamente: — Ide, Dr. Fer-
II.
3,

naido, assim é preciso, a hora fatal está proxima; íde chamar um padre; não me negueis este socorro. Vou já cumprir o vosso desejo, replicou D. Fernando, procurando de o socegar, mas aquietai-vos, caro Floriant; eu espero que a paz de vossa alma trará algum alívio ao vosso padecimento physico; demais, meu amigo Floriant, o vosso estado não é . . . — Para mim já não ha esperança! interrompeu o ferido, já não tenho que esperar! Não ouvistes o que *vos disse o senhor doutor?* Ide, D. Fernando; por favor, não vos demoreis. Acabando de dizer estas palavras, casou sobre o travesseiro. Seus lábios estavão lívidos, e em seus olhos se lia a inquietação que o devorava: sua respiração estava tomada, e tudo n'elle annunciava os combates violentos de hum homem preso á vida, a quem o temor da morte faz ouvir o grito de uma consciencia muito tempo suffocada, e em quem o terror dos ultimos momentos desperta sentimentos de uma religião santa, que

o turbilhão do mundo, seus favores, sua adulação, lhe havião feito esquecer desde a sua infancia. D. Fernando fazendo signal ao cirurgião para que tivesse todo o cuidado, saiu precipitadamente, e chamou Felicia : elle lhe deu parte da scena que acabava de se passar, e lhe perguntou se conhecia um padre de sua confiança? — Conheço, sim, disse Felicia levantando os olhos e as mãos ao Ceo, penetrada da graça que Deus faria a Floriant; e o meu inquieto zelo preveniu o desejo de meu infeliz tio. Já mandei chamar um respeitável eclesiastico da nossa freguezia. Ainda bem estas palavras não erão ditas, que nôs o vímos entrar, e o introduzimos para o quarto do moribundo, que pareceu estremecer-se quando o viu : todavia o respeitável cura lhe fallou com uma afabilidade tão matiosa, e soube misturar a sabios conselhos consolações tão ternas, que elle o socorreu, e lhe inspirou uma inteira confiança. Floriant, e seu confessor, ficárão muito tempo sós ; du-

tante este tempo, nós estávamos todos ao pé do cavalheiro de Moberquy, que estava muito doente, mas o seu estado não nos assustava tanto como o de Floriant; pois o cirurgião nos asseverára que a sua ferida não era mortal. Eu instrui D. Fernando da nossa amizade com Moberquy, e fazendo-lhe conhecer as qualidades do cavalheiro, e os serviços que me fizéra, fiz-lhe compartir o meu affecto, a minha gratidão e os meus cuidados. O cavalheiro não nos fazia perguntas alguma: parecia esperar que eu lhe desse algumas explicações de tudo o que via; adivinhei o seu pensamento, e prometii-lhe de o instruir de minhas desgraças, logo que o seu terrível accidente, que tanto cuidado me dava, lhe permittisse de me ouvir: elle estendeu-me a mão, e me disse que dava graças a Deos por lhe ter dado occasião de me provar quanto me estimava. Então o cura entrou, e disse-nos que o moribundo chamava D. Fernando, o Conde e a Condessa. Eu fiquei admirado e o bom ecclesiastico, que conheceu

a minha inquietação, me disse : não vos assusteis, o senhor de Floriant morre com os sentimentos de um bom christão; reconhece os seus erros ; e, reconciliando-se com seu Creador, quer alcançar o perdão das perseguições que vos fez sofrer. Elle sabe que não merece esta graça ; mas espera alcançal-a do vosso bom coração, e pelo seu arrependimento ; também se põe aos pés de vossa esposa, e lhe faz a mesma supplica. Ah ! vamos depressa, Chablis, me disse Felicia chorando.

D. Fernando nos havia anticipado, e ao entrarmos no quarto, ouvimos a voz fraca de Floriant que pedia a D. Fernando de vencer a repugnância que terião suas infelizes victimas de ver um homem "que devião aborrecer. — Que dizeis ? exclamou a sensivel Felicia, lançando-se sobre a cama, e pegando-lhe em uma das mãos que balhava com suas lagrimas ; meu querido tio, vivei, amai-nos, e nós seremos felizes. — Certamente, caro Floriant, lhe disse cu-

com enternecimento, estes são os votos mais ardentes de nosso coração. Elle estava extremamente agitado; seus olhos se fixavão alternadamente sobre mim, e sobre Felicia; parecia vencer-se a si mesmo, e querer acabar um grande e violento sacrifício. Depois pegou-me na mão, e levantando os olhos ao céo, dando um penoso suspiro, uniu-a à de Felicia, e com uma voz solene, disse: Men Deos! abençoai estes virtuosos esposos, e perdoai-me assim como elles me perdoão. Attrás deste custoso esforço, desembaraçou-se mansamente das nossas mãos, parceu mais socegado, e recolheu-se consigo. D. Fernando que seguira todos os seus movimentos, fez-nos signal para nos apartarmos alguma cousa de seu leito, e lhe perguntou como estava. — Meu amigo, lhe respondeu Floriant, sinto-me aliviado de um grande peso; meu coração está menos doente, e por isso quero aproveitar os curtos instantes que Deos me concede para conversar com o Con-

de e Felicia; dizei-lhes que se assentem ao pé da minha cama. Então chegámo-nos para elle, e D. Fernando lhe disse algumas palavras ao ouvido. Eu não as entendi; mas notei que ellas o sobresaltáram extraordinariamente; pois olhando-nos com admiração voltou-se para D. Fernando, e lhe fez um sinal que pareceu contentar o nosso amigo. Este pôz-se entre Felicia e mim, e Floriant nos fez este discurso, interrompido mil vezes pelas dores que lhe causava a sua ferida: Certamente, a minha funesta apparição ter-vos-ha feito temer que a Duqueza salba o vosso retiro; estai socegados; ella o ignora, e só na minha volta é que o devia saber. Havia algum tempo que nós suspeitávamos que D. Fernando tinha notícias vossas, e que nol-as occultava. Sua ternura para Palmira, a qual estimava muito seu irmão, nos parecia ser a razão de seu silencio. Todavia, não obstante todos os nossos cuidados, ainda não podéramos descobrir cousa al-

guma. Armando, há pouco tempo, mandou-me chamar a sua casa, e me disse, que querendo acompanhar o Duque para a sua quinta, e devendo lá estar alguns dias, me pedia que tivesse toda a vigilância com D. Fernando, e que fizesse todo o possível para lhe apartar o seu segredo, supondo que elle tinha um; e para isso ella me deu diferentes meios: aquelle sobre o qual me fixei, foi procurar-nos seus papéis: ai de mim! que melhor me fôr não ter sido tão bem sucedido. Costumava eu ir muitas vezes procurar D. Fernando, e entrava em sua casa com tanta confiança, que já me não mandava anunciar: toda a gente me tinha pelo seu maior amigo, e seus criados me olhavão como sendo de casa. Hontem, achando-me só no seu quarto, lancei os olhos sobre a sua papeleira, e vi um bilhete que reconheci ser escrito pelo Conde; então puz-me a ler-o, e não vos posso explicar qual foi a minha raiva, quando soube que o Conde era pâe. Aquel-

le bilhete não tinha data; e por isso
não se podia saber de que tempo era,
nem de que logar fôra escripto; porém
o Conde apressava tanto D. Fernando
para ir com sua irmã aonde elle esta-
va, que não duvidei que elle estivesse
escondido perío de Paris. Tomei a pos-
e o bilhete no seu logar, e sai tremendo
que me vissem. Immediatamente tomei
o meu partido. D. Fernando me disséra
que partia no dia seguinte para a sua
casa de campo, e que contava passar
lá dous dias. Eu tinha lido no bilhete
do Conde as suas felicitações a D. Fer-
nando, sobre os pretextos que a casa de
campo lhe daria para se ausentar de
Paris, e os agradecimentos dos instan-
tes aforrinhados que Felicia e elle terião
com a sua companhia. A' vista disto fi-
quei persuadido que a sua ida era pro-
jectada na intenção de vos ir ver, e en-
tão decidi-me a seguir-o: mandei es-
preitar-o, e perto das quatro horas da
manhã, sendo avisado de que elle acas-
bava de partir, montei a cavallo, e se-

gui a sua sege. Informei-me em todas as postas do caminho que tomava, e desta maneira nunca o perdi de vista; em fin a um quarto de legoa daqui soube, que elle tomara o caminho do castello. Perguntei se para lá ir havia só uma estrada, respondêrão-me que se podia ir também pelo bosque. Então preferi ir antes por este lado para poder examinar os contornos do castello sem ser visto; e deixando-o meu cavallo na estalajem, entrei nesse funesto bosque, conduzido pelo chame, pelo furor e pela paixão, sentindo aumentar a cada passo a necessidade da vingança. Cheguei a um sítio onde o bosque forma um obelisco, e se devide em muitas aléas; estava indeciso sobre qual devia escolher, quando vos vi, Chablis, atravessando uma dessas rias com Felicia que se encostava ao vosso braço. Então não pude conter a minha raiva, tirei a espada, e lancei-me sobre vós; e o resto bem o sabeis. Ai de mim! se não fosse esse virtuoso mancebo que me

segurou o brago, commetteria o maior dos crimes, assassinava-vos. D. Fernando acaba de me asseverar que a sua vida corre perigo; a conservação de seus dias é uma prova da justiça de Deos, que não permitti a morte do inocente. Chablis, alcançai de vosso amigo o perdão dos padecimentos que lhe causa a sua generosidade. — Estai certo de o alcançar, meu caro Floriant, lhe disse eu com sensibilidade, e acredita que o cavalheiro padece mais do estado em que vos pôz involuntariamente, que de suas próprias feridas.

Floriant fez um sinal de agradecimento, e continuou assim : Agora só me resta pedir-vos que me mandeis transportar imediatamente para Paris : parece-me que poderei suportar a viagem, e seria muito perigoso para vós que eu morresse neste castello : a Duqueza poderia saber-o, e pôr conseguinte descobrir o vosso segredo ; demais, quero ver essa mulher inflexível, e ensinar-lhe com o meu exemplo a mudar de senti-

mentos, e a fazer-vos justiça. Tudo o que eu tenho, pertence a Felicia, e espero que o Conde aceitará todos os meus bens como um signal do meu vivo arrependimento.... Apenas podímos ouvir estas últimas palavras; pois estava cansado pelos esforços que fizera para nos falar tanto tempo. Felicia desfazia-se em pranto; e eu, temendo que as fadigas da jornada apressassem seus últimos momentos, fiz quanto pude parar o dissuadir de seu projecto; porém nada houve que o pudesse fazer mudar; e mostrando-me quanto era sensível ao interesse que eu tomava por sua existencia, reiterou sua ultima resolução. D. Fernando mandou preparar tudo, e Floriano, bêchado de nossas lágrimas, foi posto na carruagem, e partiu acompanhado do respeitável cura. D. Fernando, que, por produncia não entrara para a mesma carruagem, fez-nos as soas despedidas; promettendo dar-nos logo as suas notícias. O' minha Felicia! continuou o Conde com vehemen-

cia, levantando os braços para o céo, poderei pensar sem viva dor nessa época desgraçada! Alma celeste! ouve do seio da felicidade onde te pozerão as tuas virtudes, ouve minhas queixas, vê minhas saudades; comprehende toda a extensão do meu desespero por estar separado de ti, e pede a Deos que me dê animo de supplicar sem mutação uma vida que a tua morte encheu de amarguras. Chabíla, acabando estas paixões, pareceu abismado em suas tristes reflexões. Seus amigos, sua sobrinha, Cecília e D. Maria, choravão em memória de Felícia, e pelos desgostos do infeliz Conde. Finalmente, elle mesmo rompeu aquele silencio doloroso, e com uma voz mais firme, lhes disse: Perdão, meus amigos, da minha fraqueza; as lagrimas que vos vejo derramarão para mim muito preciosas. Tu choras, minha Felicia, e o meu coração recolhe teu pranto, e os meus males se xodogão com elle. Creio que Felicia ouviu a minha supplica, que a

apresentou a Deos, e que esse Deus bemfazejo, enternecido pela intercessão deste anjo, a curiu. Na verdade, meus amigos, parece-me que a minha alma está mais alliviada; e por isso poderei continuar com mais tranquillidade a penosa narração de minhas desgraças: eu tinha ficado naquelle ponto em que Floriant e D. Fernando partirão: logo depois da sua partida, fomos ao quarto do cavalleiro, e para o não aflijirmos, ocultámos-lhe do modo que podémos as tristes impressões que nos ficavão daquelle infeliz dia. Contudo elle se restabelecia, e oito dias depois do seu fúnebre encontro, achou-se em estado de ir para sua casa: foi então que eu lhe confiei o meu nome e as minhas desgraças, ás quaes pareceu extremamente sensível, e jurando-me uma amizade a toda a prova, disse-me que esperava brevemente provar-me quanto a minha confiança o entretencia. Não se explicou mais; e eu penetrado de interesse que me testemunhava, nô-

tratei de pedir-lhe a explicação do que acabava de me dizer: — Ah! meu caro Conde! interrompeu D. João, naquelle momento padecia muito por não poder corresponder á vossa confiança, dizendo-vos quem eu era; porém julgava indemnizar-me brevemente, e a minha prompta ída para Heispatha me fazia esperar de vos oferecer um retiro mais seguro e mais agradável. Eis aqui o que querião dizer estas palavras que não podestes compreender. O Conde lhe agradeceu ternamente, e continuou assim: Naquelle mesmo dia trouxeão uma carta de Paris, dirigida ao cavaleiro, o qual nos disse ser de muita importância; por isso, e por das nossas suplicas, não podemos demoral-o, e nos deixou apena contalente. Durante aquelles oito dias, não tinhamos recebido noticia alguma de Paris, e o silencio de D. Fernando causava-nos admiração.

O cavaleiro havia-nos promettido de ir a casa delle; porém apenas se

partira, que nós recebemos uma carta daquelle querido irmão, que nos assustou muito. Elle nos dizia que a Duquesa já sabia o sitio que nós habitavamos; que o unico meio de nos salvar, era sair do castello aquella noite, e irmos para São Germano, para uma estalagem chamada a *Casa Branca*; que elle mesmo se uecharia alli para nos conduzir a outro logar. Dizia-nos tambem que não nos admirassemos de não ver o seu criado grave, que estava doente, e não podia levar-nos estas uñas notícias. Dizia mais que o homem que nos entregasse a carta, levava uma carteira com letras do banco para recebermos duzentos mil francos, parte do dote de Felicia que Floriant lhe remettia. Finalmente, acabava por pedir ao cavaleiro que ficasse no castello ate quanto não estivesse restabelecido; e lhe asseverava que muito lhe custava não poder aproveitar-se da sua estada alli para se ligar com o amigo do seu caio Conde.— Era assim na verdade, que a car-

ta terminava, disse o Duque de Viseu-Badolide. Ah! mulher detestável! — Mas continuai, cafo Chablis, continuai, para eu conhecer todos os recônditos dessa alma falsa. — Fazei idéa, continuou o Conde, qual seria o susto que Felicia teve quando lhe li esta carta!

Todavia ella quis occultar-me uma parte de seus terróres; e tirando de sua coragem novas forças, mandou preparar tudo para a nossa prompta fuga. Durante este tempo, interroguei o enviado de D. Fernando; porém não pude tirar esclarecimento algum; pois este homem mal o conhecia, e por isso nada soube de Floriano. Julgei que D. Fernando queria falar-nos em São Gerardo, e que escrevendo-nos á pressa, não tivera tempo de me instruir do que se passara depois da nossa separação. Lembrando-me que não voltaria mais ao castello, guardei todo o dinheiro que D. Fernando me mandava; e perto das onze horas da noite entrei para uma sege da posta com a minha felicia, e os meus dous

filhos. Não posso explicar-vos todas as idéas sinistras que se apresentarão a meu espírito, quando deixei aquelles logares testemunhas da minha felicidade. Os quatro annos que alli estivéramos se passáram como um dia, e um funesto pressentimento me advertia que cada dia futuro seria para mim mais longo que annos inteiros. Júlio estava sobre os meus joelhos, e a minha Céliza nos braços de Felicia; ambos dormião a sonno solto. O soege destas innocentes criaturas adogava o desgosto de meu coração. Comtudo famo-nos affastando rapidamente do castello, e Felicia parecia abismada em tristes reflexões. Já os cavallos passavão a barreira da lameda, quando, antes de perder de vista a ultima árvore daquella residencia querida, Felicia metteu a cabega na portinhola, olhou o parque, o castello, a lameda, e assentando-se no fundo da sege, exclamou dolorosamente : Ah, querido Chablis! quanto me custa abandonar estes logares! — Oh minha querida

Vida amiga, lhe disse eu sigoindo uma
tranquillidade que estava bem longe de
sentir, julgas que não poderemos ser
felizes em outro qualquer lugar senão
no castello de D. Fernando? — Não,
replicou ella com affligrão, tu bem sa-
bes que todos os sítios da terra que ha-
bitares tem para mim os mesmos en-
cantos; mas, eu não sei o que diga, o
meu coração está opprimido de mil pen-
samentos tristes, que a minha fraca
razão não pôde vencer. Tu mesmo, Chu-
blis, continuou ella olhando-me com
uma ternura misturada de inquietação,
tu mesmo, meu amigo, não estás so-
cogido; eu que estou acostumada a ler
na tua alma, vejo nella com terror os
penosos sentimentos que a inquietão. Ai
de mim! qual é a desgraça que nos es-
tá reservada? que devemos esperar? e
porque razão, por uma triste sympathia,
imaginamos os mesmos receios? Eu es-
tava sensivelmente afflicto do tom me-
lancolico com que ella acabava de di-
zer aquellas ultimas palavras. Todavia

quiz animal-a, e representei-lhe que os nossos receios erão mal fundados. Nós vamos, lhe disse eu, achar um amigo que saberá ainda esconder-nos nos fúrcres de Armando. Tu vês, minha Felicia, que elle já preveniu seus projectos de vingança, avisando-nos a tempo que ella sabia da nossa residencia; agora é preciso esperar na divina providencia, que até agora nos tem sido favoravel, e não devemos entregar nossos espíritos aos negros desvarios da nossa imaginação. Felicia não fez mais do que apertar-me a mão. Beijou ternamente sua filha, e deixou cair uma lagrima sobre seu rosto.

Neste momento uma nuvem ocul-tou inteiramente a lua a nossos olhos, a noite tornou-se mais escura, o vento começou a assoprar com força. Os lugubres e agoureiros guinchos dos mo-chos, e das corujas, tristes aves nocturnas, umas empoleiradas sobre os troncos das velhas arvores espalhadas pelo campo, outras revoando em torno

da nossa sege , parecião presagiar-nos algum sinistro acontecimento ; e exageravão o horror das tristes idéas de Felicia. Um solavanco da sege acordou Julio sobresaltado , e o medo lhe fez dar um grande grito. A mãe já cheja de susto , não foi senhora do menor movimento ; foi só a um segundo grito que ella respondeu toda atemorizada. Julio não se havia mageado , e só nos perguntou onde estava , e porque estava tudo tão escuro.

Meu querido Juliosinho , tu estás nos joelhos de teu papa , lhe diz Felicia ; a tua irmãsinha também aqui está ao pé de ti ; não falles tão alto que a podes acordar , adormece-te. Elle estava bem acordado , e não quis dormir mais. Eu não fiz caso , porque a sua conversaçinha não permittia a Felicia de abandonar-se inteiramente a suas penosas reflexões. Era necessário responder ás suas muitas perguntas , estar atento para que não despertasse Celiza , e tomar sentido no que elle fazia , di-

zia e pedia. Chegamos finalmente a São Germano. O boleiro parou, como lhe havíamos ordenado, na Casa Branca. Immediatamente aparecerão ali dois homens para nos ajudar a descer. Um delles nos disse com um ar misterioso : Andai de pressa, já cá vos esperão. Tomáramo Julio e Celiza nos braços, e em quanto eu me demorei a pagar ao boleiro e dar algumas ordens, elles essináramo o caminho a Félicia, que os acompanhou sem a menor desconfiança. Um terceiro, que eu não tinha ainda notado, se chegou para mim, e me disse : O senhor D. Fernando vo^e espera há muito tempo. Olhei para aquele homem, e fiquei admirado do ar de impaciencia e pouco decente com que elle pronunciou aquellas palavras. Todavia, não podendo atribuir-l-o senão ao seu zelo para cumprir as ordens de seu amo, segui-o sem mais indagações. Atravessámos uma grande serra da estalagem e dois patéos muito atravancados, no fim dos quaes havia uma pe-

quena escada mui escura. Pareceu-me ouvir no fim da escada uma voz, que me não era desconhecida; e que me fez estremecer. Subi precipitadamente perguntando ao meu guia se finalmente tínhamos chegado. Sim, senhor Conde, respondeu elle muito de rijo, como para que o ouvissem as pessoas que eu ouvia fallar e soubessem que já ali estavamos. A isto seguiu-se um grande silêncio. Fechou-se uma porta com força, e eu achei-me em um corredor tão escuro que não sabia para que lado poderia marchar. O meu conductor abriu a porta de um quarto, pegou em uma luz, que achou em cima de uma má banca, e mostrou-me com o dedo uma porta, que estava no fundo do corredor, e disse-me que allí acharia as pessoas, que me esperavão. Abri-a com força. Meu Deus ! que espectáculo ! Felicidade morbunda, deixada quasi sem sentimento em uma cadeira de braços toda toda esfarrapada. Celiza, que ella apertava com um braço, acaricia-

va-a com as suas mãosinhaz, e parecia querer chamar-a á vida; juato a Felicia estavão sobre uma mesa muitos papéis espalhados, mais longe Julio chorando ao mesmo tempo que rasgava uma carta! Esta scena cruel e inesperada encheu o meu coração de terror. Julio assim que me viu gritou soluçando, e correndo para mim : Papá viude acudir á mamã. Ah! se visseis como a má mulher a fez chorar! Rasgo esta carta, que tanta pena lhe causou! Tomei Felicia em meus braços, dei-lhe vinagre a cheirar, e fí-la tornar a si. Elha abriu os olhos, conheceu-me, e me pediu chorando que a salvasse se ainda era tempo; que de boa vontade morreria se elle pudesse evitár o furor da Duqueza. E os meus filhos, meus queridos filhos que seria delles? continuou ella apertando em seus braços Julio e Celiza. Eu estava fórra de mim, não comprehendia nada do que ouvia. Felicia, lhe disse eu, minha cara Felicia, que tens tu? e quem te pôz neste estado? Onde

esta D. Fernando! Que te disse elle? Por quem és, dize-me que terrível misterio é este que eu não posso conceber? O' terrível desgraça! continuou Felicia torcendo os braços, ó raiva implacavel! mulher cruel! tira-me a vida, mas deixa de perseguir Chablis. Infeliz esposo! continuou ella derramando uma torrente de lagrimas, tu deves abominar Felicia, é o amor, que lhe consagras que te conduz ao cadasfalso. A desesperação de Felicia me enterneceu a alma; as suas ultimas palavras me fizerão recuar que a sua razão estivesse alterada, e por isso procurei restabelecer a tranquillidade em seu espírito, fazendo-lhe ver que só a minha liberdade perigava, que elles não podião atentas contra a minha vida.— Fatal segurangular exclamou ella lançando-se ao meu pescoço, e apertando-me em seus braços. O' desgragado Chablis! julga qual sera o meu horror! o governo te condenou a morte, como complice de uma conspiração de Cinq-Mars, e de Thou. As lagrimas a interrom-

pêrio : ella parecia expirar em meus braços. Justiça divina ! exclamei eu com um tom lugubre , consentirás tu que a mais atroz das calumnias triumphe da virtude ? Felicia estava de tal modo opressa , que lhe era impossivel proferir uma só palavra. Olhava para mim com os olhos espantados , e a sua agitação era tal que apenas a podia suster. Felicia , lhe disse eu affectando uma tranquillidade que o amargor de meus sentimentos não deixava penetrar em meu coração ; minha cara Felicia , em nome do nosso amor soerga , tem esperança , ainda não estamos em poder de nossos inimigos , ainda nos resta um amigo fiel , D. Fernando. — D. Fernando ! replicou ella ; D. Fernando ! Chablis , n'elle já não é nosso irmão , é necessário esquecer o... Cruel D. Fernando ! nunca , ouça de julguei capaz de uma tal perfídia . O outro falso quebrar os laços mais sagrados da amizade ! Ah ! que este ultimo golpe me mata . Pega , Chablis , lá . Dizen-

do estas palavras, ella me deu uma carta, meia rasgada por Julio, a qual reconheci ser escrita pela mão de D. Fernando. — Pela minha mão? exclamou o Duque de Valhadolid. — Assim o julguei então, continuou o Conde; mas agora, meu caro D. Fernando, estou onrencido do meu erro. Peguei na carta finalmente, continuou elle, e li com a maior indignação estas palavras:

CARTA DE D. FERNANDO A^º DUQUEZ
DE CHABLIS.

Senhora: Florimont acaba de expirar; e, graças aos vossos cuidados, livre pose sujeito de todos os seus bens. A condição, que vós havieis acordado à vossa benéficos, me tinha parecido ao princípio uma causa impensável de aceitar; mas a generosidade que usastes para comigo, vos tornou senhora dos meus segredos, e vos entrega o Conde e a Condessa. Acabo de lhes escrever para

,, que amanhã à noite se achem em São
,, Germeno na estalagem chamada a Ca-
,, sa Branca. Elles julgão que me encon-
,, trão lá; mas bem ao contrario achar-se-
,, hão inteiramente sem defeza, e entre-
,, gues ao vosso poder. Lisonjéo-me toda-
,, via, senhora, da que vos lembrareis
,, da promessa que me fizestes de ostra-
,, tar com bondade. Peço-vos encareci-
,, damente que faqaeis por que já mais sejão
,, bedores da minha perfídia. Mandei-lhe s-
,, mais de duzentos mil francos em notas
,, do banco. Não me leveis isto a mal, é
,, possível tornar-lhas a apanhar; obrei-
,, assim para lhe inspirar mais confiança
,, em mim. Também me pareceu melhor
,, fazê-las prender em São Germano; do
,, que no sitio onde elles se achão actu-
,, almente, porque são lá estimados e
,, talvez se encontrasse alguma resisten-
,, cia. Conto em ter hoje a honra de vos
,, ver, e a doce satisfação de vos testi-
,, munhar quanto sou reconhecido.,,

AMIGO A VOS SOU SIGILOSO

SOU DE, etc.

Fiquei aterrado com a leitura desta abominável carta. Os papéis, que estavão ao pé de Felicia crão dois testamentos; um de meu pâe no qual me desherdava a favor de Palmira; o outro de Floriant, que deixava D. Fernando por seu único herdeiro. O Marquez allegava por motivo a má conduta de uma sobrinha, que ella estimava. Felicia me disse ainda que para não lhe deixar a menor dúvida acerca da publicidade daquelle negocio; uma das criadas de Armanda, a mesma de quem eu havia reconhecido a voz, lhe havia lido; mais um artigo inserido na gazeta, narrando a morte de Floriant, as suas últimas disposições a favor de D. Fernando; e varias outras circunstâncias. O jornal estava em cima da mesa, e eu o li; e depois lhe estat inteiramente convencido da verâda de D. Fernando, e de ter conhecido todo o horror da nossa situação; accusava-me eu severamente por ter sido a acusada perda da minha Felicia. Pela pri-

...eira vez achei horroso o meu estádo de esposo, de pão : a minha sorte me era indiferente; mas a de Felicia e a de meus filhos, atemorizava a minha imaginação, e me dilacerava a alma. Em minha desesperação, eu corria como um furioso naquelles quartos, que havião tido cuidado de fechar sobre mim. Abri a janela, e o meu desgosto era de sair daquella prisão, fosse como fosse, e de fazer todos os esforços para livrar os meus infelizes filhos e esta mãe. Felicia assistida do meu projecto, se lançou a pacus pés, e pede, com os seus rogos e suas lagrimas, chegar a suergar-me. Eez-me ver que o único e o mais seguro meio de nos salvar era o de comprar os nossos guardas. Então me disse que a criada grave de Armando devia partit naquella mesma noite para desatar a sua amiga a agradável notícia da nossa chegada, e saber o que determinava de nós. Estas são as proprias palavras daquelle agente da maldade mais atroz,

ajuntou Felicia. Ah! se soubeases que insultante moça aquella mulher fez de meus choro! Parecia fallar com a lingua da Duqueza e ver com os seus olhos, regozijava-se com o terrivel estado a que me reduzia a conducta de D. Fernan- do e a cruel sentença do governo. Mas, querido Chablis, não desucorações, fique só comigo a essa raiva. Talvez que os seus compaixéiros sejam mais hu- manos, talvez nós possamos chegar nece- lhos. Tem dó de mim, não te apar- tes de Felicia, não te exponhas a perigos que este nulo pôesa compartir; por questões, não me deixes só, tu- a presengas só, moe dá a grida. Acabou, do seu protesto, estás pulirás, a infeliz Felicia sentiu completamente os sen- tidos. Meus amigos julgariam que seria o horror da minha situação. Naquel- le instante toda a filha da vingança me abandonou. Podia esperar mil sup- plícios, mas noquelle momento penha- ma outra idéa me ocuparia mais do que a minha Felicia, que, em meus

Imago pallida e desfigurada não respiroando já; me representava a terrível imagem da morte. Só tinha diante dos olhos Felicia moribunda, encerrada em um caixão, separada de mim para sempre; acabava de sair de um estado horrível, para cair ainda n'outro mais horroroso. Julio, o meu querido Juliosinho, parecia tomar parte nas minhas dores; chorava, olhava para sua mãe, e dava gritos lamentáveis. Celiza, que eu deixara em uma poltrona, estava toda desinquieta, e chamava por sua mãe. Neste momento a porta se abriu, e eu vi o homem que me conduzira para aquelle fatal quarto. Ah! vinde, lhe disse eu, vinde, soccorrer Felicia. — Mas ai de mim!... já não é tempo;... não dá signal algum de vida.... — Meu Deus! seria possível?... Ah! dei-me, dei-me que ella ainda vive.... Aquelle homem pareceu sensibilizado com o estatô de Felicia, e a minha desesperação; chegou-se para ella, e pareceu-

ter dô de nós. Eu não quiz deixar escapar aquelle instante de sensibilidade, tirei da carteira muitas notas e lhas ofereci, rogando-lhe que salvasse Felicia e os meus filhos. Ele não me respondia, estava indeciso. Julgais vós; lhe disse eu, que esses a quem obedeceis vos darão uma recompensa igual à gratificação, que eu vos offereço, se me prestais o serviço, que vos peço? Não sei, me disse elle, mas se me podeis dár já sessenta mil francos, vossa mulher, vossos filhos e vós, seréis livres. Prometti-lhe o que elle exigia, mostrei-lhos, e lhe disse que se nos salvasse antes de uma hora ajuntaria áquella somma mais dez mil. Ficou o homem admirado da minha generosidade, saiu imediatamente e me prometeu que tudo se havia de arranjar. Felicia, apenas ouviu o que acabavamos de contatar, recobrou logo os sentidos; mas a sua fraqueza era extrema. Não obstante, as minhas esperanças começavão a desvanecer-se; mais de uma hora era passada e o homem não appare-

ela. Nós tínhamos ouvido um grande
motim por baixo do nosso quarto; *mas*
havia mais de meia hora que tudo esta-
va tranquillo. Os pequenos estavão dei-
tados sobre uma cama; e o maior soce-
go reinava em torno de nós. Finalmen-
te sentimos passos brandos no quarto vi-
sinho, e o mesmo homem nos apareceu
com uma lanterna de farta fogo; pol-a
sobre a mesa, fez-nos signal de não fa-
zer bulha, falou muito baixo, e disse-
nos que tres homens, que juntamen-
te com elle estavão encarregados de nos
guardar, estavão dormindo embriagados
no quarto por baixo de nós; que elle
mesmo os fizéra beber para os pôr em
estado de nos não incomodar, que tudo
estava prompto, que podíamos accompa-
nhalo.

Felicia toda trémula lhe perguntou
se a criada grave da Duqueza estava
ainda na estalagem; elle lhe respondeu
que ella se tinha partido havia muito
tempo, e que seguramente estaria já em
Paris: que era preciso aviarmo-nos ante-

que ella voltasse. Acabando estas palavras, pegou em Julio nos braços, e começou a andar diante de nós, alumbrando-nos com a lanterna. Com um braço sustentava eu Felicia, cuja fraqueza me assustava, e no outro levava Celiza, que estava a dormir. Logo que chegámos ao pé da sege d'aluguel, que era a mesma que nos conduzira ali, entreguei scienta mil francos em notas ao nosso libertador, que, mostrando-me um cavallo apparelhado, me disse que ia fugir ao resentimento da Duqueza; e que tencionava passar á Inglaterra. Perguntei-lhe que posto tinha em casa da Duqueza, e me disse que era seu criado gravo. Felicia já estava dentro da sege; eu peguei em Julio, e assentando-me ao lado della, ordenei ao bolcheiro que apressasse os cavallos. Este perguntou-me para onde íamos; e como eu não tinha pensado ainda em tal cousa, fiquei algum tempo indeciso; porém tornando em mim decidi-me a ir para a Italia, e lhe disse que tomasse pelo caminho

de Leão. Em pouco tempo chegámos a Montargis; ali fiz com que Felicia tomasse um caldo, e pedi também para os pequenos, que já o precisa vão bem. Não nos apeámos da sege; e fiquei admirado de ver chegar, poucos minutos depois, o criado grave da Duqueza. Elle conheceu a nossa sege, eu fiz-lhe signal de se aproximar, perguntei-lhe por que razão nos encontravamos em Montargis, quando elle nos dissera que se queria refugiar em Inglaterra? Respondeu-me que o receio de não encontrar navio promprio a partir o fizera mudar de resolução, e tomar o mesmo caminho que nós, sendo o seu designio passar á Suíça. Durante os poucos instantes que esteve ao pé de nós, eu lhe fiz algumas perguntas ácerca de D. Fernando, Flóriant e a Duqueza. Disse-me que Flóriant fôra transportado ferido para a sua hospedaria, que a Duqueza o não deixará nunca em quanto viveu; que D. Fernando saira somente um dia de casa do Marquez; que a Duqueza, depois da morte

de Floriant, não tornára a sair de casa, e que dera ordem para não receber ninguem excepto D. Fernando; que o senhor Duque parecia ter sentimento pela morte do senhor Marquez. Perguntei-lhe a quem se atribuia aquella morte. Respondeu-me que o não sabia, que se fonnavaõ varias conjecturas; mas que todas pareciam pouco verosimeis. Disse mais que seguramente a Duqueza e D. Fernando não o ignoravão, que a unica circunstancia bem conhecida do publico era o testamento do Marquez a favor de D. Fernando. Depois quis eu saber alguns detalhes sobre a minha condenação; mas aquelle homem pareceu surprehendido com as minhas perguntas a tal respeito. Todavia, logo que o convenci que inteiramente ignorava quem poderia ter promovido aquella injusta sentença, elle me respondeu com um tom de persuaõ, que elle duvidava do que eu lhe dizia, que as minhas cartas, achadas entre os papeis do estabeleiro mór, bavão sido provas tão

convincentes da parte que eu tomara na conspiração de Cinq-Mars, que o governo não julgava commetter uma injustiça condenando-me à morte. Oh céus! exclamei eu, que alma houve tão infernal que pôde tramar uma traição tão horrorosa! Grande Deus! que horrível conspiração! será possível que estejão possuidos de um odio tão implacável! Oh! os meus inimigos estão sequiosos do sangue do inocente. O criado grave da Duqueza me ouvia sem me interromper, e eu poderia continuar muito tempo a fazer soar os transportes dolorosos que me agitavão. Os cavallos estavão postos à sege, nós nos separamos, e nunca mais ouvi falar daquelle homem, para quem o attractivo do ouro foi bastantemente poderoso para o levar a fazer uma boa ação. Depois que ouvimos o que elle nos disse cada vez ficamos mais persuadidos da traição de D. Fernando. Já estavamois algumas legoas distantes de Montargis, quando reflectimois que seria prudente mudar de caminho; então pen-

sando bem o caso, decidimo-nos finalmente a ir para Portugal. O criado da Duqueza mui bem podia ser preso; elle sabia que nós fomos para Leão, e a esperança de se salvar o obrigaria a confessar tudo. De outra parte, D. Petersuado, que julgavamos culpavel, sabendo que éramos amigos de Moberquy, que se dizia Italiano, poderia facilmente julgar que nós buscariamo um asyllo na sua pátria, e por consequencia mandar-nos ali procurar. Estas razões nos decidiram inteiramente a fugir para Portugal, donde tentavamos escrever ao cavalheiro.

Não vos fallarei de todos os incomodos, que passámos na fuga: o cuidado que era necessário ter com duas crianças, o receio de sermos presos em qualquer logar, os trabalhos de uma viagem tão longa, e feita com tanta precipitação, vos dão uma fraca ideia de tudo o que sofremos. Só no território hispanhol é que começamos a respirar. Pedi a Felicia que nos demo-

rassemos ali por algum tempo; mas ella não julgava estar distante da França, e por isso lhe custou a consentir. Descansámos oito dias em Soria, cidade na Castella Velha. Depois passámos a Portugal, e estabelecemo-nos na Estremadura em um lugar pouco distante de Santarem. Pouco tempo depois da nossa chegada, apareceu à venda uma linda casa; comprei-a e occupei-me dos meios de a aformosear, para a tornar mais agradável aos olhos da minha Felicia. Nós vivíamos ali muito sós: a nossa família compunha-se de um homem, e duas mulheres, das quais uma era a ama de Caliza; porque o desgosto que Felicia experimentaria em São Germano lhe havia feito seccar o leite, o que a obrigou a confiar a sos cuidados de outrem. Todavia, Felicia ia-se deteriorando cada vez mais; sua natural alegria havia-se mudado em tristeza; sua palidez extrema augmentava o interesse, que sua encantadora figura inspirava; sua languidez, e sua magreza

assustavão e aterravão o coração mais indiferente: julgai, meus amigos, quanto não deveria sofrer o meu que a adorava! Eu não sabia a que atribuir aquela funesta mudança: acostumado a ler no coração de Felicia, estava persuadido que ella experimentava a felicidade de termos escapado á raiva de nossos inimigos. Estavão satisfeitos os seus maiores desejos; achava-se na companhia de seus filhos, e de seu marido, já não receava a sua prisão, já não temia que se intentasse contra a sua vida. Estas idéas consoladoras causavão em sua alma uma doce satisfação; sempre me fallava disto com summa alegria; finalmente nenhuma dúvida me restava de que ella se julgava tão feliz em Portugal, como no castello de D. Fernando, e contudo a sua saude não sentia a influencia da doce tranquillidade de seu espirito; ella era feliz e estava moribunda! Ah! cruel pensamento! ai-

da eu a não via à borda da sepultura. Esperança enganadora! quanto iludiu a minha imaginação! Desventurado! o estado de doença de Felicia não podia fazer-me presentir a terrível desgraça, que me estava reservada. Minha alma devia em breve ficar para sempre opressa pela dor, a felicidade fugiu de mim como uma sombra; eu o repito, a esperança me cegou completamente. Muitas vezes eu surprehendia Felicia olhando para mim com uma terra inquietação; ella voltava os olhos para me occultar as lagrimas que os enchião. Outras vezes, vendo que o seu estado me entristecia se esforçava de sorrir-se, e me entretinha fallando-me do prazer que sentiria em ir passar comigo ao nosso pequeno eremiterio. Nos primeiros dias da nossa chegada, a situação de uma pequena casa que então existia onde agora é o eremiterio, lhe parecia encantadora. Não deixei perder esta occasião de lhe dar gosto. Comprei-a ao dono, com uma pequena terra, que

a rodeava e que eu estião fazia amanhã. Mandei arranjar melhor o casebre, e em breve se achou tal como hoje se vê. Felicia não o tinha ainda visto depois que estava acabada. Parecia desejar ardente-mente de lá ir; mas as suas forças o abandonavão cada vez mais, e ella temia estar muito tempo sem a ver. Uma ma-nhã, entrando no seu quarto, fiquei admirado de a achar vestida, e como quem queria sofr. Estava sentada em uma cadeira baixa; seu ar era sozegado, seu rosto sereno, seus olhos parecendo ha-verem tomado a sua antiga vivacidade. Logo que me viu, ella me estendeu a mão, e medisse, sorrindo: querido Chablis, é hoje o dia dos teus annos, e é no cremiterio, nova prova da ternura que Felicia te inspira, que ella e seus filhos te querem offerecer seus raios alhe-tes.

Eu não poderia escolher um dia mais interessante ao meu coração, para con-sagrар ao amor, ao hymeneo, e á felici-dade de vivermos juntos, esta pequena ca-

sa rustica mandada edificar para vós ;
minha cara Felicia, lhe disse eu, aper-
tando-a contra meu peito, receio que o
incommodo da caminho vos faça mal à
saude ; esperai que estejais melhor e en-
tão gozareis mais da vossa estimada chou-
pana, podereis ver tudo, passear, e de-
pois descansar debaixo dos caramu hoes
que eu mesmo arranjei de laranjeiras,
lilases e roseiras, para vos cobrirem com
a sua sombra. Tendo mais saude, des-
fructareis melhor os prazeres, que offre-
res aquelle pequeno retiro, ainda mais
aformoseado pela vossa presençā ; pou-
psi, minha cara amiga, a vossa frogue-
za, demorai este passeio por algum tem-
po mais, e tornai todo o cuidado em res-
tabelecer uma saude de que depende a
minha existencia. — Eu hoje estou mui-
to boa, continuou Felicia ; demais o jar-
dineiro e Luiz me levarão naquelle ca-
deira ; deste modo, querido Chablis, ne-
nhum incommodo me causará a viagem.
Muito me seria sensivel o não ver o meu
cementerio ! Estas ultimas palavras me

fizerão estremecer, e Felicia, que notava o meu sobressalto, recostou a cabeça sobre o meu peito para esconder lagrimas que caíam de seus olhos. Mas tomou-lhe logo a sua coragem costumada, levantou seu rosto celeste, e o sorriso apareceu sobre seus labios, como para me distrahir da impressão que suas últimas palavras me fizerão. Olha, meu caro Chablis, me disse ella, como o tempo está seco! Esta linda manhã me recorda os dias felizes que ambos vimos passar no castilho do nosso amigo. Eu quero, todos os anos, em igual época, passar este dia no eremiterio. Que contraste será a tranquilidade de que gozaremos neste querido retiro, com os tormentos, sustos, e inquietação a que estivemos expostos em Paris! tu, em casa de seu pão; eu na hospedaria de L... , pois deves bem lembrar-te, meu Chablis, que é hoje o anniversario do nosso casamento? — Oh! certamente, minha querida amiga, lhe disse eu, certamente, lembra-me muito

bem ; e poderia eu esquecer-me do momento que me uniu a tudo quanto amava ? O Felicia ! como estes quatro annos, apesar dos nossos desgostos, passaram rapidamente ! Ai de mim ! Chablis, o tempo, por mais longo que seja, parece sempre curto ao pé do objecto que se ama, e quatro annos passados na tua compagnhia são nada, comparados.... Aqui Felicia parou, sussurrou, e fallou-me de seus filhos. Eu adivinhei bem o seu ultimo pensamento ; mas o receio da affligr sua sensibilidade deu-me bastante imperio sobre mim mesmo para fingir que a não tinha entendido, e para fechar em meu espirito a minha viva commoção. O jardineiro, e Luiz entratão ; Felicia deixou a sua poltrona para se assenttar em uma cadeirinha ; e seus cidados, que muito a adoravão, parecendo, levando-a, usfanos daquellea preciosa carga. A casa que nós habitavamos então, era distante do eremitorio cousa de um quarto de legoa. Nós íamos muito de vagar, e eu de quando em quando, man-

dava parar os conductores de Felicia, a fim de lhe tornar mais suaves as fadigas da viagem. Ella se recreava muito, e tudo quanto o campo lhe offerecia de bonito, lhe inspirava mil pensamentos amaveis, que me exprimia de um modo agradavel. Algumas vezes dirigia tambem ao jardineiro, e a Luiz palavras obsequiosas a respeito do trabalho que lhes dava. Aquelles bons criados lhe respondião com as lagrimas nos olhos, que elles erão muito felizes por terem uma tal ama, e que tudo lhes era suave quando se tratava de executar a sua vontade. Felicia possuia perfeitamente a arte de se fazer servir, mais pelo amor do que pelo desver; junto della todos sentião um desejo ardente de a servir, e o modo com que recebia os serviços que lhe fazião, era a unica recompensa que todos desejavão, e a unica em fim que todos ambitionavão. Ao chegarmos ao eremiterio, eu fiquei admirado de o achar ornado de grinaldas. Julio veiu lançar-se nos meus braços, trazendo na mão um ramo-

lhete de rous. Celiza que apenas andava, conduzida pela sua nina, trazia também um ramo de laranjeira. Os meus filhos tinhamido de manhã muito cedo para o cremliterio, é Julio não quizera comer nem que nós chegassemos. Assim que cheguei elle me pegou na mão, e me disse: Papá, vinde almoçar, que teho muita fome. — Como, Julio! ainda hoje não comeste nada? — Não, papá; a mamã tinha-me dito que logo vinhas, e eu quis esperar por vós. Tudo faz mal á mamã, e nada quer comer; Celiza é muito pequena para se assentar á mesa, e vós teríeis de almoçar só; isso talvez vos causaria enfado! Eu fiz bem esperar pelo papá; não é assim, mamã? — Sim, meu querido Julio, lhe disse Felicia abraçando-o: ama sempre teu pâe, e procura de lho provar em todas as tuas accções. — Ah! meu querido filho! exclamei eu, o teu coração assemelha-se já ao de tua mãe: tu terás a sua bondade, a sua docura, a sua sensibilidade; e assim como ella, tu farás a mi-

bha ventura. Felicia encostou-se ao meu braço, e conduzidos por Julio, entrámos em uma sala, onde achámos uma boa collação. Depois do almoço, Felicia me disse que queria passear no jardim: E' justo, ajuntou ella sorrindo-se, que conheça todas as anexas do meu eremiterio. Então ella se levantou; travou-me do braço, e visitámos muito devagar o bosque, o laranjal e o jardim.

Todos estes sitios conhecias vós, continuou o conde dirigindo-se a seus amigos, e acreditais que todas estas coisas foram vistas; mas lembrai-vos do que vos disse a respeito da doença de Felicia. Eu a fazia descansar a cada instante, e gastámos muito tempo naquelle passeio. Julio saltava, brincava, corria diante de nós, e mais de vinte vezes andou o caminho do eremiterio, em quanto nós com muito trabalho tínhamos andado só ametade. Felicia mostrou grande prazer nesta solidão; eu fazia-lhe observar os mais lindos pontos de vista, e lhe dizia: Minha querida Felicia, logo que

ficar estejas melhor, havemos de vir ambos desenhar esta linda collina, esse valle tão agradável, estas agens do Téjo tão frescas, tão bellas, e tão limpidas; os nossos passeios serão deliciosos. Felicia escutava-me com attenção, dizia-me que o cumprimento destes projectos a tornaria muito feliz, e suspirava profundamente. Depois fomos a entrar no eremiterio, visitamo-lo de uma ponta á outra, e expliquei a Felicia o uso para que destinava cada casa. Esta, lhe dizia eu, nos servirá de bibliotheca, mandarei trazer para aquí alguns livros da tua escolha, e faremos juntamento. Aquella, que é mais alegre, será a nossa officina, e alli faremos as nossas pinturas. Este gabinete conterá tudo o que diz respeito á historia natural, e á botanica, e aqui estudaremos ambos. O' minha Felicia! quanto havemos de gostar do nosso eremiterio! Vês esta sala? aqui terás um bastidor; e em quanto tu estiveres a bordar, cù, tendo o nosso Julio nos meus joelhos, farei por ter-

hal-o digno de sua mãe ; procurarei des-
envolver suas virtudes, afastal-o de to-
dos os vícios, e fazer-lhe conhecer a ver-
dadeira felicidade. Tomando a minha
Felicia por modelo, elle aprenderá a
perdoar a seus inimigos, a estimar seus
amigos, e a cumprir com prazer seus
deveres. A educação de nossos filhos,
minha Felicia ; nos fará passar instan-
tes bem afortunados. — Certamente, meu
Chablis, me disse ella chorando, isso
me dará grande satisfação ; e lembra-te
um dia que me fizeste conceber essa es-
perança. É uma consolação, me disse
ella com um tom solemne, é uma gran-
de consolação que sentimos quando nos
ocupamos em formar o coração de nos-
sos filhos. Deos, quando nos confiou este
deposito inocente, fez-nos uma lei bem
suave de lho conservar puro ; e por isso
devemos empregar-nos todos em nossos
filhos. O' meu amigo ! muito estimarei
que este pensamento vos acompanhe sem-
pre até mesmo em vossos maiores des-
gostos. — Nos meus desgostos ! poderei

nunca teli-os com a minha Felicia? Felicia nada respondeu; apertou-me a mão, e voltou a cabeça, certamente para me esconder suas lagrimas. Ai de mim! ella sentia que o momento horrivel da nessa separação estava chegado, e queria penetrar-me da grandezza de minhas obrigações, a fim de impedir-me de entregar-me inteiramente á minha desesperação. Mas a esperança illude-nos sempre, e eu não imaginava que tão pouco tempo possuiria esta mulher adoravel. Uma sala somente nos faltava para ver Felicia, quando entrou nella, disse-me que desejava ficar até à noite no eremitério, e pediu-me que mandasse trazer o jantar para alli. Eu saí então para dar as suas ordens, e ella ficou com a ama naquella sala que é abobadada, sonora, triste, sombria, e pouco clara. Quando eu fui entrar alli para acompanhar Felicia, ouvi a sua voz que me pareceu muito alterada, e senti que falava em mim com enternecimento: então parei, appliquei o ouvido, e não

perdi uma só palavra daquella dolorosa conversação. Sim, Margarida, dizia ella à ama, exijo que instruas meu amo da minha ultima vontade: quero que esta sala me sirva de tumulo.— Ah, senhora! lhe respondeu a ama soluçando, para que alimentais o espírito com tão tristes pensamentos? Não, não, Deus ouvirá as nossas supplicas, e não nos levará a nossa querida senhora.— Não chores, minha Margarida; porque Leão (Pedro de São Leão era o nome que eu tomára ao entrar em Portugal, e Felicidade não me chamava Chablis quando estava só comigo) pôde entrar, e quereria saber o motivo porque chorás? Teu amo não é feliz, Margarida, é preciso poupar a sua ternura: ai de mim! que será dele, quando a sua unica consolação, quando a sua Felicidade tiver fechado os olhos? Tu és dotada de um excelente coração, Margarida, e estimas meu amo; eu o recomiendo a teus cuidados, principalmente neste momento em que o meu triste coração, privado

de todos os sentimentos, de todas as aflições do amor, não baterá mais para o meu querido Leão. Ah, sehonra! se meu amo vos ouvisse. — Ai de mim! Margarida, elle se engana a respeito da minha doença; mas, eu o sinto, pouco tempo vivrei: é preciso acostumal-o pouco a pouco a esta cruel separação. Meu Deus! quanto me custa de o desenganar! Ah! querido Leão, logo que os restos inanimados de tudo o que tu amavas estiverem fechados nestes tristes logros, tu virás muitas vezes regar seu túmulo com tuas lagrimas; e a tua Felicia, do fundo da sua sepultura, te excitará á coragem á resignação, ao rendimento, á vontade de Deus. Então estive a ponto de abrir a porta, e de me lançar aos pés de Felicia, para lhe fazer conhecer todo o excesso da minha desesperança; porém uma repentina reflexão me demorou: o receio de que o estado horrívolo em que estava aliás-mado lhe causasse grande commoção, e apressasse aquelle momento horrível e

temeroso; me fez ausentar com espanto. Corri para o interior do jardim, e com a cabeça apoiada nas mãos, chorei amargamente. O' minha Felicia! dizia eu, hei de seguir-te; o mesmo caixão nós fechará Grande Deus! poderia sobreviver te? Não, não, a vida me é horrorosa sem ti. Assim, abysmado nestes tristes pensamentos, não podia decidir-me a apparecer diante de Felicia; mas ella que se desgostava com a minha ausencia, mandou-me chamar: a mesma ama foi quem, depois de me ter procurado por toda a parte, me achou finalmente naquelle bosque, pallido, triste e afogado em lagrimas. O' Céo! exclamou ella, que tensões, senhor! — Minha rica Margarida, lhe disse eu, ouvi tudo o que dissesseis; a minha ilusão acabou, estou perdido. — Senhor, por quem sois, socorrei; a minha querida senhora morreria se vos visse neste estado. — Ah, Margarida! e esta menina, lhe disse eu pegando na minha filha que estava nos braços della: esta infel-

Liz menina perderá sua mãe ! Infeliz
criatura ! o teu berço será coberto de
luto ! não pronunciarás mais sem cho-
rar, o doce nome da mãe ! Serás para
sempre privada das carícias, da terau-
ra, dos conselhos maternos ! na mesma
idade em que se não conhece a desgra-
ça, tu serás a sua preza ! O' grande
Deos ! meu querido amo, me dizia Mar-
garida, socegai; a senhora não está tão
doente como ella se persuade. — Julgas
que não ? lhe disse eu, abranguendo aquél-
le raio de esperança, e olhando fixa-
mente para ella a fim de procurar em
seus olhos húmidos a certeza : julgas que
não está tão doente, Margarida ? — Jul-
go sim, senhor, e tenho essa esperança :
socegai, e vinde comigo ; a senhora po-
deria affligir-se com uma ausencia tão
longa. — Meu Deus, Margarida, se nós
podessemos dar-lhe a saude ! — Parece-
me que a senhora chama. — Eu vou lá,
Margarida, eu vou lá : pega na meni-
na ; e dizendo estas palavras a deixei.
Tomei o ar mais socegado que pude ; e

entrei no cemiterio. Margarida havia-se enganado, Felicia não chumára, estava ainda assentada no triste logar que, presentemente, lhe serve de tumulo. Assim que entrei, perguntou-me porque motivo e tivéra tanto tempo ausente della; e notando a mudança que eu fiz, ficou triste, e declarou-me os seus sustos. Eu tornei a culpa da minha indisposição ao calor que era grande, e à minha imprudencia de ter estudo ao sol com a cabeça descoberta. E tu, minha Felicia, ajuntei eu, para que te demoras aqui tanto tempo? esta sala é a mais triste do cemiterio; porque não tem vista nenhuma de campo, e deve causar-te tristeza. — Não, Chablis, me disse ella, este sitio inspira idéas alguma cousa melancolicas, é verdade, mas é uma melancolia suave, que espalha certo encanto sobre lembranças dolorosas; e de mais, meu amigo, estava pensando em ti, e não me lembraava da tristeza deste logar. Mas, que tens? estas tão desmaiadão! — Não é nada, Felicia, o ar ha de

fazer-me bem; acompanho-me, meu caro amor. Dicen-lo estas palavras, dei-lhe o braço, e a tirei para fóra daquelle fatal quarto que me causava horror; pois me parecia ver já alli o seu tumulo. Estas palavras: *Mas é uma melancolia suave que aspilha certo encanto sobre lembranças dolorosas; e de mais, meu amigo, estava pensando em ti.* Estas palavras, torno a dizer, encheão-me de susto: eu vi a intenção de Felicia, eu as appliquei a mim, e meu triste coração m'as repetia. E' aqui, dizia eu, que ella espera que terei animo de supportar a nossa separação. Mas, grande Deos! é ao pé de suas cinzas... Ser-me-hia impossivel esconder-lhe mais tempo a minha commoção, se me não apressasse a sair; pois a minha fraqueza traíria o meu valor, e só quando me ausentei daquelle sitio é que me senti mais aliviado. Depois pedi a Felicia que tomasse alguma cousa: seu tetomago estava tão fraco, que apenas podia conservar algumas colheres de caldo. O nosso jan-

tar foi triste, apesar de procurarmos iludir-nos a respeito de nossas dores. Julio somente é que jantou; quanto a mim, ser-me-hia impossível comer coisa alguma. Felicia tremendo que eu estivesse realmente incomodado, quis voltar para casa, e eu acabei á sua vontade. O eremiterio inspirava-me idéas cíueis: Felicia, quando saiu, o olhou com reflexão, olhou para mim, e voltou a cabeça; mas eu vi satis lagrimas, que caíram sobre meu coração, e comprei o motivo que lhas arrancava. Assim que chegámos à casa, Felicia deitou-se na cama, e me pediu que fosse descansar; porém achei-a tão doente, que não me animei a deixá-la só. No dia seguinte, logo que o medico chegou, procurei ler em seus olhos o que ele pensava da sua doença. Mas ah! eu não ouseva rogar-l-o para que me falasse com franqueza; a minha ilusão era para mim muito cara, e por isso temia que uma palavra viesse destrui-la. Aquelle dia, tarde Felicia muitos desmaios: porro da noite achou-se

alguma cousa melhor, e então pediu-me que me fosse deitar. Eu fingi anuir aos seus desejos, e saí; mas tamei logo a entrar, e escondi-me em um canto escuro do seu quarto. Às tres horas da manhã teve um grande delírio; mandei chamar a toda a pressa o médico, que pareceu assustado do esfôrço em que a viu: ella nomeou muitas vezes Armando, e D. Fernando. Cruel mulher!... dizia ella, eu te perdôo a minha morte,... este funesto segredo será sepultado comigo!... Disse mais mil palavras cortadas cujo sentido não pude comprehender. Mas, caros amigos, continuou o Conde, depois daquelle instante tenho tido fúnebris idéas, das quaes nenhuma cousa tem podido distrahir-me. O' Deus! porque motivo a não acompanhei eu em São Germâno, quando descermos da sege! Talvez naquelle fatal quarto onde a achei sem sentidos... talvez aquella criada grave... esse monstro, digno agente de outro monstro maior ainda,... Vós estremeceis, meus amigos... Ah! exclam-

hou elle, tendes as mesmas idéas que eu... Aqui o Conde perdeu os sentidos: sens amigos o rodeáráão, administrárão-lhe todos os soccorros, e em pouco tempo este infeliz tornou em si; depois pediu ao Duque de Valhadolid que lhe dissesse se tinha alguth esclarecimento daquelle crime atroz, que Felicia em seu delírio parecia exprobar a Amanda. O Duque juro-lhe que nada sabia. — Deitemos um vóo sobre as minhas duvidas, replicou o Conde; vou continuar a minha triste narragão: ai de mim! meus amigos, naquelles dias de dor era eu bem desgraçado, e omtudo gozava ainda da felicidade de ver, de ouvir, e de estar perto de Felicia; mas esta unica ventura devia bem depressa ser-me roubada. Felicia, depois do seu delírio, caiu em um lethargo que me assistou; apenas a sentia respirar. O medico me animou, fazendo-me esperar que aquella espécie de sonno lhe refrescaria os sentidos. Passadas seis horas, Felicia abriu os olhos conheceu-me, e deu-me a mão;

depois pediu o seu confessor, e eu fiquei só com o medico para o interrogar a respeito do estado da doente: elle respondeu-me abanando a cabeça: Senhor, talvez que um feliz esforço da natureza vos restitua vossa espessa. — Ah! Céo! deverei pois esperar só no acaso! — Certamente, replicou o doutor, que ella teve um grande desmaio, seu sangue não está bom, e... todavia, senhor, farei quanto esteja ao meu alcance, para salvar vossa espessa; e ficarei esta noite ao pé della. Animo, senhor, animo. — Ah! disse eu apertando as mãos com força, ah, senhor! agora mais que nunca me é necessário. Perto da noite, Felicia pediu que se queria levantar; poserão-na sobre um canapé, proximo de uma janella, porque fazia muito calor. — Como o tempo está sereno! me disse ella, o fim de um lindo dia, caro Leão, assemelha-se ao fim de uma boa vida. Vés tu, meu amigo, como a noite, a passos lentos, vem tomar o lugar do dia! Do mesmo modo: a cada instante a morte se aproxima de

nós, e faz fugir a vida. — O' minha Felicia! lhe disse eu regando suas mãos com as minhas lagrimas, minha Felicia, o dia torna a vir, e a morte é eterna. — Eterna! querido esposo, que dizes tu? então não vivemos sempre na memoria daquelles que nos amão? Jámai estarei separada de ti; o meu coração ficará depositado no teu coração, os meus pensamentos nos teus pensamentos, e o meu amor estará sempre unido ao teu amor; gozarei pois da satisfaçā que hão de dar-te os nossos filhos; e a minha alma esperará á tua, naquelle patria celestial, onde elles devem ser reunidas. O' meu amigo, não te entregues á tua dor; não augmentes com a tua desesperação a grandeza do meu sacrifício; lembra-to de tus filhos. Ai de mim! que seria destas innocentas criaturas, se não tivessem pão? Infelizes orfãos! que não tendo pais, não terão amigos. Vés, querido Leão, qual seria a sua sorte? Jura-me, meu amigo, de viver para os nossos filhos; para que eu leve comigo,

quando morrer, esta doce consolação: Anda cá, Julio, vem abraçar teu páe; pede-lhe que te não abandone; e tu, Celiza, tu, cuja fraca voz só pode apenas pronunciar o nome de páe, vem para os seus braços; a tua tenra idade o comoverá. Felicita então pox a minha filha nos meus joelhos: Julio, chorando, fazia por me abraçar, e gritava: Papá, quereis pois deixar-nos? Todos os pessoas que estavão no quarto choravão, e eu estava em um estado difícil de comprehender: meu coração estava oppreso, meus olhos se turvavão; as minhas lagrimas não corrião, e a minha razão estava prestes a me abandonar. Neste momento Felicita pareceu-me um anjo: seus olhos estavão levantados para o céo, suas mãos estavão juntas; a dor, a confiança, a resignação estavão pintadas sobre aquele semblante celeste; toda a sua postura mostrava que ella offerecia sua alma a Deos, e lhe pedia que tivesse piedade da sua triste familia. Depois pareceu-me cheia de uma virtude

sobrenatural, que me commoveu, e senti-me penetrado de uma coragem que até então desconhecia. Mas ah! o meu valor durou pouco! apertei Julio e Celia em meus braços e exclamei: Meu Deus! se me levais Felicia, dai-me forças de sobreviver para meus filhos.

Estas palavras espalháram um doce alegria sobre o semblante de Felicia, que fez signal para que nos deixassem sós: logo que toda a gente se retirou, ella me disse com aquella voz maviosa, que vés lhe conhecieis: Talvez que um dia D. Fernando conheça os seus erros. Então, caro Chablis, dize-lhe que eu lhe perdoei a sua traição, e que expirando, me lembrei somente dos seus ternos serviços, do seu zelo desinteressado e da sua sensível amizade. Testifica a Palmira todas as minhas saudades por não lhe dar um abraço nos meus ultimos momentos. Aide mim! o attractivo do ouro roubou-me todas estas consolações! Ab, D. Fernando! eu as preferiria a todas as riquezas do mundo. Cruel

amigo! os nossos bens, e os nossos co-
rações erão vossos; para que duvidastes
disto, roubando-os de uma maneira tão
indigna? Dix também, caro Chablis,
ao cavalleiro de Moberquy, que o meu
reconhecimento, assim como a minha
amizade, será eterno. Foi elle, querido
esposo, que salvou teus dias do furor
de meu Tio. Ah! que tripa obrigação
lhe devo! Seu silêncio me inquieta: elle
devia ter recebido as nossas cartas; po-
rem talvez que elles se perdessem. Meu
amigo, não te afflijas, tu me cortas o
coração. Ajuda-me, caro Chablis, a con-
summá o meu sacrifício.— Detestável
Armauda! exclamei eu, aqui tens a tua
obra, e...— O' meu amigo! disse Fel-
licia, perdoa-lhe, assim como eu lhe
perdoei. Mas... eu não... vejo...
Onde estás?... Chablis... onde estão
os meus filhos? Vinde.... vindes, que
vos quero apertar contra meu coração...
Querido Chablis!... Adeos. Meu Deus,
tende piedade de mim; recebei a mi-
nha alma no vosso scio.... Alli esperarei

rei Chablis. Aculando estas palavras, seus olhos se fecharam... Felicia expirou... O' meus amigos! como poderei explicar-vos a minha desesperação! Dei gritos terríveis, levantei-a nos meus braços, procurei reanimá-la: cuidados inúteis!... Felicia estava morta... toda a minha videnta desaparecerá.... A minha família correu aos meus gritos, juntou-se à cida de mim, e quis separar-me daqueles restos preciosos de uma esposa adorada; porém eu deixei-me ficar, e jurei que ninguém me arrancaria daquele quieto de morte. Não sei o que se passou mais ao pé de mim: eu não via nem ouvia, tinha Felicia apertada sobre meu coração. Estas palavras de Julio, a mamã dorme, tiraram-me daquele estado de abatimento em que estava. Oh! que sonho! exclamei eu, que sombo! Julio, ella não abrirá mais os olhos. Então levei Felicia para o seu leito, e pondoo-me de joelhos ao pé dela, passei assim toda a noite a contemplar aquelle doloroso espectaculo. Ai de

mim ! dizia eu , morrer tão nova ! ...
ter sido sempre perseguida ... O' minha
Felicia ! fui eu que te acarretei tantas des-
gracas ... Para que fizeste o meu co-
nhecimento ? ... Ah ! sem mim , vivirias
ainda , ... feliz , adorada ; gozarias das
homenagens devidas à tua formosura ,
às tuas virtudes ... Infeliz ! eu te arras-
tei para o precipício ... Deste modo ,
meus amigos , eu me affligia , e não
podia apartar meus tristes olhos daquelle
semblante que , privado de todos os sen-
timentos , estava ainda encantador . Uma
só vela allumiava aquelle lugubre quar-
to ; eu a tinha posto ao pé do leito ; a
sua luz reflectia sobre a minha Felicia ,
e meus olhos cheios de lagrimas , fixá-
vão-se sobre suas feições tão profunda-
mente gravadas em meu coração . Que
serenidade ! que doçura ! que socego es-
tava espalhado sobre aquella figura ce-
lestre ! Sua boca meia aberta parecia que-
rer dizer-me ainda adeos : sua pallidez
enternecia , e não causava horror ; mas
seus olhos , nos quaes se pintavão juntas

mente o espirito, a bondade, a ternura, seus olhos estavão fechados, e fechados para sempre! Ah! eu estava tão ocupado daquellas dolorosas reflexões, que não tinha notado que o respeitável eclesiastico que assistira Felicia em seus ultimos momentos, ficara ao pé de mim. Já era alto dia, e eu estava ainda na mesma postura, e se não fosse aquele virtuoso padre, não sei o que seria de mim! Elle tinha prohibido que se opozessem a tudo o que a minha dor me sugerisse; compartiu com bondade as minhas penas, affligiu-se comigo, fallou-me das qualidades da minha Felicia, e chorou a minha desgraça. Assim adquiriu pouco a pouco a minha confiança; eu chorei em seu peito; e elle fallou-me de meus filhos, da esperança que dei á minha Felicia moribunda de viver para aquellas innocentes criaturas, e dos meus deveres para com elles. Depois disse-me mais: A vossa virtude esposa pediu-me que não vos abandonasse nestes instantes terríveis; é ella quem

vos falla pela minha voz. Que vos deirei, meus amigos? Ele conseguiu pouco a pouco de arancear-me daquelle leito de morte, se bem que vinte vezes alli voltei, e vinte vezes apertei em meus braços a minha Felicia; finalmente levárao-me para fóra de casa, e não vi mais aquella que me era tão cara, aquella cuja existencia era tão necessaria á minha felicidade; aquella em fin cuja perda sempre presente a meu triste coração, o afflige, o despeleja, e enche de amargura. Depois mandei pintar de preto a sala que Felicia chamára o seu tumulo. O cura alcançou-me licença de trasladar para ella o corpo da minha esposa, onde depois daquelle momento fatal repousa. E lá onde todos os dias vou pedir a Deus que me junte aquella que amo; é lá donde tiro forças para supportar a minha triste existencia que unicamente consagro a meus caros filhos. Será alli finalmente, logo que a sorte de meus filhos estiver segura, que todos os meus desejos se reunirão:

sim, meus amigos, é naquelle tumulo que acabrei a minha felicidade. Aqui o infeliz Conde demorou-se um instante em suas tristes reflexões. Seus amigos não ousarão interromper aquelle silencio, estavão penetrados de dor; depois desta pausa, Chablis continuou assim: a residéncia da casa em que Felicida expirara tornou-se-me insupportavel; eu só entrava alli de noite, e muito tarde; passava todo o dia no cemiterio, donde me ausentava com pena depois que elle encerrava o meu bem mais caro. Passado algum tempo decidi-me a não o deixar mais; vendi a vinha casa, recom pensei largamente meus criados, fiquei só com a neta de Celiza, e recoghi-me com meus filhos neste cemiterio. O respeitável ecclæastico não me abandonou: muitas vezes vinha ver-me, e cada uma de suas visitas allogava as minhas penas. Julio e Celiza são crescendo; eu appliquei-me a fazê-los virtuosos, a formar-lhes o espirito e o coração, e vi com prazer que suas boas dis-

posições correspondião a meus cuidados. Achei nelles a bondade, a ternura, as virtudes de sua infeliz mãe: entreguei-me ao estudo para aperfeiçoar a sua educação, e ajudado do bom ecclesiastico, o padre Romincourt, homem muito instruído, consegui tornar meus filhos dignos de uma melhor sorte. Ao mesmo tempo procurei dispol-os a supportar com resignação os trabalhos que o Céo podia mandar-lhes, e preparei-os a Iançar seus olhos sobre os entes mais infelizes que elles, a fim de acharem em qualquer posição onde Deos os podesse, continuos motivos de acções de graça. Logo que Julio fez dezesete annos, o padre Romincourt propoz-me de o mandar viajar. Negocios scus o chamávão em Inglaterra, e então mostrou-me o desejo que tinha de levar consigo meu filho. Aquella viagem feita com um homem de tanto merecimento, não podia deixar de ser útil e agradavel a Julio. Assim, aceitei a proposição do digno ecclesiastico com grande alegria, e confiei meu filho às suas cuidados.

Dous annos e meia estiverão ambos em Inglaterra. Um triste acontecimento apressou a volta do meu filho; a morte lhe roubou seu respeitável conselheiro: o virtuoso Romincourt expirou em seus braços.

Julio depois de lhe ter feito os ultimos deveres, não tendo negocio algum que o demorasse, e desejando vivamente estar no seio da sua familia, voltou para Portugal, e tornou a ver com alegria o tecto rustico do nosso eremitorio. Nós chorámos então a perda do nosso estimavel amigo. Eu quis que Julio continuasse a ver mais o mundo; e por isso fiz que tivesse amizade com os sobrinhos do meu amigo Romincourt, moços muito distintos por seu merecimento, sua educação, e suas maneiras; sómente exigi de meu filho que os não trouxesse muitas vezes ao eremitorio, porque a minha melancolia não se conformava com os prazeres da sociedade, e a formosura e juventude de Celiza me fazia uva lei de receber poucas visitas daquella.

classe. Ela tinha por amiga a estimável Cecilia, e desde a sua infancia acostumada à solidão, havia feito della prazeres que os brilhantes divertimentos de um mundo que não conhecia não poderiam perturbar. Celiza era feliz com a ternura de seu pão, com a amizade da sua irmã, e com as visitas da sua amiga. Ai de mim! naquelle tempo ainda ella não conhecia o amor; mas tornemos a Julio. Durante os tres meses que esteve no cemiterio, ia muitas vezes a Santarem para visitar os seus amigos, elle os acompanhava a todas as suas visitas, a todos os seus divertimentos, e nada era bem feito se Julio não assistia tambem. Comtudo notri que elle só ia ás companhias para me fazer a vontade, e cada vez que vinha para casa, trazia pintada sobre o semblante a satisfação de ver sua irmã e a mim. Um dia, estando nós tres assentados no laranjal, perguntou-me se, nas minhas viagens a França, onde lhe tinha dito que passei algum tempo, conhecera as famílias de

Chablis e de Floriant? Esta pergunta que tão longe estou de ouvir, fez-me uma grande impressão, meu filho conhecera o meu ódio, e pregando-me nas mãos, disse: Perdão, meu pão, se a minha pergunta vos affligiu. — Meu querido Julio, lhe disse eu procurando occultar a minha commoção, é verdade que conheci essas familias. — Como, meu pão! particularmente? — Sim, disse eu com uma voz ainda pouco firme. — Mas vós nunca nos fallastes desse infeliz Conde, nem de sua virtuosa e linda esposa que se chamava Felicia? Parece que a desgraça e a formosura andão unidas a este nome, continuou Julio; porque minha mãe se chamava assim, e ceci vez nos tendes dito que ella foi tão formosa como é feliz. — O' meu filho! disse eu interrompendo-o, não podendo moderar a minha dor, meus queridos filhos, tende dí de mim; eu sou esse desafortunado Conde; e vostra mãe, essa que vós chorais todos os dias, essa cuja separação me é tão cruel, essa cujas ci-

nas repouso nesses logares, era a desdiosa Felicia de Flariant ! — Céo ! que dizeis , exclamou Julio ? Vós, meu páe ! vós, a victima dessa cruel Armande ! — Como ! Pedro de São Leão não é o vosso nome ? dizia Celiza toda admirada : e quem é essa Armande , meu irmão ? — Minha filha, eu te contarei tudo ; mas disse-me , meu filho , quem te instruiu das desgraças da tua familia ? Julio me disse que havia algumas mezes que a irmã de Rominecourt tinha alugado uma parte da sua casa a uma senhora francesa chamada Durcaut. Esta senhora viéra a Santarem para negocios de commercio ; alli achou-se perigosamente doente , e mostrou que uma grande tristeza a inquietava. Finalmente, não tendo esperança de melhorar , e sentindo aproximar-se a morte , não pôde resistir a seus remorsos , e declarou à irmã de Rominecourt , que ella era depositaria havia doze annos de um papel de grande importancia , que podia fazer a felicidade de uma familia distinta de França ,

■ qual grandes desgraças havião expatriado. Então, me disse meu filho, esta senhora entregou á irmã de Romincourt um maço de papéis *fechado*, dirigido ao rei de França, e lhe asseverou que ella não sabia o seu conteúdo, que seu irmão, Durcaut, tabellião em Paris, lho tinha entregado quando morreu, exigindo delia de o não abrir, e de ella mesma o entregar no rei. Meu irmão, continuou aquella senhora, me fallou, durante o pouco tempo que teve de vida, das desgraças de uma boa pessoa chamada Felicia de Floriant, esposa do Coude de Chablis, ambos perseguidos cruelmente por Arsianda de M..., sua madrasta; meu irmão perdiu perdiu a Deos por ter sido um dos instrumentos de vingança daquella mulher, e supplicou-me de reparar todos os seus aggrevos para com aquellas vítimas do ciúme, remettendo promptamente esta carta ao rei. Se até agora o não fiz, ajuntou a senhora Durcaut, foi por medo de fazer-me inimiga de Ar-

mandá, filha de um ministro favorito do rei. Ai de mim! senhora, continueu a moribunda, estou bem castigada; alormentada por meus remorsos, tejo continuamente esses infelizes esposos expribut-me o meu silêncio; e os meus vãos temores; porque certamente o nosso bom rei tal os bia defendido, fazendo-lhes justiça, e não teria nomeado o delator do crime. Grande Deos! qual será a sua existência?... Presentemente... talvez na miseria.... Ah, senhora! jurai-me por quem sois, de mandar esta carta ao rei... Respeitai o seu segredo... Eu nunca a quis abrir... Deos me preservou deste último crime. Neste momento a morte deitou mão da sua preza. A senhora Dercuit expirou ouvindo o juramento da virtuosa senhora de Remincourt, de fazer chegar aquelle escrito ao rei de França. Tudo isto, contiuou meu filho, se passou bontem, e hoje é que a senhora de Remincourt e seus filhos me contáram. Então lembrai-me de que estiverais em França, preâmbulo

ini que terveis conhecido aquelles infelizes, e que me darveis algum esclarecimento sobre suas desgraças, nas quases tomei o maior interesse. Ah, meu pão! quão longe estava eu de prever que aquellas questões vos dixião respeito! *Ai de mim!* elles abrirão notamente todas as chagas de vosq̄ coração. — Meu filho, estas chagas ainda nunca se fecharam!... Ah! a imagem adorada de vossa mãe moribunda nunca mais me deixou; meu coração jámais se consolará desta perda terrível: ai! que ainda vejo pedir-me seus filhos, apertar-me em seus braços, e exhalar o seu ultimo suspiro.... O' Julio, Celina, acompanhai-me; vinde, vinde ao tumulo de Felicia, que quero descobrir-vos os crimes atrozes do ciúme. Queridos filhos! agora ides saber as desgraças da vossa família. Oh, minha Felicia! tu foste a primeira vítima; a tua sensibilidade não pôde suportar tantas atrocidades, traições, e maldade. Meus filhos estão penetrados da minha dor, e não

podendo ouvir sem chorar, a narração penosa das perseguições com que tinham oprimido seus pais. Celiza, inclinada sobre o caixão de sua mãe, com os olhos fitos sobre a minha boca, escutava-me tremendo; Julio bramava, e me interrompia muitas vezes com suas exclamações: Que horror!... meus pais obrigados a esconder-se no mesmo dia do seu casamento, a mudar duas vezes de nome; a fugir, e a temer a cada instante de ser presos, separados, encarcerados, e mortos sobre um cadafalso!

Meu Deus! quando será que a vossa justiça ha de aparecer? Logo que acabei de falar, elle se lançou de joelhos diante do tumulo e jurou pelos manes de sua mãe de vingal-a e a seu esposo, de todas as injustiças. — Meu filho, lhe disse eu, meu querido filho, acalma o teu ressentimento; lembra-te que meu pão existe: nunca, Julio, nunca me exprobrarei de ter perturbado seus velhos dias. O amor que tem a sua mulher o cegou, e fez que o apartasse de seu fi-

Ihó; mas, Julio, elle é meu pâe; este título respeitável deve apartar-nos de toda a idéa de vingança. Logo que elle e eu fecharmos os olhos, tu e tua irmã podeis reclamar a herança de vossa mãe; pois em quanto á do Duque, podeis saber que nada vos pertencerá. Eu estou desherdado; mas, meu filho, por quem és, não augmentes as minhas penas, affligindo meu pâe.— Ah! esta accção pinta bem a vossa alma, exclamou Julio, vós sois o melhor filho assim como o mais respeitável pâe. Ah, senhor! eu vou dar um golpe na vossa sensibilidade. O Duque morreu! — Céo! — E' verdade, meu pâe, nada há mais certo. Quando me dissesse que errei o Conde, impedistes-me de vos dar esta triste noticia; eu conhecia o vosso coração, e apesar dos aggravos do Duque, bem sabia que a sua morte vos havia de affligr. Mas em fim, todos os obstaculos estão tirados; agora não há motivo algum para me demorardes; eu mesmo irei deitar-me nos pés do rei, para lhe entregar aquella

carta; fallar-lhe-hei de vossas desgraças, que o commoverão, e vos fará justiça. A vossa vida, a vossa liberdade deixarão de estar em perigo; o vosso verdadeiro nome vos será restituído, e a vossos filhos também; a nossa infeliz mãe será tingada; o véo que cobre o crime será rasgado.— E bem! meu filho, tu o queres? aprovo a tua resolução. Vai, mas jura-me por Felicia, por teu pão, por tudo quanto ha mais sagrado, que o rei será o primeiro que saberá o teu verdadeiro nome; os nossos inimigos são poderosos; e por tanto eu não poderia tomar todas as precauções para salvar o meu filho do seu odio. Julio fez tudo quanto exigi delle e até quiz, para me seccgar, mudar o nome de Julio, que D. Fernando lhe havia posto. (A estas palavras, Izabel fez um movimento de sobresalto, o qual seu pão notou, e que sem duvida dando-lhe algumas idéas o fez mudar de cor). O Conde, sem fazer reflexão, continuou: No dia seguinte de manhã, o meu filho

despediu-se de nós; a senhora da Ro maincourt, movida do serviço que elle queria fazer a uma familia desgraçada, e julgando que aquella viagem á França estava projectada havia muito tempo, não suspeitou o verdadeiro motivo que a fazia emprehender, e confiou-lhe o eserito de que se achava encarregado de uma maneira tão singulat. Dous mezes passáram que elle partiu, e ha quasi um que não tenho noticias suas. Temendo que as cartas se perdessem, ou fossem interceptadas no correio; pedi-lhe que me escrevesse por um expresso, logo que chegasse á França.

Jolio ajustára comigo que no momento da sua chegada a Paris, me mandaria James, criado muito fiel que trou mou para o servir em Inglaterra. Agora julgai, meus amigos, se devo estar afflito por causa do seu silencio! As suas cartas de Hespanha inquietão-me, pois me faz ver que não é feliz. Um instante, me diz elle, perturbou para sempre a tranquilidade do meu coração: cer-

Afamente, meu páe, agora desejaria muito estar na vossa companhia ; os vossos conselhos, a vossa ternura, a vossa bondade me ouvirão, adoçarião minhas penas, e levarão o soeego a meus sentidos. Mas ah ! ajunta elle, eu vou partir... . . . vou para Paris. Brevemente, meu páe, espero correr aos vossos braços. Oh ! quem me déra já lá ! . . . ou para que saí eu da vossa companhia ! Certamente continuou o Eremita, Julio não está senhor de seu coração. Ah ! queira Deos que o amor lhe não seja tão funesto como a seus páes ! Mas porque razão James deixou de vir ? Aconteceria alguma infelicidade a meu caro filho ? Comtudo elle me promettéria de ser prudente, de não commetter excesso algum, e de ver somente em D. Fernando um tio outr'ora amado de seus páes, pelos grandes serviços que lhes fizera. Sim, meu caro D. Fernando, continuou o Conde, eu não podia deixar de amar-ves ajuda; apesar da vossa supposta traição, não podia esquecer-me da vossa amizade,

lembava-me com reconhecimento que
vós mesmo havieis posto a minha Felic-
cia nos braços de seu esposo. Meu filho,
quando entreguisse a carta ao rei, devia
supplicar-lhe que a rasgasse, no caso de
conter alguma cousa que pudesse com-
prometter vos; e Julio jurar-lhe-hia de
esquecer a vossa perfídia em favor das
obrigações de que vos sou devedor. Mas,
esro amigo, elle já devia ter vindo.
Grande Deos! para que me reservais?
para que desgostos estou ainda destina-
do? Oh! não me tireis o meu filho, a
minha querida Celiza, a minha unica
consolação. D. João, exclamou elle;
Celiza não veiu aíndu! Ah! esta cruel
violencia ha de tel-a assustado. Oh Céo!
minha filha, minha querida filha, meus
filhos, onde estais? — Meu caro Conde,
disse D. João escondendo a cabeca entre
as mãos. Celiza ser-vos-ha restituída: O
horror de vos ver atormentado não me
deixará jâmais. Ah, Moberquy! deixa-
me dar-te este nome debaixo do qual
tanto tempo te amei; meu caro Mobe-
rquy, perdão, perdão: não ves que cruel-

mente padeço? Meu coração opprimido pelos desgostos, aberto de mil golpes, despedagado pela desgraça, obriga a minha imaginação á melancolia, e só pôde demotar-se sobre idéas tristes; uma tinta preta se espalhou sobre todos os meus pensamentos. Ai de mim! lisonjeira esperança, tu me abandonaste. Até mesmo já não posso acreditar na felicidade para meus filhos. Ah! Moberquy! o meu coração te perdoa; tu deves desculpar as exprobrações da minha dor. D. João apertou muito tempo o Conde em seus braços; todos estavão enternecidos. Esperava-se por Cellza, desejava-se Júlio, lamentava-se o infeliz Chablis. Finalmente, o Conde tomando a palavra, disse: Não perguntorei a Moberquy a causa do seu silencio que tanto me inquietou. As minhas cartas não poderião chegar á Itália debaixo deste nome suposto: A D. João, senhor hebreuhol: mas peço ao meu amigo D. Fernando que me explique o enigma desta cruel carta, se della tendes algum conhecimento.

mento. Também quero saber porque razão me não fallastes daquelle sentença que me condenava a morrer sobre um cadafalso, e espero com impaciência quando comeceis a vossa narração desde aquelle momento em que vos separámos no pátio do castello de... — Sim, caro Chablis, respondeu D. Fernando, e então *conhecerás* que nunca fui indigno da vossa amizade. Naquelle momento, um criado veiu dizer que o jantar estava na mesa, e o Duque foi obrigado a deferir a sua narração. O jantar foi muito triste: uns pensavão na interessante Felicita, outros lamentavão Celiza e fallavão muito della. O Conde que estava cuidadoso por causa de seus filhos, não quis comer; ao sair da mesa, todos voltámo para o bosque, e tendo cada um tomado o seu lugar, prestámo a maior atenção á narrativa de D. Fernando, Duque de Valbadolid, que, dirigindo a palavra ao Conde, lhe disse: Antes de entrar em qualquer detalhe, devo instruir-vos, meu caro Chablis, dos moti-

vos que me obrigádo a não vos participar a mais terrível das desgraças. Depois de me consultar por muito tempo sobre o partido que devia tomar, determinei-me a não perturbar a paz que gozavais, com a lembrança continuada do perigo da vossa vida. As vossas cartas ao estríbeiro mor parecendo provas certas da parte que havieis tomado no tratado de Hespanha. Eu vi aquellas funestas cartas, e juro-vos que a similarbaça da escrita com a vossa era tão notável, que secia impossivel negar que aqueles escritos não erão feitos pela vossa mão. Todavia estava bem persuadido que não erais o seu author; mas vós tinhеis inimigos tão poderosos que, não tendo prova alguma da vossa inocencia, não me era possivel poder-vos salvar. Naquellas cartas fizesteis-vos fallar do cardeal de Richelieu em termos tão pouco comedidos, que conseguiram tornar-vos odioso a seus olhos. O rei era vosso amigo, mas temia o seu primeiro ministro; e demais, elle vos julgava tão culpado como o seu fa-

verito, cuja morte o affligia pouco. Vendo pois que as precauções de vossos inimigos erão tâes, que era impossivel salvar-vos do supplicio, encerrei no meu coração a pena que me causava a vossa terrivel sentença. Para evitá suspeitas, occultei a toda a gente a amargura de meus sentimentos; e persuadiundo-me que o tempo abrandaria o furor de vossos inimigos, esperei que me seria mais facil então de vos fazer passar a um paiz estrangeiro; mas até agora, achava cruel instruir-vos de todo o horror da vossa situação. Floriant vos havia accusado de rapto, já vol-o tinha dito, e isso bastava para vos obrigar a tomar as precauções que a vossa liberdade exigia.

Eis-aqui quaes erão as minhas intenções, meu caro Chablis; a mesma amizade m'as havia inspirado; se não fossem os artificios da mais má mulher, elias terião um bom fim, e vós não experimentarielis a terrivel scena de São Germano, que vos certeficou da vossa desgraga, e vos fez tremer por

causa da vida de Felicia e de vossos filhos.

Esta explicação enterneceu tão sensivelmente o Conde, que não pode deixar de o testemunhar ao Duque de Valhadois, que então começou a sua narrativa do moménto em que elle se ausentara do castello de.... Assim que chegou a Paris, apeei-me á porta do Duque, e subi ao quarto de Palmira. Contei-lhe os perigos que houvera corrido, que muito a assustárao, e compartiu a nossa satisfação pela mudança do Marquoz, e pelo susto que me causára a sua ferida.

Palmira perguntou-me com inquietação se vós sabieis da sentença do parlamento; e minha resposta socegou-a. Eu tivera tempo de pedir a Floriant que vos não fallasse sobre este cruel acontecimento, que ignoravais ainda. Quando eu lhe fiz essa petição, estaveis vós presente, e talvez que vos lembrais do sibresalto que elle mostrou depois de ter ouvido. Então estaveis muito perto

de seu leito, e por isso não me pôde responder; mas fez-me um signal que me assegurava que confessasse com a sua prisão, e o seu discurso justificou a minha esperança. Tendo toda a certeza que instruídos logo o cavalheiro de Moberquy de vossos segredos, havia eu obrigado por juramento de nunca mais falar da condenação do Conde de Chablis. A sua discrição impediu-o de me dar parte das suspeitas que então teve a vossa respeito; mas quaesquer que fossem as suas dívidas, ficou persuadido que o amor que vos tinha me obrigaria a dar aquelle passo; e como elle vos estimava muito, prestou-se com toda a vontade a tudo quanto exigia delle. Palmira ficou muito satisfeita com esta duplicada preceção; porque julgava, assim como eu, que não era necessário alarmar-vos com terrores bem fundados. A Duquesa não tinha vindo ainda. Eu fui a casa de Flóriant, mas foi-me preciso esperal-o algum tempo, porque lhe fôra necessário

vir muito de vagar, para evitar os solavancos da sege. Quando chegou, fiagi dante de seus criados que me admirava do seu triste estado, e fiz mil perguntas ao padre que o acompanhava; elle respondeu-me como tinhamos ajustado, e Floriant foi levado para a sua cama. Fiquei todo aquele dia, e toda a noite ao pé delle. O Marquez falou de Felicia, de vós, meu caro Conde, e a imagem de seu irmão não o deixou em só instante. Elle lhe pedia continuamente perdão das perseguições com que opprimira sua filha. Seu arrependimento fez-me chorar, e no bom eclesiastico também. Floriant fez uma escriptura na qual desistia da accusação de rapto que intentara contra vós: confessava que vos tinha accusado injustamente, e que vos obrigaria, por suas violências, a fugir com Felicia. Aquele auto foi entregue ao cura, para que delle fizesse o uso que o vosso interesse exigisse: o Marquez não quis encarregarm-me do negocio, porque os passos que precisava dar para sim-

lhante effeito, dalião suspeitas á Duqueza; e naquelle occasião era prudente evitá-las, ab meno para que não soubesse que uma das minhas casas vos servia de retiro. *Comtudo a doença aumentava* cada vez mais, e nós devíamos se passaria o dia: a idéa da morte causava-lhe grande medo: a cada momento estava pedindo ao ecclésiastico que o consolasse, e lhe déisse a esperança de alcançar o perdão de Deos. Aquelle respeitavel padre desempenhava as suas obrigações com tanto fervor, tanta docura, e persuasão, que Floriant ficou mais socogido e cheio de resignação. Perto do meio dia ouvimos o estrondo de uma carruagem; e imediatamente vimos descer a Duqueza. As suas primeiras palavras foram: — Cettamente foi esse miserável Conde que vos pôz neste estando. Monstro, trem de mim! — Eu fiquei a errado à vista daque la fúria. O bom ecclésiastico a olhava com admiração: ambos esperavamos com impaciencia a resposta do Marquez: elle fez signal á Du-

Quenza para que se assentasse, e fazendo por se levantar sobre a cama, falou nestes termos: — Senhora, ninguém crimino na minha morte; justamente a me reci, em a encoro como um castigo de Deus. Ai de mim! quanto o teho offendido! não posso sem receio pensar no momento terrível em que vou dar-lhe contas de todas as minhas acções. — A Duqueza quis falar. — Não me interrompais, senhora; escútai, sede testemunha do meu arrependimento, e aproveitai-vos, se ainda é tempo, do horror que me inspirão os meus erros, e as perseguições das quares aquelles virtuosos esposos, a quem chamais monstros, são as mais inocentes victimas. — Céo! que enço! exclamou a Duqueza, levantando-se com impaciencia: sois vós Flóriant, que me fallais assim? Homem cobarde, pôdes perdoar a teus inimigos! vai-te, tu não és digno da minha confiança. Certamente D. Fernando sabe este misterio; não sejais tão covarde como vosso amigo, dizei-me, ajuntou ella.

com um tom imperioso, se é verdade que o Conde o assassinou? — Ah! senhora! exclamou o eclesiástico, que crime lhe suppondes! — Supponho sim! repetiu a Duqueza mordendo os lábios, supponho! e olhando-o com um ar altivo, lhe disse: Este senhor sabe que o crime não é suposto! Mas elle não me devia responder, pois me dirigí a D. Fernando. O respeitável padre ia falar, e sem dúvida fazer sentir à Duqueza a indecencia de suas ultimas palavras; mas temendo as consequencias de seu zelo, apressei-me a preveni-lo, e disse á Duqueza, que na tarde do dia antecedente, voltando do campo, tinha estado em casa do Marquez, e o víra naquelle triste estado: que como não estivera ao pé della no infeliz instante em que triunfaria de seu valor, só elle podia descobrir-nos o seu segredo. — Muito bem, disse a Duqueza, fitando-me com um olhar penetrante; e vós ignorais inteiramente as causas de suas feridas? Floriant, antes de lontem, não vos

disse alguma coisa que podesse esclarecer-vos? Só elle, dizeis vós, pôde descobri-los o seu segredo; e esse segredo vós o respeitais sem dúvida! D. Fernando, a vossa resposta é mais subtil que satisfactoria. — Senhora, duvidais da verdade de... — Eis-aqui, intetrompeu o moniludo, queimando um papel na luz de uma lâmparica, eis aqui a causa da minha morte; seja também a preza das chamas.

A Duqueza deu um grito espantoso, quis livrar o escrito do fogo, mas já não teve tempo; todo estava feito em cinza. Tirou o vesso bilhete, meu capo Chablis, do qual Floriant se apossara, e que, caindo nas mãos da Duqueza, poderia comprometter-me e fazer descobrir o vesso asylo. Aquella acção generosa do Marquez pareceu-me tão admirável, e comoveu-me tanto, que estive a ponto de lhe mostrar o meu reconhecimento; porém uma vista de olhos que lancei sobre a Duqueza concentrou a minha sensibilidade, e preveniu aquella impre-

dencia. Armande, de raiva, deixou-se cair sobre uma cadeira, bavia desapertado o vestido para respirar mais livremente, e olhava em torno de si com olhos cheios de furez. Floriant, com uma voz moribunda, lhe dizia: Senhora, o vosso ódio será eterno! Juro-vos que Chablis não foi quem me feriu. Ah! move-vos o sim doloroso de um homem tormentado de remorsos; vede quanto tenho a morte. Ai de mim! se a minha consciência estivesse pura, o meu ultimo instante seria menos terrível. Por que sois, senhora, adogai-me o seu horror; prometej-me de tornar utéis os meus arrependimentos, não tormentando mais as victimas do nosso ciúme. Empregai todo o valimento que tendes na corte para fazer revogar essa sentença de morte do parlamento que, estou bem persuadido, foi enganado injustamente. A Duquesa franziu as sobrancelhas, e pôz as mãos sobre o semblante. Ah, senhora! continuava o moribundo, tende piedade da minha ultima hora. Grandes

Deus ! estou vendo meu irmão estender-me os braços : elle vos supplica , senhor , que ouçais a minha rogativa . — Perdoas-me , meu bom irmão ! continuou elle entregando-se ao delírio da sua desesperação : não me mostres esse rosto severo , serena teus olhos ameaçadores , que tanto terror me causão . Meu irmão ! meu caro irmão ! acha de novo em mim um amigo , um filho , uma alma agradecida . Mas que vejo ! elle se chega para mim , elle me aperta e leva consigo ! Meus amigos , meus amigos ! não me quer perdoar ; vai precipitar-me nos infernos . . . Nós ficámos assustados : o tom sinistro com que pronunciou estas palavras , seus olhos espantados , sua voz trémula , tudo nos fez acreditar que morria . O bom eclesiástico e eu chegámo-nos para junto de seu leito ; apertamol-o nos braços , abençoamol-o , fallámos-lhe da bondade de seu Creador , de sua misericórdia , de sua clemência , e conseguimos acalmar-o . A Duqueza , sempre assentada , perdeu a sua cor natural , mas bre-

veremente se viu livre daquella ligeira impressão, e seu semblante, torbando-se mais sereno, trazia o sinal de uma terrível tranquillidade. Sem duvida era o fruto de alguma horrível meditação. Logo que viu o Marquez em estado de a poder ouvir, disse-lhe com uma voz doce: Pois bem, Floriant, estai satisfeito, quero render-me a vossos desejos; deste momento em diante, esqueço a conducta injuriosa do Conde e da sua esposa: prometto servil-os com todo o meu poder, e empregarei tambem o da meus amigos para rehabilitar o Conde nas suas honras. Eu mesma vou escrever-lhes, pedir-lhes a sua amizade, certifical-os da minha ternura; e sem duvida D. Fernando, a pedido vosso, quererá remetter-lhes a minha carta, e ser o mediador da nossa reconciliação. O sacrifício é grande, Floriant, mas o vosso exemplo me commove, e me faz sentir a injustiça da minha conducta. — Ah, senhora! exclamou Floriant cheio de alegria... De repente parou, notando na

Duquesa uma curiosidade attenta, uma maligna esperança de lhe arrancar o seu segredo, e o sorriso da maldade sobre os seus labios. O respeitavel ecclésiastico escutára com sobressalto. Quanto a mim, o seu falso arrependimento não me enganou, e a resposta de Floriant me alliviou de um grande peso. Senhora, lhe disse o Marquez, se o vosso coração perdoa, se o vosso arrependimento é verdadeiro, se conheceis que sois culpada, por tudo dou grazas a Deos; isto é uma consolação que devo á sua bondade. Mas, senhora, não precisais escrever-lhes, seus corações são generosos, e vos perdonam quando não forem perseguidos. Demais, como quereis que D. Fernando lhes remetta a vossa carta, se ainda o não instrui do seu asylo? e a mim quem é que me ensinou? Bem sabeis, senhora, que na nossa ultima conferencia o ignoravam: estais pois persuadida que o pude descobrir? Torno a repetir-vos-lo, não foi Chablis que me feriu; Deos castigou-me por uma mão desconhecida, mas incon-

esfôto. Não procureis penetrar este misterio, elle deve morrer comigo. A Duqueza mordeu os labios, e corou de raiava; mas concentrou sua colera, e a cobriu com o véo da tranquillidade. N aquelle momento vierão dizer-me que Palmira estava com as dores do parto, que me chamava com grandes gritos, e que a sua vida estava em perigo. Floriant pareceu desesperado com a minha saída: apertou-me a mão, disse-me adeos, e eu corri para junto de Palmira, cujo estado me assustou bastante; mas o Céo vigiava sobre seus dias; elle me conservou, e me fez pão da minha querida Izabel. Perto d'onze horas da noite, a Duqueza veiu visitar Palmira: seu ar satisfeito me assustou muito; fez-me sinal que o Marquez morrera, e disse-me em voz baixa que no dia seguinte de manhã esperava por mim no seu quarto. Fui muito cedo aonde ella me ordenava, inquieto do motivo para que era chamado. Palmira já estava á minha espera, e depois de me ter fallado da morte

do Marquez, apresentou-me o seu testamento, testamento que me encheu de admiração e horror. Floriant desherdava nella Felicia em meu favor. Naquelle momento não fui senhor da minha indignação; lancei o testamento para longe de mim, gritando que nunca gozaria de um bem que me não pertencia. — E por que! me disse a Duqueza, não veis vos conhecido pelo amigo mais íntimo do Marquez? Para que vos admirais da preferencia que vos dá sobre uma parenta da qual tanto se queixava? Só vos é que vos admirais disso; toda a gente esperava isto mesmo. — Este testamento é já conhecido! Ah Deos! que pensarão de mim? Que vergonha! appropiar-me os bens d'outrem! — Não vos entendo, replicou a Duqueza: de que vos queixais? níngnem vos accusa. O Marquez expirou hontem ás dez horas e meia da noite; elle fez-me depositaria da sua ultima vontade: quando entrei em minha casa, dei parte de tudo isto á minha companhia; e toda a gente me deu os para-

bens da vossa boa fortuna. No estado em que estava Palmira, seria imprudente fallar-vos de morte diante della ; eis aqui porque não vos avisei de tudo imediatamente. Como, lhe disse eu ainda, Floriant havia perdido a Felicita, e ao Conde ! E acreditais nessa circunstancia de um momento que o temor sómente occasonara ! Depois da vossa saída, mudou intelectualmente, mudou charmar um tabellão, e dictou-lhe este testamento ; ainda foi mais longe, continuou ella olhando-me fixamente, proximo a expirar, retractou-se, e disse-me que o Conde o matara, e que vós me diríeis como isso fôra... — E' impossivel, exclamei eu interrompendo-a, é impossivel; vós enganais-me, senhora : como posso eu instruir-vos de uma cousa que elle mesmo vos disse ser-me desconhecida ? — Seja assim, me disse ella saindo furiosa do gabinete, tu não me recins esta rica herança... Suas palavras causarão-me suspeitas. Com tudo não podia crer naquella prompta mudança de

Marquez, e disse comigo mesmo : certamente esta mulher detestável julgou engravidar-me com o lustro do seu ouro ; não sabe que todas as riquezas do mundo nada podem sobre um coração probó. Ela imaginou que esta herança arrancaria o meu segredo, que me persuadiria da mudança de Floraunt, por presumir que ficaria meio instruída. Mas, graças a Deus, nada disse que pudesse comprometer os meus infelizes amigos ; e se foi verdade que o Marquez morreu naquelles sentimentos de vingança, ao menos não teria tempo de dizer tudo para descobrir o seu retiro. Quando saía do gabinete, tive uma lembrança que me fez voltar a entrar. Peguei no testamento e disse comigo : Meus amigos, estes bens que parecerão gozados, serão todos vossos ; quero recebê-los em meu nome, mas da tudo vos darei uma conta exacta. Serei um simples administrador, e vós sereis os únicos possuidores. As pessoas pouco delicadas darão não os parabens deste accrescimo à minha fortuna ; as pessoas de bem presu-

mirão que em os procurei, e olhar-me-
ão com maos olhos. Muito me custa
não arrostar a opinião publica, e de que
só os velhacos me louvem; mas espero
que virá um dia em que a minha inno-
cencia será conhecida, e então se verá
que o meu coração não estava culpado
com tal baixeza. Assim o tenho feito,
meu caro Conde, continuou D. Fernan-
do, e pelos meus cuidados, estes bens
estão augmentados, e terei a satisfa-
ção de ver vossos filhos ricos com es-
ta herança. — Ah, que as minhas sus-
peitas erão ultrajantes! exclamou Chab-
lis. Armada! mulher cruel! foste tu
quem as produziste. Mas continuai, ca-
ro D. Fernando, esquecei, esquecei es-
tas suspeitas, que erão muito injus-
ticias. — Não fallemos mais nisso, caro
Chablis, replicou D. Fernando, como
estamos juntos, nada mais desejo. O Du-
que proteguli assim: Entrando em mi-
nha casa, munido do testamento, tor-
nei a lhe-o; então veiu-me uma lembran-
ça que me persuadiu da sua falsidãde.

Como é possível, disse eu, que o marquez desherdasse Felicia, para enriquecer o amigo mais íntimo desta desafortunada, aquelle mesmo que a arrancou de seus braços para a metter nos de seu rival? Vamos, continuei eu, vou sair, é preciso ver o cura que deixei ao pé de Floriant; é necessário falar ao tabellião; talvez conseguirei acclarar estas trevas, rasgar o véo que oculta a verdade, deslindar este chaos de preversidade em que me perco. Dizendo estas palavras, entrei para uma sege, e fui logo a casa do Marquez. Tudo ali estava em desordem; todos choravão um amo tão bom, todos o lamentavão amargamente; e na verdade, Floriant tivera grandes qualidades, que, infelismente, forão esquecidas por grandes defeitos: bom, affável, caritativo, era adorado de seus criados. No mundo, escutando sómente a sua vaidade, o seu orgulho, seguindo os maus exemplos, entregando-se aos maus conselhos, havia-se tornado o maior fatuo, e o mais atrevido casquilho de París.

Havia muito tempo que elle não conhecia outras leis senão as suas paixões; mas seu bora natural e impediu de as levar até ao crime; e, se não fosse continuamente desviado pela detestável Armande, certamente vos não queixaríeis tanto daquela infeliz manebo. Estou persuadido que Floriant nunca soube da falsidade daquellas cartas que vos fizcrão condenar á morte. Fiquei admirado de não achar a cura; perguntei por elle, disse-lhe-me que saíra do palacio do Marquez ás dez horas e meia, e que depois o não tornáde a ver. Informei-me também da hora em que viéra o tabellião, respondé-lhe-me que chegara ás oito horas e meia, e que esperára no gabinete do Marquez antes de entrar no seu quarto, e que depois de nove horas e meia até ás onze, estivéra fechado com a Duqueza e o Marquez; que então a Duqueza tinha saído daquelle quarto a chorar, gritando: Grande Deos! morreu o Marquez! acaba de dar o ultimo suspiro! Então amaldiçou comigo mesmo a fal-

sidade da Duquesa, pensando nas lágrimas fingidas que chorou diante dos críndos do Marquez, e no ar de satisfação que brilhava sobre seu rosto, quando um instante depois veiu a minha casa. Aquelle desaparecimento do cura pareceu-me extraordinário, e cada vez que me lembrava delle ficava inquieto. Fimmediatamente mandei chamar o tabellão, e traçai de fazer os ultimos deveres ao Marquez. O tabellão não estava em casa, e não pude vê-lo sendo no dia seguinte; porém a sua visita não me tirou de ânimos. A brandura, o castigo, as ameaças, as promessas ainda as mais lisonjeiras não poderão alcançar outra resposta senão a de ter escripto a ultima vontade do Marquez, dictada por elle mesmo. Fiquei persuadido que Arminda casinára a ligão a este homem, e despedi-o, desesperado por não poder descobrir a perversidade daquella má mulher. No mesmo dia escrevi uma carta contando-vos tudo o que se passará depois da nossa separação. Também vos faltava dar

minhas dúvidas sobre a veracidade do testamento, das minhas resoluções a esse respeito, e de meus receios tocante ao cura, do qual pedia que vos informasseis. Talvez que voltasse para o seu curato, vos dizia eu; mas como é possível que partisse sem me dizer adeos! Naquella mesma hora, juntei à minha carta duzenhos mil francos em notas, que Floriano me havia entregado antes de chegar a Duqueza: tratamuhavu-vos o medo que tinha de que vos descobrissem, e as muitas intenções de vos fazer mudar de retiro o mais breve possível: fazia-vos presentir alguma nova desgraça que me obrigava a fazer-vos sair do castello de... Com tudo não me explicava ainda abertamente: Agora não sei como poderei substituir à minha carta o falso bilhete que recebestes. Depois de a ter escrito, assim como acabo de vos dizer, fechei-a, e ia pôr-lhe o sobre escrito, quando fui chamado por Palmira, que naquella occasião se achava muito doente; e seu parto fôra tão infeliz, que a-

consequências nos fazião temer a sua morte. Leitti a carta na minha algibeira, e comi ao quarto de Palmira: a Duquesa estava ao pé della. Todo ocupado da minha querida Palmira, dei pouca atenção aos movimentos daquela mulher, cuja vista me era tão odiosa. Ella saiu imediatamente, e eu fiquei todo o dia junto de Palmira, atormentado horrivelmente com os seus padecimentos. Feno da noite, a Duquesa entrou, e não sei por que motivo um súbito presentimento me apertou o coração à sua chegada: Armande perguntou como estava Palmira, esteve pouco tempo comovido, e despediu-se depois de me ter dirigido algumas palavras insignificantes. Seu ar era um mixto de desgosto, de alegria, e de inquietação; porém eu não me importei com isso; e como Palmira estava melhor, retirei-me para descansar um instante. Como o meu criado estivesse doente, encarregára-se de arranjar um homem capaz para mandar em seu lugar ao castello de... No dia seguinte,

como este homem se apresentasse diante de mim, fiquei admirado de não achar a minha carta: procurei-a muito tempo inutilmente; à final, fazendo reflexão que talvez estivesse no quarto de Palmira, no qual eu estivera todo o dia antecedente, fui lá, e fiquei contente de a tornar a achar. Certamente tirando o lenço a deixá-la cair; pois estava no chão, ao pé da cabeceira do leito de Palmira, quasi escondida com as cortinas. O homem que devia levar-vos a minha carta, esperava; apressei-me a pôr-lhe o sobre escrito, e recommendei-lhe que fosse de pressa. Ai de mim! porque a não abriria? porque a não li? para que volta mandei? Mas poderia eu imaginar que aquella funesta carta não era a minha, e que havia de produzir um effeito tão terrível? Quando aachei no quarto de Palmira, reconheci o meu sinete, e o meu sobre escrito, e não tive a menor suspéita daquelle terrível engano. Inquieto por causa da doença de Palmira, não reflectira que aquella carta, cain-

do-me d'algibeira, fôra apanhada pela perfida Duqueza. Mulher má! ella não perdia um só instante a occasião da vingança com que sustentava seu coração, abandonado a todas as paixões. Depois do dia em que me entregou o testamento, ainda não tinha ido a casa della, e então soube que desde aquelle momento a sua porta se fechâra a toda a gente, excepto a mim: eu não pude atribuir esta excepção senão á esperança de chegar por sua astúcia a conhecer o meu segredo; mas eu estava acautelado, e se não fosse aquella fatal carta da qual sem dúvida se apossou, ainda agora o ignoraria: talvez que a sua intenção fosse persuadir a sua família da nossa perfeita união, e que desejasse que sós o soubesseis, para vos fazer duvidar da minha amizade. O testamento parecia-lhe já um grande adiantamento para a nossa desunião. Comtudo o velho Duque não compartia ainda as suspeitas da Duqueza a meu respeito. Talvez que ella não julgasse conveniente o instruir-o. Ela

mostrou-se triste pela prematura morte do Marquez, deu-me os parabéns da minha berenga (parabéns d'esteia velha para mim), e compartiu ainda os meus receios por causa da saúde de Palmita; no jô da qual estava quasi sempre. Algumas vezes durante aquella doença que atraía o duque para junto de sua filha, Palmira buscou fallar-lhe de seu infeliz irmão. Seguramente; meu caro Conde, ella conseguiu restituir-vos a ternura de vosso pâe; mas a Duqueza sabia sempre prevenir momentos de sensibilidade. Raras vezes deixava o Duque, e quando saía, procurava aconselhá-lo de sua filha, por temer a amizade que Palmira tinha a seu irmão; de mais, Arminda representava tão bem o amor ao pé de seu velho esposo, que fazia delle quanto queria. Pintava-vos a seus olhos com as mais negras cores; vós creis, dizia ella um filho orgulhoso que offendera a autoridade paternal, e que nenhuma consideração podera demovêr-vos, não temendo tornar infeliz o melhor dos pais?

que a vossa ambição desmedida vos metterá n'uma conspiração contra o estado, e que assim tinheis coberto seus velhos dias de opprobrio eterno. Outras vezes ajuntava com astúcia que a causa de vos deixar fôra ver que não estimaveis as qualidades de vosso páe.

No dia em que vos mandei aquella carta, não a vimos; contentou-se em mandar saber como estava Palmira, e passou uma parte do dia com o senhor de M..., seu páe, a unica pessoa que recebeu naquelle dia. De noite houve grande movimento no palacio: perto das cinco horas da manhã, ouvi entrar uma carruagem no páteo: levantei-me, abri uma janella, e fiquei admirado de ver apesar-se de uma sege d'aluguel a criada grave da Duquesa; principiei a estar desassozegado, sem poder adivinhar a causa. Não quis tornar-me a deitar, e pegando em um livro, procurei distrahir-me dando-lhe toda a minha attenção. Dez minutos depois vierão bater com força á minha porta gritando: Senhor D.

Fernando, levantai-vos; vinde de pressa, acudi, o senhor Duque está a morrer. Saí precipitadamente, e recomendei que se guardasse todo o segredo dian-te de Palmira. A sege d'aluguel estava ainda no páteo: quando passava para uma casa d'espera, vi n'uma saleta a Duqueza coberta com um grande capote, e parecendo disposta a sair. Ela empregava diferentes papeis á sua criada, e eu ouvi gritar: Que contratempo! se-rá possível que este velho fastidioso morra nesta occasião? Não importa, parti, apressai-vos. Depois entrei no quarto do Duque, lamentando-o de ser enganado pela falsa ternura daquella mulher; e assustado do ar misterioso espalhado so-bre aquella emprega nocturna, um espe-táculo doloroso me esperava naquelle aposento: o Duque tinha morrido de um ataque apopeletico; estava cercado de seus criados. A Duqueza entrou com um ar triste, e com as lagrimas nos olhos, mas de repente cessáram os choros reconhe-cendo que já não havia necessida-

de de enganar aquelle velho crêdulo; entendido sem vida. Eu, pegava na mão do morto, e estava interiormente desesperado da sua inflexibilidade para com seu filho. Ai de mim ! dizia eu, o pâe morre longe do filho, e seu corpo não será regado do pranto filial. A Duqueza olhava para mim ; e eu, bem persuadido que ella não precisava que a consolassem, não lhe dei uma só palavra. De repente ella rompeu o silencio, e me disse com um tom rude : D. Fernando, o Duque deixou sua filha por sua unica herdeira ; elle mesmo lhe entregou o seu testamento na minha presença. O unico presepte que elle me deu, o unico que a rogos seus não pude recusar, é a terra de L... . Mas eu a restituo a vossa esposa, D. Fernando ; nada quero que pertenga á sua familia ; dentro de vinte e quatro horas saíei deste palacio : desde este momento elle vos pertence ; não querem mais aqui morar : de mais, injuntou ella com um sorriso forçado e cheio de malicia, talvez que brevemente precisais o meu

Quarto. Quando temos amigos, é preciso saber onde os havemos de hospedar, e o número pâde aumentar todos os dias.— Seahora, podeis estar no palacio em quanto quizerdes; a terra de L... é vossa; este foi sempre o desejo do Duque; assim eu a recuso em nome de Palmira; não lhe deis esse desgosto desprezando o que seu pâe vos deu; vós o sabeis, senhora, e as lagrimas de Palmira tol-o tem dito cem vezes, que esse testamento que desherda o irmão, tem continuadamente desesperado a irmã. Palmira esperava de commover o coração do Duque em favor do Conde; que pena não será a sua quando souber que a morte o anticipou! Mas, por quem epis, não augmenteis as suas penas: regitando com uma especie de horror o testemunho da amizade do Duque. Quantas ás vossas ultimas palavras, senhora, não posso comprehender-l-as: de que amigas quisceris fallar? explicitai-vos! — Agora não é occasião; replicou ella com um tom sarcástico e triunfante, que-

da não é tempo; pelo que respeita á minha vontade, vós a conheceis, e eu nunca a mudarei. Acabando estas palavras saiu do quarto olhando-me com uma maligna alegria, que me penetrou de susto. A tempestade que eu víra á meia noite no páteo, o ar misterioso da criada grave. O projecto de viagem da Duqueza a uma hora tão extraordinaria, seu ar alegre, seus discursos ironicos, tudo finalmente me fazia recer algum accidente funesto. Lembrava-me de vós, meu caro Conde, e queixava-me da demora do meu correio. Contudo os criados do Duque, que offrião continuamente por causa do máo genio da Duqueza, não podérão deixar de censurar a indéscencia da sua conduta na occasião da morte de seu marido; eu mandei-os calar, e depois de dar as ordens necessarias para aquelle infeliz acontecimento, retirei-me a minha casa com o coração magnanimo que acabava de ver e ouvir. O homem que tinha levado a minha carta, voltou na manhã seguinte; perguntei-lhe com im-

paciencia porque se demorára tanto em trazer-me a resposta? Elle me disse que lhe não havião dado resposta alguma; que o senhor a quem entregára a minha carta parecera extremamente inquieto na occasião de a ler; que lhe fizera mil perguntas ás quaes não podera responder; que somente quando o despediu, lhe disséra: Dix a D. Fernando que nós seremos exactos em cumprir as suas ordens. Aquelle homem para se desculpar da sua demora, disse-me que passando pelo logar onde estava sua mãe, não podera resistir ao desejo de lhe dar um abraço e de passar algumas horas na sua compagnia. Perdoei-lhe a sua pouca exactidão em cumprir as minhas ordens em favor da sua ternura filial, e despedi-o, não comprehendendo nada do que elle me disséra da vossa partida. Perto da noite, soube que a Duqueza saíra do palacio; que na volta da sua criada grave se entregára a um furor terrivel; que arrancaria os cabellos nomeando o Conde e Felicia, amaldiçoando-os, e jurando

de os perseguir até à morte ; que os cartas
gáia de imprecacões, e assim como a mim
também, e que no transporte da sua raiva,
foi para casa do ministro seu pão, ex-
clamando ás suas criadas de terem tudo
prompto para a sua partida ; que depois
tornára a vir paça levar uma caixa com
papeis, e que no tempo em que se au-
tentava fizera o jactamento de não tor-
nar a pôr o pé naquelle maldito pala-
cio. Aquella terrível colera deu-me mui-
to que pensar ; fiquei persuadido que
ela tramara alguma conjuração contra
mim ; mas não pude adivinhar a verda-
de, e era preciso naquelle momento sa-
ber se os seus projectos tinham sido mal-
ogrados ; o seu furor data-me toda a
certeza disso. Todavia prometi de vos
ir ver com toda a brevidade. Durante
três dias fui-me absolutamente necessa-
rio estar em casa para pôr em ordem os
negócios do D'aque ; depois deste termo,
que a impaciencia de vos ver me fez
esperar muito longo, despedi-me de Pal-
mela, que já estava restabelecido, e fui

no castello de... O' meu caro Conde! jolga qual seria o meu terror, quando perguntando por vós, me contárão a vossa fugida; pois que outro nome hei de dar a uma partida precipitada feita de noite, e que as mesmas pessoas do castello ignorarião? Perguntei se me tinheis deixado alguma carta; procurei por toda a parte no vosso quarto, e no de Felicia; porém nada achei que pudesse instruir-me da causa daquelle acontecimento. O vosso silencio assustou-me; então lembrei-me do que me mandastes dizer pelo portador da minha carta, e temi que a Duqueza tivesse parte na vossa incomprehensivel partida. Quis ver o cura e fui a sua casa; talvez, dizia eu comigo mesmo, me dê alguma noticia; mas, é novo motivo de surpresa! ninguem o víra mais desde o dia que o viérão buscar para o castello; todos os seus fregueses choravão por elle.

Abismado em tristes reflexões, topei o caminho de Paris: todos os meus recuos relativos ao cura se reproduziram, e

... dei convencido que elle desappareceria pelos artifícios da Duqueza. Lembrei-me de tom com que ella lhe fallaria no dia da morte do Marquez, e quanto a sua nobre franqueza lhe desagrada. Talvez que Armaida pensasse poder-lhe arrancar uma parte dos segredos de Flóriant; nala era impossivel no coração pervertido daquella mulher apaixonada. Formei mil conjecturas, que todas me fazião estremecer: contudo uma idéa consoladora veiu adoçar a amargura de meus pensamentos: a noite da vossa partida era a mesma em que a criada grave da Duqueza fizera as suas excusões nocturnas; lembrei-me de seu ar triunfante em quanto aquella criada esteve ausente, e da sua desesperação quando ella voltou: à vista de tudo o que se passara, julguei que se Armaida primeiramente se lisongeará, depois fôr enganada em suas esperanças. Quando subi para a sege, a minha primeira lembrança era de ir immediatamente a casa da Duqueza, para lhe exigir os meus infe-

lizes amigos, e exprobrar-lhe os seus erros; porém esperando que a sua vingança não teria efeito, medei de resolução, e decidi-me a empregar a dissimulação com aquella mulher perdida.

O cavalheiro de Morbequy tinha saído do castello poucas horas antes de vós. Certamente tinhei-o instruído de vossos projectos. A esperança de saber por elle o que vos acontecerá, levou-me a Paris ao títio onde me dissesteis que morava. Logo achei a sua casa, ah! já era tarde; tinha partido na vespera para uma longa viagem, e o maior misterio cobria o logar do seu destino. Desesperado, fui para minha casa, pensando nos meios de vos achar. Palmira esperava por mim com impaciencia para ter notícias vossas; porém occultei-lhe a verdade. Não obstante ter nascido extremamente franco, a minha singular posição obrigava-me a estar continuamente acautelado, para poupar os interesses e a sensibilidade das pessoas que me eram caras. Palmira ignorava ainda a morte de seu páe,

“É só passado muito tempo, é que a soube, assim como a perda de nossos intitmos amigos. Fechei dentro de meu coração a raiva que o penetrava, e de báixo da máscara de uma tranquilidade aparente, fui procurar a Duquesa á sua casa. A maneira com que ella deixáta o palacio, não lhe permitia uma visita tão breve; por isso a sua porta não me foi fechada, e entrei sem dificuldade até p' seu quarto. Eu acompanhava-lão de perto o criado, que Armânda me não viu senão quando estava ao pé della. A minha vista fez-a mudar de cor, e um movimento expressivo me certificou que a minha presença lhe era insuportável. Estava só, vestida de luto, e sobre sua fronte reinavão mil negros cuidados, frustos sem dúvida das inquietações que tormentavão seu coração. Eu vi sedas tormentos; elle me sorregárāo, e disse comigo: Armânda não está satisfeita, os meus amigos não são infelizes; no menos não estão em seu poder. Animou-me com esta ideia consoladora, as minhas espalhafatosas

reanimárao, e cheguei-me para junto de-lá com mais confiança. Comecei por lhe censurar graciosamente o modo pouco amigável com que se havia separado da Palmita e de mim. Quem pode, senhora, lhe disse eu, dar causa a tal indifferença? por virtute a nossa conducta para com vosco tel-a-ha merecido? Eu fallava assim para a obrigar, e ver finalmente se tinha chegado a conhecer as nossas relações, meu caro Conde. Não duvidava que na sua cegera me descobriria alguma cousa que tivesse relação com o cruel acontecimento que nos separava. Mas eu não conhecia bem aquelle coração dissimulado; sem dúvida persuadiu-se que eu sabia do vosso novo asylo, que a minha visita era feita de acordo com vosco, para robar do seu desgosto, e que viéra a casa della somente para nos rirmos depois das suas iras. Seu olhar somente me pintou a sua raiva, o seu desespero, a sua indignação, mas suas palavras não correspondêrão ao que eu esperava; ella fechou em seu coração a colera que sub-

levava seu peito, e me disse com tran-
quillidade, sem mostrar que déra aten-
ção á minha pergunta: D. Fernando,
se a vossa visita tem por fim lembrar-me
a minha promessa, é inútil; por quan-
to ainda me não esqueci della. Eis-aqui
ajuntou ella tirando um papel da car-
teira, um desestimento em publica for-
ma da terra de L... Nada quero, lem-
brai-vos do que já vos disse. — Ah, se-
nhora! julgais-me tão interesseiro que
aceite a vossa offerta? Vede, lhe disse
eu (rasgando o papel que ella acabava
de dar-me), eis-aqui o uso que faço des-
ta desistencia, que é o effeito do odio
que tendes á familia dos Chablis. — D.
Fernando, haverá outros meios de me
desfazer de um bem que não quero pos-
suir. Então, tocando uma campainha,
mandou montar a carruagem: Dai-me
licença; me disse ella; negocios urgen-
tes me obrigão a sair. — Offereci-lhe a
minha sege, na esperança que ficando
mais tempo com ella, poderia finalmen-
te fazel-a fallar a vosso respeito; porém

despediu-me muito seccamente. Agora, senhora, antes de nos separarmos, fazeme o favor de dizer alguma coisa a respeito do ecclasiastico que assistiu o Marquez nos seus ultimos momentos: tendel-o visto depois que esteve em casa de Floriant? Dizendo estas palavras, olhei para ella fixamente: um raio de alegria brilhou em seus olhos; escarneceu da minha inquietação, mas não mudou de cor. — Na verdade, respondeu ella levantando-se, a pergunta é admiravel: esse padre será algum ente tão interessante que mereça ocupar-me dellè? Que elle esteja donde bem lhe parecer, isso não me dá cuidado. Muito sinto deixar-vos, D. Fernando; para outra vez, ajuntou ella com um tom escarnecedor, serei mais feliz. — Ah, senhora! bem, conheço que sou importuno; mas espero achar um momento favoravel para vos fazer outra visita. Então despedi-me da Duquesa, e retirei-me admirado a sua grande dissimulação. Todavia fiquei mais vocegado a vosso respeito; pois tinha

viu a vossa liberdade em seus olhos. Mas o vosso silêncio continuava a causar-me admiração; não podia conceber-o: aquelle respeitável cura loquela-me também; e por isso resolvi-me a fazer todas as pesquisas possíveis para vos achar e a elle também. A resposta ironica da Duqueza fazia-me recuar que o bom ecclésiastico estivesse em seu poder; mas o meu ânimo não esmoreceu, e fiz todas as indagações necessarias. Todas foram infructuosas; nunca pude saber o que acontecera áquelle, ápfeliz cura. Quanto a vós, meu caro Conde, eis aqui como fui enganado a respeito do vosso caminho: Um dia, estando em Montargis com Palmira, que então já estava instruida da vossa fugida, e como sabeis que ella se parecia muito convosco, ficâmos sobresaltados da exclamação da dona da estalagem onde nos tinhâmos apeado para mandar certar o eixo de uma roda da nossa carruagem. Aquella mulher, tornou a dizer, olhando para Palmira, exclamou: Ah,

Meu Deus! é elle. Como nós estávamos sempre a pensar em vós, aquellas singulares palavras perturbáronos no mesmo tempo que era a vosso respeito que aquella mulher queria falar. Nós a interrogámos, e soubemos que um dia de manhã muito cedo, passára n'uma rege d'aluguel uma senhora com dous meninos, e um senhor, dizia aquella mulher a Palmira, que vendovos podia jurar-se que era elle. Ah! mas era tão bono, continuou a estalajadeira, deixou-me tão penhorada, que o não posso esquecer. Escutai, que vos quero contar como tudo se passou: Elle pediu-me dous caldos, e como não querido apesar-se da rege, fui eu mesma levar-lhos. Ah! se visseis como aquelle excellente senhor tratava aquella linda senhora; que, entre parentesis, parecia mais morta que viva; se soubesseis como elle lhe pedia que tomasse um caldo! Ah! mas era preciso ver aquella scena! aquillo causava prazer; e depois como elle pegava nos meninos, e lhes dizia que bebessem de va-

gar, de vagar! Senhora! isto é que é ser um bom pão! Vêde, minha querida senhora, como eu sou; ainda que elle nada me dêsse, eu ficava contente de lhés ver tomar os meus caldos. Mas não aconteceu assim; pela minha vida! dey-me cito tostões por um mau caldo que não valia um vintém. Isto foi ser generoso! e o que mais é foi elle não o tomar. Mas que é isso, minha querida senhora, chorais! conheceis-o, não é assim? Ah, que homem tão estimável! tornará elle a vir por aqui? — Sim, minha amiga, respondeu Palmira, eu o conheço, mas dizei-me, que caminho tomou? isso não posso eu dizer-vos; por aqui passa tanta gente, que tudo esquece; e até mesmo não sei como me lembrei de tudo o que vos disse: mas na verdade, é porque não era um homem como outro qualquer. Era tão generoso! escutai pois que já me lembra; depois esteve um instante a coçar uma orelha, com ar de quem busca. Já me lembra, já me lembra, continuou ella; disse a

um senhor que estava a cavallo, que conversava com elle á portinhola, que passava á Italia, e depois separando-se dizendo adeos, bons dias, boa viagem; eu não os tormei a ver.

Satisfeito com esta descoberta, quis fallar ao boleiro que vos havia conduzido; mas tinha morrido uns dias antes, e não obstante as minhas pesquisas, não pude descobrir as vossas pégadas; foi necessário contentar-nos com o que soubéramos da estálajadeira. Persuadindo-me que estavais na Italia, mandei lá o meu criado grave, e alli se demorou muitos annos em procura de vós. Durante aquele tempo, Palmira e eu estivemos no castello de...; e foi então que D. João vos escreveu para alli debaixo do nome, pelo qual erais conhecido: a esperança de me esclarecer sobre a vossa sorte fez-me abrir as cartas; eu vi, depois das supplicas que aquelle amigo vos fazia de passar a Hespanha, que elle ignorava tambem a vossa fugida inexplicável. Respondi-lhe á sua carta, e contei-

Já o que era passado. Depois d'isto todos os passos que démos a vossa respeito fizeram feitos de acordo. O meu irmão, na sua volta, fez-me tremer dando-me parte de seus receios: disse-me que pelo tempo da vossa passagem nos Alpes, suppondo que realmente tiviesseis ali passado, se havião commettido muitos assassinatos, e que era de presumir que vós fosseis as victimas dos salteadores espalhados por aquellas altas montanhas; pois que, não obstante todos os seus cuidados não podera encovitar-vos. Muito cruel me seria acreditar em uma desgraça tão grande, falto de toda a prova. Com tudo consevei ainda todas as esperanças, e continuei nas minhas indagações. Poderia eu insinuar, meu caro Conde, que estiveste tão perto de mim? Muitas vezes procuramos ao longe a felicidade quando ella está perto de nós. Finalmente, este dia tão desejado chegou: eu vos vejo, meu caro Chablis, e vos aperto sobre meu coração; mas Palmyra, vossa virtuosa irmã, morreu pri-

vada desta alegria. Ah! meu caro Conde, que dolorosa lembrança! Izabel ao ouvir estas palavras escondeu o semblante entre as mãos, e chorou amargamente; o Conde ficou tão comovido, que exclamou: Minha querida Izabel, vós tendes toda a sensibilidade de minha exceleste irmã. Ah, minha querida filha! muito desejo que sejais feliz. Izabel, tocada das palavras de seu tio, levantou-se de repente, e correu para seus braços. O Conde a teve muito tempo apertada contra seu coração. Izabel derramava suas lágrimas no seio daquela ente sensível, e sentia-se aliviada de um grande peso. Primeiramente a ternura filial fizera correr suas lágrimas; depois a imagem de Gusmão lhe arrancou ainda mais; sua alma toda amante preferia achar consolações no coração do Conde, naquelle coração consagrado todo inqueiramente ao amor.

Com tudo o Duque de Valladolid olhava sua filha attentamente, sem dizer uma palavra, e atribuia a vivacidade de seu

movimento às últimas palavras do Conde. A precipitação da terna Izabel em se lançar nos braços de seu tio, que tão ardente mente desejava vê-la feliz, foi para o Duque uma secreta reprobração da sua conducta para com ella. Elle padecia cruelmente, e dizia consigo mesmo: A minha filha não me tem amizade, e prefere seu tio à mim. Izabel com urga vista d'olhos desenbriq todos os pensamentos de seu pão: imediatamente arranca-se dos braços do Conde, abraça seu pão ternamente, e aparta com suas carícias a tristeza de suas idéas, mas ella não pôde soffocar seus suspiros. O Duque os ouviu, e pensou com desgosto em Gusmão. O' minha filha! disse elle, não perderás nunca a lembrança de um desconhecido? esquece-o, esquece-o, e nós seremos felizes. A triste Izabel limpando suas lacrimas, assentou-se entre seu pão e Cecilia, a quem aquela scena havia vivamente commovido. O Duque retendo ternamente uma das mãos de sua filha nas suas, continuou a sua

narração, dirigindo-se sempre ao Conde: Tinha-me esquecido dizer-vos, meu caro Chablis, que poucos dias depois da minha visita á Duqueza, ella me mandou uma nova renuncia da terra de L... Aquella vez a desistencia foi feita do modo que não podia ser regatada. Todo o mundo admirou a sua generosidade; mas como nós conhecíamos os motivos porque a fizéra, cada vez a odiámos mais. Poucas vezes nos viamós; o acaso sómente nos fazia encontrar; a sua presença produzia um efeito terrível sobre Palmira: quando a via principiava a tremer, e dizia consigo: Eis aqui o algar de meu irmão, da sua familia, e aquella que despresou meu pão, a ponto de se desfazer de tudo quanto lhe pertencia. Depois o receio de a ver tornar-lhe desagradavel a residencia da cidade, e quiz passar quasi todo o anno no campo. Muitas vezes observei que a Duqueza mandava seguir os meus passos, todos os seus cuidados tinham por fim deseobrir-vos, eu bem o sabia: ella me jul-

gava instrução da vossa sorte; mas intentando seu erro, folgava-me com seus trabalhos inuteis; e suas mortises inquietações afogavão nossas penas certificando-nos sempre da vossa liberdade. Três annos depois de vos ter perdido, recebi a notícia da morte de meu tio o Duque de Valhadolid, senhor espanhol, e como não tinha filhos, fui chamado á Espanha para herdar o seu título, e os seus bens. Então, resolvi Palmira a deixar a França; depois da vossa fugida, bade a prendia á pátria, e por isso partiu com satisfação, pensando que não tornaria a ver os vossos inimigos. Na idade de vinte annos deixei o meu paiz para ir viajar; e não tendo pão nem moe, fiquei senhor de meus bens e das minhas acções. O meu casamento com a filha do Duque de Chablis causará grande alegria a meus parentes, e passado algum tempo pedirão-me que a querião ver. Não podeis julgar, meu caro Chablis, com que curiosidade foi recebida: suas manciras, seu talento, sua

virtude, atraíram-me mil felicitações sobre a minha ventura. Todavia Palmira era francesa, e os usos hesponhoses podião desagradar-lhe. Não a quis sujeitar a elles, e deixei-lhe toda a liberdade de viver como em França. Muitas vezes via D. João, e sempre fallavamos de vós: não sabíamos a que attribuir o vosso silencio, e continuamente esperavamos encontrar-vos, mas sem nunca podermos conhecer as causas da vossa fugida, que nos pareceu ser o fructo das maquinagens atrozes da Duqueza. Assim, não obstante passar-se o tempo sem termos notícias vossas, esperavamos sempre que os nossos cuidados não serião infructuosos, e que um dia, apertando-vos em nossos braços, esqueceríamos tantos annos de desgostos. Logo depois o rei distinguiu-me, e me nomeou seu embaixador em Alemanha. Alli estive quatro annos, e foi nesse tempo que perdi o meu filho e a minha querida Palmira; mas Deus reservava-me ainda a minha Isabel para aliviar as lagrimas amargas da

dor. A sua ternura, meu caro Chablis, contínuou o Duque pondo a mão de sua filha sobre seu coração, é o balsamo sa-lientar espalhado sobre as chagas que ma- fizerão aquellas cruéis perdas. Nada ha- que as possa fechar: a minha Isabél só-mente sabe adogá-las, e vós, meu caro Conde, vós que me amais sempre, la- mental-me por estar separado de Palmira, e nós todos a choraremos assim co- mo a nossa Felicia. O Conde, penetra- do de tudo o que acabava de ouvir, apre- tou o Duque de Valbadolid era seus bra-ços, pedindo-lhe também que esquecesse suas cruéis suspeitas. Na effusão do re-conhecimento, derramava lagrimas de alegria, e dava graças a Deos por lhe ter conservado um amigo tão fiel. D. João o olhava, e seus olhos estavão hu- midos; mas não ousava aproximar-se do Conde. Celiza não chegava, a sua de- mora o inquietava muito, temia algum acidente, e já se censurava por trespassar com novas dores o coração do infeliz Chablis. O Conde estava atormenta-

do da longa ausencia de sua filha : mas elle era incapaz de sentimento algum contra D. João, e chegando-se para junto delle, lhe disse com um tom cheio de ternura. Meu caro D. João, adoro a bondade do ente supremo que, no meio de meus desgostos quer ainda fazer-me gozar as doçuras da amizade : elle me torna a juntar com vosco, e com os meus mais caros amigos. Oh! não, jámai, jámai a minha vida será bastante para ser reconhecido ao meu Creador. Um ar celeste se espalhára sobre o semblante do Conde ao tempo de pronunciar estas ultimas palavras. D. João lançon-se em seus braços, e escondeu no seio daquelle homem virtuoso as lagrimas que lhe fazia derramar o arrependimento. Aquella scena enternecid'a foi interrompida pelas acclamações da ama de Celiza, que veiu pedir ao Conde, com transports de alegría, para vir fallar a um homem que lhe trazia noticias de Julio. Ella estava alagada em suor, e a satisfação de seu coração estava pintada em seus olhos.

Ao nome de Julio, o Conde se levantou com pressa, e subendo que o correio de seu filho o esperava no castello, fez sinal a seus amigos de o seguirem. Assim que entrou em casa, recebeu da mão do correio um grande maço de papéis fechado. A impaciencia não lhe permitiu de diferir a sua abertura; despediu o correio, recommendando-o aos cuidados da ama. Aquella boa mulher o levou para uma sala fazendo-lhe mil perguntas. O Conde ficando só com os seus amigos, abriu com pressa o sobreescrito do maço, reconheceu que aquellas letras erão escritas por seu filho, e as leu com muita atençâo.

Julio começava por pedir perdão ao Conde da muita demora que tivera na Hespanha. As cartas das quaes James era o portador, continuava elle, devião tel-o instruído dos motivos que o demorâo em Madrid, e esperava que a sensibilidade de um pár não teria lhe faria ainda compartir suas vivas inquietações. Aqui o Conde parou. Seus amigos

olhando para elle com admiração, perguntáro-lhe por que motivo James não aparecerá ainda, e formártão mil conjecturas a respeito da sua ausencia. Aquelle misterio, que não podião penetrar, encheu-os de receios. Comtudo o Conde continuou a ler a carta. Julio exprimia-se com fogo sobre os tormentos que sentira separando-se da amavel pessoa que adorava. Não obstanse, continuou elle, eu devia ir á França. Vós mo hacieis ordenado, era preciso obedecer. Parti pois fazendo violencia a meu coração. A minha viagem foi triste. Sempre ocupado da mulher mais amavel, e do melhor pá, cheguei a Paris. Primeiramente tratel de me hospedár em um dos bairros mais retirado da cidade, e depois fiz toda a diligencia para obter uma audiencia do rei: porém não me foi possível obtel-a senão quinze dias depois da minha chegada, e neste intervallo passou-se um acontecimento bem singular. Sendo conduzido, não sei como, á comedia franceza, pelos conhecimentos que

me foi preciso fazer para fallar à Luiz XIV, achei-me assentado perto de um camarote onde estavão duas senhoras ricamente vestidas, e alguns mancebos muito elegantes. A mais nova das senhoras era muito formosa, mas a outra ainda que mais idosa, a excedia em beleza. Esta senhora, que poderia ter trinta e seis a quarenta annos, tinha um ar altivo; e uns olhos alguma cousa ferozes, que um sorriso desdenhoso não podia adoçar.

Ella estava assentada no seu camarote de maneira que me via bem. Seus olhos se fixávão sobre mim, e me olhou com uma especie de attenção que me pareceu extraordinaria; e fallando baixo ao homem mais idoso da companhia, continuou a fitar-me, e ambos pareciam conversar á meu respeito. Surprehendido do ar agitado com que ella fallava, olhando-me sempre, perguntei pelo nome daquelle senhora ás pessoas que me havião levado ao espectáculo. Julgai qual seria o meu espanto quando ouvi dizer

que era a Duqueza de Chablis ! tremeci, e não pude disfagar uma vista cheia de indignação que lhe lancei, e da qual pareceu offendida. Não pude assistir ao fim do espectaculo, e saí imediatamente. Já não podia suportar por mais tempo a presença daquella constante inimiga de meus páes. Quando tornei a ver as pessoas que me fizerão conhecer, principiarão a gracejar comigo a respeito da conquista que fizera da senhora Duqueza. Disserão-me què depois que eu saíra do camarote, um senhor, da parte da Duqueza, riera perguntar muito civilmente quem era o mancebo que acabava de sair; que depois de saber que era estrangeiro, se retirara dizendo: «Perdão, a Duqueza certamente enganou-se; ella julgava conhecê-lo. Aquella curiosidade da Duqueza pareceu descobrir-me uma inquietação secreta, bem diferente do objecto a que os meus companheiros a tinham atribuído. Todavia fingei ser do mesmo sentimento que as pessoas que della me fallárao;

entrei no mesmo gracejo, e fiz toda a diligencia para me não tornar a achar nos logares em que aquela má mulher estivesse. Apesar que o ministro, M... de M...., seu pão, era morto, ella tinha ainda muita influencia na corte, e eu temia tudo se fosse reconhecido antes de falar ao rei.

Finalmente chegou o dia, esse dia de justiça em que toda a sua conducta devia ser conhecida, esse dia que devia derramar sobre ella uma luz pavorosa; esse dia em fin que, rasgando o véu da perversidade, deixaria ás claras a perfidia mais atroz, a alva mais negra, o coração mais indigno de ser perdoado. Entrando no palacio do rei, lancei-me a seus joelhos, e lhe disse com emoção que a seus pés estava não um estrangeiro, mas o filho de vcs de seus mais fieis vassalos. Como vos chamais? me disse o rei levantando-me com bondade. — Chablis, senhor; o filho do infeliz Conde de Chablis. O rei olhou para mim com um ar de admiração. — Como é possí-

vel! pois cem vezes me asseveráráo que
voso pão e a sua familia tinbão sido
assassinados nos Alpes. — Senhor, é um
engano em que muitas pessoas estão, e
devo chamar-lhe um engano muito fel-
liz, pois que sem dúvida é a tle que
devo a liberdade de meus desgraçados
pás, que sua implacavel inimiga teria
perseguido até á sua pequena cabana,
no centro de Portugal. — Moço, voso
pão não tem crimes a expiobur-se? —
Oh! melhor, mais justo, mais amado
dos reis, exclamei eu, dai-me licença
que vos instrua de suas desgraças, e en-
tão o lamentareis, o amareis, e não será
possivel censurar-me as lagrimas que me
arrancão suas penas. — Fallai, Chablis,
vou ouvir-vos, mas não altereis a ver-
dade. O rei mandou-me assentir, e eu
comecei a penosa narração da vosa do-
lorosa vida. A scena da igreja pareceu
affigil-o, pois exclamou: É possivel
que a Duqueza seja tão falsa? Depois
franziu as sobrancelhas no momento do
II.

castello de..., e olhando-me atentamente fez-me repetir duas vezes a causa da sua morte. Ficeu indignado do modo com que a criada grave da Duqueza tratou minha mãe em São Germano. Admirou a vossa piedade filial, que vos impedira de reclamar a herança de vossa mãe, com o receio de affligir o velho Duque. Ao entregar-lhe o papel sellado pelo tabellião, suppliquei-lhe de não fazer queixa alguma ao rei de Espanha da conducta de D. Fernando, supondo que naquelle escrito fosse comprehendido. Asseverei-lhe que os aggravios com que elle parecia ser culpado para convosco, lhe estavão perdoados, em beneficio das infinitas obrigações que vós lhe devieis. O rei, movido do meu cuidado, pegou-me na mão e deu-me a sua palavra que não faria cousa alguma que pudesse ser prejudicial a D. Fernando. Então, rompendo a carta, passou-a pelos olhos, e levantando-se exclamou: Eis-aqui uma mulher bem detestável! Bateu nas mães, e marchando

a passos largos, continuou suspirando: Quanto os reis são para lamentar! No mesmo instante em que por sua conduta julgão poder-se lisongear de serem amados, mil gritos dos infelizes se levantão contra elles para censurar sua injustiça. Af de mim! a sua sorte é de serem continuamente enganados! E, estando um momento calado, tornou a ler a escritura, pareceu reflectir, e dando-me a mão, disse: Moço, contai com a minha amizade e estima. Tenho pena de vosso pão, e interessoo-me por elle. Amanhã vinde aqui á mesma hora.

Beijei respeitosamente a mão deste illustre rei, e retirei-me desejoso de saber o que continha aquella escrita cuja leitura tanto o affligira. No dia seguinte, fui pontual em executar as ordens do meu rei: elle me recebeu com uma bondade particular, e mandando-me passar para um gabinete vizinho donde podia ver tudo o que se passava no seu quarto, disse-me que esperasse alli para ouvir, observar, e que só apparecesse no

mesmo instante em que elle me chamas-
se. Depois abriu-se a porta, e eu vi a
Duqueza toda brilhante: o acolhimento
frio do rei pareceu causar-lhe admira-
ção; e logo depois supplicou a sua ma-
gestade de lhe dizer qual era o motivo
para que era chamada ao palacio? —
Senhora, ides saber-o já, lhe disse o rei,
assentando-se defronte della; e recolhen-
do-se um momento, continuou: Tenho
ouvido fallar muitas vezes da desunião
da familia de vosso marido o Duque de
Chablis; vós, senhora, e vosso pão ten-
des-me testificado a má condecta do Con-
de... O rei parou. — Senhor, é certo
disse a Duqueza algum tanto admirada
do principio deste discurso cujo fim te-
mia apresentar, é certo que meu marido
morreu dos desgostos que lhe deu seu fi-
lho. Meu pão, continuava Julio, quan-
do lerdes estas linhas sem duvida estre-
mecereis. Ah! eu padego por não poder
ocultar-vos inteiramente o horrivel ca-
racter desta má mulher. O Conde esta-
va vivamente afflicto para poder conti-

nuar a leitura; e por isso pediu a D. João que a acabasse; este o fez nestes termos: O rei pareceu acreditar nas palavras da Duquesa, e lhe pediu o esclarecimento sobre os acontecimentos mais particulares da vida do Conde. Arminda não se fez rogada, e pintou-vos, meu pão, debaixo das cores mais negras. Segundo o que ella disse, Felicia detestava a vossa falsidade e o vosso amor, e por sua livre vontade nunca seria vossa mulher; mas que por um estratagema incomprehensivel, haviéis coganado essa jovem senhora que, sem dúvida por seu casamento, se achára a mulher mais infeliz. Asfirmou ao rei que o Marquez de Florinat fôra assassinado por vós; que o ciúme vos levára a commetter essa acção atroz; que esse desafortunado mancobo lho confessára quando morreu; e que receando que este monstro, marido de sua sobrinha, gozasse de seus bens, o desherdára em favor de seu amigo D. Fernando. — Como, senhora! é verdade, lhe disse friamente o rei, que

o Conde de Chablis assassinou o Marquez de Florian? — Ai de mim! senhor, é mais que verdade, o filho daquelle de quem tomei o nome é culpado desse crime. — Senhora, dai-me licença que vos faça outra pergunta, lhe disse o rei olhando-a com uma vista penetrante, diz-me que feito foi daquelle respeitável cura que assistiu o Marquez nos seus últimos momentos? Estas palavras, e o tom solene com que foram pronunciadas fôrão um raio que feriu a Duqueza. Ela perdeu a cor, baixou os olhos e ficou perturbada. O rei reiterando a sua pergunta, deu-lhe tempo a tornar em si, e então tomando um ar resoluto, disse: Senhor, não me ocupei mais desse homicídio com os desgostos que me causava a perda de um amigo estimável: perdi-o inteiramente de vista. — Ah! interrompeu impacientemente o rei, elevar muito longe a dissimulação: quem poderá estar escondido com um coração cheio de crimes? Tremia, senhora, à vista das innocentas victimas da voissa

implacável raiva: apareceu, respeitável cura; e vós joren Chablis, vinde também, para que a vossa presença sómente faça tremer esta alma dissimulada e perversa, culpada de tantas atrocidades para com vossos desditosos pais. — Céo! exclamou a Duqueza assim que me viu; um funesto-presentimento não me tinha enganado a primeira vez que o vi; é o filho do Conde, o filho de Felicia. Sua voz estava tremula de colera; mas tornou-se muda ao ver um velho descarnado, que vagarosamente caminhava para ella. Elle se arrastava com muito trabalho, todo o pezo de seu corpo *caindo* sobre um bastão que suas frácas mãos seguravão. Seu vestido estava todo roto; seus cabellos brancos lhe cobrião a testa, e sua barba comprida lhe caía sobre o peito; seus olhos parecião amortecidos pela miseria, os annos e os longos tormentos o havião abatido. A Duqueza ficou assustada vendo aquella imagem dos mais crueis padecimentos, escondeu o semblante entre as mãos, e

com uma voz suffocada, pronunciou es-
tas palavras: Grande Deos! que fantas-
ma! E' esse cura! Dia infauso, tu de-
vias chegar! O rei com as lagrimas nos
olhos, obrigou aquelle desgraçado velho
a assentar-se junto delle, e dirigindo a
palavra á Duqueza, lhe disse: Sois
vós, senhora, que reduzistes este des-
afortunado homem a um estado tão de-
ploravel; sois vós que accusais o Conde
de crimes abominaveis que nunca com-
metreu, sois vós que, pelas perseguições de
um infame ciúme, levastes a morte ao
seio da virtuosa Condessa! Ah! exclamou
Arminda, scintillando-lhe os olhos
com uma terrivel alegria, ella já não
existe! O tom com que fez aquella per-
gunta estremeceu-nos. Ella me olhou fi-
xamente e disse: As lagrimas de seu fi-
lho mo provão; estou vingada. Indigna-
do de ouvir similhantes palavras, fa-
rromper com ella, porém um olhar do
rei me impôz silencio. — Estaí vingada,
senhora, dizois vós: mas julgais que o
Conde ha de deixar impune a vossa der-

testável conducta? — A minha conduta, replicou a Duqueza, senhor, de que me accusářão? Fui eu porventura que mandei encarcerar este padre? fui eu que fiz desherdar o Conde e Felicia? fui eu finalmente que os obriguei a saírem da sua pátria? e não foi pelas ordens de um rei, de um tutor e de um pão irritados que elles fôrão perseguidos? e além disto, a conspiração em que entrou Chablis, não o tornou indigno da vida? — Sim, lhe disse o rei, sois vós que fostes a causa de todas essas desgraças. Aqui tendes, véde, podeis ler, estas são as provas. A Duqueza pegou na escritura que o rei lhe apresentava, e mudou de cor, reconhecendo a assinatura do tabellião Durcaut. Todavia leu aquella fatal escritura, e a raiva, a colera, a desesperação se pintářão alternativamente sobre seu semblante, e a desfigurářão a ponto de a tornar desconhecida quando acabou de ler; pois levantando-se com ira, fez um movimento para rasgar o papel. O rei a não deixou, e foi

prompto em lho tirar da mão. Então, aquella mulher, não guardando nem um respeito, perdendo todo o sentimento do receio, e abandonando toda a dissimulação mostrou-nos sua alma com toda a sua atrocidade; com os olhos scintillando furor, chegou-se para junto do cura, e lhe disse com uma voz interrompida pelos suspiros da desesperação. Se tivesse previsto este dia em que appareces em juízo contra mim, acusando-me de tuas desgraças, indigno velho, certamente já não existirias. E tu, ajuntou ella, voltantando-se para mim, tu, sobre quem deveria vingar-me dos desgostos que me causou o detestável Chablis, vai com prazer-te com teus parentes da perfidia desse cobarde tabelião, alegra-te com a felicidade de te subtrahires á minha viengança, e dá graças a Deos pela tua similitude com o Conde de não ser mais notavel para me asseverar que era seu filho, e olhando o rei com firmeza, disse: Señor, disponde de mim; qualquer que seja a minha sorte,

pooco me importa; a minha pena é lembrar-me que a família de Chablis vai entrar nos seus direitos. Mas ao menos ainda me resta uma consolação; o Conde é infeliz, a imagem de Felicia moribunda lhe despedaça constantemente o coração. Toda a sua felicidade está fechada no tumulo, a sua vida só pode ser dolorosa e cheia de amargura; a existencia lhe será sempre terrivel. Ah! esta idéa sómente me faria suportar mil annos de tormentos. O tom com que ella pronunciou estas palavras fez-me estremecer. Voltei a cabeça para não ver aquelle monstro. E o rei levantando-se, deu-lhe uma guarda para a escoltar até ao seu palacio, vigiar seus passos, e não a deixar fugir. Tornando a fallar a voso respeito, disse-nos: Vós ignorais o que em si encerra este escrito que confundiu a dissimulacão da peior das mulheres: lè-le-o em voz alta, meu jovem amigo, para que este respeitavel velho saiba o que elle contém. Cumprindo as ordens do rei, contentei a minha viva

curiosidade, e li o arrependimento e a confissão de Dureaut, que no artigo da morte, assustado de um futuro eternamente desgraçado, confessava os crimes de que era culpado para com uma família injustamente perseguida, e um eclesiástico virtuoso, homem respeitável a quem o medo dos mais horríveis tormentos não pode obrigar a trahir a confiança do Marquez de Floriant. Dureaut, chamado pela Duqueza, tinha ido a casa do Marquez, e logo que este fechou os olhos, entrou no seu quarto, e auxiliou os esforços de Armando para arrancar o segredo da virtuosa padres; mas este honrado homem resistindo-lhe, foi obrigado a deixar o morto, e a sair do palacio. Apenas estava na rua, fôra preto por ordem da Duqueza e pelos cuidados daquelle tabellião, e poucos dias depois mettido no segredo; Dureaut e a Duqueza estando sós no quarto do morto, e não temendo de serem interrompidos, fizérão um testamento falso em favor de D. Fernando; Este senhor,

dizia Durcaut, admirou-me pelo seu desinteresse. Empregou todos os meios para que lhe descobrisse a verdade: asseverou-me que conhecia bem os sentimentos do Marquez para estar convencido da falsidade do testamento. Mas nada me podia commover. Os parecizes da Duqueza governavão tudo; ella fazia-me feliz, e me deslumbrava com lisonjeiras esperanças. Meu coração ambicioso desconheceu a honra, entregou-se à sua perversidade. O tabelião confessava também ao rei que tinha feito uma carta falsa, para substituir ema de D. Fernando, que o acatô pozera nas mãos da Duqueza; mas que no momento de estar senhora do Conde e da sua familia, Deos havia enganado seus perfídos designios; que ella jurára de fazer todo o mal que podesse a D. Fernando, pois o reconhecia então pelo maior amigo do Conde, e que, querendo esconder aquelles desafortunados esposos, comprára uma propriedade no Maine, sem ninguem o sa-

ber, para os livrar do furor de seus inimigos. O Conde a estas palavras olhou para o Duque de Valhadolid com toda a expressão do reconhecimento. D. João continuou: O tabellião Durcaut confessava que todos estes crimes havião sido precedidos de um crime ainda mais atroz. Nôra elle que, por sollicitação da Duqueza de Chablis, fizera aquellas cartas falsas que se achârão entre os papéis do estribiero mor Cinq-Mars. Durcaut estremecia de horror lembrando-se que corriera para a condennação de um inocente. Acabava supplicando o rei para lhe perdoar a parte que tivera nas desgraças de seus mais estimados vassallos, e de obter tambem da generosidade do ecclesiastico e da familia do Conde o esquecimento de seus crimes. Logo que acabei de ler, peguei na mão do respeitável cura, e regando-lha com as minhas lagrimas, lhe disse: O' homem mais estimavel! é a vossos padecimentos que eu devo a liberdade de meus pâes: uma palavra vossa podia perdel-os; mas, ah!

é cruel pensar que a nossa felicidade, por sermos desconhecidos de uma inimiga implacável, é o fructo de vosso longos tormentos. — Meu caro senhor, me respondeu o virtuoso eclesiástico apertando-me entre seus descanados braços, estou penetrado do vosso reconhecimento por um acto de humildade tão natural; vós mesma no meu logar teríeis feito outro tanto, e a tranquilidade da minha consciencia venceu os dores do meu captiveiro. Assim vedes que fui bem recompensado deste pequeno servigo, e meu coração ainda é devedor á vossa respeitável família da satisfação de lhe ter sido útil.

O rei escutando-nos com attenção, suspirou, e disse ao padre: bom eclesiástico! M. de M... enganou meu pão cruelmente, e servirão-se de seu nome para vos fazer a mais infame injustiça. Eu devo repará-la, e dar á vossa velhice o repouso de que ha tantos tempos vos priváram. O respeitavel cura lançou-se aos pés do rei, e lhe testemunhou

em termos affectuosos quanto a sua bondade o enchia de reconhecimento. O rei, a quem esta scena commoverá vivamente, despediu-nos, ordenando-nos de lhe virmos falar no dia seguinte á mesma hora.

Eis-aqui, meu páe, o que se passou depois do meu ultimo correio. Coñhecendo a vossa inquietação a meu respeito, não quiz demorar-me um só instante sem vos instruir dos meus motivos de esperança. Certamente a justiga do nosso illustre rei aparecerá bem depressa em vosso favor. Não devemos temer os artifícios da Duqueza; já não está em seu poder perturbar o nosso repouso. O véo rasgou-se, a perversidade da seu coração está conhecida; que poderia ella agora tentar contra nós?

Socegai pais, ó meu prezado páe! Não receieis o menor incommodo a vosso filho; elle é tão feliz quanto ser pôde, estando, ausente das pessoas que são os objectos de suas mais caras affeições.

Havia ainda mais algumas linhas, mas

erão para Celiza; D. João já passou pélos olhos; porém o receio de renovar as Penas do Conde, o impedia de as ler.

Comtudo aquella leitura, na qual todas as pessoas se haviam interessado muito; foi continuando pela noite adiante. Ninguém pensava em se retirar, e o dia surpreendeu ainda as senhoras e os amigos ocupados a fallar do seu Irmão Júlio, do respeitável cura, da detestável Duqueza, e do illustre rei da França. O Conde pareceu muito mais socogido no princípio deste dia. A lembrança de tornar a ver brevemente seus filhos restituídos a todos os seus direitos, havia levado á sua alma uma doce alegria cuja impressão não sentira havia muitos tempos. D. João também lo persuadira que aquelle dia restituiria Celiza ás carícias paternas. Chablis assim o esperava, e cada instante lhe prometia esta felicidade.

Todavia sua filha não chegava, e os receios nasciam novamente em seu coração. Os grandes desgostos que experi-

mentaria, e cuja lembrança conservava constantemente, forçavão sua imaginação a pintar-lhe tudo de baixo das mais felizes cores. Todo o seu animo não podia impedir-lhe de se entregar a tristes presentimentos. A desgraça estava profundamente gravada em seu coração, para n'elle se poder conservar muito tempo o sinal de uma esperança ditosa. Ai de mim! dizia elle, para que me ilisonjearei ainda d'alguns momentos felizes? Não estou eu abismado em um mar de infelicidades? Uma barreira impenetravel não me separa da felicidade, e a dor não tem já contado os poucos dias de uma vida que lhe está consagrada para sempre? Deste modo o Conde, por similares reflexões, tornou logo a cahir na sua melancolia. Seus amigos fazendo todos os esforços por distrahil-o. Mas que desculpa podião allegar a respeito da demora de Celiza, quando a elles mesmos lhes custava occultar a sua inquietação a este motivo!

Comtudo o sol tinha-se posto, e os

esses amigos já só se vião com a brando claridade da lúa. O Conde fallou em voltar para o seu eremiterio ; e todos, até mesmo D. Maria , quizerão acompanhá-lo. O Conde ia andando entre Izabel e D. João , e o Duque de Valbadolid o seguia com Celiza e D. Maria. Chablis e sua sobrinha fallavão de Palmira , de Felicia , e o primeiro por delicadeza não ousava pronunciar o nome de Celiza diante de D. João ; este guardava um morno silencio , que de uma vez a outra era interrompido por suspiros mui suffocados. Izabel notára quanto o ar triste e pezoso de D. João aumentava os tormentos de seu tio. Ella amava ternamente o Conde , e procurava pela sua conversação, apartar de seu espirito as tristes idéas ás quaes parecia entregarse. Quanto ao Duque de Valladolid , que, estando perto do Conde , não temia que elle o ouvisse , testemuinhava suas inquietações a respeito da demora de Celiza , e seus dous amigos acompartilhão. Um instante antes de saí-

rem do castello, tinham ajustado com D. João de partir no dia seguinte muito cedo, sem o saber o Conde, e de voltarem sómente quando trouxessem sua filha. Porém ao entrar no eremíterio o estrondo de uma sege os faz parar, e imediatamente todos sem communição rompem suas idéas, e como por um movimento eléctrico, caminhão em desordem para o lado em que se ouvia o rodar da carruagem. Já elles a vêem, caminhão para ella, olhão. O' surpresa! a portinhola se abre, um moçocebo sae para fôra, que lançando-se ao pescoço do Conde exclama: Celiza, é nesso páe! nesse virtuoso páe! Céos! gritárão todos os amigos juntamente, meu filho! — Gusmão seu filho! Celiza também estava nos braços do Conde, e Christiano, com os olhos cheios de alegria, olhava sua amante, e gozava dos ternos agradecimentos de seu páe, cuja mudança não podia causar-lhe admiração, estando já instruído pelo irmão de Celiza do verdadeiro nome do Eremita.

Com tudo, Izabel reconhecendo Gusmão em Julio, e pronunciando aquele nome tão querido, caiu com sentidos nos braços de Cecília. Seu amante foi o primeiro que a viu desmaiada: Céo! exclamou Julio correando para ela, minha querida Izabel! em que estade teachó! O Conde admirado do movimento e das palavras de seu filho, lhe disse: Ah, meu caro Julio! as tuas cartas de Madrid estão explicadas. D. João soccorria sua filha, e Julio, a sorte jorlhaz, desesperava-se de ver suas lindos olhos fechá-los á luz. Celiaza que pela primeira vez a via, admirava tanta formosura que os doces raios da lua se comprazido em esclarecer. D. João vendo aquella cena, dizia: O' sabia providencia! fez sua ternura muita que nos reuniu a nosso virtuoso amigo. Que faria eu e o Duque se tivessemos casado nossos filhos! Finalmente Izabel abriu os olhos, e os fixou sobre o filho do Conde, cheios de uma expre-

são ternas; mas apartando-os logo olhou para seu páe com receio: O' minha filha, lhe disse elle, minha querida filha! perdoa-me todas as penas que te causei; e vós, ajuntou o Duque abrindo os braços a Julio, porque motivo, meu caro sobrinho, nos occultaste o vosso verdadeiro nome? Julio, banhando com lagrimas de alegria e de reconhecimento as mãos de seu tio, lhe disse: O' homem estimavel! não me censureis: eu jurára sobre as cinzas de minha mãe de não dizer o meu nome senão ao rei. Que grande felicidade é a minha! estou unido convosco pelos laços do sangue e do reconhecimento; já o estava também pelos da amizade. — E pelos do amor, replicou o Duque sorrindo-se; e espero ajuntar elle pondo a mão de sua filha na de Julio, meu querido sobrinho, que o estareis ainda pelos do hymeneu. Julio beijou a mão de Isabel com entusiasmo. Isabel córou e abraçou seu páe. O Conde com os olhos humidos, apertou as mãos do Duque, dizendo-lhe:

Meu amigo; se esta scena tivesse mais duas testemunhas, a vossa felicidade seria perfeita. O Duque entendeu Chablis, e ambos procunciárão os nomes de Palmira & de Felicia. D. João approximou-se logo do Conde, e fazendo-lhe ver o ar pensativo de Christiano, lhe disse: Agora, meu caro Conde, depende da vossa amavel filha e de vós, o mudar inteiramente a expressão deste semblante.

Meu amigo, já que esqueceis os meus agravos, alcançai-me tambem o perdão de Celiza, e consenti ambos na felicidade de meu filho. Ah, meu pão! exclamou Christiano; e depois juntando as mãos, e dirigindo-se a Celiza, lhe disse com uma voz enternecida: Senhora, como sois generosa, esquecereis que meu pão foi culpado para convosco. — Sim, Christiano, disse Celiza com um tom nobre e affectuoso; mas a unica causa que nunca esquecerei, é que vosso pão salvou o meu, debaixo do nome de Moberquy. Quando esta manhã me dis-

sestes que usára deste nome na França , não pude deixar de conceber para com elle o mais terno sentimento de gratidão. Sempre verei em D. João o homem a quem sou mais obrigada ; e já mal esquecerei que foi ao seu valor e á sua amizade que devo a ventura de ter ainda pé. — Alma angelica ! disse D. João, não faleis de reconhecimento, essa palavra na vossa boca , faz-me envergonhar. — Meu caro D. João , interrompeu o Conde , ouvistes Celiza ! O resto me diz respeito ; e dirigindo-se a Christiano que o escutava tremendo , lhe disse : eu não posso dispor do coração de minha filha, Christiano, ha muito tempo que elle vos pertence. Christiano ouvindo estas palavras caiu aos pés de Celiza. Todavia sou ainda senhor da sua mão , continuou o Conde , e dou-vos meu querido Christiano , porque sois digno della , convosco a minha filha será feliz. D. João abraçou o seu amigo ; e todos, ainda muito tempo depois , lembrando-se daquella reunião ,

lhe chamáram sempre a reunião da felicidade. Com tudo já era tarde, e não obstante todo o desejo que os nossos amigos tinham de saber do jovem Chahis a continuação dos detalhes da sua viagem, fôrão obrigados a separarem-se e a deixaram-na para o dia seguinte. Todos prometerão de se reunir muito cedo no eremiterio, e se retirarão tão felizes quanto cada um delles o podia ser na sua posição. Ninguem pôde imaginar a satisfação da boa alma por ver seu jovem amo, e sua querida Celiza; não se cansava de os olhar, e quando foi obrigada a retirar-se para os deixar dormir, achou pela primeira vez a noite e o sonno desgradáveis; mas aquella noite foi logo substituída pelo dia, e uma linda manhã reuniu os amigos e os amantes no bosque das laranjeiras que escondia o eremiterio. Alli almoçáram todos, e falhão dos felizes acontecimentos do dia antecedente. Uma doce serenidade estava espalhada sobre todos os semblantes; a nuvem de melancolia que escurecia

sempre à fronte do Conde, parecia também alguma coisa dissipada, e sobre aquelle rosto rugado pelos desgostos, descobrião-se alguns raios de uma alegria pacífica que provava que aquelle ente tão sensível e tão desafortunado gozava também da felicidade de seus filhos. Ju-llo instado para continuar a narração das suas avenidas na França, desde o passo em que as deixara nas suas ultimas cartas, rendeu-se ao desejo da sociedade; e assentando-se entre a sua Izabel e a sensível Celiza, junto da qual estava Christiano e sua amavel irmã, começou assim a sua narração dirigindo a palavra a seu pão, que, rodeado de seus amigos, estava assentado defronte delle: Quando me foi preciso deixar Izabel, não posso explicar-vos, meu pão, tudo quanto sofri; temia que o Duque disporizesse da sua mão durante a minha ausencia; e posto que me persuadisse ser amado, receiava tudo da timidez de Izabel, que já se offendera do meu silencio e da minha ultima conversação, na

qual tinha fallado de meus páes com incerteza.

Comtudo a senhora de St.-Albant, a virtuosa amiga de Izabel, adogou as minhas penas, promettendo dar-me exactamente notícias da filha do Duque de Valhadolid. As minhas primeiras cartas instruião-vos do meu amor, e esperava que me desculparieis da grande demora que tive em Madrid. Foi naquella época que vos mandei James com uma carta tambem para a senhora de St.-Albant, que devia ser-lhe entregue na passagem de Madrid: agora não posso conceber qual fosse o motivo que o impediu de executar as minhas ultimas cartas, certamente vos não lembrareis que o rei, depois de ter desmascarado a falsidade da Duqueza, nos ordenou, ao cura, e a mim, de lhe írmos fallar no dia seguinte de manhã, o que fizemos com exactidão. Aquelle illustre rei recebeu-nos com aquella bondade, assabilidade e magestade que imprimem em todos

os corações o respeito e o amor. Pergun-
tou ao cura o que escolhia, ou ser seu
estmoler, e ficar sempre na sua com-
panhia, ou viver retirado em uma casa na
cidade, ou no campo. De toda a sorte,
lhe disse o rei, lembrai-vos que desjo
sejais independente, e que desde já vos
asseguro uma renda que possa pôr-vos
ao abrigo de toda a inquietação. O velho
quis deixar-se aos pés do rei; mas elle
o segurou, e o fez explicar-se; então
aquele veneravel ecclasiastico, agrada-
cendo a sua magestade, lhe disse qua-
não podia acceptar a honra de ficar na
corte, que o pouco uso que della tinha
o apartava para longe, com a pena de
não poder admirar de perto as raras vir-
tudes de um tão grande monarca; mas
que a fama lhe fazia ainda ter esse go-
zo no retiro para onde o chamava a sua
avançada idade e com olhos onde bri-
lhava a esperança de se tornar a reunir
a seu antigo rebanho, supplicou o rei
de o deixar ir para a sua aldeia. O rei
rendeu-se aos seus desejos, e depois de

alguns dias na sua companhia, e de o encher d'honras e benefícios, restituindo ao seu curato, no meio das aclamações de alegria de toda a sua aldeique o chorava ainda.

Todavia, a imagem de Izabel nunca me deixava, e eu ardia do desejo de estar em Hespanha. Mas o rei quis apresentar-me a toda a sua corte, e fui obrigado a demorar a minha jornada. Todos me chamavão o favorito do rei. A história de meus pais foi logo sabida em toda a cidade de Paris, e fui visitado por mil pessoas que quererão fazer-me conhecer as suas antigas relações com meu pão: eu as recebi muito civilmente, sem contudo dar crédito à sua viva ternura. Quanto ao Conde, de cujas desgraças ninguém se ocupava, soube do rei que D. Fernando estava, havia muito tempo na Hespanha, e que era o mesmo Duque de Valfadolid. Então falei-lhe do meu amor com Izabel, e elle me encheu de alegria fazendo-me esperar que meu tio a pedido seu, me concederia a

mão de sua filha. Mas eu queria devery
á minha felicidade á ternura do
pão da minha Izabel. Em todas as con-
versações que tive com o rei, elle me
mostrou sempre, meu pão, o vivo de-
sejo de vos tornar a ver na França; po-
rém dizendo-lhe eu, na minha partida,
que jámais deixarieis o logar que encor-
raava o vosso bem mais caro, deu-me es-
te annel, pedindo-vos que usais delle
como penhor da sua estima e dasua pe-
na por não poder restituír-vos a veniu-
ra que a cruel morte vos roubara. O
Conde pegou do annel, e o levou a seus
labios com respeito e reconhecimento.
Julio continuou: Tornei a vir pela His-
panha debaixo do meu verdadeiro nome,
não temendo já o poder da cruel Du-
queza, que estava reclusa no convento
de... com a sua criada grave, agente
detestavel de todos os seus crimes. Seu
caractet imperioso a fazia mais temida
que amada: por isso ninguem lamentou
a sua sorte; e muitos daquelleas a quem
Arminda fez desgraçados, agradecêrão

so tei o justo castigo, dado áquella má mulher. Assim que cheguei a Valhadelid, fui a casa da senhora de St.-Albant; mas que mudança extraordinaria! O seu palacio estava deserto, e o maior silencio reinava em suas grandes salas, pouco tempo antes tão brilhantes, tão alegres, e tão cheias de admiradores das virtudes de sua amavel dona. — Não vos afflijais, minha cara Izabel, continuou Julio, lendo-lhe nos olhos a sua inquietação, a vossa amiga existe, mas morreu para o mundo inteiramente, eu soube para que convento se recolhera, fui lá, e vi apparecer no locutorio a senhora de St.-Albant, toda vestida de preto, com a morte pintada nos olhos, e a insignia do noviciado sobre a fronte: ao vel-a não pude occultar a minha dolorosa surpresa; recuei alguns passos gritando; mas ella, estendendo a mão, esforçou-se por chamar o sorriso sobre seus labios secos pelos desgostos, e com uma voz suave e fraca, me disse: Ainda vos torço a ver, meu ca-

ro Gusmão: ai de mim! o primeiro dia que vos conheci, era bem diferente deste: então mostrei-vos o meu reconhecimento por me terdes conservado os dias de meu marido, e hoje só vos posso falar da minha desgraça de o ter perdido para sempre! Ah! Gusmão, não pude recolher o seu ultimo suspiro. Aqui ella parou, e ambos guardámos um doloroso silêncio. Aquelle ligero sorriso que desmentia a expressão de seus olhos, tinha-se apagado; suas feições haviam comido o carácter melancólico do desgosto, e suas lagrimas não corrião sobre suas faces pallidas e sulcadas de lagrimas. Este estado penoso da desesperação assustou-me: procurei os meios de exaltar a dor concentrada, e exclamei com uma voz lamentosa: Céo! vosso marido morreu! Estas unicas palavras fizeram-lhe uma sensação terrível seus olhos enchendo-se de lagrimas, fitáculo-sobre os meus; depois baixou a cabeça, e lhe ouvi repetir do meio de mil soluções estas palavras: Sim, morreu! Fiquei

maggado do golpe que acabara de dar-lhe, mas em fim tinha conseguido o que desejava: sua lagrimas lhe derão alívio, sua respiração tornou-se mais desembaraçada e sua dor menos aguda; tratei-a com todo o respeito, e não a interroguei sobre a sorte do desafortunado St.-Albant, que tão pouco digno fôrâ de possuir uma tal mulher: logo que se achou mais sozegada, fez-me quinhas de lhe não ter dado as minhas notícias. Certifiquei-lhe que não estava culpado, que lhe tinha escrito de Paris, e que James fôra encarregado desta carta, assim como de outras muitas para os meus parentes: ella jurou-me que a não receberá. — Grande Deos! disse eu, que aconteceria a James, e qual não será a inquietação de meu pão! — Vosso pão! disse a senhora de St.-Albant: e bem! Guzmão, occultar-me-heis sempre o seu nome! O vosso cruel silencio causa a desgraça de Izabel e a vossa. — Céo! que ouço, senhora? Izabel já não é livre? Fallai, fallai: ai de mim! eu vi-

nha a seus pés para lhe dizer que sua
mãe era irmã de meu pão, e que assim
não era indigno da aliança do Deus
que. — Como é isso! exclamou a senho-
ra de St.-Albant! sois parente de Iza-
bel? Ah! talvez ainda seja tempo, tal-
vez teret a consolação de ver a minha
amiga feliz; então elia me contou tudo
o que se passara desde a minha ausen-
cia, o projecto de casamento entre Iza-
bel e Christiano, a sua partida para Por-
tugal, a sua doença, e não pode occul-
tar-me seus receios sobre a sua chegada
ao castello do senhor D. João, logar es-
colhido para a celebração das nupcias.
Aquellas tristes notícias lancçáõ-me em
um estado de desalento difícil de con-
ceber. Resolvi-me a partir para Portu-
gal naquelle mesmo dia, e depois de ter
instruído a senhora de St.-Albant da
causa do misterio do meu verdadeiro
nomè, e de me ter encarregado para vós,
minha Izabel, de uma carta daquella
sensivel sephora, corri pelo caminho de
Portugal, com o coração cheio de tris-

lêza. Antes de sair de Madrid; a criada grave da senhora de St.-Albant contou-me os detalhes da morte de seu marido. St.-Albant recebeu o castigo da sua indigna conducta: o pão de um jo-ven senhora que elle tentava roubar o mandou prender; então todos os seus credores vierão reclamar suas dívidas. St.-Albant havia-se entregado a todos os excessos; tinha consumido os seus bens e os de sua mulher; todos os seus mo-veis foram vendidos, e elle desinhava-se privado de soccorros no fundo de uma escura enxovia. Foi então que a senhora de St.-Albant desenvolveu toda a ge-nerosidade de seu amor: ella compartiu seus ferros, vendeu suas joias para aliviuar sua terrivel miseria, e resistiu ás supplicas de toda a sua familia que lhe pedia viesse utilissar-se de suas riquezas. A nobre conducta da senhora de St.-Albant fez finalmente nascer os remor-sos n'alma de seu criminoso marido, exposto á vergonha, ao arrependimento, achando-se indigno de sua excellente

companheira: não querendo que ella tivesse parte nos horrores da sua situação, exigiu que saisse da sua mesmorte; seus parentes, a ragos delle, vierão buscal-a; e poucos dias depois, St.-Albert exprimou nos mais horrorosos tormentos, dando por sua morte uma ligão maravilhosa a todos aquelles que, pelo seu exemplo, abandonáram todos os princípios mais sagrados, abjuráram a moral pelo crime, e fizerão divertimento em perseguir a virtude. Torno á minha viagem. Abismado em minhas tristes reflexões, nada via do que se passava em redor de mim com tudo tirei-me daquella especie de letargia pelo grito expressivo de uma menina que, em uma sege, vinha encontrar-se com a minha caleça. No momento que a perdi de vista, seus gritos aumentaram; então ouvi-a chamar pelo meu nome; julgai qual seria o meu sobressalto reconhecendo minha irmã banhada em lagrimas, separada de meu pão, rodeada de pessoas estranhas! Mandei parar o seu boleiro, e pegando n'uma

pistola, saltei fora da minha calça, recommendando a meus criados que me ajudassem com todo o valor de que estô copazes.

Os homens que acompanhavão a sege disserão ao boleiro que ôasse correr os cavallos, e parecia querer vender cara a liberdade da minha querida Celiza. Mas, em quanto elles se defendião de meus criados, eu, animado pelos gritos de minha irmã, com a pistola na mão, correndo quanto podia, jurava de o matar, se não parasse imediatamente. O meio ô fez mudar de cbr., e o meu ar decidido o assustou; a sege parou logo, e a minha cara Celiza, cheia de alegria, largou-se nos meus braços. Naquelle momento, um manecbo a cavallo, correndo a toda a brida, testemunha da ação d' minha irmã, parou exclamando com uma voz desesperada: Celiza! e com quem, grande Deus! Minha irmã levantou a cabeça, olhou para elle, e exclamou também: Céo! Christiano! Este nome ô de meu rival, encheu-me de horror,

olhei-o com attivez, e perguntei-lhe coa que direito se ingeria nas aegões daquella senhora! Celiza, perturbada do tom com que lhe fizéra aquella pergunta, escondeu o semblante no meu peito dizendo estas palavras: Ah, meu irmão! Christiano acorriu: depois, apesando-se, veiu para mim, saudou-me com affabilidade, e respondeu-me com um ar civil e meio, que me pedia não levasse a mal o vivo interesse que tomava por tudo quanto podia acontecer a minha estimavel irma; que no dia antecedente, sabendo que a tinham roubado a seu respeitavel pão, partira sem demora sobre suas pegas, para a tirar a seus raptores, a fim de a restituir, se tivesse essa felicidade, aos cuidados, à ternura, e ao amor paternos. Minha irma lançou sobre esse olhos agradecidos; e eu, envergonhado da minha suavilidade, não pude reparal-a. Entretanto, os raptadores de Celiza havião-se aproveitado do momento que a nossa ninhura surpreza lhes deixara: todos desapparecendo; e eu, a

jogos de Celiza, não os quis perseguir: mandei-a entrar para a minha caleça, e vendo Christiano coberto de suor e de poeira, morto de fadigas de uma longa jornada emprehendida pela segurança e tranquillidade da minha família, julguei dever lhe offerecer um lugar junto de nós, para vir mais a seu commodo. Christiano acceptou logo; a minha proposta encheu-o de alegria, e me agradeceu com termes moi obsequiosos. Fiquei admisso, do que um offerecimento tão natural me grangesse tantos agradecimentos. Todavia tive suspeitas; examinai Christiano, e persuadi-me descobrir em seus olhos fitos sobre Celiza, tanto amor como respeito. Porém podia enganar-me, e estremeci com a lembrança que talvez na sua volta ao castello, desgostaria a minha Isabel. O contentamento de ver minha irmã havia-me distraido um instante da minha melancolia; mas bem de pressa a dor que me atormentava a alma anuiu o meu semblante; tornei-me triste, e guardei um morno si-

Jencio. Christiano contente com a felicidade de estar no pé de Celiza, admirado de achar no filho de um simples Encinita, todo o luxo e trem de um grande senhor, examinava tudo, procurava conciliar suas idéias, e não queria interromper-me nas minhas tristes reflexões. Celiza, da sua parte, inquieta do estando em que me via, não pronunciava uma só palavra, não ousando interrogar-me na presença de um estranho: assim as primeiras horas da nossa jornada fôrão muito silenciosa, e a tranquilidade foi sómente interrompida pelos estados do chicote do boleiro, solavancos da sege, e gritos dalguns viajantes cuja alegria contrastava perfeitamente com o nosso ar pensoso e preocupado. Finalmente, não podendo sufer por mais tempo o peso que me opprimia, dirigi a palavra a Christiano, e perguntei-lhe com uma espécie de indignação, que não pôde vencer, se o Duque de Vila Viçosa e D. Izabel estavão no castello de D. João? — Ha tres dias que chegáru,

me respondeu elle. — E como, repliquei eu, podestes deixar tão de pressa D. Izabel? tinhão-me dito que ella vos estava destinada para esposa. — Perdão, minha querida irmã, continuou Julio abraçando Celiza, mas não posso deixar de dizer que neste momento, olhando para ti, vi-te descorar, baixar os olhos, e dentro de um minuto, mudar vinte vezes de cor. Celiza invergonhou-se do reparo de seu irmão, e o feliz Christiano beijou-lhe a mão com transporte. Parece-me, continuou Julio sorrindo-se, que Christiano notou assim como eu o estando em que te pôz à minha pergunta a respeito de Izabel; por quanto elle se apressou a responder-me que ninguem o poderia impedir, contecendo a violencia que se exercia com tigo. Depois aggiuntou que era verdade que Izabel e elle estavão destinados um para outro, mas que essa união não podia effeituar-se, que obstaculos invenciveis se opporiao sempre. — Grande Deos! que ouço! certamente adorais Izabel, e esses obsta-

culos vos tornão infeliz? — Não, me disse elle com um tom persuasivo, a minha viva commoção a esclareceu a respeito dos meus sentimentos: Isabel desposava-me contra sua vontade; a sua nobre ranqueza confessou-me que outrora possuia seu coração: antes de a conhecer, tinha visto a estimável Céliza, e desde então jurei que, se não tivesse a felicidade de a tornar sensivel ao meu amor, e de a fazer aceitar o meu nome e a minha riqueza, nenhum poder humano me obrigaria a celebrar contratos que o meu coração desaprovasse. Portanto, senhor, continuou elle com rehomenencia, depende da adoravel Céliza, de seu virtuoso pão, e de vós, fazer-me o mais feliz ou o mais desgraçado dos homens. Aquela declaração fez-me experimentar uma doce tranquillidade. Christiano não era meu rival; pretendia a mão de minha irmã; já meu coração o chamava com o doce nome de irmão. Não obstante trathei de occultar a minha satisfação, e lhe disse muito a sangue frio: D. Christiano

no, tendes reflecção bem que minha irmã é filha de um pobre Eremita? — Ah! que dizeis, exclamou elle! a mão de Celiza honraria o maior monarca; e quem não teria glória de ser o filho do virtuoso Pedro? — Querido D. Christiano, lhe disse eu abraçando-o, sêde meu amigo assim como eu sou vosso, para que a minha inteira confiança vos não deixe dúvida alguma sobre a minha ternura e desejo que tenho de vos ver feliz, Christiano pareceu encantado da minha acção; escutou-me com grande interesse, mas o novo nome de minha irmã não lhe fez impressão. Logo que acabei de fallar, elle me disse: A filha do Conde de Chablis, ou a filha do Eremita Pedro, é sempre a mesma para mim; Celiza será sempre Celiza para o meu coração. Grande dama ou simples pastora, verei sempre nella a mais adorável das mulheres. Celiza, tocada do amor de Christiano, olhou para elle com muita ternura. D. Christiano, entregou-se a toda a simabilidade de seu

espírito, e eu vi com satisfação que o amante de minha irmã era tão razavel como espíituoso. Ao passarmos diante de uma estalagem, Celiza voltou o rosto como para não a ver; admirado daquelle movimento, pedi-lhe a explicação do que acabava de observar; primeiramente ella pôz algumas dificuldades, porém por fim rendeu-se às minhas suplicas, e respondeu-me que estava desesperada por não ter occultado o seu desgosto passando diante de uma casa onde passara uma noite cruel; que finalmente me pedia de não reiterar as minhas perguntas sobre o nome da pessoa que tentara arrancá-la dos braços paternos; que fora tratada com grande respeito, e que não tinha motivos para se queixar de seus conductores, Christiano quis fallar; porém uma olhadura de minha irmã fechou-lhe a boca, e eu mudei de conversação para agradar á minha querida Celiza. A esperança reanimou logo aquella doce alegria que a vista da estalagem expulsara. Christiano

no, certo de ser amado, lisonjeava-se do consentimento de meu pão, e do de D. João; e eu, repetindo-me tudo o que elle me havia dito da minha querida Izabel, julgava não ser esquecido, e ardia do desejo de ver o Duque de Vahadolid, e de lhe fazer approvar a minha paixão.

Estavamos agitados destas sensações deliciosas, quando vos encontrámos per-
to do eremiterio: eu vos reconheci logo, ó meu pão, pelo meio de vossos amigos: ah! vós fostes testemunha da minha alegria; mas vistes sómente a metade da minha ventura. Julguei que não podia su-
portar todos os sentimentos que fizerão
nascer em meu coração o precioso mo-
mento que me reunia a meu querido
pão, á minha adorada amante, nos an-
tigos amigos da minha infeliz mãe. Ju-
lio não pôde reter uma lágrima pro-
nunciando aquellas ultimas palavras. O
Conde apertou-o nos braços, e disse:
Felicia! teu filho é digno de ti. Os amigos
passarão todo o dia no eremiterio, e de-

noite, antes de se separarem, fôrão todos ao tumulo de Felicia. Aquella sala lugubre estava allumiada com uma alampôda sepulcral suspensa em cima do caixão pelos cuidados do desdito Conde; e ainda nunca se tinha apagado desde o momento em que Chablis a ascendêra para vêr os restos inanimados e preciosos daquelle enjo amor lhe fazia aborrecer a vida. De fronte do tumulo estava o retrato de Felicia moribunda, segurando seus dous filhos, apresentando-os ao Conde com um ar de compaixão, de ternura, e de confiança. No fundo daquela quadro estava escrito em letras grandes: « Querido Chablis, lembra-te que estas inocentes criaturas tem necessidade da seu pão. » Mais distante, estavão sobre uma cadeira os fatos que aquela interessante mulher trazia no dia da sua morte, e lia-se esta inscripção: — « Despojáráo-na de seus vestidos para a encerrar no tumulo; seu ultimo suspiro exhalou-se sobre êles. » Em cima de um sofá, viâo-se estas palavras:

verso: « Foi alli , naquelle mesmo si-
tu , que , sentindo aproximar seu fim ,
manifestou o desejo de ser sepultada des-
tes tristes lugares ; foi alli que suas la-
grimas corrião , pensando no momento
que a separacia do desafortunado Cha-
bills ; foi alli finalmente , que fazendo o
sacrificio de sua vida , supplicou ao En-
to-Supremo de dar ao pão de Julio e de
Celiza forças para supportar uma exis-
tencia que a sua morte fa encher de amar-
gura . » Os amigos e os filhos de Celiza
não podião reter suas lagrimas , lan-
çando um olhar doloso sobre as tristes
memorias do homem mais sensivel . To-
dos de joelhos em redor do tumulo ; guar-
dayão um religioso silencio ; não oussa;
vão pronunciar o nome daquella cujas
cinzas sómente existião ; espectaculo cruel
para o amor e amizade filial ! O Conde
com a tranquillidade fria de uma pro-
funda dor , inclinou-se sobre o caixão ,
juntou as mãos , estêve muito tempo com
os olhos fitos sobre aquelle corpo ina-
nimado , e depois de um longo suspira;

metteu o braço no tumulo, e tirou de
lá um retrato, que seus amigos reco-
nhecerão pelo delle. Eis aqui, lhes dis-
se Chablis, a minha imagem, ella re-
pousa sobre o catacão de Felicia, espe-
rando o momento em que o Rote-Su-
premo permitirá que eu mesmo, livre
de todos os padecimentos, occupe este
logar querido. O meus amigos! meus
caros amigos, e vós, meus filhos, con-
tinuou elle com ternura, ah! não cho-
reis, vós me cortais o coração. Ái de
mim! vós o sabeis, o momento que me
reunir á minha Felicia, será cheio de
encantos para o infeliz Chablis! Vede
quanto me sois caros! Posso ainda la-
mentar a vida . pois que perdendo-a me
apartarei de vós; mas ao menos expiran-
do, terei a consolação de vos deixar fe-
lizes; e, no seio do meu Deos, junto
de Felicia, nós lhe offereceremos as nos-
sas supplicas pela vossa constante felici-
dade. Nossos corações ficarão sempre
em deposito nos vossos, e esperaremos
com confiança o instante tão desejado
que a todos nos juntará na patria cele-

tial. Chablis, fallando assim, apertava seus amigos nos braços, estava regado de suas lagrimas, e só se ouvião gemidos naquelle sala de dor. A noite quando já estavão no castello, Izabel, só no seu quarto com a encantadora Cecilia, mostrou-lhe a carta da senhora de St-Albant, que Julio lhe entregara. Cecilia ficou penetrada de ternura, lendo estas linhas traçadas pelo sentimento mais penoso. «Sim, minha cara amiga, dizia aquella mulher sensivel, meus olhos não se abrirão jámais para aquele que adorava... Ah! cruel pensamento! para sempre apartada delle!... A esperança, a unica consolação das almas infelizes... a esperança tambem me foi roubada! Antes da morte me levar a minha unica alegria, ainda que a sua ausencia me causava pena, ao menos, dizia comigo, eu o tornarei a ver. Mas agora, jámais... jámais... Ah! tudo na vida é illusão felizes aquelles que podem entregar-se a ella, e que suas almas não estão abatidas pela dor. Eu, a quem os desgostos

desengano, deixei esse mundo que St.-Albant não habita. Ai de mim! que faria eu, continuamente ocupada daquelle que já o não pôde gozar? No meu sozinho retiro, a ninguém serei incomoda; aos pés dos altares, consagrarei a minha penosa existência, a esse Deus cheio de misericórdia, que não rejeita os corações ulcerados. Rogarei em paz pelo repouso da alma do meu querido St.-Albant: e depois, minha querida Izabel, esse Deus infinitamente bom me tirará desse valle de lagrimas. Ah! prazia a Deus que eu possa, antes de fechar os olhos, saber que estais unida áquelle que amais! Elle é digno de vós, minha terna amiga, e o meu desejo é ver-vos feliz. Adeos, adeos, minha Izabel; não vos esqueçais que existente convento de Santa Maria a mulher mais infeliz, e bem de pressa a melancolica religiosa, que será sempre a vossa mais terna amiga.*

Henriqueta de St.-Albant. |

Izabel, antes de se ir deitar, escreveu aquella inconsolavel e virtuosa viuva. As penas da sua alegria havião-na affligido muito, e por isso não quis falar demasiadamente da sua boa ventura; contou-lhe com simplicidade e em poucas palavras, o que se passara no castello depois da sua chegada, e abandonou sua pena a tudo quanto lhe dictava sua amizade consoladora. Acabou por certificar-lhe que brevemente voltaria a Madrid, para correr ao santo asylo que a encerrava, e misturar suas lagrimas com as della.

Aquella carta levou uma especie de socego ao peito da senhora de St.-Albant. Ela tão doer, quando qualquer é infelix, ver compactir suas penas! Comprido dezoito dias depois da reunião dos amigos, chegáram a dispensa do Papa para o casamento de Izabel com o joven Conde seu primo, e o beneplacito da regente de Espanha para o novo arranjo das tres familias. Poi sobre o tumulo de Felicia que seus filhos se casião. Aquella

scena foi pathetica, e a todos deixou uma impressão de tristeza que, misturando-se á sua mutua satisfação, os impediу de se entregarem inteiramente á alegria. Depois decidiu-se que Celiza, obrigada a seguir seu marido para Madrid, viria todos os tres mezes passar um no eremiterio; que Julio, forgado pelas instâncias de Luiz XIV a fixar sua residencia em França, viria tambem duas vezes no anno com sua mulher, e estaria douz mezes cada viagem. Ficavão, sómente quatro mezes em que o Conde devia estar só, entregue a seus desgostos. D. Maria, Cecilia, o Duque de Valbadolid e D. João supplicávão o Conde de lhes deixar compartir suas penas, a fim de que a amizade pudesse algum tempo substituir o amor filial. O Conde tocado até ao fundo d'alma de tantos sinos de ternura, abraçou seus amigos e seus filhos, e assentiu com reconhecimento a tudo quanto elles quizerão. Todavia aquelles felizes projectos não devião pôr-se em execução, um cruel

acontecimento fa destruir-lhos. Uma manhã que os amigos se havião reunido no eremiterio para almoçar de baixo da vereda folhagem do laranjal, ficárão admirados de não achar o Conde; perguntárão á ama por elle, correrão o jardim, o bosque, e o eremiterio, chamárão pelo seu caro Chablis, mas inutilmente, ninguem apparecia, niquem lhe fallava. Christiano e Celiza antevendo a triste verdade partem como um raio, empurram a porta da capella, e vêem seu páe prostrado ao pé do tumulo. Tinha a cabeça caída sobre as mãos que estavão juntas, e parecia estar rezando: ambos ajoelhársio a seu lado. Mas ah! não o sentem suspirar; então estes ternos filhos approximárão-se de seu páe tomão-no nos braços e o apertão contra seu peito. Ai de mim! vã esperança, elle não corresponde ás suas críticas! Certos da sua desgraça, banhárão aquele corpo precioso com seu pranto, arrancárão os cabellos, derão gemidos lamentosos. Seus parentes, guin-

dos por aquelles gritos, acuditão todos, assustados, e fôrça testemuñas daquelle doloroso espetáculo. O socego e a serenidade estavão espalhados sobre o semblante do Conde, e posto que exhalára o último suspiro, parecix' estar adormecido: sua morte, para a qual sua alma religiosa estava sempre preparada, foi a do justo: elle a vita chegat com tranquillidade, e não havia sofrido da sua propria destruição. O Duque de Valhondid achou em bilhete sobre o tumulo: era escrito pelo Conde, e continha estas palavras: « Adeos, ternas amigas; adeos, meus queridos filhos, sinto minha alma prestes a deixar este corpo despedaçado pela dor... Não choreis... Daqui a um instante estarei com Felicidade... Fechai minhas cinzas dentro do caixão sobre o qual... expiro... Adeos... não vos esqueçais de que me sois muito caros... A leitura daquelle bilhete cortou-lhe o coração: não há termos para exprimir a amargura de suas penas. No tempo em que esperavão adocar os

Tongos padecimentos do desafortunado Conde, é que a morte lho roubou; pola aquelles sensíveis amigos o havião arba-
do só para o perder. Assim quando nós
julgamos ter segura a felicidade, ella
foge e se nos escapa como a sombra. No
frio de mil soluços, acompanhando os
últimos desejos daquelle teruo amigo,
sensível pão, e infeliz esposo: suas cin-
zas fuião misturadas com as de Felicia.
A administração do cemiterio foi con-
fiada á boa ama e a James, cuja vinda
fôra retardada por uma doença que ti-
vera. A ama chorou amargamente seu
querido senhor; e fiel, assim como Ja-
mes, ás ordens de seus filhos, nada de-
sarranjáão no jardim nem na casa. Des-
te modo, os filhos e os amigos que nu-
era deixárão de se reunir todos uma vez
cada anno, tinham a consolação de ver o
cemiterio no mesmo estado em que o
Conde o deixára. O tempo que destrôe
tudo, tem respeitado esta inscripção que
ainda hoje se vê sobre a porta do cemí-
terio: «A^ dolorosa e tercas memórias;

quemquer que sejas, passageiro, aten-
de e pára sobre esta terra regada de pran-
to; dá uma lagrima á desgraça de dous
esposos tão illustres como desafortuna-
dos, e lembra-te que neste mundo não
se pôde ser muito tempo feliz, mas que
cedo ou tarde o vicio é punido e a vir-
tude recompensada.".

FIM DO SEGUNDO E ULTIMO TOMO.

